

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**Maitê Venuto de Freitas**

**A SAÍDA DE JOVENS ATLETAS DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: SOBRE  
PERCURSOS E PROCESSOS**

**Porto Alegre  
2019**

**Maitê Venuto de Freitas**

**A SAÍDA DE JOVENS ATLETAS DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: SOBRE  
PERCURSOS E PROCESSOS**

**Tese de Doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Ciência do  
Movimento Humano da Escola de Educação  
Física, Fisioterapia e Dança da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Doutor em Ciência do Movimento  
Humano.**

**Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger**

**Porto Alegre  
2019**

### CIP - Catalogação na Publicação

Venuto de Freitas, Maitê

A Saída de Jovens Atletas do Esporte de Alto Rendimento:  
sobre percursos e processos / Maitê Venuto de Freitas. --  
2019.

258 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul, Escola de Educação Física, Programa de  
Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto  
Alegre, BR-RS, 2019.

1. Alto Rendimento. 2. Jovens Atletas. 3. Saída do  
Esporte. 4. Ginástica Artística. I. Stigger, Marco Paulo,  
orient. II. Título.

**MAITÊ VENUTO DE FREITAS**

**A SAÍDA DE JOVENS ATLETAS DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: SOBRE  
PERCURSOS E PROCESSOS**

Tese de doutorado em Ciências do Movimento Humano

Aprovada em:

Conceito Final:

BANCA EXAMINADORA

---

**Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki**  
**UFRGS**

---

**Dr. Fernanda Bittencourt Ribeiro**  
**PUCRS**

---

**Dr. Leandro Forell**  
**UERGS**

---

**Dr. Marco Paulo Stigger**  
**UFRGS**  
**Orientador**

## AGRADECIMENTOS

Passaram-se quatro longos anos desde o momento em que iniciei esta pesquisa de doutorado. Muitas pessoas atravessaram a minha vida ao longo deste percurso - algumas permaneceram, outras não. Porém, de alguma forma, todas foram importantes para a construção do meu processo de doutoramento.

Primeiramente gostaria de agradecer aqueles que foram fundamentais desde o início da minha vida acadêmica, meus familiares. Aos meus pais Maria Luísa Venuto de Freitas e Antônio Ricardo Drago de Freitas, minhas irmãs Gabriela Venuto Spadari e Luísa Venuto de Freitas, e meu cunhado Gustavo Luís Spadari, agradeço pelo amor incondicional e apoio em todos os momentos da minha vida. Destaco a figura da minha mãe, a qual foi inspiração diária.

Aos meus colegas do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) agradeço pelas contribuições sempre pertinentes e estimulantes.

Agradeço de forma especial ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Paulo Stigger, pelos 11 anos de contribuições para a minha formação. Se hoje consegui concluir este trabalho com satisfação e leveza foi porque contei com o seu apoio e orientação sempre perspicaz e objetiva. Ressalto que quando tive dúvidas, Stigger transmitiu a segurança que eu necessitava para seguir.

Agradeço ao amigo Paulo De Tarso, o qual me presenteou, por três anos da minha vida, com a sua coragem, energia e afeto. Também expressei minha gratidão às amigas Cristiane, Cláucia, Marcela, Dienifer e Tatiele pelo apoio em cada momento da construção deste estudo e também por me proporcionarem momentos de alegria e amor.

Agradeço aos colegas professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Villa Lobos, pelas palavras de incentivo, carinho e conforto enquanto eu escrevia a Tese na sala dos professores.

Agradeço aos membros da banca Fernanda Bittencourt, Elisandro Schultz e Leandro Forell por terem aceito com entusiasmo realizar a avaliação desta Tese.

Agradeço pela confiança e colaboração dos sujeitos que foram mencionados nesta pesquisa.

E por fim, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por ter me acolhido durante a graduação, o mestrado e o doutorado.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender 'como' acontece o processo de saída de ginastas jovens do esporte de alto rendimento e 'como' seguem suas vidas após esse afastamento. Esta proposta de investigação surgiu a partir de uma pesquisa anterior desenvolvida com ginastas crianças (entre 7 e 12 anos) cujo objetivo foi compreender como ginastas eram formadas para o alto rendimento e como significavam aquele contexto. No entanto, no decorrer da pesquisa, presenciei três casos de desistência, os quais suscitaram os seguintes questionamentos: por que aquelas atletas se desligaram do esporte? Para onde foram? O que fizeram com tudo aquilo que vivenciaram e aprenderam intensamente nos treinos e nas competições? Impulsionada por estas questões, desenvolvi um levantamento bibliográfico sobre o tema abandono esportivo. A partir do estudo destas referências, realizei análises que resultaram em três apontamentos: 1) a adolescência, como a principal fase da vida em que ocorre a saída do esporte de alto rendimento, e a sua concepção pautada pelas ciências naturais; 2) as pesquisas entendem o processo de abandono esportivo de uma forma 'linear', estabelecendo relações de causas e efeitos; 3) e por fim, o termo 'abandono' sendo atravessado por uma ideia de 'perda'. A fim de contribuir para o debate, busquei olhar para o tema a partir de uma perspectiva sociológica. Através da pesquisa etnográfica e de entrevistas semiestruturadas com cinco ex-atletas, evidenciei que entre as 'causas' e a 'saída' do esporte de alto rendimento existe um complexo 'processo'. Nessa direção, destaquei 'como' as experiências, as pessoas e as situações que atravessaram os percursos das ex-atletas contribuíram para que o afastamento do esporte acontecesse. Além disso, os dados da pesquisa mostraram que as meninas haviam mudado de interesse, os quais não deixavam de estar relacionados com o esporte, porém não com o alto rendimento. Da mesma forma, os novos interesses estavam também relacionados com o momento da vida em que as ex-atletas se encontravam, porém foram construídos, vivenciados e significados de diferentes formas. E por fim, compreendi que sair do esporte de alto rendimento não significou necessariamente uma 'perda' para as ex-ginastas, uma vez que possibilitou novas experiências e aprendizados.

**Palavras-chave:** alto rendimento; jovens atletas; saída do esporte; ginástica artística.

## ABSTRACT

This Research aimed to understand ‘how’ the process of retirement of young gymnasts from high performance sport takes place and ‘how’ they continue with their lives after this distancing happens. This investigation proposal arose after a previous research developed with children gymnasts (between 7 and 12 years old) that aimed to understand the way gymnasts were formed for high performance and what they meant in that context. However, over the course of that research, I have witnessed three cases of abandonment, which gave rise to the following questions: why have those athletes given up from sport? Where have they gone to? What have they done with what they have learned from training and competing? Impelled by those questions, I have developed a bibliographic surveying on the issue of sportive abandonment. From the study of those references, I have made analysis that have resulted in three appointments: 1) the adolescence, as main phase of life in which the departure from high performance sports takes place, and its conception ruled by natural sciences; 2) the researches understand the process of sportive abandonment as ‘linear’, establishing relations of cause and effect; 3) and finally , the term ‘abandonment’ being permeated by an idea of ‘loss’. In order to contribute to the debate, I have sought to look at the issue from a sociologic perspective. Through ethnographic research and semi-structured interviews with five former athletes, I have shown that between the ‘causes’ and the ‘departure’ from high performance sport there is a complex ‘process’. In this direction, I have emphasized ‘how’ the experiences, the people and the situations that came across the paths of former athletes have contributed to the departure from sport. In addition to that, the research data has shown that the girls have changed interests, which were still related to sport, only not high performance. In the same way, the new interests were also related to the moment of life they were going through, however, they were built, lived and signified in different ways, Finally, I have understood that leaving high performance sport has not necessarily meant a ‘loss’ to the former gymnasts, once it has enabled new experiences and learnings.

**Key-words:** high performance; young athletes; sports retirement; artistic gymnastics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.2 A SAÍDA DE ATLETAS DO ALTO RENDIMENTO: UMA VISITA AOS ESTUDOS QUE ABORDAM O TEMA.....	17
1.3 OUTRO OLHAR SOBRE ‘PROCESSOS’ DE TRANSIÇÃO E SAÍDA DE JOVENS ATLETAS ‘DO’ E ‘NO’ ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO.....	35
1.3.1 JUVENTUDE(S).....	35
1.3.2 O INDIVÍDUO ENQUANTO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL: ESQUEMAS DE AÇÕES E MUDANÇAS DE PROJETOS.....	48
1.4 OBJETIVO DA PESQUISA.....	58
<b>2 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>62</b>
<b>3 NARRATIVAS SOBRE PERCURSOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO... 74</b>	
3.1 GIOVANA: “HOJE É O MEU ÚLTIMO DIA AQUI NO CLUBE”.....	74
3.2 ARIEL: “LÍVIA, EU NÃO CONSIGO MAIS”.....	83
3.3 MARIANA: “EU ACHO QUE ERA ISSO QUE FALTAVA NA GINÁSTICA, MAIS DIVERSÃO”.....	91
3.4 ELISA: “EU NÃO ESTAVA CONSEGUINDO ACOMPANHAR AS GURIAS”.....	95
3.5 GLÓRIA: “A GINÁSTICA PARA MIM NÃO SERVIA MAIS”.....	104
3.5.1 DA GINÁSTICA PARA O JUDÔ: “É ISSO QUE EU QUERO PARA A MINHA VIDA”.....	112
<b>4 CRUZAMENTO DE PERCURSOS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS..130</b>	
4.1 FAMÍLIA: ENVOLVIMENTOS, DESGASTES, LIMITES E AUSÊNCIAS.....	130
4.2 A FORMA COMO OS TREINOS ERAM CONDUZIDOS PELAS TREINADORAS: ‘GRITOS’, ‘XINGÕES’ E ‘APELIDOS’.....	145
4.3 ESPECIFICIDADES QUE NÃO CABEM EM GRANDES ‘CATEGORIAS’.....	155
4.3.1 O DESÂNIMO DE GIOVANA: SOBRE O “TÉDIO”.....	155
4.3.2 ELISA E O ENVOLVIMENTO COM O FUTEBOL: SOBRE RECONHECIMENTO E AMIZADES.....	161
4.3.3 GLÓRIA: ENTRE GELO, FISIOTERAPIA E SAUNA.....	168
<b>5 FUTEBOL, SKATE E FUNK: PRÁTICAS CORPORAIS E DE SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS.....</b>	<b>177</b>

5.1 O FUTEBOL DE ELISA: “EU TÔ FICANDO MUITO BOA NO FUTEBOL” .....	184
5.1.2 A “JÓIA” DO FUTEBOL.....	199
5.2 A RÁPIDA PRESENÇA DE ELISA NA PISTA DE SKATE: “TÁ MUITO CHATO AQUILO LÁ”.....	204
5.3 O GRUPO DOS “MALOKA” .....	208
<b>6 OS PROCESSOS DE SAÍDA DAS EX-GINASTAS DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: DIÁLOGOS COM ESTUDOS QUE ABORDAM O TEMA.....</b>	<b>223</b>
6.1 A JUVENTUDE COMO A PRINCIPAL FASE DA VIDA EM QUE ATLETAS DECIDEM SAIR DO ESPORTE.....	224
6.2 SOBRE AS ‘CAUSAS’ E SUAS COMPLEXIDADES.....	228
6.3 O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DE PROJETOS.....	234
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>239</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>253</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Minha imersão no esporte de alto rendimento direcionado para crianças teve início no meu curso de mestrado, quando decidi acompanhar uma equipe feminina de Ginástica Artística (GA). Durante os nove meses que observei e participei dos treinos, busquei compreender como crianças com idades entre 8 e 10 anos vivenciavam e significavam o treinamento esportivo de alto rendimento.

Foi a partir do convívio com as meninas durante os treinos, as competições e as viagens que percebi o grande envolvimento daquelas atletas com o esporte. Seus dias eram preenchidos por aulas na escola pela manhã, almoço ‘leve’<sup>1</sup> ao meio-dia e treino durante a tarde, tendo apenas o curto período da noite para se dedicar a outras atividades, como a realização de tarefas escolares (normalmente, as atletas não iam dormir tarde, pois iniciavam cedo no outro dia as suas rotinas). E na maior parte do ano, com exceção do período das férias de verão, as ginastas também treinavam aos sábados pela manhã. Além disso, aulas de balé e consultas quinzenais com psicólogos faziam parte da agenda das atletas.

Nos finais de semana, geralmente havia alguma competição, e nesses dias as atletas se dedicavam quase que exclusivamente à GA, havendo, também, grande envolvimento de suas famílias nesses momentos. Muitas vezes, um dia antes do campeonato, as meninas dormiam umas nas casas das outras ou na casa de uma das treinadoras. E mesmo quem não fosse competir também deveria estar presente na competição, para observar o desempenho das outras atletas – algo que era, inclusive, fortemente cobrado pelas treinadoras.

Além desses compromissos, as ginastas eram orientadas a ter diversos cuidados com seus hábitos alimentares e com aspectos estéticos, como a restrição ao consumo de doces e refrigerantes, principalmente antes das competições, e a necessidade de manter as unhas sempre bem cortadas e os cabelos curtos. Cada restrição ou imposição tinha um ‘peso’ na vida das crianças. Como exemplo, recordo de uma conversa informal que estabeleci com a mãe<sup>2</sup> de um atleta do clube e que

---

<sup>1</sup> Nesse texto, utilizarei aspas duplas (“”) para indicar citações diretas (inclusive de falas de sujeitos colaboradores) e aspas simples (‘’) para destacar alguns termos que considero termos-chave para o desenvolvimento das reflexões aqui expostas.

<sup>2</sup> Mãe de um dos atletas que compunha outra equipe – não a equipe que estudei. Além disso, cumpre esclarecer que era comum acontecerem treinos de equipes diferentes nos mesmos dia e local. E, logo quando iniciei minha aproximação com o campo, eu sentava ao lado das mães nos bancos, fora do ginásio, para observar os inúmeros treinos que aconteciam simultaneamente.

estava ali observando um dos treinos. Ela relatou que seu filho, de aproximadamente 9 anos de idade, “amava” os cabelos compridos que tinha e dizia que nunca iria cortá-los por causa da GA. Porém, em um determinado momento, o treinador lhe fez escolher: ou ele cortava os cabelos ou não permanecia no esporte. Segundo a mãe, embora não tenha sido uma escolha fácil, o menino acabou optando por cortar os cabelos.

A partir dessa imersão no esporte de alto rendimento, a pesquisa me mostrou que a GA ocupava um lugar e um tempo importantes na vida de cada atleta que constituía a equipe. Porém, mesmo com toda a dedicação e a disciplina por parte daquelas meninas, ouvi algumas vezes das treinadoras que determinada atleta não demonstrava o perfil para continuar no esporte de alto rendimento, ou, ainda, que alguma das meninas não conseguiria avançar no desempenho para além do que havia apresentado até o momento.

Um exemplo desse tipo foi o de uma menina que estava correndo o risco de ser desligada do alto rendimento. A treinadora mostrava preocupação com a possibilidade de um dia ter que dar a notícia de que Camila<sup>3</sup> não possuía o perfil para ser uma atleta olímpica, pois estava ficando muito alta e não conseguia progredir nos treinos de força. A principal preocupação da treinadora quanto a essa possibilidade era o fato de que a ginasta, segundo palavras da treinadora, era “apaixonada” pela GA e gostava muito de fazer parte da pré-equipe. Visando a uma solução para o caso, a treinadora chegou a pensar em convidar a ginasta para participar da “escolinha”<sup>4</sup>, na qual, conforme explicou, os treinos eram mais “leves” e aconteciam três vezes por semana. Porém, a treinadora suspeitava que a menina não aceitaria bem essa sugestão, uma vez que estava acostumada com os treinos intensos realizados todos os dias. Até a finalização da pesquisa, essa atleta ainda não havia sido desligada da equipe, embora a treinadora permanecesse considerando a possibilidade do desligamento acontecer.

Outro tipo de situação que presenciei durante a pesquisa de mestrado foi a de atletas que, apesar de demonstrarem que gostavam muito da GA, optaram por não permanecer no grupo. A primeira menina que vi se afastar dos treinos foi Isabel, 8 anos, uma menina advinda de família de baixa renda. Eu estava há pouco tempo

---

<sup>3</sup> A fim de preservar a identidade dos sujeitos colaboradores da pesquisa, são fictícios todos os nomes presentes nesse texto que lhes fazem referência.

<sup>4</sup> Qualquer criança que quisesse realizar aulas de GA poderia se inscrever na ‘escolinha’ do clube, composta por atividades mais lúdicas, nas quais não havia a exigência por resultados em competições.

acompanhando a pré-equipe, mas logo percebi que Isabel raramente interagiu com as outras ginastas. Em um determinado dia senti falta da menina no treino e perguntei para a treinadora o que havia acontecido. A treinadora disse que não tinha informações sobre o assunto, que tentara contato com a família, mas não obteve sucesso. Os rumores entre as treinadoras eram de que Isabel vivia uma situação familiar complicada, que poderia estar prejudicando sua participação na pré-equipe. Essa ‘situação familiar complicada’ nunca me foi esclarecida pelas treinadoras.

O segundo caso foi o de uma atleta que eu estava acompanhando há mais tempo. Glória tinha aproximadamente 10 anos, e, ao contrário de Isabel, parecia possuir vínculos de amizade mais fortes na equipe. Ela tinha mais experiência no esporte e aparentava ter bom desempenho nos treinos. Então foi uma surpresa para mim quando eu soube que Glória havia desistido de ser atleta de GA. As treinadoras justificaram o seu abandono com dois motivos. O primeiro deles era a insatisfação da menina com a sua estatura baixa e a sua musculatura altamente desenvolvida. Segundo as treinadoras, Glória relatava que recebia apelidos na escola, como ser chamada de “anã de jardim”. O segundo motivo era a sua falta de flexibilidade. Uma das treinadoras afirmava que Glória sofria nos alongamentos e iria avançar pouco além do que já havia conquistado em termos de amplitude nos movimentos.

Houve, ainda, um terceiro caso de saída do esporte, ocorrido um pouco antes da minha chegada ao clube para desenvolver a pesquisa. O caso veio ao meu conhecimento porque o nome de Mariana, 8 anos, havia sido mencionado algumas vezes pelas meninas da equipe em conversas informais; mas foi apenas em uma entrevista que entendi o motivo que levou essa ex-ginasta ser tão citada pelas atuais participantes do grupo. Nessa entrevista, Camila relatou que Mariana, diante de uma ação ‘firme’ da treinadora, respondeu: “se tu continuar gritando comigo, eu não vou mais fazer o exercício e vou embora!”. De acordo com Camila, essa atitude foi cumprida por Mariana nesse dia: retirou-se dos treinos e não retornou nos dias seguintes.

Quando eu estava finalizando minha pesquisa, surpreendeu-me saber que Mariana havia retornado à equipe. Segundo sua mãe, ela voltou ao clube para superar o pânico que desenvolveu dos treinos, sendo acompanhada nesse estágio por uma psicóloga. No entanto, não demorou muito para Mariana sair novamente da equipe e se inserir em outro clube e outro grupo de ginastas.

É importante salientar que, durante o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado, um dos meus objetivos foi compreender como uma criança de tornava atleta e o que significava o contexto esportivo de alto rendimento para esses indivíduos. No entanto, esses casos de ‘risco’ de desligamento e de saída do esporte provocaram alguns questionamentos que iam além dos meus objetivos na época. Quando acompanhei o caso de Camila, eu constantemente indagava: o que esse desligamento da equipe traria de mudanças em sua vida, uma vez que o esporte ocupava uma grande parcela de seu tempo e conferia um sentido forte ao seu cotidiano? Da mesma forma, ao presenciar as situações de afastamento da GA, questionava: por que Isabel, Glória e Mariana, após se dedicarem intensamente à GA, saíram da equipe? Será que as meninas desistiram da GA, do esporte ou do alto rendimento esportivo? Diante de tanto investimento e de tanta dedicação, o que essas crianças ‘levaram’ consigo das experiências intensas vivenciadas naquela equipe?

Motivada por tais reflexões, iniciei o projeto que deu origem a esta tese. Para me aproximar do tema, realizei diversas leituras sobre o ‘abandono do esporte’, principalmente em relação ao cenário brasileiro. A partir dessas leituras, alguns debates surgiram e instigaram ainda mais as primeiras inquietações que levanto acima.

Foi possível perceber no conjunto de leituras realizadas que existem três eixos que orientam o olhar e as análises dos autores: 1) a adolescência, como a principal fase da vida em que ocorre a saída do alto rendimento esportivo, e a sua concepção pautada pelas ciências naturais; 2) a abordagem adotada pelos autores, a partir de noções como ‘causa’, ‘efeito’ e ‘linearidade’ nesse fenômeno; 3) a ideia ‘negativa’ e de ‘perda’ atrelada à decisão dos/as atletas de não seguir o ‘projeto’ de se manter no esporte de rendimento, ou dar continuidade no ‘projeto olímpico’.

Com o objetivo de contribuir para o debate, lancei um outro olhar sobre essa temática. Para pensar sobre o momento da vida em que a maioria dos atletas se encontram quando decidem sair do esporte, utilizo referências do campo das ciências sociais. Desta forma, nesta pesquisa a juventude é compreendida como uma fase da vida construída socialmente, a qual só pode ser entendida quando relacionada com outras condições sociais, como classe e gênero, por exemplo. Com isso, apesar de estarem passando por processos biológicos semelhantes, os jovens são considerados sujeitos heterogêneos e as juventudes são vividas de diferentes formas (PAIS, 1990).

Diferentemente de buscar saber sobre as inúmeras ‘causas’ que levam atletas a saírem do esporte de alto rendimento, listadas por autores que se debruçam sobre o tema, me propus a direcionar o olhar para os ‘processos’: para além de tentar entender o as causas de um ‘produto’ (o atleta se afastou do esporte), me foquei em saber sobre o ‘processo’, ou sobre ‘como’ isso ocorreu. Com isso, entendo que entre as ‘causas’ e a ‘saída do esporte’ existem situações, contextos e indivíduos, que relacionados, contribuem para a decisão dos atletas de não permanecer no contexto esportivo.

E também, de forma distinta de como muitas vezes essas situações são apreendidas, busquei não partir da visão ‘recorrente’<sup>5</sup> de que a saída do esporte é algo negativo (uma ‘perda’), mas tentei analisá-las dentro de um “campo de possibilidades” (VELHO, 1994) possível de se abrir diante das pessoas envolvidas. Assim, com base em um referencial teórico que compreende os ‘indivíduos’ como seres ‘plurais’, capazes de mudar seus ‘projetos’, valores e gostos a partir dos diferentes contextos culturais que circulam (LAHIRE, 2001; VELHO, 1994), questiono: será que para os(as) atletas que decidem sair do esporte, esta decisão é considerada um ‘problema’, ou ainda, uma ‘perda’?

Foi a partir dessas reflexões, construídas a partir de uma mudança de olhar para o fenômeno em debate, cheguei ao objetivo desta tese: compreender ‘como’ acontece o processo de saída de ginastas jovens do esporte de alto rendimento e ‘como’ seguem suas vidas após esse afastamento.

Para desenvolver a pesquisa optei em compreender os casos de cinco ex-ginastas, as quais eu conhecia desde o período em que desenvolvi a pesquisa de mestrado na equipe onde eram atletas. A escolha dessas meninas se deu pela minha proximidade com elas, o que permitiu um maior acesso às suas vidas. Além disso, foi possível estabelecer relações entre os dados construídos durante a pesquisa de mestrado e aqueles construídos na atual pesquisa de doutorado.

No entanto, mesmo já conhecendo as ex-ginastas, enfrentei algumas dificuldades de aproximação. Consegui desenvolver uma etnografia densa com Elisa, menina que eu havia construído uma relação mais estreita durante a pesquisa de mestrado. Além do trabalho de observação participante, realizei entrevistas semi-estruturadas, as quais

---

<sup>5</sup> No senso comum, no universo esportivo e nos discursos dos treinadores, essa visão ‘negativa’ da saída do esporte é efetivamente muito considerada.

complementaram o material empírico obtido ‘no campo’. Desta etnografia, resultaram 50 diários de campo e uma entrevista semi-estruturada com a menina.

Já Mariana, Ariel e Giovana foram ‘seguidas’ em alguns momentos pontuais, como em um treino de atletismo que Giovana estava envolvida, uma aula de GA na “turma avançada” que Ariel fazia parte, e ainda, uma festa da escola, pois as três meninas estudavam na mesma instituição. Além dessas observações, desenvolvi pelo menos uma entrevista semi-estruturada com cada uma.

A partir da construção dos dados, no capítulo três desta tese me dedico a narrar uma parte dos percursos das cinco meninas que colaboraram com o estudo. Nesse tópico tenho como objetivo apresentar as ex-atletas para o leitor, além de evidenciar a complexidade dos ‘processos’ de saída do esporte de alto rendimento, os quais envolvem diferentes sujeitos e situações.

Após as narrativas, no capítulo quatro, desenvolvo duas categorias analíticas que englobam mais de uma atleta, as quais ajudam a pensar os ‘processos’ de saída dessas meninas da GA: 1) os envolvimento, desgastes, ausências e limites das famílias; e 2) a forma como as treinadoras conduziam os treinos. No que diz respeito à primeira, discorro sobre as diferenças de organização, interesses e contextos sociais de algumas famílias e ‘como’ se relacionam com a entrada, permanência e saída do esporte de suas ex-atletas. Já na segunda, problematizo a forma rígida com que as treinadoras conduziam os treinos, utilizando de ‘gritos’ e palavras ofensivas para orientar as ginastas.

Além dessas categorias, destaco algumas especificidades dos casos de Giovana, Elisa e Glória. Sobre Giovana, busco compreender o ‘tédio’ que a menina relatava sentir nos treinos. Já sobre Elisa ressalto o envolvimento com outro esporte e os interesses que a moviam. No caso de Glória abordo os aspectos que atravessaram o seu complexo ‘processo’ de desengajamento com o judô, o qual foi possível presenciar do início ao fim. Os principais aspectos destacados nesse caso foram as lesões, o enfrentamento das primeiras derrotas, o surgimento de uma grande adversária, a ausência da mãe e o interesse em estar com o namorado e as amigas.

No final do capítulo quatro identifico que a mudança de interesse foi um dos aspectos que atravessou os casos das meninas. Foi possível perceber que esses novos interesses, em especial de Elisa e Glória, estavam relacionados com a ‘sociabilidade’ e as trocas afetivas, os quais relaciono com o momento da vida em que se encontravam, a juventude.

A fim de compreender como esses interesses se relacionaram com a saída das meninas da ginástica de alto rendimento, passei a acompanhar Elisa durante todo o ano de 2018 em seus momentos de lazer com os amigos. Portanto, no capítulo cinco me dedico à descrição dessa imersão etnográfica. As principais reflexões que animaram esse capítulo estão em torno das práticas corporais que a menina se envolveu e os sentidos que ela atribuía, como, por exemplo, a construção de laços afetivos através do reconhecimento de habilidades. A partir da compreensão dos interesses de Elisa com essas práticas, foi possível identificar alguns aspectos que concorriam com o contexto esportivo da GA e que contribuíram para a sua saída do alto rendimento esportivo.

Na sequência, concluo as análises dos dados estabelecendo um diálogo com os autores que fazem parte da problematização desta pesquisa, os quais abordam a saída do esporte de alto rendimento a partir de uma perspectiva psicológica e pedagógica. Com isso, meu objetivo no capítulo seis foi mostrar as contribuições da compreensão dos ‘processos’ para a ampliação do olhar sobre as ‘causas’. Também nesse cruzamento de dados e diálogo com os autores, trago para o debate a desconstrução da ideia de ‘abandono’ esportivo, no sentido ‘negativo’ do termo.

Finalizo esta tese trazendo algumas considerações que surgiram a partir da seguinte reflexão: o que este estudo me ensinou?

## 1.2 A SAÍDA DE ATLETAS DO ALTO RENDIMENTO: UMA VISITA AOS ESTUDOS QUE ABORDAM O TEMA

A saída de atletas do alto rendimento parece ser um tema que ocupa um espaço significativo nas pautas dos estudos desenvolvidos pela Pedagogia e Psicologia do Esporte. Porém, foi nesta última que encontrei o maior número de referências utilizando os termos ‘abandono’<sup>1</sup>, ‘desistência’, ‘desengajamento’ e ‘transição’. Diante dessa constatação, busquei compreender quais questionamentos e justificativas sustentam tais pesquisas.

Alguns pesquisadores do campo da psicologia do esporte percebem a construção da carreira esportiva como um processo delicado que pode acarretar sofrimento ao atleta e, em alguns casos, culminar com o abandono do esporte. Portanto, evitar o ‘sofrimento’ e/ou o ‘abandono’ de uma carreira atlética são as duas principais justificativas presentes em diversas pesquisas que se debruçam sobre o tema.

Logo nas primeiras buscas por referências chamou-me a atenção um tema bastante presente nas pesquisas, a Síndrome de Burnout. Também conhecido por síndrome do esgotamento físico, psíquico e emocional, o burnout, no esporte, é caracterizado pelo processo de perda de interesse, energia e confiança do atleta em relação a sua prática. Considerada uma das causas do abandono esportivo, muitas pesquisas buscam identificar, a partir de um questionário<sup>2</sup> específico, quais fatores levam atletas a desenvolver o burnout e qual a incidência dessa síndrome no esporte (ANDRADE *et al*, 2012; PIRES *et al*, 2012; BERTOLDI, 2014; SOUZA, 2015; SANTOS, 2015;).

O burnout, no contexto esportivo, é compreendido a partir de três dimensões: exaustão física e emocional decorrente do treinamento intenso e das exigências por resultados; reduzido senso de realização esportiva proveniente da falta de percepção de progresso que o atleta possui em relação ao seu desempenho; e, por fim, a desvalorização esportiva evidenciada pela despreocupação com o rendimento e pela falta de engajamento do atleta (SANTOS, 2015).

---

<sup>1</sup> Neste texto utilizarei aspas simples (‘) para destacar termos que considero relevantes para a pesquisa e aspas duplas (“) para citações diretas.

<sup>2</sup> Conhecido como *Athlete Burnout Questionnaire* (ABQ), esse questionário é o instrumento mais utilizado pelos estudos que se debruçam sobre o tema para verificar a frequência da Síndrome de Burnout em atletas.

Segundo Santos (2015), em um estudo destinado a mensurar os fatores e as dimensões do burnout em atletas de natação e voleibol, as causas que contribuem para o desenvolvimento da síndrome podem ser divididas em quatro: pessoais, ambientais, escolares e sociais. As causas pessoais dizem respeito às características da personalidade dos sujeitos, por exemplo, pessoas consideradas perfeccionistas e exigentes estão mais propensas a desenvolver o burnout. Já os fatores ambientais estão associados às características dos treinos, que podem ser muito exigentes ou monótonos. As causas escolares se relacionam à dificuldade dos atletas em administrar as tarefas escolares e os compromissos com o esporte. E, por fim, as causas sociais, entendidas como a pressão dos pais e técnicos, dificuldade de relacionamento com os sujeitos que fazem parte desse cenário e a ausência de relações construídas fora do contexto esportivo.

Sobre esse último aspecto, diferentes autores reforçam, em seus achados, a ‘perda’ de identidade que um atleta pode vivenciar ao sair do esporte de alto rendimento. Na perspectiva da psicologia, os atletas, por permanecerem a maior parte do tempo dentro do contexto esportivo e por construírem relações quase que unicamente nesse meio, possuem uma identidade preponderantemente definida pelo esporte, como problematizado por Bertoldi (2014 apud COAKLEY, 1992, p. 66):

A grande demanda de tempo associada à participação intensa no esporte faz com que os atletas não procurem explorar outros papéis na sociedade senão a de atletas. Trata-se de um problema central na formação do jovem, pois é importante que nessa fase da adolescência ele adote outras identidades como forma de redução de pressões e responsabilidades. Quando esse atleta sofre uma lesão ou não alcança bons resultados, essa única identidade de atleta é afetada, causando situação de estresse que podem contribuir para o burnout.

A citação acima faz parte de uma pesquisa de mestrado, na qual a autora avaliou e testou o Inventário de Fatores Preditores do Burnout em Atletas, trazendo para o debate alguns modelos teóricos que analisam a síndrome, dentre os quais o Modelo da Perspectiva Social. Essa linha teórica identifica o esporte de alto rendimento como uma estrutura social fortemente engessada, na qual os técnicos, dirigentes e pais controlam e decidem a vida dos atletas, “deixando atletas jovens sem o poder de controlar eventos e de tomar decisões sobre a natureza de suas experiências e sobre a direção de sua vida” (BERTOLDI, 2014, p. 19). Nessa perspectiva, a estrutura social do esporte não contribui para o desenvolvimento da identidade dos jovens.

Esse modelo teórico destaca a suscetibilidade dos atletas jovens ao controle que o ambiente esportivo de alto rendimento exerce sobre eles, pois, acredita-se que esses sujeitos estão em idade em que é fundamental experienciar independência e autonomia, e isso só é possível em contextos em que eles possam fazer escolhas. Sob a mesma ótica, Souza (2015) aponta outros elementos que contribuem para que os jovens desenvolvam o burnout: maior suscetibilidade a lesões, mudanças de humor, diminuição de motivação para treinos e competições e o aparecimento de distúrbios psicológicos. Buscando identificar as causas do burnout em atletas jovens do estado do Paraná, Souza apontou que maior longevidade de treinos e competições, volume de treino mais elevado, prática de esportes individuais e experiência em competições eram fatores que aumentavam as chances do desenvolvimento da síndrome nestes sujeitos. Como veremos ao longo desta exposição, não são poucas as pesquisas que identificam a adolescência como uma fase da vida em que os sujeitos estão mais propensos a sair do esporte. Diante da centralidade do tema, retornarei a esse debate mais adiante.

Voltando aos modelos teóricos que buscam entender a Síndrome de Burnout, outro modelo, conhecido como Afetivo-cognitivo e Motivacionais, entende o burnout como decorrência de inúmeras situações que provocam estresse e da ausência de aspectos que gerem motivação interna. O estresse, nessa linha, pode ser entendido como uma situação ambiental que provoca reações nos sujeitos. Portanto, dependendo dos recursos internos que o atleta possui para enfrentar uma situação desafiadora, e de suas motivações também internas, ele pode reagir negativamente ou positivamente, como explica a autora Bertoldi (2014, p. 15) no excerto a seguir.

Normalmente, quando as demandas de uma situação superam os recursos potenciais, ocorre o estresse, que, com o tempo, pode levar ao burnout. Na questão cognitiva, os indivíduos interpretam e avaliam situações. Alguns sujeitos considerarão a situação mais ameaçadora que outros. Por exemplo, um atleta de futsal (pivô-atacante) que está há cinco jogos consecutivos sem marcar gol, poderia sentir-se pressionado e temer a perda de sua condição de titular para reserva, enquanto outro atleta na mesma situação poderia ver o período como um desafio e uma oportunidade de mostrar que ele pode recuperar-se da adversidade.

Para a psicologia, essa diferença de interpretação e avaliação de uma situação entre os atletas é determinada pelos traços da personalidade dos sujeitos. Assim, entende-se que

um atleta mais exigente consigo, por exemplo, possui mais propensão de perceber a derrota como fator desestimulante.

Por fim, existe o Modelo da Resposta Negativa ao Estresse de Treinamento, entendida pelas reações físicas e emocionais que a sobrecarga do treinamento físico pode provocar. Semelhante aos modelos anteriores, a resposta de cada atleta frente às demandas físicas pode variar, causando respostas consideradas ‘positivas’ ou ‘negativas’. No que diz respeito às respostas positivas, os autores entendem-nas como o aumento do rendimento nos treinos e competições; já as negativas são expressas em lesões e exaustão física (BERTOLDI, 2014).

De uma maneira bastante resumida, esses são debates e teorias que atravessam algumas pesquisas que abordam a Síndrome de Burnout, considerada um dos fatores que levam atletas a desistirem da construção de uma carreira no esporte. No entanto, no campo da psicologia esportiva, nem todos os autores mencionam a sua ocorrência, apresentando outros enfoques para compreender o abandono do esporte e também a aposentadoria de atletas.

Brandão *et al* (2000), em um estudo de revisão de literatura, discorrem sobre a carreira esportiva a partir da ideia de que esta é composta por muitas fases de transição, por exemplo: transição da iniciação esportiva para treinamento mais intenso; transição do esporte infantil para o juvenil e adulto; transição do esporte amador para o profissional; e a transição para o término da carreira esportiva. Para esses autores, “a Transição de Carreira Esportiva pode ser definida como um evento ou não evento, o qual resulta em uma troca nas suposições sobre si mesmo e o mundo e assim requer uma mudança correspondente nos relacionamentos e comportamentos próprios” (ibid. p. 49). Nesse aspecto, a mudança de posição de uma fase para outra exige ajustamentos de ordem ocupacional, financeira, social e psicológica. Esses ajustamentos podem acontecer de forma ‘positiva’ ou ‘negativa’ dependendo dos recursos internos e externos que os sujeitos terão para se adaptar ao novo momento de vida.

Os mesmo autores, ao identificarem o término da carreira esportiva como um momento de transição, em que os atletas demonstram dificuldade de ajustamento, centraram-se nessa fase da carreira para realizar um estudo de revisão de literatura. Nesse levantamento de leituras, Brandão *et al* (2000, p. 57) identificaram que essa forma de

transição de carreira “é estressante por natureza”, podendo gerar diversos sentimentos, entre os quais medo e ansiedade, aspecto que justifica o desenvolvimento de pesquisas que possam auxiliar atletas nesse momento de suas vidas.

Baseados nesses argumentos, os pesquisadores identificaram em suas leituras seis principais fatores que podem dificultar a transição do término de carreira de atletas: 1) identidade fortemente marcada pela performance no esporte; 2) grande diferença entre o nível de expectativa de performance e o desempenho nos treinos e competições; 3) pouca experiência com transições semelhantes; 4) falta de habilidade emocional e comportamental em situações de mudança; 5) relações sociais limitadas que poderiam dar suporte e, por fim, 6) necessidade de lidar com mudanças em contexto com poucos recursos materiais e emocionais. Já os atletas que souberam lidar melhor com o fim da carreira apresentaram as seguintes situações: 1) haviam escolhido sair do esporte; 2) cumpriram suas metas de rendimento; 3) continuaram envolvidos de alguma forma com o esporte; 4) conseguiram completar os estudos e 5) saíram do esporte logo após atingir o ápice do rendimento (BRANDÃO *et al*, 2000).

Esses achados, na concepção desses autores, evidenciam a necessidade de maior atenção da psicologia aos momentos de transição na carreira esportiva, principalmente no término, visando evitar possíveis sofrimentos e dificuldades emocionais. E finalizam seu estudo destacando a importância de criar programas de assistência psicológica aos atletas.

Ainda sobre transições dentro do esporte de alto rendimento, outra pesquisa investigou os motivos que levaram jovens considerados talentosos<sup>3</sup>, na modalidade atletismo, a abandonar o esporte na transição da categoria juvenil para a categoria adulta (entre 16 e 19 anos). Os autores justificaram a relevância do estudo baseados no argumento de que o exercício físico, neste caso o esporte, produz inúmeros benefícios fisiológicos e psicológicos — aumento da força muscular e melhora da autoestima —, principalmente para sujeitos em formação: crianças e adolescentes. No entanto, os autores apontaram que é recorrente o abandono do esporte por atletas jovens, levantando inúmeras hipóteses: iniciação esportiva precoce, falta de patrocínio, falta de

---

<sup>3</sup> Essa noção de ‘talento’ é questionada na tese intitulada *Talento esportivo: uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na educação física*, na qual a autora busca se distanciar das definições biológicas ou socioculturais, evidenciando o caráter mutável e fluido do termo (PACHECO, 2017).

reconhecimento social, ausência de um suporte familiar, casamento seguido de paternidade e lesões (ROCHA; SANTOS, 2010).

Os autores também citaram as características fisiológicas e psicológicas de crianças e adolescentes como um aspecto central a ser considerado na formação esportiva voltada ao alto rendimento. Uma das características mencionadas foi a suscetibilidade desses sujeitos a lesões, devido aos processos biológicos maturacionais. Outro aspecto relevante apontado foi a influência dos pais na formação esportiva, principalmente dos jovens entre seis a quinze anos, e também as relações desses atletas com técnicos e colegas de equipe no meio esportivo. E Rocha e Santos (2010, p. 70) complementam:

a rotina diferenciada de treinos e competições, somada a exigência por resultados, ocorre em uma fase da vida do adolescente em que a base psicológica ainda não possui estruturas muito sólidas, requerendo dele atitudes sociais precoces quando comparado a adolescentes não atletas.

Com base nessas reflexões, e motivados em identificar o que levava atletas talentosos, homens ou mulheres, ao abandono esportivo, os autores encontraram, em seus resultados, algumas diferenças entre eles. No que diz respeito aos atletas homens, estes parecem sentir maior exigência social de estabilidade financeira do que atletas mulheres, e por este motivo optaram em investir na construção de carreiras mais estáveis do que o esporte. Já atletas mulheres apontaram lesões, desvalorização do atletismo e percepção de incompetência física e/ou técnica como os principais motivos para o abandono esportivo. A partir desses resultados, os autores consideram a formação esportiva um processo complexo, no qual alguns cuidados devem ser tomados desde a iniciação esportiva, evidenciados no excerto abaixo:

São poucos os talentos esportivos que chegam ao ápice do esporte em nível mundial, e, indiscutivelmente, é desta forma que tem que ser; mas a atenção em não desperdiçar jovens talentos não pode ser ignorada, uma vez que o planejamento da estrutura esportiva, desde o trajeto adotado na especialização motora, a preparação psicológica e afetiva deste atleta em formação, até o suporte de infraestrutura de forma geral, é indispensável para o pleno desenvolvimento do esporte no país (ROCHA; SANTOS, 2010, p. 76).

Diferente de Brandão *et al* (2000), em que a relevância do estudo centrava-se na qualidade de transição de carreira no esporte, para Rocha e Santos (2010) a finalidade da pesquisa foi evitar o abandono esportivo por atletas que poderiam ter algum

reconhecimento dentro do esporte. No entanto, apesar dessa diferença de enfoque, ambos os estudos consideram a formação esportiva um processo que exige atenção para as diferentes fases da vida dos sujeitos. Essas fases parecem ser caracterizadas, predominantemente, por características fisiológicas e emocionais inerentes à infância e à adolescência. Com essa compreensão, os autores destacam a necessidade de intervenções adequadas.

Por sua vez, Stringhini (2010) apresenta algumas aproximações com os estudos acima mencionados. Em uma pesquisa cujo enfoque estava voltado para o desenvolvimento de uma modalidade esportiva específica — Ginástica Artística (GA) —, a partir de um olhar direcionado para as teorias do treinamento esportivo, o autor buscou analisar os fatores que levavam à desistência das ginastas de GA de alto rendimento do RS. Com esse objetivo, entre janeiro de 1988 a agosto de 2009, realizou entrevistas semiestruturadas com 10 ex-ginastas que desistiram da GA após os 12 anos de idade. Também foi entrevistado um dos responsáveis de cada ex-atleta.

Como justificativa do estudo, Stringhini (2010) destacou o fato de que existem poucas ginastas que competem internacionalmente na categoria adulta, como afirma no excerto abaixo.

É muito comum no RS surgirem talentos de GA que iniciam um trabalho visando ao alto rendimento, mas que, durante o processo de formação, desistem da prática. A partir dos 10 anos de idade, diminui consideravelmente a quantidade de praticantes da ginástica artística feminina, sendo que a partir dos 12 anos o fenômeno da desistência aumenta, evidenciado pela diminuição de atletas praticantes nas entidades que trabalham com o alto rendimento (STRINGHINI, 2010, p. 15).

Ao apontar essa problemática, o autor destaca a necessidade de elaborar estratégias de ação para evitar a desistência na GA. Além disso, o pesquisador sugere que contribuir para a formação de atletas também colabora com a formação dos jovens para a vida. Para Stringhini (2010), os desafios que um(a) atleta deve enfrentar — medos, tristeza, superação e pressão — fazem parte não somente da trajetória de atletas, mas também da própria existência humana. Assim, e havendo essa preocupação dos responsáveis acerca da construção do perfil mais desejável para atletas de alto rendimento,

os aprendizados construídos no contexto esportivo poderiam, de acordo com esse autor, ser ‘transferidos’ para outras esferas da vida desses sujeitos.

Apoiado nestas afirmações, Stringhini (2010) identificou, em sua pesquisa, diversos fatores que levaram as ex-ginastas à desistência do alto rendimento: 1) ausência de incentivo de dirigentes de clubes e governantes e falta de políticas voltadas para o auxílio financeiro relativas às despesas das atletas (por exemplo, as viagens); 2) indisponibilidade de tempo para a prática de outras atividades, fora da GA, sejam elas esportivas, recreativas ou culturais; 3) excesso de dedicação e pouco retorno em termos de reconhecimento dos treinadores e de resultados; 4) treinamento extenuante; 5) pressão emocional por parte de pais e treinadores; 6) dores corporais; 7) lesões; 8) mudanças de interesses; 9) rendimento abaixo das expectativas da própria ginasta; 10) demanda excessiva pelo envolvimento dos pais na prática das meninas na modalidade, levando a uma desistência de investimentos de tempo e dinheiro por parte das famílias; 11) medo de realizar exercícios; e 12) ganho de peso corporal em excesso.

Dentre as suas conclusões, Stringhini (2010) destaca a adolescência como um momento propício para o afastamento do esporte, como podemos ler neste fragmento: “a lesão [ocorrida] na idade em que as meninas estão entrando na adolescência coincide com o surgimento do interesse por festas, passeios e outras coisas típicas da adolescência” (STRINGHINI, 2010, p. 44). O autor chegou a essa constatação a partir de relatos de atletas que diziam sentir, na adolescência, maior necessidade de liberdade. Além das mudanças de interesses e do reclame por liberdade, o excesso de peso corporal percebido na pré-adolescência, decorrente de alterações hormonais próprias dessa fase, também aparece como um aspecto contribuinte para o abandono da GA. A partir disso, a pesquisa aponta a dificuldade de compreensão dos pais e dos técnicos sobre esse momento da vida das atletas como um fator relevante na decisão delas de abandonarem o esporte.

Por sua vez, Dias (2015, p. 13) destaca a importância de os profissionais, envolvidos com o treinamento de atletas estarem atentos para as “etapas de desenvolvimento em que cada indivíduo se encontra e de todas as características inerentes a elas”. Para esse autor, o esporte possui papel relevante para a formação física, social e emocional do indivíduo, e acredita que este deveria ser o principal objetivo da formação esportiva para o alto rendimento. Assim, o autor evidencia uma preocupação pedagógica

com o esporte, e com essa perspectiva educacional, sua pesquisa visou compreender por que os jovens que demonstravam “elevadas capacidades, tanto biológicas quanto psicológicas, e potencial para um alto desempenho em determinada modalidade esportiva” abandonavam o esporte? (DIAS, 2015, p. 14).

Para atingir seu objetivo, o pesquisador desenvolveu entrevistas semiestruturadas com oito ex-atletas de modalidades olímpicas, tais como Tênis, Ginástica Rítmica, Natação, Judô, Atletismo, Basquetebol, Voleibol e Handebol. Os sujeitos que fizeram parte do estudo abandonaram o esporte de alto rendimento quando tinham entre 16 e 20 anos de idade. A partir do desenvolvimento da pesquisa, o autor identificou uma série de motivos que levaram os indivíduos ‘talentosos’ a desistir das suas modalidades esportivas: 1) decepção com algum pedagogo esportivo que fez parte do processo de formação dos sujeitos; 2) declínio no desempenho em competições (aqui, houve relevância do fato de que os jovens da pesquisa atingiram o seu ápice de desempenho na infância ou pré-adolescência e declinaram em categorias avançadas); 3) fatores políticos e financeiros que estavam acima do desempenho físico e que, embora influenciassem fortemente o progresso de alguns atletas, acentuaram a dificuldade de ascensão de outros; 4) divergência entre clube e atletas acerca de aspectos contratuais; 5) desligamento/saída de alguma equipe após muitos anos de dedicação exclusiva; 6) ausência de suporte familiar e técnico e de estrutura física, no momento de transição para as categorias adultas; 7) falta de apoio financeiro necessário quando os indivíduos estavam iniciando a vida adulta; 8) falta de apoio moral e de reconhecimento por parte da sociedade e de órgãos e instituições envolvidos no processo de formação esportiva; 9) cobrança social e familiar sobre o papel do sujeito na sociedade quando este estava transitando para a vida adulta; e 10) impossibilidade de conciliar os estudos com as exigências impostas pelo esporte de alto rendimento.

No tocante aos dados da pesquisa, Dias (2015) constatou que a dificuldade de conciliar a educação formal com o esporte foi o aspecto que mais influenciou o abandono da carreira esportiva dos ex-atletas entrevistados. Ademais, os compromissos da vida adulta — constituição de uma família ou a necessidade de se sustentar financeiramente — foram apontados como obstáculos para quem buscava a profissionalização no esporte.

Na mesma linha dos estudos apresentados, Thomas, Côté e Deakin (2008) destacam que, embora a prática de esportes desempenhe papel importante no desenvolvimento físico e psicológico de crianças e adolescentes, o índice de desistência nessa prática é expressivo, principalmente na adolescência. Diante disso, segundo esses autores, torna-se relevante para o campo da psicologia do esporte compreender o fenômeno do abandono esportivo.

Para estudar essa problemática, os autores realizaram uma pesquisa com atletas canadenses, visando compreender o modo com que os fatores físicos e psicológicos interagiam e influenciavam a decisão de desistência de nadadores adolescentes com idades entre 13 e 18 anos. Os sujeitos que participaram da pesquisa haviam se envolvido com a Natação competitiva por, pelo menos, quatro anos e treinado por, no mínimo, 10 horas semanais (THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

O estudo contou com a participação de 10 nadadores ativos no esporte e 10 indivíduos que haviam abandonado o universo esportivo da Natação. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas. Ao fazerem uma comparação entre os dados dos atletas que persistiram e os daqueles que desistiram, os autores apontaram cinco aspectos que influenciaram diretamente a decisão de abandono do esporte: 1) padrões rigorosos de treinamento; 2) influência dos treinadores; 3) influência dos pais; 4) influência dos companheiros de treino; e 5) influência dos irmãos.

No que se refere aos padrões de treinamento, os nadadores que desistiram do esporte atingiram os seus picos de rendimento muito cedo, ainda em categorias infantis, experimentando depois disso uma queda de rendimento. Também foi identificado que esses indivíduos não tiveram a oportunidade de vivenciar outras atividades esportivas para além da Natação, o que poderia ter influenciado a decisão de abandono. Por fim, foram relatadas dificuldades na adaptação da transição da categoria infantil para a categoria juvenil, sendo que os ex-nadadores consideraram que a mudança nas etapas de treinamentos foi apressada, sem estarem prontos para integrar uma categoria superior. No que diz respeito aos treinadores, os ex-atletas apontaram que sentiam ‘rejeição’ ou falta de atenção por parte de seus(as) técnicos(as). Mas, em contrapartida, também apontaram que existiam alguns favoritismos, ou seja, os(as) técnicos(as) consideravam alguns atletas melhores do que outros e, a partir disso, investiam maior atenção nesses indivíduos.

Ainda em relação à rotina de treinamento, também foi mencionado que os treinos não eram planejados visando respeitar as especificidades de cada atleta.

A pesquisa de Thomas, Côté e Deakin (2008) também apontou a pressão dos pais como um dos fatores contribuintes para o abandono do esporte. Nesse caso, os atletas, filhos de pais que haviam sido nadadores, sentiam uma pressão maior para ser tão bons quanto seus pais. Por exemplo, quando os jovens nadadores mencionavam a possibilidade de desistência da natação a seus pais, estes pressionavam seus filhos a continuar. As relações estabelecidas com os companheiros de equipe também foram aspectos que apresentaram alguma influência na decisão dos nadadores de abandonar o esporte. Os sujeitos relataram que, nos últimos anos de treino, já não tinham a companhia de algum amigo nadador, pois estavam em categorias diferentes dos companheiros com quem haviam estabelecido maior vínculo. Dessa forma, os ex-atletas se sentiam solitários. Em relação à atuação dos irmãos no mesmo esporte, os sujeitos entrevistados relataram haver situações de disputas entre irmãos, nas quais ambos buscavam superar a marca um do outro, causando estresse para alguns adolescentes.

Ainda no estudo de Thomas, Côté e Deakin (2008), quando os autores compararam esses resultados com aqueles apontados pelos atletas que permaneceram no esporte, foi possível afirmar que todos os aspectos mencionados foram apresentados em uma relação de ‘oposição’. Assim, se o grupo que abandonou o esporte havia apresentado dificuldades de relacionamento com os treinadores, o grupo que permanecia relatava haver uma relação estimuladora; se o primeiro grupo não teve oportunidade de vivenciar outras práticas corporais, o segundo grupo as experimentou. E, assim, nessa lógica de oposição, foram feitas as análises de todos os outros aspectos selecionados pelos autores.

Em suas conclusões, esses autores destacam a importância de haver um programa de treinamento esportivo para adolescentes, cuidadosamente estruturado para o desenvolvimento físico e psicossocial, ao invés de somente focar a performance do(a) atleta. E destacam que a adolescência é uma fase da vida em que os indivíduos são facilmente influenciados por outros; portanto, tal aspecto também pode interferir na permanência ou não de atletas no esporte.

Por fim, apresento um estudo que Serrazin *et al.* (2002) desenvolveram com jogadoras francesas de Handebol, com idades entre 13 e 15 anos, cujo objetivo foi

compreender o abandono da prática desse esporte. Segundo esses autores, a adolescência é uma fase da vida em que há maior declínio do envolvimento com o esporte e outras práticas corporais, fato que traz implicações à saúde dos sujeitos que vivem esse momento. Dessa forma, a pesquisa destaca que 50% do abandono de jogadores adolescentes de Handebol acontece entre os 13 a 15 anos (SERRAZIN *et al.*, 2002).

Nesse estudo, os autores aplicaram um questionário em 335 jogadoras ativas no esporte. O questionário foi dividido em cinco partes: 1) data de nascimento, anos de experiência no Handebol, nível de competição e carga horária de treino por semana; 2) motivação das jogadoras para se envolver com o Handebol; 3) percepção do clima motivacional, enfatizado pelo treinador; 4) mediadores motivacionais; e 5) intenções futuras no esporte.

Decorridos 21 meses, após ter iniciado a temporada de jogos de 1999-2000, a Federação Francesa de Handebol disponibilizou uma lista de súmulas. A partir destas foram buscadas aquelas atletas que haviam respondido o questionário, mas que não estavam mais participando dos jogos. Então, foram identificados 74 abandonos.

Com base nos questionários recolhidos, foi realizada uma análise comparativa entre as respostas das atletas que permaneceram no esporte e aquelas que o abandonaram. Os resultados apontaram que quanto menos positiva era a percepção das atletas acerca de suas competências, autonomia e seus relacionamentos nos treinos, mais baixos eram os níveis de motivação. As motivações foram entendidas como o desejo de melhorar e desenvolver as habilidades físicas, a diversão e os desafios que o envolvimento com o esporte proporcionava. Assim, conforme a pesquisa, quando o clima era estimulado apenas para o rendimento e para a apresentação de resultados, a percepção da autonomia, da competência e dos relacionamentos interpessoais apresentava uma queda. Entretanto, quando o clima se direcionava para o envolvimento da tarefa, esses aspectos tornavam-se mais positivos.

Portanto, a análise dos questionários revelou que o desejo de melhorar e desenvolver as habilidades físicas, a diversão e os desafios que o envolvimento com o esporte proporcionava foram os principais fatores que mantiveram as atletas engajadas. Além disso, vivenciar a motivação pelo treinamento, e não apenas pela busca desenfreada

por resultados, se apresentou como um dos maiores estimuladores para a permanência das atletas no Handebol.

No que se refere àquelas atletas que abandonaram o esporte, mas que ao responderem o questionário não expressaram desejo em fazê-lo, os autores ‘sugeriram’ que fatores externos ‘poderiam’ ter provocado os seus desligamentos, como a decisão do(a) treinador(a) em retirar determinada atleta da equipe. Nessa linha, Serrazin *et al.* (2002) também mencionaram a ‘possibilidade’ de ter acontecido algum fato, durante os 21 meses posteriores ao preenchimento do questionário, que fizesse as atletas desejarem se desligar do esporte.

\*\*\*

Apesar dos diferentes enfoques, variáveis, modalidades esportivas e contextos em que os estudos foram desenvolvidos, após a leitura desse conjunto de pesquisas é possível destacar algumas aproximações. A primeira delas é o fato do ‘abandono’, ‘desengajamento’ e ‘transição’ da carreira esportiva acontecer predominantemente na ‘adolescência’. Nos estudos até aqui pesquisados fica evidente que essa fase da vida é entendida como um momento em que determinadas características biológicas e psicológicas prevalecem, por exemplo: alterações hormonais e as mudanças de humor delas decorrentes, maturação sexual, aumento de peso, necessidade de afirmação, construção de identidade e autonomia. Com isso, para os autores consultados, alguns aspectos ‘naturais’ da adolescência tornam os jovens mais suscetíveis, por exemplo, às exigências físicas e aos resultados que o contexto esportivo impõe. Sob esses aspectos, as pesquisas destacam que as características da adolescência devem ser levadas em consideração para o planejamento de estratégias de intervenção que possibilitem maior estímulo para os jovens permanecerem no esporte ou passarem por um processo de transição de fim de carreira sem prejuízos físicos e psicológicos.

Inúmeras são as teorias psicológicas e biológicas que buscam compreender essa fase da vida conhecida como ‘adolescência’. Da mesma forma, essas teorias parecem estar constantemente sendo revisitadas e repensadas, havendo um esforço em considerar aspectos contextuais, ambientais e culturais para a sua compreensão. Apesar desse movimento, percebo algumas generalizações nessas reflexões, como a constatação de que a adolescência é uma fase de transição da infância para a vida adulta, na qual os sujeitos

estão sofrendo alterações físicas e emocionais em etapas. Essas transformações parecem pautar a relação que os jovens estabelecem com o seu meio e a construção de suas personalidades, partindo do pressuposto de que esses sujeitos estão em processo de formação a ainda não atingiram a maturidade (SENNA; DESSEN, 2012; OLIVEIRA, 2006; JERUSALINSKY, 2004).

Diante desse primeiro apontamento, observando as ex-ginastas que contribuíram para esta pesquisa, percebi algumas particularidades que merecem atenção. Embora estejam todas na mesma fase de vida, entre 13 e 14 anos, e tenham treinado juntas na mesma equipe de alto rendimento por algum tempo, seus percursos são bastante diferenciados. Elisa, enquanto estava praticando ginástica de alto rendimento, se envolveu com outro esporte, o futebol, o que pode ter levado ao seu desengajamento e saída da ginástica. Diferente do que foi vivenciado por Elisa, Glória saiu da ginástica e ficou cerca de três meses sem se envolver com o esporte, até que foi convidada, com insistência, a participar de uma equipe de alto rendimento de Judô. No entanto, após três anos de envolvimento intenso e muito êxito com a nova prática, resolveu sair pela segunda vez do esporte. Sua decisão deixou o treinador e a sua mãe entristecidos, pois ambos acreditavam que Glória era uma grande atleta e poderia conquistar muitas vitórias no Judô. Já Giovana permaneceu mais tempo do que as outras duas na ginástica, e iniciou nesse esporte mais jovem, com apenas três anos. No entanto, mesmo possuindo grande incentivo familiar, considerando que sua mãe e seu pai foram atletas, e tendo um bom desempenho na prática, Giovana também decidiu sair do alto rendimento. A jovem tentou se envolver em outro esporte, mas não se adaptou e decidiu ficar por algum tempo se dedicando aos estudos, desenhos, leituras e outras atividades que gostava muito de fazer.

Mariana saiu e voltou da ginástica algumas vezes, e nesse ‘vai e vem’ precisou buscar tratamento psicológico porque desenvolveu uma aversão à prática que antes gostava muito, até que um dia, com apoio da mãe, decidiu sair de forma definitiva. Ariel resolveu sair da ginástica de alto rendimento e ingressou na “escolinha” da mesma modalidade, cujo objetivo era a ‘prática pela prática’, alegando buscar diversão.

Diante dessas diferentes histórias, conseguimos perceber que, embora tenham saído da ginástica na mesma época de suas vidas, nas chamadas ‘pré-adolescência’ e ‘adolescência’, essas ex-ginastas possuíam percursos diferentes dentro da ginástica e suas

saídas deste esporte aconteceram também de diferentes maneiras. Diante disso, cabe perguntar: por que Elisa preferiu o futebol? Por que Glória, mesmo tendo êxito no Judô, não quis mais ser uma atleta? Por que Ariel continuou na ginástica de forma mais lúdica, enquanto Mariana desenvolveu aversão à prática?

Para responder essas perguntas nos parece importante olhar também para as suas experiências, relações e situações vivenciadas ao longo dos seus caminhos como atletas. Além disso, considerando que as ex-ginastas trocaram o esporte a que estavam se dedicando por práticas que, segundo elas, eram mais “divertidas”, poderíamos questionar: essas meninas possuem desejos e expectativas no tempo presente? Será que suas escolhas e ações estão predominantemente voltadas para a construção de um futuro na vida adulta? Como vimos no conjunto de estudos mencionados acima, a ideia de que a adolescência é uma fase de transição e preparação da infância para a vida adulta está fortemente presente. Diferente disso, a partir desses casos das ex-ginastas poderíamos entender essa fase como um momento em que há ‘vidas em andamento’ e não penas ‘vidas em preparação’.

Outro fator que podemos destacar nas pesquisas mencionadas sobre abandono esportivo é a identificação de fatores externos e internos como as principais ‘causas’ para o abandono esportivo. Em relação aos aspectos ambientais, parece que a noção de estresse expressa, de forma bastante clara, a ideia de que situações contextuais, por exemplo o treino físico intenso e a exigência dos treinadores por bons resultados, podem gerar sentimentos de medo e desânimo como ‘consequência’. Já no que diz respeito ao movimento contrário, pesquisadores destacam como os traços da personalidade dos indivíduos, e os recursos internos que estes possuem para lidar com alguma situação geradora de estresse, ‘explicam’ as diferentes maneiras dos atletas sentirem e agirem diante das suas experiências dentro do esporte.

Ambas as formas de olhar, tanto aquela que dá ênfase às influências que o meio exerce no indivíduo quanto a que focaliza as características da personalidade dos sujeitos, pressupõe estruturas internas (mentais e emocionais) mais ou menos fixas que orientam as ações humanas. Esse aspecto nos auxilia a compreender a noção de ‘tendência’ de comportamento, mencionada nos estudos apresentados acima.

A partir dessas formas de compreender os indivíduos e os contextos é possível perceber as relações de ‘causas’ e ‘efeitos’ e de ‘linearidade’, nos estudos apresentados

sobre o abandono esportivo. Em todas as pesquisas analisadas foi possível encontrar características comuns ao esporte de alto rendimento: treinamento intenso, busca por rendimento para apresentar resultados, competições, clubes, treinadores(as), categorias etc. E, dentro dessa ‘estrutura’, foram identificados ‘problemas’: treinamento excessivamente intenso, busca desenfreada por rendimento, pressão por resultados satisfatórios em competições, baixo investimento dos clubes, relação conturbada dos(a) atletas com treinadores(as), transição apressada de categorias, dentre outros relacionados. Sob a ótica das pesquisas apresentadas, cada ‘problema’ identificado nesses elementos que compõem a ‘estrutura’ do esporte de alto rendimento contribui um pouco para a saída dos(as) atletas desse contexto.

No entanto, se voltarmos ao estudo de Serrazin *et al* (2002) citado acima, no qual buscamos compreender fatores que levaram jogadoras de Handebol a se retirarem do esporte, percebemos casos que não foram compreendidos através do questionário aplicado. De acordo com os autores, após 21 meses da aplicação de um questionário, quando a segunda etapa do estudo foi desenvolvida, algumas jogadoras haviam se retirado do esporte, mesmo não apresentando sinais que anunciassem essa decisão. Diante desses casos, os autores supuseram que algum fato havia acontecido após o preenchimento do questionário, levando as jogadoras ao abandono. Assim, podemos perguntar: o que aconteceu no percurso das jogadoras de Handebol que saíram do esporte, mas que não apresentavam nos questionários quaisquer ‘sinais aparentes’ de desistência? Parece-me existir uma complexidade de fatos e situações que poderiam levar os indivíduos a mudanças de caminhos e de escolhas.

Portanto, poderíamos afirmar que as ‘causas’ do ‘abandono esportivo’ acontecem em um percurso ‘não linear’ traçado por atletas, treinadores(as), dirigentes de clubes, famílias, colegas de treinos, entre tantos outros atores, que se relacionam e constroem significados compartilhados que pautam as ações e as decisões dos sujeitos atletas. Fica evidente, nos casos aqui mencionados, Glória e Giovana eram ‘promessas olímpicas’, os treinadores buscavam atender suas expectativas para que as meninas permanecessem no esporte, assim como as famílias pareciam incentivá-las, mas os esforços não foram suficientes. O que aconteceu com essas meninas?

Diante disso, buscar entender o que aconteceu no percurso dos(as) atletas que saíram do esporte de alto rendimento, suas atuações e seus movimentos, convida a olhar para o abandono esportivo como um ‘processo’ – e não como um ‘produto’, como algo que se concretiza de forma linear a partir da soma de um conjunto específico de ‘causas’ (STIGGER, 2000). Lançar o olhar para o ‘processo’ permite perceber ‘nuances’ e ‘relações’ que podem auxiliar a ‘compreensão’ desse fenômeno.

Em resumo, parece que conhecer as características da fase da vida em que os indivíduos estão — como a adolescência —, não é suficiente para compreender as suas ações. E pressupor que os sujeitos possuem características psicológicas que os conduzem a determinadas ações e caminhos não dá conta de explicar algumas atitudes – eventualmente inesperadas — e mudanças de direção. Os fatos oriundos da pesquisa de campo, anunciados neste texto, me levam a considerar que determinadas características contextuais atravessam as ações e as escolhas dos indivíduos. Portanto, acredito que olhar para os fatos de modo ‘relacional’, ou seja, levando em consideração que estão interligados, possa trazer elementos que contribuam para a compreensão do processo de saída de atletas do alto rendimento.

A partir dessa ideia ‘relacional’ dos fatos e das possíveis mudanças identificadas na vida dos sujeitos, cito o último ponto para o debate: o entendimento das palavras ‘abandono’, ‘desistência’ e ‘desengajamento’ desenvolvido pelos autores que utilizam esses termos em suas pesquisas. Para esses pesquisadores, parece que a saída do esporte está relacionado ao abandono da ideia de ser um(a) atleta olímpico de destaque. Com isso, envolver-se profissionalmente com o esporte e conseguir bons resultados parece ser um ‘projeto’ de vida, desejado pelos indivíduos que entram no universo esportivo de alto rendimento. Fica evidente nas pesquisas que compreender os motivos que levam um(a) atleta a ‘desistir’ do esporte se torna relevante à medida que permite o planejamento de estratégias para que os atletas persistam em suas carreiras. Além disso, persistir na carreira esportiva é desejável porque, segundo alguns autores, principalmente aqueles que possuem referencial teórico do campo da pedagogia, acreditam que o esporte - quando bem conduzido - pode proporcionar inúmeros benefícios físicos e psicológicos. Desse modo, um dos motivos para justificar essa permanência diz respeito ao desenvolvimento de valores ‘positivos’ que podem ser transportados para a vida dos atletas.

Mesmo que possa ser questionado e relativizado o processo linear, no qual os ‘valores positivos’ do esporte são introjetados na vida dos jovens, no âmbito do presente estudo interessa questionar: até que ponto os jovens atletas desejam permanecer no esporte e se tornar atletas olímpicos? Esse é um projeto almejado por quem? Percebo, nos estudos analisados, de forma bastante evidente, que a ideia de ‘perda de um talento’ está presente na construção dos argumentos dos pesquisadores para justificar a necessidade da permanência de um(a) atleta no esporte. Nesse sentido, na perspectiva desses autores, um(a) atleta que ‘abandona’ o esporte ‘perde’ a oportunidade de aprender ‘valores’ para a vida, ‘perde’ um futuro promissor como atleta, ‘perde’ resultados, ‘perde’ rendimento, ‘perde’ relações. E, além das perdas do próprio indivíduo, há uma perda para o próprio cenário esportivo nacional, que deixa de contar com novos recordes, novos ídolos e com o aumento da visibilidade de alguma modalidade.

Por todos esses motivos, segundo esses muitos ‘olhares’, sair do esporte de alto rendimento é compreendido como um ‘problema’ a ser resolvido. No entanto, levando em consideração as possíveis mudanças de direção a partir das situações e experiências que se relacionam, será que para um(a) atleta que decide se retirar do esporte a sua saída é considerada um ‘problema’? O que esse(a) atleta está ‘abandonando’ quando decide deixar de treinar: o esporte ou um ‘projeto olímpico’? Ou, ainda, será que algo está sendo, de fato, ‘abandonado’? Será que para esse indivíduo há perdas? Diferente da abordagem dos estudos que foram analisados até esse momento, essas questões levam em consideração o ponto de vista dos sujeitos envolvidos no ‘processo’ e sugerem a ‘não linearidade’ de ideias, sentidos, desejos e expectativas.

Em suma, a partir de uma análise geral de pesquisas sobre a saída do esporte de alto rendimento, destaquei três aspectos que considero relevantes para compreender o olhar lançado, até o momento, sobre o tema: 1) a adolescência, como a principal fase da vida em que ocorre a saída do esporte de alto rendimento, e a sua concepção pautada pelas ciências naturais; 2) a relação de ‘causa’, ‘efeito’ e ‘linearidade’ presente neste fenômeno; e, por fim, 3) a ideia ‘negativa’ e de ‘perda’ atrelada à decisão de não seguir o ‘projeto’ de ser atleta. Com base nessas constatações, levantei alguns questionamentos que poderiam contribuir para a compreensão sobre o tema. Assim, nos próximos tópicos tenho como objetivo apresentar outros olhares possíveis para a compreensão da saída de

atletas do esporte de alto rendimento, atravessados pelas ciências sociais, os quais embasam todos os questionamentos que apresentei até o momento.

### 1.3 OUTRO OLHAR SOBRE ‘PROCESSOS’ DE TRANSIÇÃO E SAÍDA DE JOVENS ATLETAS ‘DO’ E ‘NO’ ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Nos próximos tópicos deste capítulo apresento dois debates centrais para a construção do objetivo desta pesquisa. Inicialmente, demarco a diferença de significados atribuídos aos termos ‘adolescência’ e ‘juventude’. O primeiro deles, como já foi mostrado, diz respeito a uma concepção biológica e psicológica dos indivíduos, a qual atribui características inerentes aos sujeitos que se encontram nessa fase da vida. O segundo, que exponho a seguir, compreende esse momento como uma construção social, marcada por transformações no âmbito familiar e econômico - as quais deram visibilidade e significado aos sujeitos ‘jovens’.

A partir da ideia de que a ‘juventude’ é uma construção da sociedade e de que os ‘jovens’ são definidos e representados de diferentes formas nesse processo, trago também para o debate a ideia de ‘indivíduo’ enquanto sujeito construído e atravessado pelos contextos culturais em que circula. Essa concepção ajuda a pensar sobre as ex-ginastas como ‘indivíduos jovens’ que possuem percursos diferenciados, os quais são construídos a partir dos inúmeros espaços sociais em que vivenciam experiências. Esse aspecto contribui para a compreensão dos jovens enquanto indivíduos heterogêneos, mesmo estando em um mesmo momento da vida.

Com isso, nos próximos tópicos sustento a concepção de ‘indivíduo jovem’, entendido como indivíduo que se encontra em um momento da vida delimitado e significado pela sociedade, o qual compartilha e constrói experiências com outros jovens, mas que também age, pensa, sente e significa o mundo a partir das diversas experiências sociais que vivencia ao longo do seu percurso.

#### 1.3.1 JUVENTUDE(S)

Quando construí o projeto desta tese, a ideia inicial era dar continuidade à pesquisa que finalizei no mestrado. Meu objetivo era compreender a saída de ‘crianças’ do esporte

de alto rendimento, pois, a infância foi pano de fundo da minha dissertação. No entanto, ao iniciar a pesquisa de campo fui sendo levada a reencontrar as ginastas que eu havia acompanhado, pois, quase a metade da equipe havia se desligado do alto rendimento. Naquele reencontro me deparei com meninas ‘jovens’, que estavam tendo a primeira experiência de relacionamento, frequentando as primeiras festas, fazendo cursos de preparação para o mercado de trabalho, além de também vivenciarem mudanças corporais. Esse fato veio ao encontro do que os estudos apontam sobre a saída do esporte de alto rendimento acontecer de forma expressiva na ‘adolescência’.

A partir dessa constatação busquei olhar para essa fase da vida a fim de compreender o universo em que estava adentrando. Nesse movimento, realizei leituras no campo das ciências sociais, as quais nomearam esse momento da vida dos sujeitos como ‘juventude’, termo que me levou a tensionar a concepção de adolescência até então abordada nas pesquisas que li.

Assim como a concepção de infância, a noção de juventude carrega muitos significados, os quais são construídos conforme o momento histórico em que a sociedade se encontra. Portanto, ‘juventude’ pode ser um termo com características e delimitações mutáveis. Segundo Pais (2009), uma fase da vida é definida quando passa a chamar a atenção da sociedade. A infância, por exemplo, teve o seu surgimento entre o final do século XVIII e início do século XIX, a partir do declínio da mortalidade infantil e das taxas de natalidade. Nesse processo, é possível observar o surgimento de uma sensibilidade em relação à infância, principalmente no interior das famílias de classe alta, e o desenvolvimento de cuidados direcionados às crianças. No curso das transformações da sociedade e das definições sobre infância, alguns ‘problemas sociais’ começaram a surgir, ou melhor, começaram a ser compreendidos como um ‘problema’. Com isso, tornou-se necessário e significativo o desenvolvimento de assistências às crianças e legislações que deram limites ao trabalho infantil, e determinaram os direitos sociais desses indivíduos.

Semelhante ao que ocorreu com a infância, a juventude passou a ganhar visibilidade a partir de transformações no âmbito da família e dos processos de produção da sociedade. Uma das transformações que pode ser mencionada é a transição de uma economia que se sustentava na unidade doméstica para outra sustentada no mercado de trabalho. A partir

disso, um sistema complexo das fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria foi estruturado pelo Estado, havendo, então, uma institucionalização dos ciclos cronológicos da vida (DEBERT, 2010).

A partir dessas mudanças, o jovem tornou-se socialmente a expressão das transformações sociais, e também a expressão dos ‘problemas’ decorrentes dessas mesmas mudanças. Assim, logo que iniciei os estudos sobre juventude, chamou-me a atenção o fato de esses sujeitos serem definidos, historicamente, como: instáveis, problemáticos, irresponsáveis, desinteressados, delinquentes, marginais, entre outros.

Nessa linha, segundo Pais (1990, p. 148),

[...] muito embora a puberdade, em si, seja um processo biológico universal, a adolescência só começou a ser vulgarmente encarada como fase de vida quando, na segunda metade do século XIX, os problemas e tensões a ela associados a tornaram objeto de consciência social. O envolvimento dos jovens em grupos de amigos e os comportamentos que começara a ser identificados como fazendo parte de uma cultura adolescente foi fonte de preocupações, tanto de educadores como de reformistas de meados do século passado. Nos Estados Unidos, por exemplo, as formas que assumia essa cultura começaram a preocupar os poderes públicos, nomeadamente quando se descobriu a perigosa conexão desta cultura [...] com o desenvolvimento de forma de marginalidade social e delinquência.

Diante dessa visibilidade dada aos jovens no século XIX, atrelada aos ‘problemas’ da sociedade, passou-se a pensar no prolongamento da escolaridade, em legislação que determinava a idade em que os jovens poderiam trabalhar, a proliferação de casas de ‘correção’ para menores e outras tantas medidas que expressavam o reconhecimento social da juventude enquanto uma fase de riscos e instabilidades. Para auxiliar a compreensão desse reconhecimento dos jovens, trago uma retomada histórica, desenvolvida por Abramo (1997), sobre o modo como a juventude veio sendo representada por uma parte da sociedade.

A autora destaca que, em meados de 1950, a juventude era considerada uma fase difícil e turbulenta, em que movimentos culturais de grupos juvenis demarcavam diferenças em relação ao universo adulto. Segundo a autora, “o problema passa a ser o fato de que jovens que teriam condições objetivas de ajuste ao mundo adulto manifestam dificuldades nesse sentido, gerando angústia quanto ao próprio modelo de integração existente na sociedade” (idem, p. 81). Dessa forma, diante do fracasso dos espaços de socialização que deveriam integrar o jovem à sociedade e das inúmeras falências de

outras instituições, os jovens eram a personificação da instabilidade e das dificuldades da época.

Já nos anos 1960 e início dos 1970 os jovens foram percebidos como oposição aos regimes autoritários e à ordem social e moral vigente, o que foi expresso principalmente nos movimentos estudantis, movimentos pacifistas e nos de contracultura<sup>4</sup>. Diante dessas manifestações, os jovens eram considerados ora agentes de transformações profundas da sociedade, ora ‘desajustados’, principalmente quando optavam em viver de forma alternativa ao sistema por não conseguirem conquistar as pautas de suas reivindicações. Para Abramo (1997), ambas as maneiras de compreensão geravam sentimento de ‘medo’ e ‘insegurança’ em relação à juventude, pois, os jovens, tanto nas posições de agentes ativos nos movimentos políticos quanto na posição de ‘desajustados’, questionavam a ordem social.

Foi nesse período que os jovens ganharam maior visibilidade no Brasil, pois, houve um grande engajamento desses sujeitos na luta contra o regime autoritário instalado naquela época. Também foi entre os anos 1960 e 1970 que jovens questionaram padrões de comportamentos, de moradia e de consumo da sociedade brasileira, e, por esse comportamento ‘desviante’ e ‘anárquico’, eram perseguidos por agentes repressivos (ABRAMO, 1997). A autora também destaca que, mesmo nos setores que apoiavam as transformações sociais daquele período, como sujeitos envolvidos com partidos políticos de esquerda e promotores de contracultura, os jovens eram considerados “mais como fonte de energia utópica do que propriamente pessoas capazes de levar a cabo efetivamente” as mudanças que desejavam (idem, p. 82). Nesse sentido, em alguns momentos, suas ações eram consideradas ‘precipitadas’ e capazes de ‘atrapalhar’ as possibilidades efetivas e graduais de transformação. Vale ressaltar, segundo a autora, que somente após o enfraquecimento desses movimentos juvenis a imagem de juventude foi ressignificada para um sentido mais positivo: geração idealista, criativa, ousada, inovadora, sonhadora e ativa para mudanças sociais necessárias.

No entanto, nos anos 1980 a imagem construída do jovem na sociedade passou por um processo de mudança contrastante. Naquele período, ao se reconhecer

---

<sup>4</sup> Símbolos e significados compartilhados por um grupo de indivíduos que se opõe a uma cultura dominante (PAIS, 1990).

positivamente as características transformadoras atribuídas à juventude, considerava-se problemático o jovem que não se envolvesse em debates políticos e que não lutasse por transformações sociais. Dessa forma, em um período (pós-1990) em que houve o retorno dos movimentos juvenis, a juventude dos anos 1980 foi considerada apática, sem compromisso político e individualista (ABRAMO, 1997).

No que diz respeito aos anos 1990, além do individualismo, a presença de inúmeros jovens nas ruas envolvidos com atos considerados ‘violentos’ ganharam visibilidade. Dessa forma, em um período de expressiva desigualdade social, de falências de instituições socializadoras, como a escola, de uma cultura que valorizava o individualismo, os jovens foram considerados ‘vítimas’ ou ‘delinquentes’. Com isso, é possível perceber, naquele período, a retomada da imagem de ‘juventude difícil’ construída nos anos 1950.

Ao desenvolver essa retomada histórica das diversas maneiras com que a juventude foi representada, a autora destaca dois aspectos: 1) os jovens historicamente são considerados emblemas dos problemas que uma sociedade enfrenta, e também vítimas de um sistema, o que, de certa forma, justifica a imagem negativa atrelada a esses sujeitos; e 2) muitas vezes os jovens são considerados passivos ou incapazes de proposições e ações efetivas para resoluções dos problemas sociais que a sociedade enfrenta. Em suma, embora a juventude esteja atravessada por problemas sociais e impasses de cada época, a autora destaca a importância de esses indivíduos serem vistos para além da negatividade, passividade ou vitimização (ABRAMO, 1997).

Ressalto que faço esse apanhado histórico para exemplificar que existem diferentes formas de representar esses sujeitos socialmente. No entanto, considero que essas representações não incluem as inúmeras possibilidades de se vivenciar a juventude ao longo da história e dentro dos contextos sociais que constituem uma sociedade — aspecto que abordarei mais adiante. Feita essa observação, e ainda pensando nas representações possíveis, e às vezes predominantes, de juventude, em determinados contextos e períodos históricos, pergunto: como podemos pensar o imaginário de juventude atualmente?

Sobre o debate mais recente, Debert (2010, p. 59) afirma que, diferente do que ocorreu na modernidade, quando o Estado orientou o curso da vida, regulamentando suas etapas do nascimento à morte, nos dias atuais estamos presenciando um processo de

“descronologização da vida”. Essa mudança estaria relacionada, como já observamos desde o surgimento da juventude, com alterações nos processos produtivos, no contexto familiar e na organização das unidades domésticas.

Em relação ao meio produtivo, presenciamos, atualmente, novas tecnologias, as quais são rapidamente implementadas para novas técnicas produtivas e administrativas. Esse fenômeno, segundo reflexões de Debert, faz com que as relações entre as idades e a carreira sejam flexíveis. Nesse sentido, se os conhecimentos adquiridos anteriormente apresentarem barreiras às novidades, serão considerados obstáculos a serem vencidos. Dessa forma, existe uma valorização das tecnologias e inovações no mercado de trabalho, muitas vezes se sobrepondo aos conhecimentos e experiências adquiridas em longas trajetórias profissionais.

Vale ressaltar que isso não quer dizer que os jovens possuam mais espaço no mercado de trabalho por, supostamente, dominarem as novidades tecnológicas valorizadas atualmente. Sabe-se que o desemprego atinge diversas sociedades, problema social que dificulta, muitas vezes, a passagem do jovem para a vida adulta. No entanto, importa destacar que a autora se refere às mudanças que relativizam uma valorização da construção de carreiras baseada no tempo e nas experiências anteriores dos trabalhadores, o que estava normalmente relacionado a sujeitos com idade avançada. Esse fato permite que jovens e adultos ocupem cargos semelhantes e possuam as mesmas condições de emprego, o que, em tempos anteriores, era demarcado de forma mais rígida.

Já no contexto familiar, Debert (2010) aponta para uma variação nas idades do casamento, do nascimento dos filhos e nas diferenças de idade entre pais e filhos. Nesse caso, é possível perceber mulheres sendo mães pela primeira vez na ‘adolescência’ ou em idades mais avançadas, e também é possível observar que mulheres podem ser mães e avós na mesma faixa etária. No que diz respeito ao estabelecimento de uma unidade doméstica independente, esta pode ocorrer em idades também variadas e não anuncia, necessariamente, a constituição de uma nova família. Portanto, indivíduos de idades muito diferentes podem experimentar a mesma situação no que diz respeito às suas moradias.

Diante do que foi exposto por Debert (2010), percebemos um borramento de fronteiras entre as gerações. Sobre os marcadores de fronteiras que anunciam

simbolicamente as mudanças das fases de vida, Pais (2009) desenvolveu uma pesquisa etnográfica que objetivou compreender como, e com quais características, um tradicional rito de passagem da juventude masculina para a vida adulta conseguiu manter-se nos dias atuais. O estudo foi desenvolvido em diferentes aldeias do Nordeste de Portugal, onde rapazes realizavam uma festa que, tradicionalmente, tinha o objetivo de anunciar a sua transição para a vida adulta, conhecida como Festa dos Rapazes. A partir desse estudo, o autor constatou que a festa continua sendo um ritual comunitário, porém, com novas configurações e significados. Todos os mecanismos de ajustes que o ritual sofreu permitiram que este se mantivesse ao longo dos anos. E que, diante de algumas transformações da sociedade, o ritual não se configura mais como um marcador preciso para uma mudança de fase da vida.

No texto anunciado acima, o autor discorre sobre o conceito de “yoyogeneização” da juventude, o qual consiste na ideia de uma crescente reversibilidade da condição de vida adulta, por exemplo: emprego/desemprego, casamento/divórcio, abandono/retorno à escola ou família de origem. Se antes tínhamos o casamento, ou ainda a entrada no mundo do trabalho, como marcadores definitivos para a vida adulta, hoje sabemos que essas condições são mais fluidas e instáveis.

O autor também chama a atenção para o prolongamento das fases da vida, destacando, por exemplo, as diferentes técnicas e formas de rejuvenescimento existentes na sociedade atual, que incluem as cirurgias plásticas e as práticas corporais. Hoje, portanto, é possível “ser jovem aos 29 anos ou mais enquanto que, em contrapartida, uns 60 anos, bem conservados, não são necessariamente um atributo de velhice” (PAIS, 2009, p. 373). Esse borramento de fronteiras expressa os significados que são dados a cada fase da vida, para além dos fatores biológicos. Dessa forma, ser jovem pode ser entendido também como um ‘estado do ser’ saudável, ativo e disposto.

No entanto, Pais (2009), no mesmo texto, alerta que seria um exagero afirmar que os marcadores sociais não são mais relevantes para determinar as fases da vida. Embora tenhamos trajetórias de vida diferenciadas em um contexto social com muitas mudanças, havendo uma crescente indeterminação das fronteiras entre gerações, se falamos em fases da vida é porque elas ainda possuem marcadores culturais e regularidades. É importante, aqui, compreender que esses marcadores são construídos socialmente e podem mudar

conforme o momento da sociedade. E ainda como afirma Pais (2009, p. 379) no excerto abaixo, no cotidiano dos sujeitos, e como essas fases acontecem em sua vida, esses marcadores não são definitivos e normativos:

Porém, se há idades normativas para se ser jovem, adulto ou idoso, e se há um reconhecimento social dos marcadores de passagem de uma a outra fase de vida, também é certo que a realidade dos fatos questiona as normas que os tentam regular. Assim, um idoso que se reforme pode, por necessidade de sobrevivência ou outras, continuar a exercer uma atividade profissional; da mesma forma, um jovem que por efeito de uma inserção profissional ou de um casamento passa normativamente à condição de adulto, pode, a qualquer momento, divorciar-se ou ver-se no desemprego, retornando à condição de filho economicamente dependente dos pais.

O autor também alerta o leitor para as ‘situações de impasse’ com que os jovens se deparam nesse processo de ‘yoyogeneização’. Para Pais (2009), o comportamento juvenil observado na contemporaneidade pode ser entendido a partir das dificuldades encontradas por esses sujeitos para a transição de uma fase à outra. Sob esse prisma, comportamentos considerados violentos, transgressores ou apáticos são identificados pela sociedade quando os jovens não conseguem vislumbrar um futuro, ou ainda quando o sentimento de pertencimento identitário está fragilizado. Dessa forma, Pais (2009), ao estudar o ritual contido na Festa dos Rapazes, identificou-o como um ‘ritual de impasse’, no qual muitas das suas mudanças expressavam as dificuldades e fragilidades vivenciadas pelos jovens daquele contexto. Diante disso, o autor evidencia que os jovens manipulam e ressignificam elementos culturais conforme experiências compartilhadas por eles, as quais podem produzir novos significados.

Um exemplo dessas mudanças no ritual dos rapazes são os conteúdos das músicas direcionadas para as mulheres das aldeias, os quais expressavam descontentamento dos rapazes em relação à preferência crescente das moças pelos forasteiros para selarem matrimônio. Isto porque, com o passar dos anos, as mulheres foram ganhando maior independência e buscaram formação acadêmica fora da comunidade onde cresceram. Desse modo, aquelas mulheres preferiam se casar com homens que tivessem o mesmo nível cultural que o delas, rejeitando os pretendentes locais. Além dos rapazes das aldeias ‘desabafarem’ seus impasses matrimoniais nas letras das músicas que compunham o ritual, as moças, por sua vez, reivindicavam a participação das mulheres em um ritual que,

anteriormente, era realizado apenas por homens, gerando desconforto de muitos que valorizavam as formas tradicionais da festa.

Portanto, na pesquisa etnográfica realizada por Pais (2009) conseguimos perceber de que maneira os jovens lidam com as transformações inevitáveis das sociedades e como incorporam essas mudanças em suas culturas. O que muitas vezes pode parecer uma descaracterização de um tradicional ritual de passagem, também pode ser entendido como uma atualização dos dilemas, impasses e valores compartilhados e vivenciados pelos jovens. Nesse caso específico, o autor chama a atenção para o fato de que a Festa dos Rapazes deve ser compreendida para além da descaracterização, da transgressão ou da desvalorização da tradição, mas como uma expressão de trocas simbólicas e de estratégias para vivenciá-las.

No presente texto, até aqui, inserimos elementos para refletir sobre o surgimento da noção de juventude. Com base no exposto, é possível compreender que a juventude foi considerada uma fase da vida a partir de mudanças, principalmente no modo de produção da sociedade e na organização familiar. Além disso, ao longo dos anos, a representação dos jovens na sociedade foi sofrendo transformações, sendo fortemente marcada pela ideia de ‘vítima’, ‘transgressor’ ou ‘indiferente’ aos dilemas sociais, e também como a ‘encarnação’ das mudanças sociais. E, por fim, também compreendemos que as definições simbólicas que marcam as fronteiras entre as gerações são altamente mutáveis e fluidas, sendo definidas para além dos aspectos biológicos.

A partir deste momento, inserimos algumas considerações sobre o modo com que a sociologia se ocupou desse tema e da sua complexidade. Com esse objetivo, tratamos, brevemente, de duas correntes teóricas: a corrente geracional e a corrente classista. Sobre a ‘corrente geracional’, é possível identificar a juventude enquanto uma fase da vida com aspectos unitários e homogêneos. Nessa linha teórica, considerada a mais clássica, existe a lógica de dominação cultural de uma geração sobre a outra, ou seja, todas as gerações estão interligadas a um sistema de dominação simbólica, em que uma é a dominante e a outra dominada. Dessa forma, a ‘cultura juvenil’ se diferencia da ‘cultura adulta’ e é construída a partir de duas principais formas de socialização, a contínua e a de ruptura. Na socialização contínua, a educação de valores e normas predominantes advém das gerações mais velhas. Segundo Pais (1990, p. 153),

[...] as teorias da socialização contínua foram dominantes nos anos 50, quando médicos e psicólogos quase detinham o monopólio do discurso sobre os jovens, ao assimilarem a adolescência à crise de puberdade e ao definirem a juventude como um período difícil de maturação psicológica que deveria conduzir à idade adulta.

Nesse sentido, na socialização contínua o jovem era preparado, de forma passiva, para a vida adulta, e educado a partir de normas e valores compartilhados pelos adultos. Já na socialização de ruptura geracional, as descontinuidades entre gerações provocavam tensões e confrontações. Nessa linha, os jovens eram considerados mais propensos e disponíveis às aprendizagens sociais, por se encontrarem em um momento de formação de uma consciência geracional. É nesse contexto que se fala em contraculturas, à medida que grupos de jovens ameaçavam os valores e as normas da cultura adulta, havendo conflitos e oposições.

Em ambas as formas de socialização, para a corrente geracional a renovação ou a continuidade de uma sociedade ocorria através das relações de dominação intergeracionais. Dessa forma, tanto na continuidade quanto na ruptura, os jovens estavam em processo de formação e desenvolvimento para atingirem a idade adulta, e, só então, seriam incorporados na sociedade.

Ao desenvolver uma reflexão crítica sobre essa corrente, Pais (1990, p. 157) afirma:

[...] várias críticas poderíamos endereçar à corrente geracional, a mais contundente das quais poderia incidir sobre a forte tendência, na linha desta corrente, em se olhar a juventude como uma entidade homogênea, o que poderá ter consequências conceituais desastrosas quando, por exemplo, ao estudarem-se metonimicamente os comportamentos desviantes dos jovens, se toma a juventude marginal como toda a juventude. Isto é, a juventude é, nesta corrente, vulgarmente tomada como uma categoria etária, sendo a idade olhada como variável tão ou mais influente que as variáveis socioeconômicas e fazendo-se uma correspondência nem sempre ajustada entre uma faixa de idade e um universo de interesse cultural pretensamente comum.

Como fica claro no excerto acima, o autor alerta o leitor sobre o fato de a corrente geracional considerar a juventude a partir de uma homogeneidade cultural definida principalmente pela condição etária dos sujeitos. Nessa perspectiva, outras condições sociais de um sujeito, como a socioeconômica, não são levadas em consideração para a

compreensão das culturas juvenis. Diferente disso, a corrente classista dá ênfase analítica principalmente à condição socioeconômica dos sujeitos jovens. Nessa segunda corrente, a transição dos jovens para a vida adulta estaria pautada pela reprodução de valores e normas compartilhadas por um grupo socioeconômico. Portanto, as culturas juvenis eram entendidas a partir das culturas de classe e demarcavam sua posição e oposição dentro desse contexto.

Sobre essa corrente, Pais (1990) destaca as mesmas dificuldades enunciadas acima, em que não há percepção e análise das diferenças intraclasses, ou seja, no interior de uma mesma classe social. E o autor afirma que “não é certo que entre jovens pertencentes a uma mesma classe social se verifique, indiscutivelmente, uma homogeneidade cultural ou de modos de vida entre esses mesmos jovens” (idem, p. 159). Acreditamos ser importante destacar também a ideia de que, em ambas as correntes, semelhante ao que observamos nas visões psicológicas e biológicas sobre os jovens, a juventude era considerada uma fase de transição entre gerações, ou seja, entre infância e vida adulta.

Nesse contexto, importa ressaltar, aqui, outros aspectos que merecem ser considerados: em primeiro lugar, olhar para a juventude como uma fase de transição não permite compreender os jovens como sujeitos construtores do seu presente, com desejos, concepções de mundo, valores e vida em andamento. Além disso, podemos identificar que, em ambas as correntes teóricas, a noção de cultura juvenil está relacionada às culturas dominantes, subordinando-se a um conjunto de determinismos. Essa relação de dominação sugere a ideia de socialização baseada na internalização ou ruptura de normas e valores macrossociais, seja de uma geração ou de uma classe social. No entanto, Pais (1990) discorre sobre outra possibilidade para compreendermos a socialização como uma forma de aprendizado cultural baseada na reprodução, modificação e criação de normas sociais no cotidiano dos sujeitos. E entendendo a cultura como um conjunto de símbolos e significados compartilhados pelos sujeitos, Pais (1990, p. 164) afirma:

a questão que se coloca - se queremos decifrar os enigmas dos paradoxos da juventude - é a de saber: 1º se os jovens compartilham os mesmos significados; 2º se, no caso de compartilharem os mesmos significados, o fazem de forma semelhante; 3º a razão por que compartilham ou não, de forma semelhante ou distinta, determinados significados. Para responder a estas interrogações, torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir dos seus contextos vivenciais,

cotidianos - porque é cotidianamente, isto é, no curso de suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e ação.

No excerto acima fica evidente a concepção de socialização do autor para compreender a construção das culturas juvenis, aqui entendida 'no plural'. Pais (1990) parte do pressuposto de que nem todos os jovens compartilham os mesmos símbolos e significados, mesmo possuindo a mesma condição socioeconômica ou encontrando-se na mesma faixa etária. Assim, sugere que existem formas diferentes de compartilhamento de significados, apropriações e representações em um mesmo grupo de jovens. E que existem conjuntos simbólicos compartilhados por jovens que se encontram em contextos diferentes. Diante dessa heterogeneidade cultural, interessa ao autor olhar para as razões que contribuem para as diferenças.

Pais (1990) também destaca a importância de entendermos como a sociedade, na sua expressão macro, atravessa a vida dos sujeitos, sem negar as influências e a existência de culturas dominantes. No entanto, esse autor acredita ser central, para entender as culturas juvenis, que se considere os jovens também como sujeitos ativos no processo de socialização. E afirma que os jovens se relacionam de forma ativa com os marcadores geracionais e com as culturas dominantes, ressignificando e criando novas possibilidades de acordo com as mudanças que a sociedade enfrenta, sendo, portanto, protagonistas no seu cotidiano.

Em suma, a partir do que foi exposto até o momento, podemos compreender a juventude como uma fase da vida (re)construída e (re)significada socialmente, conforme as mudanças na sociedade. E nesse processo de transformações, a juventude foi considerada uma fase de transição da infância para a vida adulta, e também reflexo das mudanças e das dificuldades enfrentadas pela sociedade. Esse fato justifica a ideia de 'juventude problema' ou 'juventude esperança', com a qual, muitas vezes, nos deparamos. Autores vêm mostrando que, atualmente, os marcadores que separam uma geração da outra estão mais instáveis e sujeitos a mudanças. Assim, a ideia de juventude está fortemente relacionada a um 'estado do ser' e a um estilo de vida, mais do que propriamente uma fase demarcada por fatores biológicos, como anteriormente era entendida e como ainda é considerada por linhas teóricas das ciências naturais.

Destacamos, mais uma vez, que os autores aqui mencionados não estão anunciando o fim das fases da vida. Diferente disso, mostramos, até o momento, que a juventude existe enquanto um momento da vida marcado por regularidades, como mostram as correntes teóricas da sociologia. No entanto, atentamos, neste texto, para o fato da mutabilidade e instabilidade das regularidades e marcadores culturais que definem uma fase da vida, como a juventude. Estando as sociedades em constante movimento e mudanças, e considerando as suas complexidades, faz sentido dizer que todas as noções que surgem dela, entre as quais as gerações, também são constantemente repensadas e ressignificadas.

Nesse âmbito, entendendo os jovens enquanto sujeitos que vivem sua vida no presente, ativos no processo de socialização, e que se relacionam também de forma ativa com as estruturas macrosociais da sociedade, cabe perguntar: Quais são os símbolos e significados que compartilham? Com quem compartilham? De que modo esses jovens se relacionam com as regularidades e com os marcadores culturais? Como constroem suas culturas? Como as experiências cotidianas contribuem para a construção dessas culturas?

A partir do exposto passo a pensar nas jovens que acompanhei durante a pesquisa de campo, ex-ginastas de diferentes classes sociais e com diferentes percursos de vida. Meninas que compartilharam e dedicaram anos de suas vidas dentro de um mesmo esporte, mas que seguiram caminhos diferentes: há aquelas que resolveram continuar no alto rendimento, mas em outro esporte; existem outras que optaram por sair do alto rendimento esportivo e foram participar de diferentes práticas corporais, ou ainda aquelas que pararam completamente com as práticas corporais. O que une e o que diferencia essas meninas? Quais experiências e sentidos elas compartilham ou não?

Refletir sobre experiências me leva a olhar para os percursos individuais dessas meninas, suas histórias e seus cotidianos. Para compreender essas ex-ginastas enquanto indivíduos na sociedade - as quais fazem parte de determinada classe socioeconômica, e se encontram em determinada faixa etária, são estudantes, atletas, ex-atletas, filhas, netas, namoradas, irmãs, entre outras inúmeras representações e experiências sociais - discorro, nas linhas a seguir, sobre a concepção de indivíduo construída pelo sociólogo Bernard Lahire. Além disso, nessa perspectiva, também incorporo ao debate a ideia de mutabilidade dos 'projetos' de vida que os sujeitos constroem ao longo de sua vida. Neste momento do texto, inicio as reflexões acerca da construção da ideia de indivíduo e das

suas possíveis ‘identidades’, dando ênfase ao sentido plural da palavra, olhando para a construção do indivíduo a partir de aspectos culturais e experienciais.

### 1.3.2 O INDIVÍDUO ENQUANTO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL: ESQUEMAS DE AÇÕES E MUDANÇAS DE PROJETOS

Lembro ainda hoje quando conheci Elisa na pesquisa de mestrado. Entrei no ginásio onde ela treinava e me deparei com uma das treinadoras prendendo o cabelo de Elisa com gel e grampos, buscando incansavelmente segurar os fios rebeldes da sua franja. A treinadora orientou a menina a não cortar mais o cabelo em franjas, pois o cabelo dela era crespo e ficava difícil prendê-lo. Assim que conseguiu prender os cabelos de Elisa, a treinadora olhou para mim e comentou que a menina era nova na equipe e que estava aprendendo “tudo”, inclusive como prender os cabelos.

Com o desenvolvimento das observações naquele espaço, entendi o que significava ‘tudo’ o que a menina estava aprendendo. Elisa vinha de um contexto social muito diferente das demais meninas da equipe, e da maioria dos frequentadores do clube. Isso ficou ainda mais evidente quando cheguei ao clube<sup>5</sup>, em um dia rotineiro de observações, e encontrei o avô da menina mexendo no lixo, procurando latinhas para vender. O avô de Elisa acompanhava a menina em todos os treinos e costumava aguardar sentado em um banco fora do ginásio, estava sempre vestindo o mesmo terno cinza levemente rasgado, calças sociais, sapato e um chapéu. Sua presença era quase sempre discreta, foi apenas neste dia que ‘estranhei’ sua atitude naquele contexto. O meu estranhamento não era sem razão: a neta era atleta do clube e ele estava ‘catando lixo’ naquele contexto vinculado a pessoas de alto nível socioeconômico.

Essa diferença entre universos sociais também se destacava dentro do ginásio em relação à Elisa e as suas colegas de treino. A novata, além da modalidade esportiva na qual estava engajada, recebeu ensinamentos sobre outras questões que faziam parte da vida rotineira das suas colegas: saber ler as horas as horas, escovar os dentes, tomar banho antes do treino, a ponto de ganhar um conjunto de sabonetes da professora de balé para incentivar o banho. Ela também aprendeu a prender os cabelos e a manter a “postura de ginasta” tão exigida pelas treinadoras. Nos primeiros meses que fez parte da equipe,

---

<sup>5</sup> Clube localizado em um bairro nobre da cidade de Porto Alegre, frequentado por sócios que pagam uma mensalidade para usufruir dos serviços que o lugar oferece.

Elisa costumava ser muito quieta nos treinos e tímida com as colegas, falava baixo, cometia alguns erros de português e muitas vezes não era entendida. Tinha dificuldade para memorizar os movimentos da sua coreografia de solo<sup>6</sup>, o que parecia ter graça para suas colegas e incomodar bastante a professora de balé.

Mesmo diante de todas as diferenças e dificuldades, Elisa permaneceu engajada naquele esporte, e já no final das observações, após um ano da sua entrada na equipe, percebi que a novata se expressava com mais clareza e havia produzido laços de amizade com algumas meninas. Lembro-me quando vi, pela primeira vez, Elisa sentada no colo de uma das suas colegas de treino, gesto que demonstrava afetividade e cuidado entre elas. Antes de finalizar as observações de campo naquele período, realizei uma entrevista com cada menina e recorde de Elisa dizendo que desejava ser uma ginasta tão boa quanto a Daiane dos Santos<sup>7</sup> e se dedicava a isso nos treinos.

Três anos após finalizar a pesquisa de mestrado, descobri que Elisa havia se afastado da ginástica e estava engajada no futebol, fato que me levou a retomar o contato com ela e marcar um encontro na casa dela. No dia marcado me senti ansiosa, fazia tempo que não via Elisa e possuía um carinho muito grande pela ex-ginasta, pois havia me sensibilizado com o seu percurso. Saí cedo de casa para não correr o risco de me atrasar, pois, não conhecia a cidade onde ela morava. O avô de Elisa explicou que sua casa ficava em uma rua perto da estação de trem na cidade de São Leopoldo, na ‘Grande Porto Alegre’, no Rio Grande do Sul. A partir dessas informações busquei referências sobre o bairro e descobri, com alguns colegas do grupo de pesquisa, que era um local periférico e violento. Fiquei um pouco preocupada, mas fui muito animada para o encontro, pois desejava saber como a menina estava e quais os motivos que a levaram a sair da ginástica, esporte do qual parecia gostar tanto.

Ao chegar à rua da residência de Elisa, meia hora antes do horário marcado, fiquei aliviada ao perceber que a região não parecia ser ameaçadora, pois, havia famílias nas ruas e trabalhadores dos pequenos comércios nas calçadas conversando com alguns moradores. Avistei um portão de madeira semelhante ao que o avô havia descrito, me

---

<sup>6</sup> O solo da ginástica artística é um dos aparelhos que faz parte da modalidade, no qual é apresentada uma sequência de movimentos acrobáticos sincronizados com uma música.

<sup>7</sup> Primeira ginasta brasileira a conquistar medalha de ouro em um Campeonato Mundial. Além disso, a ex-atleta realizou dois movimentos inéditos na ginástica, os quais levaram o seu nome: o Dos Santos I, um duplo *twist* carpado, e o Dos Santos II, um duplo *twist* esticado.

aproximei e confirmei a numeração, era ali mesmo. Como não havia campainha, bati palmas e os cachorros do pátio me anunciaram. Avistei ‘Seu José’, maneira como costumava chamá-lo, com o mesmo estilo de terno e chapéu que utilizava quando levava Elisa para os treinos. Ele sorriu e foi logo abrindo o portão. Em seguida, avistei Elisa e fiquei surpresa com o que vi: uma jovem vaidosa, com o rosto maquiado e os cabelos alisados, muito diferente da criança com os cabelos revoltos de três anos atrás. Abracei-a carinhosamente e expressei minha alegria de reencontrá-la. Sentamos os três na sala e, inicialmente, somente eu e o avô conversávamos, Elisa parecia um pouco tímida ainda. Após quase uma hora de conversa, quando finalmente perguntei sobre o futebol, Elisa rompeu o seu silêncio e começou a contar - animada - o que estava aprendendo nos treinos e o quanto estava se saindo bem na nova modalidade esportiva. Fazia apenas três meses que havia saído da ginástica e decidido se dedicar somente ao futebol. Após me contar sobre lances e gols que havia feito, perguntou se eu gostaria de ver o seu uniforme de treino. Entusiasmada, concordei e fiquei feliz de vê-la conversando com desenvoltura e contando sobre suas novas experiências.

Elisa me levou até o quarto dela, pedindo-me que não reparasse na bagunça. No quarto não havia luz, percebi alguns fios de luz soltos pela parede, talvez estivessem em manutenção. Havia também muitas roupas em cima da cama, ainda desarrumada, no chão e no interior de um guarda-roupas sem portas. Chamou-me a atenção que, em meio às roupas em cima da cama, estava uma malha da ginástica, a qual a menina me mostrou dizendo que ainda guardava, mesmo não treinando mais. Elisa me explicou que, para não perder o uniforme do futebol “no meio da bagunça”, ela costumava guardar o calção em uma caixa de sapatos de papelão. Ela pegou a caixa e abriu com cuidado, como se estivesse abrindo uma caixa de jóia valiosa. O uniforme era um calção azul usado, um pouco grande para o seu tamanho, que recebeu em doação de algum amigo. Além do calção azul, ela tirou de baixo da cama dois pares de chuteiras, um que ficava grande no pé, mas, segundo ela, “dava para jogar”, e o outro que estava furado, mas era confortável e firme no pé, sendo o preferido de Elisa para treinar. Procurou também, em meio às roupas que estavam no chão, as meias longas de treino, completando assim o uniforme.

Na casa de Elisa circulavam muitas pessoas, além do avô, havia o irmão mais velho, a avó, a bisavó que vivia nos fundos do pátio em uma casa pequena; os primos da menina

e amigas da avó, os quais faziam visitas diárias àquela casa. Assim, havia muitos objetos soltos pela casa e sinais de movimento de pessoas. A casa era grande e possuía poucos móveis, todos muito antigos. Além da circulação de pessoas, havia um cachorro adulto e alguns filhotes, os quais ficavam presos no pátio ao lado da casa, em um pequeno espaço. No pátio havia um varal para estender roupas, um canteiro com uma árvore de pitanga, um tanque, um banco de madeira e alguns objetos soltos, como uma bola de futebol murcha e pedaços de madeira empilhados em um canto.

Quando me deparei com a realidade em que Elisa vivia pensei imediatamente no contraste da organização, limpeza e cuidado que as treinadoras exigiam das meninas nos treinos da ginástica e nas viagens para competição. Em uma viagem que acompanhei no período do mestrado, percebi o quanto as treinadoras exigiam autonomia e organização das meninas com suas malas e higiene pessoal. As ginastas, constantemente, relatavam com certo orgulho que organizavam suas próprias malas quando precisavam viajar, também organizavam suas mochilas para os treinos diários e mencionavam que essa organização, que haviam aprendido na ginástica, também era aplicada em outras esferas da sua vida, como na escola. Era comum ouvir as meninas criticarem seus colegas de aula que não faziam os ‘temas’ se os pais não mandassem ou que não organizavam, sozinhos, suas mochilas para a aula, esquecendo materiais e trabalhos solicitados pelos professores.

Ariel, ao falar sobre os aprendizados que teve durante o período em que treinou ginástica, contou o quanto se sentia diferente dos seus colegas de escola em relação à responsabilidade que tinha com seus pertences, trabalhos e temas de aula. Mariana, também em uma entrevista, relatou que era muito organizada e que ela mesma gostava de arrumar o seu quarto, característica que atribuía aos ensinamentos que obteve dentro da ginástica. Por sua vez, Giovana sentia necessidade de ter uma rotina planejada e acreditava que havia aprendido isso na ginástica. A ex-ginasta gostava de ter horário para estudar, ler, desenhar, tocar violão, dentre outras coisas. No quarto dela, os livros, os instrumentos musicais, os equipamentos esportivos e os desenhos que fazia eram cuidadosamente distribuídos entre uma escrivaninha e uma estante.

No entanto, embora Elisa demonstrasse preocupação em guardar o calção em uma caixa para não perdê-lo no meio das outras roupas, parecia que a organização do seu quarto estava longe de ser aquela que as suas ex-colegas de treino aprenderam na

ginástica. Desse modo, logo nos primeiros contatos que tive com Elisa e com a sua família, havia um questionamento que me acompanhava: após o convívio intenso que Elisa teve na ginástica, será que havia incorporado ‘algo’ para a sua vida daquilo ‘tudo’ que havia aprendido, como algumas ex-colegas demonstravam?

Ao iniciar a pesquisa de mestrado eu sabia que Elisa vinha de um contexto social diferente do de suas ex-colegas, mas foi apenas três anos depois, quando a visitei em casa, que tive maior noção dessas diferenças. Também era evidente que a realidade das ex-ginastas estava mais próxima do que as treinadoras exigiam das meninas, desde a organização pessoal até os hábitos de higiene. No entanto, apesar das diferenças, Elisa se manteve por quase cinco anos naquela equipe de alto rendimento, frequentando os treinos todos os dias. Quando soube que a menina havia saído da ginástica, logo pensei que Elisa havia mudado bastante a sua rotina, pois não passaria mais quatro horas do seu dia envolvida com aquela prática esportiva e convivendo com aquelas pessoas. Além das mudanças, eu pensava sobre as ‘marcas’ que aqueles anos imprimiram em sua vida, nos aprendizados nos quais Elisa esteve intensamente imersa, nas vivências que a ginástica lhe havia proporcionado e nas trocas de experiências com as colegas de treino.

E mais: a partir da maneira com que as treinadoras relataram a saída da ginasta fiquei com a impressão que Elisa havia sido ‘rejeitada’. Logo que finalizei a dissertação, uma das treinadoras decidiu trocar de clube e muitas meninas saíram da equipe e a acompanharam ao novo local, pois aquela treinadora era muito querida pelas ginastas. Esse fato gerou alguns conflitos entre as coordenações dos clubes envolvidos, pois a equipe havia quase se extinguido com a saída da treinadora. Elisa foi uma das meninas que trocou de clube, porém, após algum tempo na nova equipe, resolveu sair da ginástica. Elisa avisou a treinadora que não iria mais treinar por mensagem de celular. A treinadora, por sua vez, relatou ter ficado bastante ressentida, pois Elisa havia levado o uniforme do clube e o dinheiro de rifas que vendeu para participar de uma competição.

Algum tempo após sair da ginástica, Elisa tentou retornar para o antigo clube por insistência do avô, mas não foi aceita, pois, criou-se uma rivalidade muito grande entre os clubes. Uma dessas treinadoras pensou em encaminhá-la para o Judô, mas logo desistiu da ideia porque Elisa possui um vírus que, supostamente, poderia ser transmitido pelo

sangue, e como o Judô exige contato, e, muitas vezes, causa contusões e ferimentos, a treinadora não levou adiante o convite.

Essas situações foram relatadas pelas treinadoras antes de eu entrar novamente em contato com Elisa e seu avô. Portanto, até reencontrá-los, eu estava com a sensação de que a menina havia sido rejeitada pelo antigo clube e que as portas do esporte de alto rendimento haviam se fechado para ela - mais uma vez me senti sensibilizada pela sua trajetória. No entanto, para a minha surpresa, encontrei Elisa muito animada com o novo esporte. A menina relatou o que havia aprendido, o quanto o seu desempenho estava melhorando e os novos amigos que havia feito. Naquele primeiro encontro Elisa falou mais do que estava aprendendo no futebol do que sobre os motivos que a levaram a sair da ginástica.

A situação dessa menina provocou-me duas importantes reflexões. A primeira delas foi sobre a imersão que um indivíduo pode vivenciar no esporte de alto rendimento e dos atravessamentos que essa socialização pode causar na vida dela, o que me leva a perguntar: embora Elisa tivesse saído da ginástica, será que a ginástica ainda ‘fazia parte’ da menina? E a segunda é sobre a maneira com que uma ex-ginasta pensa e sente sobre a sua saída do esporte. Nesse caso, era evidente que Elisa não estava se sentindo rejeitada pelas antigas treinadoras, fato que aguçou ainda mais os meus questionamentos: como, então, Elisa estava se sentindo? O que a saída da ginástica significava para ela? E ainda, como e por que o futebol havia se inserido na vida dela? O que significava esse novo esporte para ela?

Vale destacar que Elisa foi a primeira ex-ginasta que me provocou essas reflexões, pois ela havia sido um caso importante na pesquisa de mestrado, isto porque sua entrada no esporte evidenciou aspectos que faziam parte da formação de ginastas daquela equipe. No entanto, outros casos de mudança de percurso dentro da equipe também me levaram à construção desta pesquisa. Nesse sentido, Ariel, Mariana, Glória, Giovana e também Elisa, passaram anos das suas vidas imersas na ginástica e decidiram, na mesma época, percorrer outros caminhos, algumas ainda dentro do esporte e outras fora dele.

Dessa forma, para refletir sobre a imersão das ginastas no esporte de alto rendimento, das suas saídas desse contexto e da vivência de novas experiências, considero fundamental desenvolver algumas considerações sobre a noção de indivíduo como uma

construção social. Essa noção também permite pensar sobre as inúmeras possibilidades de mudanças que os sujeitos percorrem em suas vidas, o que pode levá-los à construção de novos ‘projetos’ e mudanças de direção.

Ao pensar sobre os aprendizados que um indivíduo pode adquirir ao longo da vida, a partir das diferentes experiências que vivenciou, refiro-me à concepção de indivíduo desenvolvida pelo sociólogo Bernardo Lahire:

[...] vamos ter ordinariamente - e por vezes também cientificamente - a tentação de reificar como traços de personalidade os comportamentos ou as atitudes de um ator que são produto de uma socialização passada e da situação na qual o passado incorporado se atualiza. Assim, diremos que alguém é calmo, ansioso, desprezível, agressivo, etc., quando essas disposições não são propriamente inscritas nele, mas realidades relacionais (de interações) que apenas se observam no encontro entre ele e alguma coisa ou alguém (LAHIRE, 2001, p. 74).

Nesse trecho, Lahire (2001) se refere aos traços da personalidade de um indivíduo como disposições para agir que surgem, afloram e se atualizam, conforme as circunstâncias que surgem diante dos sujeitos. Dessa forma, não são características inerentes aos indivíduos que estão presentes o tempo inteiro e que se manifestam em qualquer situação, como a ideia de uma personalidade coerente e estável. Diferente disso, segundo o autor, essas disposições foram construídas a partir de situações vivenciadas anteriormente e que fazem parte de um *stock* de ações que só serão utilizados se a situação que se coloca no presente aciona essas memórias. Com isso, levando em consideração que ao longo de nossas vidas vivenciamos múltiplas experiências, muitas vezes contraditórias, é apropriado pensar que um *stock* de esquemas de ações é igualmente heterogêneo e contraditório. Portanto, para Lahire (2001), quanto mais complexas e diferenciadas as experiências de uma pessoa, maiores são as chances deste mesmo indivíduo possuir comportamentos distintos, e, às vezes, opostos, conforme a situação com que se depara.

O autor destaca que, embora tenhamos muitos fatores sociais que sugerem unidade, como o nome próprio, o qual dá sustentação à evidência da unidade biológica do corpo, o indivíduo é socialmente constituído de forma plural. Assim, podemos constatar que existe maior probabilidade de desenvolvermos uma ‘personalidade’ heterogênea e mutável do que uma personalidade homogênea e estável. Ressalto que essa capacidade que temos em aprender a nos comportar de maneira diferente, conforme o contexto em que estamos

envoltos, destacado pelo autor, de alguma forma ajuda a pensar sobre a adaptação da Elisa na equipe de ginástica artística. Também me leva a pensar que algumas de suas experiências na ginástica podem ter sido incorporadas no seu *stock* de esquemas de ações e na sua constituição enquanto indivíduo. Portanto, cabe perguntar: quais aprendizados foram incorporados? Como se manifestam e em quais situações?

Além do processo de socialização intenso proporcionado pela experiência de ser atleta, também refleti sobre a mudança de planejamento da menina: o que fez Elisa mudar de ideia de tornar-se uma ginasta de destaque, como a Daiane dos Santos? E ainda, levando em consideração o ponto de vista da menina, será que para Elisa a sua saída da ginástica é considerada um ‘problema’? O que essa ex-atleta está ‘abandonando’ quando decide deixar de treinar: será o esporte ou um ‘projeto olímpico’? Ou, ainda, será que algo está sendo de fato ‘abandonado’? Será que para ela há perdas?

Da mesma forma, posso pensar sobre os outros casos das ex-ginastas: o que fez Giovana decidir sair do esporte que praticou desde os três anos de idade? O que isso significou em sua vida, considerando-se que seu pai é treinador e sua mãe foi atleta? O que motivou Glória a sair da ginástica e se inserir no Judô? Como foi essa transição entre diferentes esportes? O que fez a menina, mesmo tendo destaque na nova modalidade, decidir sair também do Judô? E Mariana, por que saiu do alto rendimento, após tantas tentativas de continuar? Por que esta menina não se envolveu mais com o esporte? Diferente disso, por que Ariel continuou na ginástica, mas não no alto rendimento?

Eu poderia citar diversos outros questionamentos, mas neste momento cito alguns que expressam o olhar que estou direcionando para os indivíduos e os seus diferentes percursos. A partir dessa abordagem, é possível relativizar a noção de ‘perda’ que os estudos sobre a saída do esporte, abordados anteriormente, ressaltam. Quando olho para as meninas como indivíduos plurais e mutáveis, entendo que podem existir perdas ou não em suas decisões pela saída do esporte, mudanças ou reatualizações de projetos de vida e a possibilidade do surgimento de novos interesses através de situações que podem ter surgido.

Sobre esse tema, o autor Gilberto Velho, em suas obras *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (1994) e *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea* (1997) introduz uma importante noção de

‘projeto’. Para construir essa ideia, o autor aborda uma concepção de indivíduo semelhante à de Bernardo Lahire, quando afirma:

quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de *ethos* e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relações ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de individualidade singular (VELHO, 1997, p. 32).

Entendo, assim, que as identidades dos sujeitos vão sendo construídas a partir das inúmeras experiências vivenciadas cotidianamente, a partir das apropriações de códigos, crenças e valores. Nesse sentido, quanto maior o nosso ‘campo de possibilidades’ - ou seja, nosso quadro de vivências diferentes e contrastantes - mais possibilidades teremos para a construção de arranjos simbólicos que farão parte da nossa visão de mundo, visão essa que não é estática e pode ser heterogênea. Assim, quanto mais diversificados forem esses arranjos, mais ‘singular’ será a maneira de cada sujeito pensar e agir no mundo. Por meio desse processo de construção de uma identidade ‘singular’, o indivíduo vai se reconstruindo, acrescentando sentidos e valores à sua vida, tornando-se mutável conforme o momento e o contexto em que se encontra (VELHO, 1994). Esse processo constante de reconstrução do ‘indivíduo’ é nomeado pelo autor de ‘metamorfose’.

É importante acrescentar que, de acordo com Velho (1994), existem núcleos de referência na vida de um sujeito que sempre serão acionados em algumas situações, como os núcleos ‘família’, ‘religião’, ‘etnia’, ‘vizinhança’ etc. Tais núcleos indicam que os indivíduos possuem âncoras que são acionadas em situações e momentos estratégicos da vida e que fazem parte da constituição da sua identidade. No entanto, embora possam se apoiar nesses núcleos e se identificar com eles, a circulação, em diferentes contextos sociais, é que permite a esses sujeitos acrescentarem valores e sentidos às suas identidades, que tanto podem ir contra os valores e sentidos dos núcleos de referência quanto aos da família, por exemplo.

Finalmente, é diante dos ‘campos de possibilidades’ que a noção de ‘projeto’ ganha sentido. Segundo Velho,

o projeto é uma forma de manipular e dar uma direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura. Implica sempre algum tipo de seleção em função de experiências, necessidades e estratégias

particulares. A possibilidade de construir e expressar projetos próprios é uma das maneiras de distinguir grupos sociais enquanto unidades com um mínimo de integração, pois o projeto é indispensável para a organização do indivíduo em torno de interesses comuns (VELHO, 1997, p. 109).

Podemos pensar em ‘projetos’ coletivos ou individuais. O primeiro está relacionado a um ou mais grupos de indivíduos que compartilham códigos e símbolos. O segundo se refere a uma margem relativa de escolha dos sujeitos, os quais, em algumas situações, podem desejar um ‘outro projeto’, algumas vezes diferente do projeto coletivo. Essas margens de escolha são maiores quanto maior for a dimensão do ‘campo de possibilidades’ simbólicas dos indivíduos construído a partir de seus percursos sociais. Diante dessa característica altamente mutável dos ‘projetos’, o autor afirma:

[...] os projetos mudam, um pode ser substituído por outro, podem se transformar. O mundo dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas (VELHO, 1997, p. 27).

De acordo com o que declaram Lahire (2001) e Velho (1994; 1997), os indivíduos fazem parte de vários contextos culturais, os quais possuem conjuntos de valores e símbolos que são compartilhados, apropriados e atualizados pelos sujeitos. Alguns desses contextos e/ou situações podem possuir maior influência sobre o processo de socialização e constituição de esquemas de ações de um indivíduo. E essa influência depende da diversidade ou não de outras experiências que uma pessoa pode vivenciar. Em outras palavras, quanto mais coerências culturais experienciamos em nossas vidas, maiores as chances de pensarmos e agirmos de forma homogênea e linear, e quanto maiores as diversidades culturais que vivenciamos, maiores as chances de mudanças de direção, valores, desejos e projetos.

E de que modo todas essas reflexões me levaram ao desenvolvimento desta Tese? A fim de me encaminhar ao objetivo desta pesquisa, no próximo tópico apresento uma breve síntese e alguns acréscimos ao que foi exposto até o momento, e as questões que surgiram durante a escrita deste texto, as quais animaram esta Tese.

## 1.4 OBJETIVO DA PESQUISA

A ideia de compreender a saída de atletas do esporte de alto rendimento surgiu durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, como já foi exposto na introdução deste estudo. Foi a partir da saída de algumas ginastas da equipe que eu acompanhava que iniciei os seguintes questionamentos: o que levou as meninas a saírem da ginástica? Para onde foram? E todos aqueles anos de prática, quais as marcas que deixaram em suas vidas? Movida por essas primeiras inquietações, após a finalização da dissertação, realizei a leitura de algumas pesquisas no campo da Educação Física a fim de compreender o que estava sendo produzido sobre o tema.

Essas leituras iniciais me levaram a lançar outro olhar para o debate, pois percebi algumas lacunas no conjunto de pesquisas sobre as quais me debrucei. A primeira delas é sobre a concepção homogênea de ‘adolescência’ que os estudos apontaram, como uma fase da vida com características definidas para todos os indivíduos. O principal argumento dos autores é que os ‘adolescentes’ estão mais vulneráveis emocionalmente e fisicamente às pressões e exigências do universo esportivo do alto rendimento, pois estão formando suas identidades e maturando seus corpos. No entanto, ao me aproximar inicialmente das ex-ginastas, percebi que, embora estivessem na mesma fase da vida, entre seus 13 e 14 anos, possuíam histórias de vida e contextos culturais diferentes, fatores que poderiam caracterizar de forma também heterogênea os processos e motivos de suas saídas da equipe.

Para sustentar essas minhas impressões busquei alguns autores que, ao invés de abordarem a ‘adolescência’, abordavam a ‘juventude’ a partir de uma perspectiva social. Dentre os autores que incluí para a discussão, José Machado Pais (1990; 2009) traz para o debate uma concepção de juventude que me ajuda a pensar sobre a heterogeneidade de percursos das ex-ginastas. Para esse autor, a juventude, e também as outras gerações, foi criada socialmente a partir de mudanças na sociedade. Dessa forma, do mesmo modo que a sociedade muda, suas construções também sofrem transformações, o que fez, e ainda faz, a noção de juventude ser mutável. Portanto, ao longo da história os jovens foram vistos de diferentes formas, ora como desajustados e rebeldes, ora como passivos. Um dos sentidos atribuídos à juventude, bastante presente ao longo da história, é a ideia de

que os jovens são os principais sujeitos que sofrem com os problemas sociais de cada época.

No entanto, esse autor olha para os jovens para além da transgressão, passividade e vitimização, pois entende que esses sujeitos se apropriam e ressignificam as diferentes culturas em que são socializados, sendo este um processo ativo. Além disso, os jovens são indivíduos que se relacionam de forma criativa com os marcadores geracionais e com as culturas dominantes das quais fazem parte. O autor também está atento à diversidade cultural entre os jovens e às formas com que as culturas juvenis são construídas. Portanto, se torna central nessa perspectiva compreender como os jovens se relacionam com as mudanças sociais, como se apropriam e compartilham culturas e como as diferenças culturais contribuem ou não para esse compartilhamento. Também a partir desse olhar, diferente de pensar o jovem como um sujeito em uma fase de transição para a vida adulta, esse indivíduo é visto no tempo presente, com desejos, valores, opiniões e ações que contribuem para o processo de constituição de uma sociedade (PAIS, 1990; 2009).

O segundo aspecto que ressaltar nas leituras iniciais é a relação de causa e efeito entre as situações que um atleta vivencia no alto rendimento esportivo e as reações que possui diante delas, levando-o a um possível desligamento do esporte. Essa ideia linear das ações dos indivíduos tem sido também uma das principais sustentações dos estudos que buscam identificar os motivos que levam os jovens a saírem do esporte de alto rendimento.

No entanto, se olharmos para os indivíduos jovens a partir da ideia de que circulam em diferentes contextos sociais, possuem diferentes composições familiares, estudam em diferentes escolas e, com isso, possuem percursos heterogêneos, fica difícil pensar sobre linearidade de comportamentos. Essa concepção é densamente sustentada pelo sociólogo Bernardo Lahire (2001; 2006), o qual, conforme já mencionado, entende o indivíduo de forma plural, podendo este ter diferentes comportamentos e ações, às vezes contraditórias, conforme o contexto e a situação que está sendo estabelecida. Sobre os jovens, nas palavras do autor,

qualquer que seja sua origem social, os públicos jovens (12 a 25 anos), em grande parte estudantes, vivem em regimes culturais de múltiplas imposições, mais ou menos interiorizadas sob a forma de hábitos e de gostos pessoais. Eles compõem seus

programas culturais - de forma harmônica ou contraditória e tensa - basicamente em função de três grandes imposições: (“pressões” surdas e difusas) do grupo de companheiros e, às vezes, de membros da fratria, geralmente fundadas em produtos da indústria cultural difundida pelas mídias, para estar “na onda” e para participar de atividades comuns que não pertencem ao repertório de atividades classicamente legítimas (música e cinema jovem, discotecas, programas e séries de TV, jogos eletrônicos, etc); imposições da escola em matéria de práticas culturais legítimas (literatura, teatro, museus, ciências, etc); imposições culturais dos pais (mais ou menos legítimas em função do capital cultural familiar) (LAHIRE, 2006, p. 427, destaques do autor).

O que o autor destaca no excerto acima é que durante a juventude esses três contextos sociais - amigos, escola e família - estão historicamente presentes na vida desses sujeitos e possuem fortes influências. Além disso, por ser um momento da vida em que é permitida maior experimentação e maiores vivências, os jovens possuem mais liberdade para a circulação em diferentes contextos quando comparados com adultos que estão há mais tempo envolvidos com o trabalho e a família. Apesar de, em muitos casos, essa lógica ainda predominar, é possível fazer alguns acréscimos a esta reflexão.

Sabemos que, atualmente, ter filhos e envelhecer não significa necessariamente um momento de reclusão, pois nos encontramos em uma sociedade que nos possibilita grande acesso às informações através das redes sociais e maior estímulo para circular em variados contextos culturais. Nessa direção, podemos igualmente dizer que, na vida dos jovens, existem outros contextos sociais para além dos grupos de amigos, da escola e da família. No caso das ex-ginastas, é possível acrescentar o esporte, mas poderiam surgir outros — espaços religiosos, cursos de línguas, projetos sociais, etc.

Nesse sentido, acrescentando o que Velho (1997) discorre sobre os campos de possibilidades de um indivíduo, sabemos que existem núcleos de referência importantes na vida dos sujeitos, como a família ou a religião, por exemplo. No entanto, é a circulação em contextos diferenciados que contribui para a ampliação da capacidade das pessoas no que se refere às mudanças de projetos, os quais podem ir na direção contrária dos desejos e valores de um núcleo de referência, como os já referidos acima.

Com base nesse conjunto de reflexões que apresentei até o momento, compreendo o esporte de alto rendimento, como mais um ‘campo de possibilidades’, onde a noção de ‘indivíduo’ é constantemente elaborada e onde esquemas de ações podem ser incorporados. Esse entendimento também me leva a olhar para as possibilidades de

mudanças ou atualizações de ‘projetos’ que o desligamento do esporte de alto rendimento, protagonizado por jovens, pode proporcionar. Assim, refletir sobre as jovens ex-ginastas com desejos, valores e expectativas no tempo presente, e entendê-las como indivíduos plurais e capazes de agir e se movimentar de diferentes maneiras em todos os espaços em que circulam, me levaram ao seguinte objetivo geral de pesquisa: *compreender ‘como’ acontece o processo de saída de ginastas jovens do esporte de alto rendimento e ‘como’ seguem suas vidas após esse afastamento.*

Levando em consideração que as ex-atletas decidiram sair do esporte de alto rendimento no mesmo momento de suas vidas, pergunto de forma específica:

- Como e por que as ex-atletas saíram do esporte do qual faziam parte? Quais sujeitos e situações participaram desse processo?

- Levando em consideração suas condições de ‘jovens’, quais sentidos, valores e experiências as meninas compartilharam nesse processo?

- O que significa para as jovens deixar de ser atletas?

- Após a saída da ginástica, houve atualizações e novas formulações de projetos? Se sim, como são construídos?

- Como a vida esportiva, durante o período em que foram atletas, atravessa as novas experiências vivenciadas em suas ‘juventudes’?

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para compreender 'como' acontece o processo de saída de ginastas jovens do esporte de alto rendimento e 'como' seguem suas vidas após esse afastamento, foi necessário lançar o olhar para os processos e os percursos das ex-ginastas, bem como para os símbolos e os significados por elas construídos e compartilhados. Por conta disso, considerei que a etnografia seria um método bastante adequado para atingir esse objetivo. Diante disso, de modo a acompanhar os fluxos das jovens, seus processos de saída do esporte e suas maneiras de viver e se relacionar após essa saída, busquei participar e descrever de forma 'densa' uma parcela de suas rotinas (GEERTZ, 1989).

Porém, os desafios do campo de pesquisa me impuseram limites que fizeram com que eu adaptasse alguns caminhos metodológicos. Diante da dificuldade em fazer parte da rotina de algumas meninas, foi necessário 'seguir' as ex-atletas em espaços em que eu pudesse estar presente e que minha presença fosse aceita. Desta forma, além de uma 'descrição densa' da rotina de uma das meninas, realizei uma etnografia 'multisituada' com as outras ex-atletas, 'seguindo' seus movimentos em diferentes contextos, como descreverei no decorrer deste texto (MARCUS, 2001).

Quando desenvolvi o projeto de pesquisa, inicialmente minha expectativa era encontrar crianças em processo de saída do esporte de alto rendimento, como havia presenciado com Glória e Mariana durante o desenvolvimento do mestrado. No entanto, durante minha procura pelos sujeitos, encontrei jovens entre 13 e 15 anos que haviam recentemente saído da Ginástica Artística - fato que vai ao encontro do que apontou Stringhini (2010) em sua pesquisa. Com isso, fui levada a mudar o foco em relação aos sujeitos que colaborariam com o estudo e, dessa forma, a juventude passou a fazer parte do tema desta pesquisa.

O primeiro movimento que fiz em direção aos sujeitos da pesquisa foi entrar em contato, em outubro de 2018, com as treinadoras da equipe de Ginástica Artística que eu havia acompanhado no mestrado. Foi a partir desses contatos iniciais que eu soube da saída de Ariel, Elisa, Mariana e Giovana do clube que faziam parte. Logo que finalizei a pesquisa nas dependências do clube, soube que a treinadora Livia havia sido contratada por outro clube esportivo, também bastante reconhecido em Porto Alegre/RS. O desligamento dessa treinadora causou a migração de várias meninas para a nova equipe de Livia, pois essa era a treinadora preferida entre as ginastas.

Segundo as meninas, Livia sabia conduzir os treinos de uma forma que as atletas se sentiam ‘exigidas’, mas ao mesmo tempo ‘livres’ para conversar e fazer os movimentos que gostavam.

A partir desse fato, entrei em contato com Livia para saber mais informações sobre as meninas que haviam mudado de clube, pois as antigas treinadoras não conheciam ginastas que haviam saído do esporte naquele período. Como muitas meninas tinham trocado de clube, a equipe estava composta por poucas atletas e passava por um processo de reconstrução.

Livia foi uma pessoa importante no desenvolvimento inicial desta tese, pois facilitou a minha aproximação com muitas ex-ginastas e suas mães. Assim como foi receptiva durante a pesquisa de mestrado, quando entrei em contato informando que estava desenvolvendo uma nova pesquisa, a treinadora se mostrou disponível para me ajudar na busca por ex-atletas que haviam saído do esporte recentemente. No entanto, essa aproximação com as mães e as meninas não foi tarefa fácil.

Livia havia fornecido alguns contatos, dentre os quais escolhi dois por considerar que estavam mais adequados para o meu objetivo. Laura, 12 anos, havia retornado para a equipe de alto rendimento recentemente, após aproximadamente um ano afastada. Diante disso, a menina estava passando por um novo processo de adaptação com a rotina de atleta. Estela, 12 anos, também havia saído da equipe treinada por Livia, porém diferente de Laura, não pretendia retornar. Liguei para as mães das meninas e expliquei os objetivos da pesquisa, expressando que desejava marcar uma conversa pessoalmente para verificarmos a possibilidades de desenvolver o estudo com suas filhas.

Após muitas tentativas, consegui marcar uma conversa com a mãe de Laura nas dependências do clube em que a menina treinava atualmente. Ela foi resistente em participar da pesquisa porque não desejava que a filha relembresse de episódios desagradáveis vividos na GA no antigo clube em que treinava. A mãe ainda argumentou que estava receosa com a conversa que eu teria com Laura, uma vez que não queria que a filha se sentisse “fracassada” por ter “desistido” de ser atleta, apesar de ter retornado aos treinos.

Laura parecia um caso interessante para esta pesquisa, no entanto a instituição em que ela treinava não abriu suas portas para o desenvolvimento do estudo, aspecto que será desenvolvido no quarto capítulo desta tese. Importante destacar neste momento que existiam muitos conflitos entre os pais e o coordenador esportivo da

Ginástica Artística do clube. Esse coordenador era marido da coordenadora de Ginástica Artística do antigo clube de Livia e havia assumido o cargo recentemente. Sua forma de conduzir os treinos contrastava com a maneira como Livia acreditava que ‘deveria ser’. Com isso, os conflitos que existiam entre Livia e as treinadoras do antigo clube, ressurgiram com a chegada desse novo coordenador. Este aspecto foi um limitador para a realização da pesquisa com as ginastas que faziam parte da equipe de Livia. Além disso, não percebi abertura por parte de Laura e de sua mãe para acompanhar a menina em outros locais e momentos de sua vida.

Já a mãe de Estela precisou consultar a psicóloga da filha para verificar se uma conversa sobre a ginástica faria bem no processo de recuperação da menina. Estela havia vivenciado muitas situações difíceis no período em que foi atleta e, por isso, desenvolveu uma forte depressão. Portanto, a mãe tinha dúvida se uma entrevista em que a menina deveria falar sobre esses episódios ajudaria no tratamento psicológico que estava desenvolvendo. Embora a psicóloga tenha autorizado a menina a participar da entrevista, a mãe preferiu não envolvê-la no estudo.

Esses dois episódios me mostraram que o tema da tese deveria ser abordado com cuidado, pois o esporte de alto rendimento parecia ter um lugar bastante significativo na vida dos sujeitos, ainda mais quando o objetivo era abordar a saída desse contexto. Além disso, para conseguir acompanhar parte da rotina das meninas percebi que eu precisaria construir relações estreitas com os indivíduos envolvidos. Nesse sentido, na direção do que aponta Angrosino (2009), seria necessário desenvolver uma ‘observação participante’. Portanto, meus esforços seriam em grande medida focados num esforço de me aproximar e criar laços com os sujeitos.

Diante deste desafio, o desenvolvimento da pesquisa se tornaria mais viável se eu já tivesse algum vínculo com os sujeitos colaborados, fato que me levou a optar em ‘seguir’ as meninas que haviam feito parte da minha pesquisa de mestrado. Assim, escolhi me aproximar de Giovana, Ariel, Mariana, Glória e Elisa. Através de Livia soube que Giovana havia saído da GA e entrado no atletismo, Mariana não estava mais vinculada ao esporte, Ariel decidiu sair do alto rendimento e entrou na escola de GA, conhecida como “turma avançada”, na qual as praticantes não tinham compromisso com competições.

No período em que desenvolvi o mestrado, Glória já havia saído da ginástica e entrado no judô, tornando-se atleta novamente. Portanto, esse caso já estava no projeto desta tese antes de eu dar início à entrada em campo. Já o caso de Elisa surgiu

como uma opção de pesquisa quando conversei com as antigas treinadoras das meninas, as quais informaram que a ex-ginasta havia trocado de clube e, algum tempo depois, saído da ginástica.

Segundo a treinadora Tainá, Elisa estava atualmente praticando futebol na sua cidade, São Leopoldo/RS. A treinadora ainda informou que a menina havia saído “queimada” da ginástica porque tinha tentado retornar para o antigo clube, após ter “falado mal” das treinadoras. Dessa forma, as treinadoras não a aceitaram de volta.

A fim de retomar o contato com Elisa, pedi para Livia o telefone do avô da ex-ginasta. A treinadora afirmou que a menina havia saído da ginástica de forma repentina, levando consigo o uniforme do clube e dinheiro de algumas rifas que havia vendido para participar de uma competição. Diante disso, Livia julgou que Elisa “estragaria” a minha pesquisa, pois não era uma pessoa “confiável”. Os relatos das treinadoras instigaram ainda mais a minha curiosidade em relação aos movimentos de Elisa no esporte de alto rendimento. Além disso, o fato da menina estar envolvida com outro esporte parecia também um elemento enriquecedor para a tese.

Embora eu já conhecesse as meninas, a aproximação que eu desejava não foi possível com todas elas. Meu objetivo inicial era desenvolver uma etnografia seguindo as cinco meninas, porém o campo foi impondo alguns limites que fizeram com que eu mudasse de direção e criasse outras estratégias de pesquisa. A minha maior dificuldade foi fazer parte da rotina das meninas.

Mariana não havia se engajado com nenhuma prática sistematizada e sua circulação estava restrita entre a escola e a sua casa, fato que dificultou o acompanhamento das atividades dessa menina. Já Giovana estava realizando atletismo no clube em que Livia era treinadora. Após apresentar o projeto de pesquisa e tentar inúmeras vezes entrar em contato com dirigentes e coordenadores esportivos da instituição, foi negado o meu acesso nas dependências do clube. Assim como Mariana, Giovana não costumava circular por muitos espaços, além da escola e da sua casa. Ariel também desenvolvia aulas de ginástica no clube que havia ‘barrado’ o meu acesso e, além disso, minha relação com essa menina era mais distante.

Portanto, a partir do que foi exposto, com Mariana, Ariel e Giovana consegui desenvolver entrevistas semi-estruturadas, uma observação na aula de atletismo onde Giovana treinava e outra na turma avançada de GA da qual Ariel fazia parte. Como minha relação com Irene, mãe de Giovana, era bastante próxima desde o período em que desenvolvi o mestrado, realizei duas entrevistas com sua filha, uma coletiva em

julho de 2018, pois a menina estava acompanhada de mais duas amigas ex-ginastas, e outra individual em outubro de 2019. E ainda, diante do seu envolvimento na vida esportiva de Giovana e do seu histórico como atleta, também realizei uma entrevista com Irene.

Além disso, realizei uma observação em uma festa junina na escola de Mariana, Giovana e Ariel, pois as ex-atletas estudavam na mesma instituição, a qual era dirigida pela mãe de Mariana. Nesse dia de campo estabeleci um importante contato com o pai de Giovana, Ronaldo. A conversa informal realizada com esse pai trouxe informações relevantes sobre o processo de saída de Giovana do esporte .

Também é importante ressaltar que para a construção das narrativas dos percursos das cinco meninas, resgatei dados construídos no período em que acompanhei as ginastas quando ainda eram atletas, durante o ano de 2014.

As dificuldades que enfrentei para acompanhar Glória foram diferentes dessas descritas acima. Diferente do clube onde Giovana e Ariel praticavam esporte, o clube onde Glória treinava judô abriu suas portas para o desenvolvimento desta pesquisa. Na mesma direção, os treinadores de judô mostram-se disponíveis para auxiliar na pesquisa permitindo que eu acompanhasse os treinos. A mãe de Glória também se colocou à disposição para conversar e colaborar com o estudo, apesar de ter pouco tempo disponível para marcar encontros. No entanto, minha dificuldade foi com Glória. Quando iniciei a pesquisa, a menina já estava enfrentando problemas no contexto esportivo e mostrou resistência em conversar sobre o assunto, além de faltar muitos dias de treino.

Diante dessa situação, foi possível realizar 20 observações de campo dos treinos e competições de Glória. Além disso, realizei uma entrevista semi-estruturada com a menina no final do ano de 2017 e outra com sua mãe em julho de 2018. Quando fiquei sabendo que Glória havia saído do judô, no final do ano de 2018, período em que eu estava encerrando a pesquisa de campo, tentei inúmeras vezes marcar uma entrevista com ela e sua mãe, mas não foi possível por falta de tempo e disposição de ambas.

Diferente dos quatro casos narrados acima, foi com Elisa que consegui desenvolver uma etnografia da forma como eu pretendia. Com essa ex-ginasta eu havia construído uma relação de afeto e trocas desde o período do mestrado, pois quando iniciei a pesquisa naquele momento, a menina havia também iniciado na equipe. Percebendo a sua dificuldade de sociabilidade com as colegas de treino, me

aproximei dela, principalmente em momentos em que ficava sozinha, enquanto as colegas conversavam ou brincavam em grupos. Também acompanhei uma viagem das meninas para uma competição importante em Guarulhos/SP. Nessa viagem Elisa era a única atleta que não estava acompanhada por um familiar. Sensibilizada com sua situação, procurei ficar perto dela e atenta às suas necessidades.

O avô da menina, Seu José, foi receptivo desde o nosso primeiro contato e rapidamente minha relação com a família se intensificou. Dessa forma, acompanhei Elisa durante todo o ano de 2018. Nesse período, a menina frequentemente passeava com os amigos e quem a acompanhava nos seus passeios era o avô. Seu José costumava acompanhar em sua bicicleta as longas caminhadas da neta pela cidade, juntamente com outros jovens. Assim, o avô cuidava os movimentos da menina de longe, procurando dar espaço para ela, mas sem perdê-la de vista. Refletindo sobre os papéis e sentidos do pesquisador em uma pesquisa etnográfica, destacado por Angrosino (2009), percebo que naquele momento eu surti como uma possibilidade de companhia para Elisa nos seus passeios.

Tanto para a menina, quanto para Seu José, minha figura parecia apropriada para desempenhar essa função. Para Elisa eu representava uma pessoa mais jovem que não tinha o objetivo de cuidá-la e orientá-la, aspecto que procurei deixar evidente desde os primeiros contatos que tive com a família. Para Seu José, parecia um ‘alívio’ não precisar andar horas em sua bicicleta para acompanhar a neta. Em diversos momentos o avô afirmou que não iria deixá-la sair com os amigos, pois estava muito cansado para “ficar andando de bicicleta atrás dela”.

Rapidamente eu acabei ocupando uma função bastante específica na organização familiar de Elisa - era a pessoa que acompanharia a jovem em suas saídas com os amigos. Essa função trouxe inúmeros desafios, os quais, acredito, são inerentes a uma pesquisa etnográfica. O primeiro deles era a distância de idade entre mim e a menina. Normalmente Elisa era acompanhada ‘de longe’ pelo avô, porém eu era uma adulta que a acompanharia ‘de perto’, ouvindo suas conversas e passeando junto (MAGNANI, 2002).

A pergunta que mais ouvia dos amigos da menina, era: “quem é ela?”. Elisa respondia que eu era sua psicóloga, pois acreditava que daria “muito trabalho” explicar que eu estava fazendo uma “pesquisa da sua vida”. A resposta dela não gerava novas perguntas, apenas olhos curiosos sobre mim, mas logo minha presença parecia esquecida e os jovens continuavam seus assuntos e atividades normalmente.

Talvez se ela dissesse que eu estava desenvolvendo uma pesquisa essa informação geraria questionamentos que ela não estava disposta a responder.

Winkin (1998) discorre sobre as dificuldades enfrentadas em uma pesquisa etnográfica e aponta alguns caminhos para amenizá-las - mas não resolvê-las. Uma das dificuldades apontadas pelo autor é o sentimento que o(a) pesquisador(a) pode experimentar de ‘não se sentir bem’ no campo. Esse sentimento me acompanhou diversas vezes quando iniciei meus passeios com Elisa e seus amigos, talvez pela dificuldade que eu sentia quando ‘precisava’ interagir com jovens, o que fazia com que eu geralmente fugisse dessas situações.

Quando eu era jovem, por volta dos 15 anos, lembro de não gostar da minha condição e desejar logo ser adulta. Depois de adulta, percebi que me sentia desconfortável e insegura com os jovens. Diante desse histórico, a ideia de ‘seguir’ Elisa e seus amigos me apavorava: como agir? O que falar?

Em um sábado, eu e Elisa fomos ao shopping. No local havia uma movimentação intensa de jovens. As meninas caminhavam de braços dados, riam alto, mexiam nos cabelos e tiravam fotos nos espelhos distribuídos pelo local. Os meninos circulavam, pareciam estar procurando algo. Quando as meninas passavam, eles trocavam olhares e, por vezes, pediam o telefone delas para “chamar no whats”.

Nesse dia, Elisa encontrou um amigo, o Zeca, que frequentava a pista de skate que ela havia feito aulas. Zeca, 16 anos, estava acompanhado por outros dois amigos, os quais pareciam mais jovens, entre 13 e 14 anos. Elisa cumprimentou o amigo com um beijo no rosto. Os dois meninos que acompanhavam Zeca ficaram afastados observando atentamente Elisa. Quando nos despedimos e viramos as costas, Zeca a chamou de volta dizendo que um dos seus amigos estava “interessado” nela e que havia pedido o seu telefone. A menina riu, parecia um pouco encabulada, mas deu o número. O amigo skatista convidou-nos para “dar uma circulada” no shopping com eles e, para o meu desespero, Elisa aceitou.

Naquele momento eu não sabia como agir e nem o que falar, por isso achei melhor caminhar quieta ao lado de Elisa. Mas minha tentativa de ficar invisível não deu certo e a situação ficou ainda pior. Zeca resolveu caminhar ao meu lado e demonstrou interesse em saber mais sobre mim. O menino perguntou meu nome, idade e o que fazia com Elisa. Como de costume, a menina informou que eu era a sua psicóloga. Complementei a informação dizendo que estava desenvolvendo uma pesquisa com ela e que conhecia Elisa desde a época em que era ginasta. Diante da

informação de que eu era ‘a psicóloga’, aquela que parecia fazer mais sentido para ele, o menino disse de forma maliciosa: “também estou precisando de uma psicóloga, me dá teu telefone?”. Tentei descontraí-lo rindo da situação e afirmando: “sou mais velha do que vocês, não vai rolar”. Nesse momento percebi que não poderia fugir da ‘observação participante’.

Como estratégia para circular com eles sem ser alvo das paqueras, passei a participar do ‘jogo’ dos meninos como uma aliada. Quando avistava meninas da idade deles apontava como possibilidade de trocas de contato. Elisa também ajudou no processo e abordava as meninas pedindo os seus telefones para os amigos. Apesar de ter ‘despistado’ o menino, terminei aquela tarde de pesquisa ainda constrangida.

Sobre o sentimento de não se sentir bem no campo, Winkin (1998) sugere que o(a) pesquisador(a) não tente desempenhar um papel que não é seu, tranquilizando a si e as pessoas envolvidas. Dessa forma, por vezes, quando não estava me sentindo confortável, mantinha um pouco de distância. Quando os jovens estranhavam a minha presença e buscavam saber quem eu era, não hesitava em afirmar que tinha 31 anos e que estava ali acompanhando Elisa. Em alguns momentos falava da pesquisa, em outros não. Em nenhum momento tentei fazer parte do grupo de jovens, pois buscava demarcar o meu lugar, uma adulta que acompanhava Elisa.

Outra maneira sugerida pelo autor para passar por esse desafio etnográfico, é relatar as angústias nos diários de campo. Com o tempo, a partir desse processo de registro, fui me familiarizando com as situações e refletindo sobre elas. Minha frequência no campo também amenizou esses sentimentos, pois os jovens foram se acostumando com a minha presença e eu com a presença deles. No final da pesquisa eu já conseguia compartilhar assuntos com vários amigos de Elisa, os quais se aproximavam de mim e me colocavam “por dentro” dos últimos acontecimentos em suas vidas, principalmente no que dizia respeito à relacionamentos. Me surpreendi com a habilidade que desenvolvi em escutar casos amorosos e dar conselhos quando solicitada.

Além de ter essa função ‘catártica’, onde podemos desabafar sobre as angústias do campo, Winkin (1998) também destaca a função empírica do diário, no qual descrevemos a organização, o funcionamento e a rotina dos sujeitos que estamos observando e tentando compreender. E ainda, a partir dessa escrita desenvolvemos reflexões analíticas da pesquisa. Através de regularidades no campo, vamos identificando códigos e sentidos compartilhados pelos indivíduos, os quais estruturam

e orientam suas relações e ações. Dessa forma, foi através de 50 diários de campo que passei pelo processo de familiarização e compreensão dos momentos de sociabilidade entre Elisa e seus amigos.

Além de enfrentar a minha falta de habilidade em lidar com os jovens, me deparei com outro desafio: como eu, professora e adulta, iria me posicionar diante de algumas atividades dos jovens? Beijos na boca, drogas e sexo eram pauta de suas conversas e ações. Em dois momentos ouvi a seguinte pergunta dos amigos de Elisa: “mas tu deixa ela ficar com os guri?”. Elisa tinha muitos amigos e dentre eles alguns “ficantes”, os quais ela encontrava para ‘beijar na boca’. Eu, em meio a esse processo, presenciava as suas ‘ficadas’. A primeira vez que vi a menina ‘ficando’ com um amigo, pensei: será que ela poderia estar fazendo isso? Seus avós sabem? Estou aqui para acompanhá-la e de certa forma seus avós confiam em mim - eu deveria interferir? Depois de alguns meses no campo, percebi que os avós da menina sabiam e aceitavam suas relações com os meninos, fato que me deixou mais tranquila em relação ao assunto.

Em outro momento saí com Elisa e um grupo de amigos, jovens entre 12 e 14 anos. Nesse dia Elisa estava ‘ficando’ com um menino e sua amiga mais nova, 12 anos, estava ficando com outro. Enquanto os dois casais passeavam abraçados pelas ruas da cidade, eu e a prima Luísa acompanhávamos logo atrás, fazendo companhia uma para a outra. Um dos meninos, aquele que estava com a amiga de Elisa, fumou um cigarro e ofereceu para as meninas do grupo. Para o meu alívio, nenhuma aceitou. Mas e se tivessem aceitado? Deveria falar alguma coisa?

Num certo dia Elisa e a prima estavam falando sobre sexo. Elisa ainda não havia iniciado a vida sexual, mas a prima Luísa já, por isso estava relatando que iria pela primeira vez à ginecologista. Ouvindo o relato da prima, Elisa comentou: “acho que logo vou ter que ir também”. Nesse momento entendi que a menina estava anunciando que poderia ter uma relação sexual em breve. Sem pensar muito, de forma espontânea, orientei as meninas sobre o uso da camisinha. Quando terminei minha fala, Elisa parecia constrangida e afirmou: “tá, mas eu ainda não fiz sexo”. Diante da reação da menina tive dúvidas se eu deveria ter tocado no assunto.

Assim, foram inúmeras as situações em que eu tinha dúvidas sobre como agir, mas em pouco tempo percebi que as experiências que me ‘desacomodavam’ no campo também me ensinavam sobre o universo que eu adentrava, a juventude. A iniciação sexual e as ‘ficadas’ costumam fazer parte desse momento da vida dos

jovens, portanto eu estava o tempo todo encarando essas temáticas durante a etnografia. Quando algum menino me abordava, por exemplo, eu tinha a oportunidade de aprender a partir da ‘experiência etnográfica’ como aconteciam as aproximações entre meninos e meninas (MAGNANI, 2009). Da mesma forma, quando falei sobre o uso da camisinha com Elisa, a partir do constrangimento que causei, entendi que apesar de Elisa falar sobre sexo e ter bastante “atitude” com os meninos, não significava que de fato ela pretendia fazer sexo logo. Elisa parecia estar apenas ‘flertando’ com o tema.

E por fim, um dos meus maiores desafios no desenvolvimento desta pesquisa foi saber até onde eu deveria me envolver com Elisa e a sua família. No final do ano de 2018 eu já havia vivido muitas situações com ela. Seu José tinha construído uma relação de confiança comigo. Assim, quando eu estava junto, deixava a neta sair com os amigos sem preocupações. Em dezembro Elisa teria um aniversário de 15 anos, primeira festa que ela iria que terminaria de madrugada. A menina falou o ano inteiro desse aniversário, a expectativa era grande. Seu José e sua esposa não deixariam a neta ir sozinha, a condição seria o irmão mais velho acompanhar. Essa solução parecia não agradar a menina, pois quando os avós de Elisa falaram da presença do irmão, a jovem exclamou: “vai ser uma vergonha levar ele!”.

Quando chegou dezembro recebi uma mensagem de Seu José que me deixou sem saber o que fazer: “você pode levar Elisa no aniversário?”. Nesse momento, muitos questionamentos povoaram meus pensamentos: não tenho carro, como retornaria de São Leopoldo de madrugada? E se Elisa quisesse consumir bebida alcoólica? E se houvesse meninos e ela quisesse sair da festa com eles? E se acontecesse algum problema com ela? Cabia a mim tanta responsabilidade?

Diante da situação, conversei com meu orientador para encontrar a melhor solução. O seu conselho foi que eu marcasse uma conversa com os avós e ela, colocando algumas condições para acompanhá-la, como por exemplo, o horário que retornaríamos da festa. Segui o seu conselho e no dia seguinte marquei um encontro na casa de Elisa. Na conversa expus todas as minhas preocupações: bebida alcoólica, meninos e o horário da volta. Afirmei que não poderia retornar depois da meia noite, pois quem iria nos buscar era minha mãe e o horário havia sido imposto por ela. Nessa situação de campo precisei recorrer a minha família. Pedi que os avós falassem o que Elisa podia ou não fazer e combinei que se algo estivesse fugindo do controle,

eu ligaria para eles. Esclareci que não seria eu a pessoa que colocaria limites no comportamento de Elisa. Todos concordaram.

O dia da festa chegou. Era aproximadamente 21h quando cheguei à casa de Elisa. Ela estava bem arrumada, com um salto bastante alto e um vestido preto justo. Como imaginei, seu José não chamou um táxi e disse que nos acompanharia de bicicleta até o salão da festa, o qual, na sua concepção, não ficava muito longe. Estava uma noite agradável de verão, pensei que seria bom caminhar um pouco, apesar do salto de Elisa tornar a caminhada mais lenta e difícil.

No meio do caminho percebi que o salão não era tão perto e que a rua não estava muito movimentada, pois já era tarde da noite. Embora estivesse sentindo uma ponta de preocupação, pensei que seu José sabia o que estava fazendo, afinal ele conhecia o bairro e a cidade. Dessa forma, tentei me tranquilizar. Porém, quando chegamos perto de uma ponte, a rua estava completamente escura porque as lâmpadas estavam queimadas e não havia ninguém, além de nós, na rua. De repente um homem saltou de trás de uma moita, juntamente com um cachorro, e correu rapidamente em nossa direção. Consegui apenas gritar: “corre!”. Corri o mais rápido que consegui, olhei para trás e vi que Elisa havia tirado os sapatos e corria ao lado do avô, que estava ainda na bicicleta. Para a nossa sorte, um carro parou mais adiante e ofereceu uma carona. Era um casal de jovens que passava no local e percebeu que estávamos em perigo.

Entramos no carro rapidamente, eu e Elisa. Seu José continuou com sua bicicleta, muito rápido. O salão era logo depois da ponte, faltava pouco para chegar. O casal nos deixou na porta do local, descemos agradecendo muito pela ajuda. Estávamos muito nervosas, minhas pernas tremiam e Elisa exclamou: “nunca vou esquecer esse dia!”. Seu José chegou em seguida de bicicleta, assustado. Sem falar muita coisa, apenas conferiu se tínhamos chegado bem na porta do salão. Sugeri que ele retornasse rápido para casa. O avô seguiu a caminho dele e nós o nosso, ainda sem acreditar no que havia acontecido. Durante o aniversário Elisa cumpriu todas as combinações e no horário marcado retornamos para casa. Para a minha tranquilidade, não havia meninos na festa.

Esse episódio me mostrou o que significava para uma jovem sem recursos, ir a uma festa. A família de Elisa não tinha condições de pagar um táxi para o deslocamento da menina. Se não fosse a ajuda da minha mãe, não sei como ela retornaria da festa. Foi através da minha imersão no campo e do meu envolvimento

com a menina e a sua família que consegui vivenciar situações significativas como essa, as quais mostravam um pouco mais sobre a vida daquela família.

Portanto, foi a partir da ‘prática etnográfica’ no universo de Elisa, na qual me foi permitido o acesso e o acompanhamento sistemático, destacados por Winkin (1998) como condições fundamentais para o desenvolvimento desta metodologia - que ‘experienciei’ a etnografia presenciando inúmeras situações ‘estranhas’, causadoras de constrangimentos, mas também ‘reveladoras’ (MAGNANI, 2009).

Para finalizar, gostaria de destacar um aspecto ético que necessita de atenção: a escolha relativa ao anonimato dos colaboradores da pesquisa e à divulgação dos dados produzidos pela etnografia. Sobre o primeiro aspecto, optei por utilizar nomes fictícios para me referir aos sujeitos, pois, em concordância com Fonseca (2007), diante da aproximação que estabeleci com os indivíduos e do detalhamento que a pesquisa etnográfica proporcionou, entendo o anonimato como a melhor forma de manter a privacidade dos participantes. No entanto, ainda que vigore o anonimato, também considerei relevante expor previamente para os sujeitos informações, relatos e experiências que seriam divulgadas no texto final da pesquisa, permitindo, assim, a retirada de algum fragmento caso os colaboradores julgassem necessário.

### 3 NARRATIVAS SOBRE PERCURSOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Neste capítulo apresento os casos das ex-atletas que colaboraram com esta pesquisa. Nessa apresentação, construo narrativas a partir de entrevistas semiestruturadas e observações de campo. É importante destacar que também insiro dados construídos no período em que desenvolvi a pesquisa de mestrado, momento em que conheci as meninas e acompanhei parte das suas vidas esportivas.

Essas meninas — Giovana, Ariel, Mariana, Elisa e Glória — eram ex-ginastas que passaram um momento de suas vidas treinando juntas em uma equipe de alto rendimento de ginástica artística (GA), em um clube renomado de Porto Alegre/RS. Ao apresentá-las, neste capítulo, narro parte de suas histórias, descrevendo o caminho que percorreram até o momento em que decidiram sair do esporte de alto rendimento.

#### 3.1 GIOVANA: “HOJE É O MEU ÚLTIMO DIA AQUI NO CLUBE”<sup>1</sup>

Giovana, uma das ginastas mais antigas da equipe, apresentava um bom rendimento em todas as competições. Sua mãe, Irene, ex-ginasta, era muito presente nos treinos, e quando desenvolvi a pesquisa de mestrado, com frequência ela colaborava com informações importantes, e ao iniciar a pesquisa de campo do doutorado não foi diferente. A mãe de Giovana foi uma das pessoas que intermediou contatos e se mostrou muito receptiva para colaborar novamente com o meu estudo. Através dela consegui realizar duas entrevistas semiestruturadas com sua filha: uma foi coletiva, pois estavam presentes mais duas ex-colegas de treino de ginástica, situação que proporcionou uma conversa bastante descontraída entre as meninas; e a outra foi individual, na casa de Giovana, meses antes de finalizar a pesquisa de campo.

Diante do envolvimento de Irene com a ginástica, também considerei relevante realizar uma entrevista com ela, a qual concordou e imediatamente abriu um espaço em sua agenda. Em uma sexta-feira à tarde, dia 24/05/2019, marquei um encontro com Irene e Giovana no shopping, pois ambas iriam ao cinema naquele dia. Sentei-me em um café com Irene, enquanto a filha passeava pelo shopping. Foi então que realizamos uma longa

---

<sup>1</sup> Afirmação feita por Giovana para sua mãe no dia em que decidiu sair da equipe de ginástica da qual fazia parte desde os três anos de idade.

conversa, repleta de risos, choros e lembranças que marcaram a sua vida de atleta e a de sua filha.

Filha de ex-ginastas, Giovana aprendeu a engatinhar dentro de um ginásio de ginástica artística (GA) e com apenas três anos de idade pediu para praticar o esporte dos pais, no qual permaneceu até os 12 anos. Sua mãe teve um percurso na GA um pouco mais breve do que a filha, pois iniciou com, aproximadamente, cinco anos e permaneceu até os 11 - seu envolvimento também visava o alto rendimento. Quando ia para o treino de ginástica, Irene afirmou que se divertia.

Eu ia para o ginásio para me divertir, eu nunca pensei que eu podia ser uma ginasta e ir para as olimpíadas, eu não pensava nisso. Eu ia para me divertir mesmo porque lá eu via minhas amigas, lá eu fazia o que eu queria, o que eu devia fazer na pracinha eu fazia lá. Tanto que chegava nas férias assim e eu ficava me virando de cabeça para baixo, eu estava sempre de cabeça para baixo, sabe, com a perna na cabeça e de cabeça para baixo. O que eu podia fazer eu fazia (Entrevista Irene, 24/05/2019).

Quando perguntei sobre o que ela gostava na prática da ginástica, Irene afirmou que, à época, se sentia atraída pelo desafio que os movimentos da GA proporcionavam, gostava da sensação de vencer o medo e de conseguir executar um movimento após treiná-lo muito. O relato dessa mãe vai ao encontro daquilo que percebi durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado. As meninas que faziam parte da equipe, entre um exercício e outro, inventavam um movimento novo e brincavam nos aparelhos. Os próprios movimentos da ginástica eram um elemento atrativo para as ginastas, pois exploravam/brincavam com os limites dos seus corpos (FREITAS, 2015).

Embora houvesse os atrativos da prática, a saída de Irene do esporte de alto rendimento aconteceu após um episódio em um dos treinos, no qual ela havia disputado - e perdido - a vaga de um campeonato importante para uma colega, e por ter sido castigada pela técnica por não conseguir executar um movimento. Irene relatou que, à época, havia se sentido muito ofendida com a perda da vaga e o castigo, por isso no dia seguinte disse para a sua mãe que não iria mais treinar. Diante da decisão momentânea da menina, sua mãe afirmou que se ela não fosse ao treino naquele dia, não iria nunca mais. E foi o que aconteceu, pois, mesmo Irene se arrependendo da sua decisão e ter afirmado que desejava retornar aos treinos, sua mãe não permitiu. Segundo Irene, sua mãe havia se

envolvido com muita “politicagem” dentro do esporte, fato que a fez “cansar” daquele universo.

A avó materna de Giovana era professora de Educação Física, por isso, em muitos momentos, ajudou o clube do qual sua filha fazia parte entrando com as meninas em competições quando, por exemplo, alguma técnica não era autorizada a acompanhar as atletas porque ainda não concluíra a formação universitária exigida. No entanto, apesar do seu envolvimento ter sido intenso, Irene frisou que sua mãe vivenciou momentos desagradáveis dentro do mundo esportivo, pois, segundo ela, naquele contexto muitas pessoas “puxavam o tapete” umas das outras. Uma dessas situações era quando alguns atletas eram escolhidos para competições importantes por interesses que iam além do rendimento, por exemplo, ter uma boa relação com a treinadora.

Segundo Irene, esses aspectos pareciam ter desgastado a relação da sua mãe com o universo da ginástica. Da mesma forma, ao narrar sobre o envolvimento de sua mãe com a GA, Irene afirmou que repetia os passos da mãe, pois também acompanhava Giovana ativamente nos treinos e competições. Nas suas palavras: “o que eu pude fazer para ficar sempre junto eu fiz”. E também acompanhava de perto o ex-marido, pai de Giovana, quando ele ainda era atleta.

Dessa forma, devido ao seu envolvimento intenso, a mãe de Giovana afirmou ter cansado das relações interpessoais e da rotina dentro do esporte. Quando perguntei se ela gostaria de colocar Giovana em outro esporte, ela respondeu que sim, mas que desejava dar um tempo para ela e para a filha:

Eu teria como ter tempo (para levar Giovana), mas às vezes eu acho que eu quero dar uma distância e dar uma pausa dessa loucura, sabe? Apesar de eu saber que ela precisa fazer um exercício, eu quero que ela tenha esse tempo. Já faz um ano, daqui um pouco eu vou botar a cabeça no lugar e aí ela vai voltar a fazer alguma coisa, qualquer coisa, vai jogar pedrinha no rio (Entrevista, 24/05/2019).

Portanto, embora a mãe se preocupe com a falta do esporte na vida da filha, alegando ser importante para a saúde da menina o envolvimento com alguma prática corporal, ela também demonstra cansaço dos compromissos que o envolvimento com o esporte pode exigir. No entanto, mesmo expressando estar cansada dessa rotina e desejar se afastar por

algum tempo, quando lhe perguntei como ela se sentia em relação à saída da sua filha da GA, ela se emocionou, e com lágrimas nos olhos, afirmou:

Irene: para mim ainda hoje é sofrido, sabe? Porque eu vi o quanto ela gosta, sabe? Tipo, a Giovana é mais introvertida, ela não demonstra muito assim, ela não é que nem as gurias que ficavam se pendurando, que nem eu fazia quando era adolescente, quando era criança, ela não fazia. Fora do ginásio ela não se pendurava muito. Ela gostava (da ginástica) do jeito dela. E eu sei o quanto ela sofreu com a saída da Livia (treinadora) e eu também!

Pesquisadora: é isso que tu sente mais? A perda da treinadora?

Irene: exatamente, sabe? E a dedicação, ela se dedicou desde os três anos, todos os dias indo lá treinar e acabar desse jeito assim, sabe? Tão ridículo! Não foi uma opção dela. Não teve treinador, era aquele negócio, se ela quisesse continuar treinando forte ela teria que voltar para o antigo clube e aquilo lá nunca ia acontecer. Tu entendeu? Então foi sofrido, eu sofri bastante por elas, por cada uma (Entrevista, 24/05/2019).

No relato de Irene fica evidente a importância da ginástica em na sua vida, e a centralidade que ela considera que esse esporte tenha na vida da sua filha também. Giovana passou a maior parte da sua existência praticando ginástica, pois dos seus 13 anos de vida, oito anos foram intensamente dedicados a esse esporte. Nesse sentido, a mãe parece considerar que todos esses anos de dedicação da sua filha deveriam ser ‘aproveitados’, e considera que o desenvolvimento da menina na GA foi ‘interrompido’ quando sua filha ficou sem opção de lugares ‘bons’ para treinar devido à troca de treinador.

Já o pai de Giovana, Ronaldo, tem uma relação diferente com esse esporte. Ele foi atleta até a idade adulta, mas complicações em seu ombro não permitiram que ele fosse adiante em sua carreira. Com isso, tornou-se treinador de uma equipe masculina de GA no mesmo clube em que sua filha, anos mais tarde, viria a praticar o esporte. Segundo Irene, a decisão da filha em sair da ginástica foi muito criticada pelo ex-marido, pois Ronaldo acreditava que Giovana deveria ‘resistir’ e ‘suportar’ as situações que não gostava nos treinos para continuar sua carreira de atleta.

Tive a oportunidade de encontrar Ronaldo em um dia de pesquisa de campo, em uma festa na escola de Giovana. Conheci o pai da menina no período em que realizei a pesquisa de mestrado, pois a equipe masculina que ele treinava realizava os treinos no mesmo horário da equipe que eu acompanhava. Portanto, pai e filha dividiam o espaço todas as tardes no clube, ela como atleta e ele como treinador. Quando o encontrei na

festa da escola, conversamos um pouco sobre a saída da Giovana da ginástica e o pai foi logo dizendo: “não concordei com nada do que aconteceu aqui” (Diário de campo, 07/07/2018).

Ronaldo acreditava que a filha deveria ter resistido aos treinos, pois afirmou que quando uma criança cai e se machuca “ela deve se levantar e tentar de novo, sem que o treinador tenha que passar a mão na cabeça”, dessa forma vai aprender a resistir e se tornar persistente. O pai também afirmou que são necessários limites, palavras mais duras e exigência para que a criança se esforce, do contrário “ela vai dispersar e não dar tudo de si”. Em sua fala, Ronaldo frisou a importância dos limites e da disciplina para as crianças, pois acredita que “a criança não sabe o que é bom para ela”, sendo papel do adulto orientá-la. Assim, o pai acredita que Giovana não tem ideia do que a sua decisão de sair do esporte implica no seu futuro, pois está perdendo a chance de se tornar uma atleta. Segundo Ronaldo, a menina “só pensa no hoje e no agora” e não tem noção do quanto sua permanência no esporte pode ser importante, havendo a possibilidade de arrependimento na vida adulta (Diário de campo, 07/07/2018).

Quando a menina informou que não queria mais praticar a ginástica, Ronaldo disse para a filha que ela possuía “genética boa de família”, pois ele e a mãe dela foram atletas - o pai destacou que a menina não tinha perfil para ser “essas pernas finas aí”, se referindo às meninas que não praticavam nenhum esporte. Diante desses argumentos, Ronaldo sugeriu que Giovana experimentasse o atletismo, pois é um esporte que exige o preparo físico que uma ginasta possui. Também afirmou que a GA é um esporte que prepara o atleta para qualquer outro esporte e, por isso, considera importante aproveitar o desenvolvimento dessas habilidades em outra modalidade esportiva (Diário de campo, 07/07/2018).

Mesmo com todos os argumentos do pai para a filha não levar adiante sua decisão de sair da ginástica, Giovana parecia estar decidida. Quando perguntei como ela havia se sentido ao dar a notícia da sua decisão ao pai, a menina afirmou: “pra mim foi tranquilo, pra ele não foi” (Entrevista coletiva, 22/07/2018). Giovana reconheceu que o pai “não ficou feliz” com a sua saída da ginástica, mas esse fato não a impediu de seguir na sua escolha. Irene, mesmo tendo apoiado a filha, pediu à menina que “aguentasse” mais

alguns meses na ginástica, acreditando que talvez a situação melhorasse e que Giovana mudasse de ideia, como fica claro na sua entrevista:

Pesquisadora: tu tava esperando que melhorasse?

Irene: eu tava esperando, eu achei... é aquele negócio, eles fazem acreditar, mesmo sabendo o que tava acontecendo, que aquele lugar é o único lugar decente do mundo pra se treinar e que nenhum lugar é bom o suficiente e se sair dali, acabou! Eles te fazem acreditar mesmo tu sabendo que aquilo ali não é verdade. Tanto que o pai da Giovana até hoje briga que não foi bem isso que aconteceu, que a Giovana não servia para a ginástica porque ela não aguentava as coisas. Tipo, ela não aguentou o bulling, ele disse que foi exagero, sendo que eu sei que não foi. Entende? Que ela não é forte o suficiente. Aí eu falei para ele: “ela é forte, justamente por ter saído, ter enfrentado eles, ter te enfrentado ainda. Ela é mais forte do que qualquer outra porque ela te enfrentou” (Entrevista, 24/05/2019).

Em determinado momento, tanto Irene quanto Ronaldo acreditavam que a menina deveria ‘aguentar’ as dificuldades do treinamento esportivo e que essa era uma das características que a constituía ginasta. No entanto, a partir do que Giovana relatava sobre os treinos, e também de algumas situações conflituosas que Irene vivenciou no contexto esportivo, a mãe parece ter mudado sua forma de compreender aquele espaço. Nesse processo, enquanto Irene mudava sua forma de olhar o treinamento esportivo da ginástica, Giovana parecia já ter tomado sua decisão, como relata na entrevista:

Giovana: quando eu pensei em sair da ginástica, minha mãe fez que nem ela fez no outro clube, deu mais um mês. Mas só que, tipo, eu falava para ela: “mãe, me tira da ginástica que eu não quero mais”. Aí ela dizia: “vamos esperar mais um mês”, daí passou um mês, “só mais uma semana”, que nem ela fez no outro clube.

Pesquisadora: chegou uma hora que tu disse para ela que não queria mais?

Giovana: sim e ela me apoiou porque ela dizia, antes quando eu tava no outro clube, que quando eu fizesse 12 anos eu podia escolher, daí um pouco antes de fazer 12 anos ela deixou eu fazer a minha escolha, daí eu saí (Entrevista coletiva, 22/07/2018).

Diferente dos pais, Giovana teve bastante protagonismo na sua saída da GA. Enquanto Irene saiu da ginástica porque sua mãe não quis mais levá-la aos treinos, e Ronaldo precisou mudar seus projetos de carreira porque possuía uma lesão séria no ombro, Giovana parece ter escolhido sair.

A ex-ginasta era uma das favoritas da equipe, pois possuía mais experiência dentro do esporte do que as demais. Lembro-me, no período em que desenvolvi a pesquisa de

campo no mestrado, que Giovana havia conquistado o primeiro lugar em uma competição no final de semana. Na semana seguinte, durante o treino, uma das treinadoras afirmou que ela estava “se achando” porque havia alcançado o primeiro lugar e por isso precisavam “pegar mais pesado” no treino com ela. Na lógica da treinadora, a menina não estava se dedicando muito ao treino porque considerava que estava com um bom desempenho e não tinha muito para melhorar.

Dessa forma, em determinado período do percurso da ex-ginasta, ganhar o primeiro lugar nas competições virou rotina, como afirma em seu relato:

Giovana: e sobre o que a Marília disse primeiro, aquele negócio da rotina dos treinos, era tipo uma rotina, eu treinava sempre as mesmas coisas, as mesmas competições, as mesmas séries e eu sabia que eu ia ganhar primeiro lugar. Então, tipo, era uma rotina muito chata. Não tinha nenhuma surpresa, mas tipo, eu sabia que sempre ia ficar no pódio, sempre.

Pesquisadora: isso te deixava desanimada?

Marília: eu lembro que nas competições, acho que foram umas 5: era a Gi em primeiro, eu em segundo e a Maria Isabel em terceiro.

Giovana: eu fiquei dois anos em primeiro lugar seguidos. Eu não gostei disso porque foi uma rotina, daí eu não gostava (Entrevista coletiva, 22/07/2018).

Conforme o relato da menina, ficar em primeiro lugar muitas vezes era uma rotina que a entediava, pois uma das características que ela apreciava na ginástica era o desafio e o aprendizado de movimentos novos. Portanto, nesse caso, ao que parece, ter um bom rendimento nas competições não era um aspecto que tornava aquele contexto atrativo para a ex-ginasta, mas sim ser constantemente desafiada. Ainda na pesquisa de mestrado, quando entrevistei Giovana, que, à época, tinha oito anos, a menina já dizia que em alguns momentos se entediava com os treinos repetitivos. Naquele período, a ideia de sair da ginástica já havia aparecido por dois motivos: além do tédio nos treinos, Giovana havia relatado que não gostava da forma como era tratada pelas treinadoras. No entanto, a menina não havia levado adiante sua vontade de sair, pois considerava que os treinos haviam melhorado, pois sua mãe havia conversado com as treinadoras para melhorarem os aspectos que a menina não estava gostando. Essa negociação com as treinadoras ocorria com frequência, segundo Irene: “era cíclico, sabe? Aí, daqui um pouco

começavam a tratar mal, começavam a dar uns pegas nas gurias, aí a gente ia lá reclamava, tratavam bem” (Entrevista Irene, 24/05/2019).

No final de 2014, no ano que concluí a pesquisa de campo do mestrado, Giovana disse a Irene que queria sair da ginástica. Segundo a mãe, naquele ano a menina chorava todos os dias em que tinha aulas de balé. Num primeiro momento, Irene pensou que a menina estava fazendo “corpo fraco”, como afirmavam as treinadoras, e a mãe exigia que a menina melhorasse. No entanto, as colegas de Giovana relataram para Irene que a professora de balé não tratava com respeito as meninas, dando apelidos pejorativos para algumas ginastas, incluindo a Giovana. Após saber desses fatos, Irene compreendeu que sua filha não estava apenas cansada dos treinos (Entrevista Irene, 24/05/2019).

Mesmo diante deste quadro, Irene pediu a Giovana que permanecesse nos treinos até março de 2015 para “dar chance” à treinadora de melhorar sua metodologia. Durante esses meses Irene fez diversas reclamações e pedidos para as treinadoras na tentativa de fazer com que sua filha se sentisse melhor naquele contexto. No entanto, no dia 31 de março Giovana disse para a mãe: “hoje é o meu último dia aqui no clube”. Decidida, a menina pegou suas coisas no armário que possuía no clube e deixou apenas o protetor de mãos que utilizava para alguns aparelhos, o qual fora doado pelo clube (Entrevista Irene, 24/05/2019).

A ex-ginasta afirmava gostar muito da ginástica, mas a maneira com que os treinos eram conduzidos contribuiu para o seu desejo de sair. Naquele período em que decidiu sair do clube onde treinava, a treinadora Lívia aceitou fazer parte da equipe de ginástica de outro grande clube da cidade. Essa mudança gerou uma grande migração de meninas de um clube para o outro, pois Lívia era a treinadora ‘favorita’ das ginastas. Para Giovana não foi diferente. Segundo a menina, os treinos de Lívia eram “os melhores” e em diversos momentos Giovana perguntava para Joana, sua treinadora, se ela podia treinar com o grupo da Lívia. Durante os treinos, geralmente havia três treinadoras: uma delas treinava o grupo iniciante; Lívia, as intermediárias; e Joana as ginastas mais experientes. Como Giovana era umas das mais experientes do grupo, seus treinos eram ministrados, na maioria das vezes, por Joana (Entrevista Giovana, 30/05/2019).

Considerando que a menina ainda gostava de ginástica e dos treinos de Lívia, no mesmo dia em que saiu do clube em que treinou desde os três anos de idade, Giovana e

sua mãe foram até o novo local de trabalho de Lívia para avisá-la que a atleta iria fazer parte da equipe recém-formada pela treinadora. Lívia, animada com a nova integrante, pediu que a menina já iniciasse naquele mesmo dia. Giovana relatou que neste primeiro dia conseguiu fazer um movimento complexo da ginástica “brincando”, o qual não havia ainda conseguido realizar no antigo clube. Segundo a menina, ela ainda não havia conseguido executar o movimento por “teimosia”, para não dar o “braço a torcer” para as antigas treinadoras. O fato de ter conseguido fazer pela primeira vez um movimento da ginástica difícil, contribuiu para que a menina se sentisse animada com os novos treinos.

Assim, quando Giovana decidiu sair do clube em que iniciou na ginástica, não ficou um dia sem treinar a modalidade e ainda permaneceu mais três anos na equipe de Lívia. No entanto, no final de 2017 a treinadora foi demitida de forma inesperada, pois nem ela e nem as mães das atletas suspeitavam dessa possibilidade. Diante desse fato, muitas meninas não quiseram permanecer no clube e saíram da ginástica (Entrevista Giovana, 30/05/2019).

Quando perguntei a Giovana se permaneceria na ginástica, supondo que ainda estivesse treinando com Lívia, a menina disse que sim e justificou alegando gostar muito da ginástica e que o problema para ela não era o esporte, mas sim a forma como era conduzido pelos treinadores. Indaguei se ela não havia tentado praticar a ginástica em outro local, e Giovana afirmou que existiam três locais na cidade onde a ginástica era ministrada para ginastas mais experientes: um dos espaços oferecia ginástica muito tarde da noite e ela não conseguiria descansar bem para acordar cedo no outro dia, além disso, seu pai era o treinador e a menina afirmou não desejar treinar com ele; os outros dois locais eram os clubes que ela já havia frequentado. Giovana afirmou que para a sua continuidade na ginástica era necessário um treino que estimulasse o seu desenvolvimento, portanto, não poderia ser um local que apenas oferecesse essa modalidade para iniciantes (Entrevista Giovana, 30/05/2019).

Diante do exposto, entendi que Giovana decidiu trocar de clube porque não gostava da forma “grosseira” com que as antigas treinadoras a tratavam, principalmente a professora de balé. E que muitas vezes ela se sentia “entediada” com os treinos repetitivos que garantiam o pódio nas competições, mas que não lhe proporcionavam nenhuma surpresa. Já no novo clube, com a demissão da treinadora Lívia e a entrada de

um treinador inexperiente, os treinos passaram a ficar novamente ‘entediantes’ para a ginasta, o que colaborou para o seu desânimo. Além disso, a menina considerou que ficou sem opções de locais para continuar treinando da forma como gostava, pois sua relação com o universo da GA de alto rendimento havia se desgastado.

Após desistir da ginástica, Giovana treinou atletismo durante três meses, mas não se ‘animou’ com este esporte e decidiu sair. Até o momento em que a pesquisa de campo foi finalizada, a menina não havia se engajado com outra modalidade esportiva e estava se dedicando aos estudos, desenhos e leituras - atividades que afirmou gostar muito de fazer.

### 3.2 ARIEL: “LÍVIA, EU NÃO CONSIGO MAIS”<sup>2</sup>

Ariel era a atleta mais velha da equipe, com 12 anos de idade. Na época em que desenvolvi a pesquisa de mestrado, lembro-me que a menina enfrentava problemas com o seu peso, pois constantemente as treinadoras alertavam a atleta das alterações na balança. Ariel costumava treinar em silêncio e, em diversos momentos, por estar lesionada, treinava sozinha em algum canto do ginásio.

Quando iniciei a pesquisa do doutorado fiquei sabendo, através de Irene, que a ginasta havia saído do alto rendimento e que agora treinava na escolinha de ginástica. Interessada por sua história, entrei em contato com a menina e marquei um encontro no local onde fazia aulas de ginástica. Nesse dia, combinamos que eu observaria sua aula e, após o treino, desenvolveríamos uma entrevista semiestruturada. Ariel concordou, mostrando-se disponível a colaborar com o estudo. Sua mãe estava ciente da nova pesquisa, porém, dificilmente estava presente no clube, o que não me possibilitou uma aproximação.

No dia marcado, sexta-feira, fui até o clube onde Ariel fazia aula de ginástica e passei a tarde com a menina, inicialmente observando sua aula, depois conversando sobre o seu percurso até aquele momento.

Ariel iniciou na GA com, aproximadamente, seis anos de idade quando sua mãe a levou para uma aula experimental na “escolinha”<sup>3</sup> de ginástica artística da Escola de

---

<sup>2</sup> Frase dita por Ariel para a treinadora Lívia quando decidiu que não iria mais se dedicar ao alto rendimento (Entrevista, 08/06/2018).

<sup>3</sup> Local onde as aulas de ginástica eram desenvolvidas, mas não visavam ao alto rendimento esportivo.

Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS). Ariel relatou que era uma criança bastante agitada, por esse motivo sua mãe decidiu colocá-la em algum esporte com objetivo que a filha gastasse energia. Com três meses de escolinha, a menina foi convidada por sua professora para fazer um teste na equipe de alto rendimento, no qual obteve bom resultado. Dessa forma, com seis anos de idade, Ariel passou a treinar para o alto rendimento de segunda a sexta-feira, de duas a três horas por dia.

Naquele período, a menina não considerava os treinos cansativos, pois afirmava que a treinadora não era tão exigente. Porém, com nove anos de idade, três anos após sua entrada na GA, a sua equipe foi transferida para o clube, onde ela e Giovana treinaram juntas durante alguns anos de suas vidas. Essa mudança proporcionou alterações na sua rotina de treino. Segundo Ariel, os treinos no clube eram diferentes, pois duravam mais tempo - quatro horas todos os dias da semana, incluindo os sábados. Antes de ingressar no clube, a menina treinava três vezes na semana, duas horas por dia. Além disso, o tratamento das treinadoras também havia mudado, pois, conforme o relato da menina, a sua nova treinadora era “grossa” e “gritava muito”. Semelhante ao que sentia Giovana, além de considerar a treinadora brava e exigente, Ariel também não gostava da forma com que a professora de balé a tratava.

Assim, diante da maneira com que as treinadoras e a professora de balé conduziam os treinos, Ariel havia pensado em sair da ginástica já no seu primeiro ano na nova rotina. No entanto, nesse período o seu rendimento nas competições também havia melhorado muito, o que rendeu bons resultados — o terceiro lugar no Campeonato Brasileiro de GA, um dos mais importantes do país. Essa premiação contribuiu para que a menina reavaliasse o seu desejo de sair da equipe e, assim, permanecesse por mais um ano. Porém, no ano seguinte, em 2015, seu desempenho decaiu e a menina novamente pensou em sair. Dessa vez, Ariel levou a informação para a sua mãe, a qual exigiu que a menina permanecesse treinando até o final daquele ano.

Mesmo seguindo na ginástica até o final do ano, Ariel persistiu com sua ideia e no final de 2015 se desligou da equipe. Portanto, durante os três anos que treinou no clube, a ex-atleta passou a maior parte do tempo pensando em sair, conforme o seu relato. Mas quando finalmente saiu, imediatamente Ariel se vinculou à outra equipe de ginástica de

alto rendimento, isto porque no mesmo ano em que a menina saiu, Livia estava montando uma nova equipe em outro clube. Diante desse fato, Ariel decidiu continuar treinando ginástica com Livia, pois queria entender se havia cansado da ginástica ou do tratamento das antigas treinadoras, como expressa em sua entrevista: “eu queria saber se eu não gostava mais de ginástica ou se eu queria sair só por causa do tratamento no antigo clube. Aí a Livia veio para cá e eu vim junto com ela (Entrevista Ariel, 08/06/2018).

Do mesmo modo que Giovana e tantas outras ginastas, Ariel passou a compor a nova equipe da treinadora Livia, assim que se desligou do antigo clube. Segundo a menina, os treinos no novo clube haviam melhorado, porém, após algum tempo, ela se sentiu novamente “desmotivada”. Ariel afirmou que era a mais velha da turma e considerava suas colegas de equipe “bem mais novas”, havendo distância de interesses, e, assim, não conseguiu construir vínculos de amizade. Além desse aspecto, Ariel também relatou ter mudado muito o corpo nesse período, o que a fez ganhar mais peso e tornar seus movimentos mais difíceis. Durante esse momento de mudanças corporais, a ginasta desenvolveu algumas lesões. Sobre este último aspecto, segundo Ariel, ser exigida pela treinadora para continuar competindo e treinando, mesmo sentindo dor, foi um fator central para a menina decidir sair do alto rendimento.

No entanto, mesmo diante dessas inúmeras experiências que contribuíram para que a menina não desejasse mais treinar e afirmasse que não queria “mais saber de ginástica”, após ter vivenciado uma aula na ‘turma avançada’, Ariel percebeu que ainda gostava da GA. Porém, o treino que Ariel desenvolvia nessa turma era muito diferente daquele que realizava no alto rendimento. As aulas da “turma avançada” de ginástica aconteciam três vezes por semana e tinham duração de uma hora e meia, exigindo fisicamente menos das meninas. Além disso, as ginastas não tinham a obrigatoriedade de competir, portanto, não havia exigência de rendimento, e Ariel passou a praticar a ginástica por “diversão”.

A fim de compreender as diferenças entre os treinos no alto rendimento e na turma avançada, fui até o clube acompanhar uma aula. Na data marcada, dia 08/06/2018, cheguei no ginásio e avistei Ariel se preparando para iniciar a prática. Cumprimentei a menina de longe e sentei na arquibancada - busquei ficar em um local em que conseguia acompanhar o mais próximo possível a turma. Chamou-me atenção, logo no início da

observação, a forma descontraída com que o professor/treinador conduziu a conversa inicial: risadas, brincadeiras e chocolates – o professor havia levado uma caixa de chocolates e estava fazendo alguma brincadeira envolvendo o alimento. Após este momento, houve uma votação para definir quantos minutos as meninas iriam correr em torno do tatame.

O grupo era composto por meninas de idades variadas, entre 13 e 15 anos. Quando iniciaram os exercícios de força e flexibilidade, foi possível perceber que as jovens possuíam níveis também variados dentro da ginástica. Algumas eram muito iniciantes, apresentando dificuldade de fazer movimentos que para o alto rendimento são considerados simples, como uma ‘parada de mãos<sup>4</sup>’. Dessa forma, Ariel era uma das meninas que conseguia realizar melhor os exercícios que o professor solicitava. Porém, mesmo sendo uma das ginastas mais avançadas das suas colegas, percebi que a ex-atleta apresentava dificuldade de realizar movimentos que antes, quando treinava para o alto rendimento, executava com facilidade.

Conforme o apontamento de alguns autores (ROCHA; SANTOS, 2010; STRINGHINI, 2010), com 15 anos de idade Ariel apresentava diversas mudanças corporais: estava mais alta, com seios maiores e seus movimentos pareciam mais lentos. Inclusive, o aumento de peso foi relatado por ela como um dos aspectos que dificultava o seu rendimento nos treinos. No entanto, mesmo diante do declínio na sua performance, naquele grupo a menina ainda se destacava.

Sobre esse aspecto, Ariel afirmou em sua entrevista que no início se incomodava com a diferença de nível entre ela e suas colegas, pois a menina não se sentia ‘desafiada’. Porém, com a chegada de uma antiga colega do alto rendimento na turma avançada, o professor buscou contemplar os diferentes níveis das ginastas na aula dividindo as meninas em duas turmas - de um lado as avançadas e do outro as iniciantes. Para Ariel essa divisão “melhorou o treino”, pois executava movimentos mais complexos juntamente com meninas que estavam a mais tempo praticando ginástica. Portanto, se para o alto rendimento Ariel estava acima do peso - aspecto reforçado pela treinadora - e não rendia da forma como deveria, na turma avançada ela considerava as aulas “fracas” para o seu nível, pois desejava continuar desafiando o seu corpo.

---

<sup>4</sup> Posição em que as atletas permaneciam por algum tempo com as mãos no chão e os pés para cima.

Outro aspecto que incomodava Ariel logo que iniciou as aulas na turma avançada era o fato de algumas colegas pedirem para que ela realizasse movimentos considerados difíceis por elas. A menina se sentia incomodada porque as colegas afirmavam que Ariel era “muito boa”, no entanto ela não se via mais dessa forma. Isto porque, ao atender os pedidos das colegas, algumas vezes Ariel não conseguia executar com facilidade movimentos que antes, no alto rendimento, ela considerava “simples”. Diante dessa situação, a menina se sentia “pressionada” em manter o nível de desempenho de uma atleta, o qual ela não possuía mais. Porém, a ginasta afirmou que já estava se “acostumando” com a expectativa que as colegas possuíam em relação ao seu rendimento e com os limites que o seu corpo estava apresentando, afirmando: “isso já não me incomoda tanto”.

Dando sequência ao relato da observação, durante a aula as meninas realizaram poucas repetições e ajudaram umas às outras na execução de alguns exercícios. Em um determinado momento, as ginastas escolheram onde iriam treinar - algumas foram para a trave<sup>5</sup> e outras para paralela<sup>6</sup>. Após passarem pelos aparelhos que haviam escolhido, o grupo se dirigiu para as argolas. Este aparelho faz parte apenas da ginástica artística masculina, porém as meninas foram fazer exercícios de força nas argolas e, segundo Ariel, também “brincar”, como expressou na sua entrevista: “quando a gente começou a fazer argola eu fiquei pensando ‘ué, o que tá acontecendo?’, mas é porque é para brincar, sabe? Também a gente faz força ali” (Entrevista, 08/06/2018).

Após as ‘brincadeiras’ nas argolas, o grupo foi escalar a corda - algumas conseguiram escalar até o teto, outras foram até a metade, incluindo Ariel. Lembro que na equipe de alto rendimento a corda era um “castigo” utilizado pelas treinadoras quando as meninas “matavam” o treino ou faziam “corpo mole”, isto porque, segundo as ginastas, era preciso fazer muita força para subir. Quando estava no alto rendimento, Ariel costumava subir até o teto, mas nesse dia não se dedicou a isso.

---

<sup>5</sup> Equipamento da ginástica em que as atletas executam movimentos, buscando o equilíbrio. Este equipamento situa-se a 1,25 metros do chão, possuindo 5 metros de comprimento e 10 centímetros de largura.

<sup>6</sup> Equipamento da ginástica composto por duas barras assimétricas, uma mais alta, possuindo cerca de 2 metros de altura, e outra mais baixa, com aproximadamente 1,50 metros. Neste equipamento a ginastas realizam movimentos com as mãos, podendo encostar outras partes do corpo também.

Após a corda, a aula foi se encaminhando para o fim. Nesse momento final o professor orientou uma sequência de exercícios de força que se assemelhava a uma aula de academia, com agachamentos e abdominais. No final dessa sequência, as meninas alongaram e trocaram massagens. De maneira geral, durante toda a aula houve muitas brincadeiras e a orientação do professor era descontraída – chamou-me atenção que durante a aula o professor tentou realizar alguns movimentos junto com as meninas, mas não obteve sucesso, o que provocou muitas risadas no grupo.

Na entrevista, Ariel expressa seus sentimentos em relação às aulas na turma avançada:

Ariel: é que assim, não tem pressão, sabe? Para eu fazer as coisas, eu tô fazendo porque eu quero me divertir sabe, não porque “ai meu Deus, eu preciso fazer isso pra ir bem na competição”. Não, eu tô aqui porque eu quero, tipo, eu quero continuar fazendo esporte, porque eu quero me divertir. Então, tipo, não tem toda essa pressão. E sei lá, o técnico também, ele é muito mais descontraído, sabe? A gente não tem a obrigação de sair fazendo um monte de exercício e tal, e tipo as quantidades também, são muito menores, aí eu gosto disso. Também da gente poder escolher, sabe? O que a gente quer fazer.

Pesquisadora: eu vi também que vocês fizeram uns exercícios de agachamento, com pesinho. Isso não faz parte da ginástica, ou faz?

Ariel: é, a gente não fazia muito essas coisas, sabe? A gente tinha uma força que era, tipo, muita, que era tipo muita força (se refere ao alto rendimento), agora a gente faz bem menos. Aí, tipo, as vezes ele faz uns exercícios que é só pra ser engraçado, divertido, sabe? E daí a gente tá fazendo força e as vezes não tá nem percebendo porque vai sendo tão engraçado e vai brincando que a gente nem percebe (Entrevista, 08/06/2018).

Fica claro, nesse contexto, que Ariel desejou sair do alto rendimento, porém não da ginástica. A menina buscava se “divertir” com a prática, além de se sentir desafiada, mas não desejava sentir-se preocupada com o seu rendimento. Em relação às competições, estas eram entre equipes que não visavam ao alto rendimento, caracterizando-se como um momento de interação entre grupos, e as meninas poderiam escolher se iriam participar ou não. Caso desejassem participar, o objetivo era a ‘interação’ e a ‘diversão’, muito diferente das competições do alto rendimento.

Como mencionei anteriormente, Ariel já havia completado 15 anos de idade no momento em que esta pesquisa foi desenvolvida. Quando comparei esta entrevista com

aquela realizada em 2014 na pesquisa de mestrado, percebi que a menina havia mudado alguns de seus interesses. Em 2014 Ariel desejava “ir para uma olimpíada” e ser atleta até os seus 20 anos de idade, mesmo enfrentando dificuldades com as treinadoras. Diferente disso, na última conversa que tive com a ex-ginasta, em 2018, esta afirmou estar “perdida” em relação aos seus projetos, expressando dúvida entre cursar três faculdades: fisioterapia, medicina ou educação física. Mas uma coisa a menina tinha certeza: não desejava mais ser atleta e ir para as olimpíadas.

Essa mudança de interesse causou ‘surpresa’ na sua família. Segundo Ariel, nem todas as situações enfrentadas por ela durante os treinos e as competições eram compartilhadas com seus familiares. Portanto, embora a ginasta tenha dito diversas vezes para a sua mãe que desejava sair do alto rendimento, a família considerou sua decisão ‘repentina’, pois não perceberam ‘sinais’ que davam a entender que ela não desejava mais se tornar uma atleta. A seguir transcrevo o seu relato sobre a forma com que seus familiares reagiram frente a sua decisão:

Ariel: quando eu tava na equipe eles sempre me apoiaram muito, minha mãe sempre me levava, buscava e, tipo, todo mundo sempre me apoiava. Eles sempre iam nas minhas competições e tal, aí quando eu saí da equipe, todo mundo ficou em choque, sabe?

Pesquisadora: na tua família?

Ariel: eles ficaram, tipo: “O quê? Tu saiu?”. Aí todo mundo da minha família sabia que eu fazia ginástica, daí naqueles almoços que é toda a família, todo mundo perguntava: “Ariel, como tá a ginástica?”, aí eu tinha que ficar explicando tudo: “eu saí”. Eles ficaram meio tristes, mas eles entenderam.

Pesquisadora: por que eles ficaram tristes?

Ariel: eu não sei, é porque às vezes eu sinto que eles esperavam muito de mim, sabe? Porque quando eu era menor eu dizia: “quero ir para uma olimpíada, quero, sei lá, competir uma competição importante”, só que daí depois com o tempo isso foi passando, eu já estava querendo desistir. Só que para eles isso ainda tava na cabeça deles, aí então quando eu saí, tipo, *eles não sabem de tudo o que acontece dentro do ginásio* e que eu já tava desmotivada, então para eles foi: “nossa, ela saiu do nada!” (Entrevista, 06/08/2018, destaque meu).

Diferente de Giovana, na família de Ariel não existiam atletas ou pessoas envolvidas com o esporte. Em alguns momentos, quando desenvolvi a pesquisa de campo do mestrado, vi a mãe e a irmã de Ariel indo buscá-la nos treinos e lembro-me de ver ambas em duas das três competições que acompanhei. Para a menina, levar, buscar e estar

presente nas competições significava apoiar e acompanhar o seu percurso esportivo. No entanto, embora apoiassem seu projeto de ser atleta, segundo a menina, a família não acompanhava todas as situações e sentimentos que ela manifestava diante das experiências vividas no alto rendimento esportivo – as quais contribuíram para que o seu desejo de um dia participar de uma olimpíada “fosse passando”.

A partir desse resgate do percurso de Ariel na ginástica de alto rendimento, entendi que, inicialmente, quando ainda era atleta do antigo clube, a menina já apresentava dificuldades de manter o peso exigido pelas treinadoras, e também não considerava o seu rendimento nas competições bom o suficiente. Segundo a menina, esses aspectos geravam cobranças das treinadoras. Foram as cobranças excessivas de algumas treinadoras que levaram a menina a trocar de clube e ser atleta da treinadora Lívia.

No novo clube, inicialmente Ariel percebeu que o seu rendimento havia melhorado, porém ainda assim ‘desanimou’ com os treinos porque suas colegas de treino eram mais jovens, fato que dificultou construção de vínculos de amizade. Além disso, após algum tempo na nova equipe, Ariel sofreu algumas lesões. A menina considerou o aumento de peso, seguido de inúmeras lesões, como o principal fator para que o seu rendimento começasse novamente a decair nos treinos e nas competições. Diante dessa queda de desempenho, as cobranças da treinadora Lívia se tornaram mais intensas, a ponto de a menina não desejar mais fazer parte do alto rendimento.

No entanto, parece que Ariel viu na ‘turma avançada’ de ginástica a possibilidade de continuar desenvolvendo a mesma prática esportiva, porém, de forma mais “leve”. Portanto, sem as cobranças por resultados nas competições, sem a necessidade de controlar seu peso e de treinar com dores, a menina parece ter encontrado nas aulas avançadas um novo sentido para o seu envolvimento com a ginástica. No momento em que a entrevista foi realizada, a menina afirmou, mais de uma vez, que buscava a “diversão” no esporte que praticava.

### 3.3 MARIANA: “EU ACHO QUE ERA ISSO QUE FALTAVA NA GINÁSTICA, MAIS DIVERSÃO”<sup>7</sup>

Ouvi falar de Mariana pela primeira vez quando desenvolvi uma entrevista com uma das ginastas, Camila, que acompanhei em 2014 para a pesquisa de mestrado. Naquele momento, Mariana foi mencionada porque havia “enfrentado” uma das treinadoras durante o treino: “Mariana não faz mais Ginástica porque a treinadora gritava com ela e ela disse: ‘eu não vou fazer se tu continuar gritando comigo’. E ela estava certa de não fazer! Ela não é obrigada a fazer uma coisa se a pessoa fica o tempo todo brigando com ela” (Entrevista Camila, 19/11/2014). Segundo o relato de Camila, em um dia rotineiro de treino, Joana, uma das treinadoras mais rigorosas, exigiu - com um tom de voz elevado - que Mariana executasse um movimento na paralela. A menina, sentindo-se incomodada com o tom de voz da treinadora, deu-lhe as costas e saiu do ginásio, permanecendo afastada da ginástica por um ano e três meses.

Para minha surpresa, no final de 2014 encontrei Mariana no treino acompanhada por sua mãe, Solange - pedagoga e, à época, diretora de uma escola. A fim de compreender o seu retorno, me aproximei de Solange e expliquei que estava desenvolvendo uma pesquisa no clube. A mãe, após me ouvir atentamente, se mostrou receptiva e não hesitou em contar o que havia acontecido. Solange afirmou que sua filha desenvolveu uma aversão à ginástica devido às situações vivenciadas nos treinos e estava sendo acompanhada por uma psicóloga. Por recomendação da psicóloga, Mariana havia retornado à ginástica, mas de uma forma mais “leve” e sem exigências de rendimento, pois este retorno poderia auxiliá-la em sua recuperação. Diante disso, Solange levou o caso para a coordenadora de ginástica do clube e para as treinadoras, afirmando que elas tinham a responsabilidade de receber a menina novamente e auxiliar na sua recuperação emocional, pois, Mariana havia desenvolvido transtornos de ansiedade e medo naquele ambiente esportivo. Na sua narrativa, Solange criticou a forma com que as treinadoras tratavam as ginastas, pois afirmava que, por ser uma pedagoga, sabia como uma criança deveria ser ensinada. Após esse relato entendi o porquê de Mariana ser menos exigida do que as outras ginastas.

---

<sup>7</sup> Frase dita por Mariana na entrevista realizada no dia 16/04/2015.

Mariana permaneceu apenas três meses no clube, mesmo recebendo um tratamento diferenciado. Sua segunda saída da equipe aconteceu também no mesmo período em que Lívia havia trocado de clube. Diante desse fato, semelhante à decisão de Ariel e Giovana, Mariana também trocou de clube e foi fazer parte da nova equipe da treinadora Lívia. Naquele período, quando fiquei sabendo da sua entrada em outra equipe, fui até a sua casa conversar e tentar compreender como havia sido o seu processo de retorno para o antigo clube, sua saída pela segunda vez e a entrada em outra equipe.

Cheguei à casa de Mariana à noite, em um dia de semana em que conseguimos organizar nossas agendas para esse encontro. Fui anunciada pelo porteiro do prédio, o qual me deu orientações sobre como chegar até o apartamento que eu desejava. O prédio era alto e com poucos apartamentos por andar, localizado em uma região nobre da cidade. Fui recebida carinhosamente por Solange e encaminhada para o quarto de Mariana, a qual já estava me esperando para conversar. Conheci o irmão mais novo da menina, de, aproximadamente, cinco anos, que brincava no outro quarto. A mãe da menina, a fim de nos deixar à vontade, deixou a porta do quarto aberta, mas foi fazer suas atividades em casa. Assim, fiquei sozinha com Mariana, mas sua mãe ouvia de longe o que conversávamos, inclusive em alguns momentos respondia alguma pergunta que Mariana não sabia responder, por exemplo, a idade que a filha havia iniciado na ginástica.

Mariana iniciou seu percurso no esporte com quatro anos de idade, quando sua mãe a levou pela segunda vez a uma aula de ginástica artística. Na primeira tentativa, Mariana tinha apenas três anos e disse que não havia gostado da prática, talvez porque era muito pequena. Porém, Solange tentou levá-la mais uma vez quando a menina tinha entre quatro e cinco anos, e foi naquele momento que Mariana se vinculou à ginástica. Logo em seguida, a menina foi convidada a fazer parte da equipe de alto rendimento, e com seis anos de idade passou a treinar intensamente todos os dias da semana. Quando desenvolvi esta primeira entrevista com Mariana, a menina tinha nove anos de idade, e suas respostas eram bastante sucintas, mas ajudaram a compreender sua forma de significar a ginástica e o seu percurso até aquele momento no esporte.

Sobre o seu início na ginástica a menina afirmou ter gostado muito de praticar esse esporte, pois se “divertia” nos treinos. Mariana relatou que, no início da sua participação na ginástica, o que mais gostava era da ‘diversão’ experimentada nos treinos, pois, em

suas palavras, era “um tempo de ficar com as amigas”, e ainda, “a gente não ficava parada em casa, a gente ia para um lugar se divertir”. Entre as experiências que Mariana considerava ‘divertidas’ na ginástica estava o fato de encontrar suas amigas, de brincar antes, durante e depois dos treinos, de fazer movimentos novos com o corpo e se sentir desafiada<sup>8</sup>. No entanto, após dois anos treinando para o alto rendimento, quando a menina estava com oito anos de idade, a forma com que as treinadoras conduziam os treinos passou a incomodá-la. Foi então que Mariana deu as costas à treinadora Joana e parou a ginástica durante um ano e três meses.

Sobre esse período de afastamento, a menina afirmou ter sentido “muita saudade da ginástica”. A fim de “fazer alguma coisa” e por não querer ficar em casa, Mariana buscou se envolver com outras atividades — natação e dança —, mas afirmou não ter achado “tão legal quanto a ginástica” porque não eram atividades “desafiadoras”. Diante disso, Mariana, mesmo sentindo “medo” de retornar aos treinos no clube, pediu para sua mãe levá-la novamente à ginástica. A menina afirmou que não havia outra opção de lugar para realizar a prática. A seguir, transcrevo o seu relato.

Pesquisadora: tu pediu para a tua mãe para voltar?

Mariana: aham.

Pesquisadora: tu pensou em ir para outro lugar?

Mariana: como não tinha opção assim, eu continuei no mesmo clube tentando ficar lá mas eu também estava com medo. Aí a minha mãe me ajudou a ir, ela conversou com os professores, mas não adiantou muito.

Pesquisadora: me conta como foi? Quando tu chegou a primeira vez lá, depois disso tudo, como é que tu te sentiu?

Mariana: me senti nervosa e também um pouco feliz.

Pesquisadora: sabe me explicar por que tu te sentiu feliz? O que aconteceu que te deixou feliz?

Mariana: porque era uma coisa que eu gostava muito. Então, não sei, eu senti saudade né.

Pesquisadora: como é que foi a primeira aula?

Mariana: a primeira aula foi legal.

Pesquisadora: e as outras?

Mariana: as primeiras, até a terceira aula, estavam legais, mas depois começou a ficar como antes. As professoras estavam brigando com a gente, o treino não estava tão divertido, ele estava para baixo (Entrevista, 16/04/2015).

---

<sup>8</sup> Aspectos desenvolvidos com maior profundidade na dissertação intitulada A Participação das Crianças no Esporte de Alto Rendimento: para além do ‘como deve ser’ (FREITAS, 2015).

Foi nesse contexto que Mariana decidiu sair pela segunda vez da equipe. No entanto, a menina ingressou logo em seguida na nova equipe da treinadora Livia, juntamente com Giovana e Ariel. Durante algum tempo, Mariana parecia estar gostando do novo sistema de treino. As brincadeiras, os momentos de interação com as amigas e os desafios foram destacados por Mariana como aspectos que ela gostava da ginástica.

Passados quase três anos após essa entrevista, quando iniciei minha pesquisa de doutorado, fiquei sabendo que Mariana havia saído da ginástica pela terceira vez. Diante desse fato, retomei o contato com Solange para tentar uma nova entrevista com a ex-ginasta. Como da primeira vez, fui muito bem recebida pela mãe e consegui rapidamente marcar um encontro para conversarmos.

No dia marcado, uma quinta-feira à noite, fui novamente à casa de Mariana realizar outra entrevista. Fui anunciada pelo porteiro e recebi as mesmas orientações de três anos atrás. Solange abriu a porta e me recebeu com a mesma receptividade. Mariana estava na sala me aguardando juntamente com seu irmão mais novo, que agora tinha nove anos, o qual estava muito entretido com o computador. Após cumprimentar a família, fui logo sentando no sofá da sala e explicando para ela o que pretendia com a nova pesquisa. Após, sentei-me ao lado de Mariana e dei início à gravação da nossa conversa. Solange continuou suas atividades domésticas na cozinha e o irmão assistia a algo no computador — às vezes ambos participavam da nossa conversa.

É importante destacar que, naquele momento, Mariana estava com 12 anos, havia crescido bastante e parecia menos tímida do que da primeira vez em que havíamos conversado, quando ainda tinha nove anos. Diante desse aspecto, senti maior facilidade em desenvolver a segunda entrevista. Após retomar alguns aspectos do seu início na ginástica e saída do antigo clube, busquei compreender como foram os três anos da menina no novo clube e quais aspectos contribuíram para que ela decidisse sair mais uma vez da ginástica.

Mariana destacou, na sua narrativa, que o início na nova equipe foi “legal” porque, em suas palavras, “não tinha muita coisa difícil para fazer” e ela se sentia “livre”. Após esse período de adaptação, as exigências começaram a aumentar, pois a equipe participaria de competições importantes. Naquele momento, a menina afirmou se sentir “desanimada” porque não se sentia mais “livre”.

Desse modo, sentindo-se insatisfeita, Mariana buscou uma prática de ginástica “mais livre”, sem competições e cobranças por rendimento. E a ex-atleta resolveu entrar na mesma turma avançada da qual Ariel fazia parte, mas em menos de um mês saiu, afirmando que estava cansada da ginástica - nas palavras de Mariana: “eu já tentei fazer o avançado e não gostei. Já viramos uma nova etapa”. Se, na primeira vez que resolveu sair da equipe que fazia parte, a menina se sentiu entediada e com saudades da ginástica, nessa ‘nova etapa’ ela afirmou estar gostando da “liberdade”, de não fazer mais parte da ginástica.

Até a finalização da pesquisa de campo, Mariana não havia se envolvido com uma prática corporal sistemática. A menina havia feito algumas aulas de treinamento funcional com suas colegas da escola, mas não deu continuidade porque a mensalidade havia aumentado. Mariana também fez, durante um tempo, aulas de práticas circenses, das quais relatou ter gostado bastante, mas sua turma havia fechado por falta de alunos. Assim, Mariana estava experimentando algumas práticas e pensava ainda em fazer aulas de dança.

### 3.4 ELISA: “EU NÃO ESTAVA CONSEGUINDO ACOMPANHAR AS GURIAS”<sup>9</sup>

Ao iniciar a pesquisa de doutorado retomei o contato com as treinadoras da equipe de ginástica que havia acompanhado durante o mestrado, pois tínhamos construído uma boa relação. Foi em um desses contatos que descobri que Elisa também havia saído do clube e ingressado na nova equipe de Livia, juntamente com Giovana, Ariel e Mariana. No entanto, segundo as treinadoras, depois de algum tempo a menina também havia se desligado da ginástica e estava, à época, jogando futebol na sua cidade, São Leopoldo/RS, município da região metropolitana de Porto Alegre/RS.

Com base no relato das treinadoras, considerei que Elisa seria um caso importante para a pesquisa. Assim, pedi o número do telefone do familiar que acompanhava a ex-atleta em todos os treinos, o seu avô, mas nenhuma treinadora o possuía. Tainá lamentou, pois também gostaria de entrar em contato com Elisa para convidá-la para fazer parte da equipe de judô do clube. As treinadoras explicaram que Elisa, antes de sair

---

<sup>9</sup> Frase dita por Elisa quando falou sobre a sua saída da ginástica (Entrevista, 07/02/2018)

da ginástica definitivamente, havia tentado retornar ao antigo clube, mas não foi aceita porque havia “falado mal” do clube e das treinadoras, segundo Tainá: “ela saiu da ginástica queimada”. Mesmo saindo “queimada” da ginástica, Tainá cogitava a possibilidade de a menina fazer parte do judô, porém, algum tempo depois descobri que a menina não foi convidada para fazer parte da equipe de judô, pois possuía um vírus<sup>10</sup> que poderia ser transmitido pelo sangue. O judô é um esporte de contato, no qual há a possibilidade de cortes e risco de contaminação, portanto, a treinadora desistiu de convidá-la para o teste.

A fim de conseguir o número do telefone do avô de Elisa, entrei em contato com a treinadora Livia perguntando por algumas meninas que haviam saído da ginástica, dentre elas a Elisa. A treinadora prontamente respondeu minha mensagem dando-me as informações solicitadas. No entanto, em relação à Elisa, Livia afirmou que a menina “estragaria” minha pesquisa, pois havia saído da ginástica “sem dar satisfação”, levando consigo uniformes do clube e dinheiro de rifas que havia vendido. Por isso, a treinadora interpretou que Elisa não era uma pessoa confiável para colaborar com meu estudo. Lamentei o ocorrido, mas solicitei mesmo assim o contato do avô.

Após esses primeiros contatos e as versões que ouvi sobre a saída da menina da ginástica, interpretei que Elisa havia sido rejeitada pelas treinadoras de ginástica e pelo treinador de judô. Lamentei a situação e busquei compreender o que havia acontecido através da narrativa da menina e do seu avô. Quando entrei em contato com Seu José, forma como costumava chamá-lo, ele se lembrou de mim, da época em que desenvolvi a pesquisa de mestrado, e rapidamente concordou em abrir as portas da sua casa para me receber. A seguir transcrevo o relato do dia em que visitei Elisa pela primeira vez, após três anos da pesquisa de mestrado:

Fui caminhando em direção ao número que Seu José havia me dado, porém passei da sua casa, pois não tinha identificação visível. Voltei algumas casas e deduzi que só podia ser aquela que estava sem número. A casa - de madeira e bastante simples - estava meio escondida, pois havia muitos entulhos na frente. Bati palmas e em seguida Seu José apareceu para me receber, e pensei aliviada: “consegui chegar”. O caminho até ali foi longo, quase uma hora de trem.

---

<sup>10</sup> A mãe de Elisa desenvolveu a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e a menina nasceu com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

Seu José me recebeu com um sorriso e aperto de mão. Elisa estava na porta de casa, muito bonita, com os cabelos lisos, bem maquiada e perfumada, diferente da menina de nove anos que eu havia conhecido há três anos. Abracei forte a menina, pois estava realmente muito feliz em reencontrá-la. Minha história com Elisa foi significativa, me envolvi emocionalmente com sua entrada na equipe e seu desenvolvimento naquele contexto.

Durante a pesquisa de mestrado, acompanhei a equipe em uma viagem para Guarulhos/SP, pois as meninas iriam participar de uma importante competição. Todas as atletas foram acompanhadas pelos pais e ela era a única sem um familiar presente. Os familiares compraram roupas, malhas de ginástica, pipoca para suas filhas após os treinos e competição, e torciam calorosamente na arquibancada. À época, fiquei sensibilizada porque Elisa não foi acompanhada por nenhum familiar e lembro-me de comprar um enfeite de ginástica para ela, escolhido por ela - uma bonequinha que fazia um movimento de ginástica em um equipamento em miniatura. Além do meu envolvimento emocional, Elisa também foi um caso central para o meu trabalho. Diante disso, abracei forte a menina, expressando felicidade em reencontrá-la.

Entramos na sua casa, a qual era muito grande e feita de forma artesanal, com madeiras pintadas de cores diferentes. Percebi que havia algumas pessoas no quarto que ficava perto da sala. A casa estava desorganizada, bem característico de um lar frequentado por muitas pessoas. Sentamos na sala, eu numa poltrona, a Elisa ao meu lado e Seu José no sofá na frente da neta. Após falarmos sobre a minha viagem até ali, entramos no assunto da ginástica. Elisa estava bastante quieta no início da conversa; já seu avô 'falava por ela' narrando situações desagradáveis que aconteceram na ginástica, as quais colaboraram com a sua saída.

Nesse dia Elisa só começou a falar quando perguntei sobre o futsal. A menina me contou animada sobre os treinos e os seus colegas. Falou que jogava com os meninos e parecia orgulhosa disso. Contou ainda que sua posição era de atacante e que, além de atacar, ela desfazia jogadas, afirmando: "sou muito boa nisso". Elisa ainda narrou que naquele dia na aula de Educação Física da escola jogou como goleira, segundo ela: "bah, joguei tri bem no gol". A menina contou que desenvolveu uma técnica boa para defender - se adiantava e tirava a bola dos atacantes do time adversário, conseguindo impedir o gol (Diário de campo, 24/11/2017).

O avô, apesar de não concordar com a forma que muitas vezes sua "filha" era tratada, afirmou que gostaria que ela continuasse na ginástica, pois, segundo ele, a menina estava quase ganhando uma bolsa de estudos em uma escola particular através da mãe de Mariana. Diante disso, ele lamentou a saída de Elisa da ginástica, afirmando conformado: "mas ela quis sair, decidiu". Ele parecia respeitar a vontade da neta, embora considerasse a ginástica "uma coisa boa". Sobre isso, lembro-me que, certa vez, durante a pesquisa de mestrado, Tainá e Joana questionaram se o avô não via em Elisa a "galinha dos ovos de ouro". Gravei aquela frase e toda vez que o via pensava curiosa sobre o que ele esperava da ginástica. José estava sempre acompanhando a menina, era perceptível o investimento

dele (de tempo) nos treinos. Diante da nossa conversa nesse dia, percebi que ele via um ‘futuro’ para a neta na ginástica, no entanto, também parecia se preocupar com o bem-estar dela e respeitou sua decisão de sair daquele contexto.

Sobre sua saída da equipe e entrada em outro clube, o avô afirmou que, quando Elisa decidiu sair do clube, entrou em contato com Lívia para conseguir um teste para a menina na sua equipe. Segundo José, os treinos na nova equipe eram mais cansativos do que no antigo clube, pois aconteciam das 14h às 19h. Naquele primeiro contato, não ficou claro para mim os motivos que levaram Elisa a sair da nova equipe, pois ela estava falando pouco sobre a ginástica. Perguntei diretamente para a menina como havia sido sua saída e ela apenas explicou que foi por mensagem: “porque não consigo dizer *não* e sabia que a Lívia ia insistir para eu ficar” (Diário de campo, 24/11/2017, destaque meu).

Conforme o relato das treinadoras, depois de sair da equipe de Lívia, Elisa e o avô pensaram em retornar ao antigo clube. Questionei quais os motivos que fizeram Elisa pensar em retornar para o clube do qual havia saído. Nesse momento, Elisa ficou quieta, pensou um pouco, e disse que se sentia melhor recebida pelas meninas da antiga equipe e, por isso, parecia uma boa ideia voltar. Seu José afirmou que a coordenadora havia pedido que eles aguardassem até a virada do ano, porém, o avô supunha que Elisa não voltaria mais porque já estava muito envolvida com o futsal. O plano agora era colocar a neta em um clube de futebol conceituado.

O avô de Elisa também contou, nesse dia, que a menina havia feito um teste para entrar na equipe de futebol de uma escola particular da sua cidade, local em que uma amiga/vizinha da menina também jogava. Se Elisa passasse no teste, iria ganhar uma bolsa de estudos na escola. José e a neta pareciam ansiosos, esperando o resultado.

Nesse primeiro contato que tive com a menina, desconstruí a ideia de que Elisa havia sido ‘rejeitada’ na ginástica e no judô. Apesar de realmente não ter sido aceita de volta pelo antigo clube e de não ter recebido o convite de fazer parte da equipe de judô, a menina parecia não desejar mais retornar ao alto rendimento. Percebi que ela estava animada com o futsal, pois havia feito novos amigos e se sentia competente na nova prática esportiva. A partir da sua narrativa enérgica sobre o futsal, ela parecia não estar ‘lamentando’ ter saído da ginástica, ou ‘sentindo falta’ da rotina de atleta.

Como nesse primeiro encontro a ex-ginasta falou pouco sobre sua saída do esporte, realizei uma entrevista semiestruturada a fim de buscar compreender a versão da menina sobre aquele momento. Marcamos nossa conversa para o dia 07 de fevereiro de 2018, eu estava de férias do trabalho e possuía tempo disponível para me deslocar até a casa de Elisa e desenvolver a entrevista com tranquilidade. No dia combinado, sentamos novamente na sala, inicialmente com a presença do avô. José, que ouvia atentamente no início da conversa, logo saiu da sala para se envolver com atividades domésticas.

Assim que cheguei, Elisa contou que estava falando com as ex-colegas de ginástica pela internet, assim entramos no assunto que estava em pauta de forma muito espontânea. Ao longo da nossa conversa, a menina falou sobre o início do seu percurso como atleta até o momento em que decidiu sair da ginástica, e finalizou sua narrativa com diversos relatos sobre o futsal e os amigos que havia feito.

Quando tinha oito anos de idade, Elisa participava de um projeto social em sua cidade, no qual teve os seus primeiros contatos com a ginástica. Após conhecer a ginástica pela televisão, Elisa pediu à coordenadora do projeto para implementar aulas de ginástica. Atendendo ao pedido da menina, a coordenadora encontrou uma professora de ginástica para iniciar a prática no local. Foi com essa professora que a ex-atleta aprendeu a fazer “paradas de mão perfeita, espacato e estrelinha”, e também aprendeu “a fazer as coisas na maior facilidade”.

Em determinado momento, Elisa foi convidada a participar de uma competição que aconteceria nas dependências do clube em que Giovana, Ariel e Mariana treinavam. Foi naquele dia que a menina chamou a atenção das treinadoras e foi convidada a fazer um teste. Ao passar no teste, Elisa se tornou atleta de um dos clubes mais reconhecidos de Porto Alegre. Pedi à menina que falasse sobre as suas impressões nos primeiros dias que iniciou os treinos no local. A seguir, transcrevo esse trecho da entrevista.

Pesquisadora: e como que foi fazer o teste? Tu lembra como tu te sentiu?

Elisa: eu tava um pouco agoniada para ver se eu passava ou não e eu tava com um pouco de medo das gurias não se darem comigo.

Pesquisadora: sim, daí tu passou no teste e como é que tu te sentiu?

Elisa: bem, feliz porque naquela época eu gostava de ginástica.

Pesquisadora: e tu lembra do teu primeiro dia lá treinando?

Elisa: lembro (risos).

Pesquisadora: e como foi?

Elisa: eu cheguei lá com a sora Camila (professora do projeto), a sora Camila me emprestou uma malha porque eu não tinha. Daí a Lívia me apresentou para as gurias, daí a gente foi aquecer, as gurias ficavam olhando para mim, a Glória foi uma guria que não gostou de mim.

Pesquisadora: ela te falou?

Elisa: não, é que ela ficava falando de mim para as gurias.

Pesquisadora: como que tu ficou sabendo? As gurias te falaram?

Elisa: (afirmou com a cabeça) daí, eu não lembro se foi a Camila ou a Patrícia que falou: “ai, para de ficar falando da guria, tu nem conhece ela direito”. Daí eu fui conversando com elas, daí fiz amizade. Daí quando as gurias ficavam em rodinha a Lívia falava assim: “a Elisa também quer participar da conversa!” (risos).

Pesquisadora: elas te convidavam para participar?

Elisa: (afirmou com a cabeça).

Pesquisadora: como é que tu te sentiu no primeiro dia?

Elisa: envergonhada (risos).

Pesquisadora: por que tu teve vergonha?

Elisa: é porque eu nunca tinha ido num ginásio de verdade com todos aqueles aparelhos, lá no outro faltava muitos aparelhos ainda. Daí eu cheguei lá e era enorme o lugar e tinha um monte de guria e de guri lá, daí eu me senti envergonhada (risos) (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Como já afirmei anteriormente, quando desenvolvi a pesquisa de mestrado, Elisa era uma menina muito tímida e falava pouco. Nas poucas vezes em que se manifestava ficavam evidentes as diferenças culturais entre ela e suas colegas de treino, pois a menina não falava a língua portuguesa corretamente e tinha dificuldade de se expressar. Assim, costumava ficar calada e apenas executava os exercícios que as treinadoras lhe solicitavam. Porém, com o passar do tempo, a ‘novata’ parecia ter se adaptado ao ambiente e arriscava se expressar mais com as colegas de treino. Abaixo transcrevo a sua narrativa sobre a continuidade da frequência no ginásio:

Pesquisadora: e como é que foi indo os treinos? Como tu foi te sentindo, em relação as gurias também, depois do primeiro dia?

Elisa: depois eu fui fazendo amizade e fui conseguindo acompanhar as gurias, porque eu não sabia fazer a metade das coisas que elas faziam, mas consegui aprender.

Pesquisadora: e como é que tu sentia em relação a isso, de estar aprendendo ainda? De não fazer a metade das coisas que elas faziam, como tu te sentia?

Elisa: eu ficava pensando: “nossa, como é que elas conseguem fazer isso? Será que um dia eu vou conseguir fazer isso?”. Daí, não sei se tu sabe, o arco? O arco para trás na trave, eu vi a Camila fazendo, eu fui lá na maior coragem e tentei fazer, eu errei o braço e quase caí, mas consegui fazer.

Pesquisadora: sim! Como é que tu te via como ginasta? Como é que tu achava que tu era?

Elisa: eu não era muito boa ainda, eu tive que aprender mais coisas.

Pesquisadora: mas no final, quando tu saiu, como tu te achava?

Elisa: que eu não estava conseguindo acompanhar as gurias. Pelo menos era o que a Lívia falava. É que eu não me sentia bem lá, eu não estava conseguindo acompanhar mesmo (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Reconhecida pelas treinadoras como uma ginasta “corajosa” porque arriscava movimentos complexos, Elisa também costumava se sair bem nas competições, o que lhe dava o título de “atleta de competição”. Portanto, apesar da distância cultural e das dificuldades que enfrentou para se adaptar ao contexto em que treinava, a menina parecia se sustentar naquele ambiente pela “coragem”. No entanto, o reconhecimento de sua forma destemida de treinar parece não ter sido suficiente para a ginasta se sentir pertencente ao contexto esportivo da ginástica.

Elisa afirmou que resolveu sair do clube do qual fazia parte porque os treinos passaram a ser ministrados por um treinador que, segundo ela, “gritava” com ela e a castigava por “qualquer errinho”, exigindo que subisse na corda e fizesse abdominais. Por isso, considerando o treinador “muito exigente”, Elisa resolveu ingressar na equipe da treinadora Lívia, semelhante ao que fizeram as demais ginastas que mencionei neste estudo. Porém, no novo clube Elisa enfrentou outras questões, e relatou que não se sentia “bem” naquele ambiente por dois principais motivos: 1) ainda percebia que não acompanhava o rendimento de suas colegas de treino, fato reforçado constantemente pela treinadora Lívia; 2) e acreditava que algumas colegas da ginástica não gostavam dela.

Concomitante com essas sensações, Elisa envolveu-se, enquanto ainda fazia ginástica, com outra prática esportiva, o futsal. Diferentemente da ginástica, no futsal Elisa percebia-se competente e habilidosa, por ser uma das poucas meninas da sua escola que sabia jogar. Não foram poucos os momentos em que a menina me contava o que conseguia fazer nos treinos de futsal: jogadas, gols feitos e defendidos. Elisa também mencionava o seu destaque entre as meninas, pois era a única em sua escola que sabia jogar. Estavam presentes na fala da menina os vínculos de amizade que fez através do futsal, principalmente com os meninos, o que parecia dar um certo ‘status’ à menina entre suas amigas. Em um de nossos passeios, Elisa afirmou orgulhosa que era a “única

menina” que se dava bem com os meninos e, por isso, muitos deles “gostavam” dela, isto é, ela queria dizer que possuíam um interesse que ia além da amizade (Diário de campo, 30/04/2018).

Além do futsal, logo que comecei a acompanhar a menina, no início do ano de 2018, Elisa também experimentou fazer aulas de skate durante, aproximadamente, dois meses. Sua aproximação com essa prática aconteceu através dos amigos do futsal, os quais, após o treino no ginásio municipal, iam para a pista assistir e/ou andar de skate. Elisa passou a acompanhá-los, até que um dia decidiu iniciar as aulas de skate oferecidas gratuitamente pela prefeitura da sua cidade. Acompanhei a menina duas vezes na pista e percebi que possuía muitos amigos, todos meninos. Nos dois momentos em que fui com Elisa até a pista, observei que ela andou pouco com o skate de um de seus amigos, mas passou a maior parte do tempo sentada no interior da pista conversando com seus amigos.

Além do futsal e do skate, a menina também experimentou algumas aulas de Muay Thai<sup>11</sup> em uma academia, mas seu avô não conseguiu manter o pagamento de sua mensalidade. Elisa ainda se envolveu com um grupo de dança independente, organizado por alguns meninos que tinham em torno de 13 e 15 anos. Até a finalização da pesquisa de campo, em dezembro de 2018, Elisa ainda estava bastante envolvida com o grupo de dança e com os treinos de futsal.

Dessa forma, foi possível perceber através de sua entrevista que a menina decidiu sair do antigo clube que treinava principalmente porque não gostava da forma com que um dos treinadores a tratava, porém, confessou ter pensado em sair da ginástica desde o seu primeiro ano no clube porque não considerava o seu rendimento tão bom quanto o de suas colegas de treino. No que diz respeito à equipe nova da qual fez parte, a menina sentiu dificuldade em criar vínculos de amizade e continuou percebendo o seu desempenho inferior ao de suas colegas de treino. Além disso, naquele momento de sua vida Elisa se envolveu com o futsal, uma prática esportiva que lhe proporcionou novos vínculos de amizade e experiências, o que fazia sentir-se competente, contrastando com o que estava vivenciando na ginástica.

Destaco ainda que quando fui realizar a entrevista, Elisa havia sido aprovada no teste para entrar na equipe de futebol da escola particular e ganharia uma bolsa integral de

---

<sup>11</sup> Arte marcial originária da Tailândia constituída por golpes com as mãos e com os pés

estudos. Essa notícia me deixou surpresa, pois, segundo o avô e ela, o ano letivo na sua escola já estava “perdido”, pois a menina não estava indo bem em algumas matérias. Por ter rodado uma vez, Elisa ainda estava no quinto ano. Ao falar sobre a possibilidade de repetir o ano, Seu José não parecia estar muito preocupado, e, descontraído, afirmou que Elisa seria reprovada, do mesmo modo que o irmão e a prima. E observou, rindo, que apenas a prima mais nova não havia rodado, e se Elisa continuasse assim, logo alcançaria a prima (Diário de campo, 24/11/017).

Diante dessas informações, refleti sobre como seria a inserção de Elisa em uma escola particular, as dificuldades e diferenças culturais que encontraria. Quando perguntei como estava se sentindo em relação ao início do ano letivo na escola, ela respondeu que sentia um pouco de “medo” em não acompanhar as matérias. Transcrevo, a seguir, nossa conversa.

Pesquisadora: como tu tá te sentindo para o primeiro dia de aula?

Elisa: ai não sei, eu estou com um pouco de de medo se eu vou conseguir acompanhar as matérias. É porque as matérias é desde o pré lá o inglês e o inglês eu tive só no quinto ano.

Pesquisadora: tu tá em qual série?

Elisa: eu rodei por causa de muita falta, do meu irmão, eu estou no quinto ano.

Pesquisadora: por que tu faltava tanto?

Elisa: por causa do meu irmão. A minha mãe (biológica) ia ver o Sandro (irmão) lá no hospital, daí eu ficava lá na casa da minha mãe, daí minha irmã dorminhoca dormia demais. Eu tentava acordar ela e ela não acordava de jeito nenhum e era muita faixa (rua) para atravessar. E tem cinco bar de bebida pela frente e é um monte de velho, daí eu não queria ir sozinha. Daí eu fui tentar chamar minha prima pra ir junto, ela tava dormindo também.

Pesquisadora: e daí tu acabou faltando muito porque não conseguia ir?

Elisa: eu tentava ficar esperando os meus amigos ali, só que eles iam cedo demais e eu não conseguia acordar no horário que eles acordam. Daí eu não conseguia pegar o horário que eles iam.

Pesquisadora: sim, daí tu tá com medo de não conseguir acompanhar as matérias?

Elisa: porque tem inglês, espanhol e alemão.

Pesquisadora: alemão! Todas essas três línguas tu vai aprender ou será que tu escolhe uma?

Elisa: todas! Se fosse para escolher eu escolheria a mais fácil (risos) porque eu não sei muito outra língua, eu sou muito enrolada. Eu sou muito enrolada até para falar português.

Pesquisadora: e tu já recebeu a lista de materiais?

Elisa: não, só os livros que são R\$ 700,00.

Pesquisadora: caro né?

Elisa: R\$ 755,00  
Pesquisadora: e vocês vão comprar?  
Elisa: (concorda com a cabeça).  
Pesquisadora: e o que mais que tu tá sentindo para o primeiro dia de aula, além de medo das matérias?  
Elisa: eu estou pensando se eu vou conseguir me dar com as gurias.  
Pesquisadora: tu não conhece ninguém de lá?  
Elisa: só o Lorenzo e a Gabriela.  
Pesquisadora: mas que estão em outra série né?  
Elisa: e a Viviane, acho que a Jéssica está no mesmo ano que eu.  
Pesquisadora : e são do futebol também?  
Elisa: não. A Gabi eu conheci porque a minha avó cuidava dela, daí a gente foi sendo amiga. Daí tem o Lorenzo que é lá do futebol e a Jéssica eu conheci quando eu fui no primeiro dia no futebol, fazer teste no Gut (apelido da escola) (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Quando iniciou o ano letivo, Elisa conseguiu permanecer na escola particular por apenas três meses, e depois desse período decidiu retornar para a sua antiga escola. Embora tivesse gostado da equipe de futebol e dos treinos que realizou no colégio particular, a menina não se adaptou ao novo sistema escolar. Esse aspecto do percurso de Elisa será retomado no quinto capítulo desta Tese.

### 3.5 GLÓRIA: “A GINÁSTICA PARA MIM NÃO SERVIA MAIS”<sup>12</sup>

Glória era uma das ginastas mais dedicadas durante os treinos. A menina chamava a atenção por ter músculos bem definidos em um corpo tão pequeno, e embora tivesse 10 anos de idade quando a conheci na equipe de alto rendimento, Glória tinha estatura baixa e parecia mais jovem. Era fácil perceber que a atleta praticava aquele esporte há bastante tempo, pois seus movimentos eram precisos e ela parecia familiarizada com os exercícios e a rotina de treino. No entanto, após alguns meses de observações, percebi, pela primeira vez, a ausência da menina em um treino. Estranhando sua falta, fui perguntar a uma das treinadoras por que Glória não estava presente naquele dia, e ela me informou que a menina havia se desligado da equipe.

Não disfarcei minha surpresa, pois, na concepção de alguém de fora, eu considerava a atleta uma das mais bem preparadas da equipe, além disso, a menina parecia muito empenhada. Até então eu não havia percebido qualquer sinal que pudesse levá-la a tomar

---

<sup>12</sup> Frase dita por Glória em sua entrevista realizada no 17/11/2017).

essa decisão, por esse motivo considerei sua saída repentina. Os ‘boatos’ que corriam no ginásio era de que Glória estava insatisfeita com o seu corpo (atlético), pois era chamada de “anã de jardim” pelos colegas da escola. Como naquele período o objetivo da pesquisa não era compreender a saída de ginastas da equipe, não busquei o contato de Glória para entender os motivos que a levaram a essa decisão. Contudo, mesmo não sendo o foco da pesquisa na época, uma pergunta me acompanhou até a finalização do estudo: por que Glória havia decidido sair da equipe?

Passados, aproximadamente, três meses após a saída de Glória da ginástica, a treinadora Tainá contou-me que a menina iria fazer uma aula experimental de judô no clube. Tainá era noiva do treinador de judô, Rodrigo, o qual ficava “de olho” nas atletas que saíam da equipe, pois, segundo ele, as ginastas possuíam preparo físico e força para praticar aquele esporte. Diante dessa informação, pedi que Tainá me avisasse quando seria a aula experimental da menina, pois desejava acompanhá-la. Meu objetivo naquele período era entender a diferença de um esporte para outro, a fim de compreender mais um pouco sobre a lógica de treino da ginástica artística. No dia marcado, após a observação do treino das ginastas, acompanhei Tainá até a sala onde as aulas de judô eram ministradas, conhecida como “dojô”. Chegando lá sentamos na arquibancada e aguardamos o início do treino, pois Rodrigo ainda não havia chegado.

Muitas crianças de várias idades corriam, saltavam e simulavam lutas umas com as outras no local. Era um contraste muito grande com os treinos silenciosos da ginástica. Minutos depois da nossa chegada, Glória entrou no “dojô” e sentou-se na arquibancada, ao nosso lado - a menina estava calada e observava atentamente as outras crianças. Finalmente, o treinador Rodrigo chegou, dando imediatamente um comando de voz que fez com que as crianças parassem e se organizassem rapidamente. Para a minha surpresa, o treino iniciou com uma sequência de brincadeiras de pega-pega. Naquele momento, pensei: como Glória poderia estar se sentindo com aquele treino descontraído, tão diferente dos treinos a que ela estava acostumada? A menina se manteve séria durante a brincadeira, apenas em alguns momentos sorriu timidamente.

Após as brincadeiras, o treinador solicitou diversas sequências de exercícios em duplas. Todos os movimentos exigiam força e coordenação, o que propiciou o bom desempenho da ex-ginasta ao executar todos os movimentos com habilidade. Naquele dia,

não pude ficar até o final da aula, mas o pouco que havia acompanhado permitiu-me perceber algumas diferenças de um esporte para o outro. Além disso, ficou evidente a facilidade com que Glória executava os movimentos solicitados pelo treinador.

Alguns dias depois Tainá me informou que a menina havia gostado da aula e que iria fazer parte da equipe de alto rendimento do judô. Os treinos de Glória aconteciam no fim do dia e tinham duração máxima de duas horas, assim, quando o treino de ginástica estava terminando, Glória estava chegando ao clube para a sua nova prática esportiva. Após essa mudança de esporte, percebi que, no decorrer de alguns dias, ao chegar para as aulas de judô, a menina olhava de longe o ginásio de ginástica e abanava para suas ex-colegas. Mas em determinado dia entrou no ginásio e abraçou algumas meninas. Mas sua passagem pelo ginásio até chegar à sala de judô era rápida, de modo que não tive a oportunidade de conversar com a ex-ginasta naqueles momentos.

Retomei o contato com Glória somente três anos após o término da pesquisa de mestrado, ao iniciar a presente pesquisa de doutorado. Meu objetivo com o reencontro era conversar sobre o seu percurso na ginástica e perguntar sobre a sua saída da equipe, o que não foi possível fazer naquele período. Combinei com Tainá e seu marido Rodrigo que iria ao clube acompanhar um treino de Glória e conversar com a menina sobre a nova pesquisa. Era uma quarta-feira, 10 de outubro de 2017, quando entrei novamente nas dependências do clube depois de três anos. Antes de me dirigir para o dojô, passei pelo ginásio de ginástica e encontrei algumas meninas que acompanhei no mestrado: Raquel, Míriam, Camila e Maria. Ao me avistarem, as meninas vieram me cumprimentar com beijos e abraços, fiquei impressionada como haviam crescido - para a minha surpresa não pareciam mais crianças. Cumprimentei as treinadoras e expliquei resumidamente o que pretendia com a pesquisa de doutorado.

Após a visita rápida ao ginásio, segui apressada pelas escadas que me levavam até o judô, pois estava atrasada. Chegando ao local percebi que a aula já havia iniciado, jovens e crianças corriam animados pela sala - estavam realizando uma brincadeira de pega-pega. Não demorei muito para reconhecer Glória em meio aos atletas que estavam presentes neste dia - não pude deixar de expressar a minha surpresa em encontrar a menina tão diferente: agora eu estava diante de uma jovem de 14 anos. A atleta me viu de longe, abanou e depois de alguns minutos veio até mim. Glória disse que poderia pedir para sair

mais cedo do treino para que pudéssemos conversar, agradei a disponibilidade, mas afirmei que não havia necessidade de interromper seu treino, pois estava com tempo e iria esperá-la. Glória concordou e retornou à atividade.

Na arquibancada havia pessoas acompanhando o treino e resolvi me juntar a elas. Observando a menina, percebi o quanto ela estava entrosada naquele contexto, brincava com seus colegas, ria bastante e mostrava domínio dos movimentos - arrisco a dizer que parecia ser uma das atletas mais habilidosas. Enquanto percebia a desenvoltura da menina, lembrei-me da sua timidez e seriedade na aula experimental de judô que realizou há três anos. Após a brincadeira descontraída, o treinador, chamado pelos(as) atletas de *sensei*<sup>13</sup>, orientou uma sequência de exercícios em duplas que envolviam quedas e golpes específicos da prática. Nesse momento, Glória se mostrou bastante concentrada, derrubava energicamente seus companheiros e era uma adversária resistente na queda.

Durante o treino, a menina foi atingida duas vezes na região do abdômen e se abaixou, demonstrando bastante dor. Na segunda vez que foi atingida, faltando 15 minutos para o término do treino, Glória saiu da sala e se dirigiu ao banheiro parecendo brava. Fui atrás da menina e perguntei se havia finalizado o treino, ela respondeu enfática: “para mim terminou!” Glória explicou que estava com fortes cólicas menstruais e que foi atingida duas vezes na barriga. Diante disso, pediu que eu aguardasse, pois iria ao departamento médico do clube solicitar um remédio. Fiquei aguardando por 20 minutos e quando ela voltou, percebi que não estava disposta a conversar, por este motivo expliquei rapidamente o objetivo da pesquisa e sugeri que nos encontrássemos em outro dia, com mais calma. Glória concordou, mostrando-se disponível a colaborar com uma entrevista. Trocamos telefone e nos despedimos. Saí do clube com a sensação de que o encontro com Glória poderia ter sido mais bem aproveitado, pois, apesar de educada e afirmar que colaboraria com a pesquisa, a menina parecia fechada para diálogos naquele momento.

Vale destacar que aquele foi um dos poucos momentos em que consegui estabelecer contato com Glória durante o período em que busquei observar os treinos e acompanhar a “judoca<sup>14</sup>” no seu percurso. Quando iniciei a pesquisa de campo, em novembro de 2017, nos primeiros meses eu encontrava Glória nos treinos e trocávamos algumas palavras.

---

<sup>13</sup> Palavra em japonês que representa o professor/treinador. A tradução literal é “aquele que nasceu antes”.

<sup>14</sup> Apelido dado para pessoas que praticam judô.

Também naqueles meses iniciais de campo, Glória costumava responder às minhas mensagens pelo celular para que combinássemos encontros no clube. No entanto, aproximadamente quatro meses após a minha entrada em campo, percebi muitas ausências da atleta nos treinos e seu silêncio em relação às mensagens que eu endereçava a ela perguntando se estava bem. Suas ausências e seu silêncio ‘falavam’ muito sobre o seu momento no judô naquele período, aspecto sobre o qual discorro mais adiante. No entanto, foi nesses primeiros contatos com Glória que consegui realizar uma entrevista e entender um pouco sobre a sua saída da ginástica e seu percurso até aquele momento no judô.

Logo após o reencontro com a menina no treino de judô, marcamos por mensagem uma conversa a ser gravada nas dependências do clube, uma hora antes do seu treino. No dia marcado, subi um lance de escadas e encontrei Glória sentada em um banco, localizado dentro do prédio onde os treinos de judô e ginástica eram desenvolvidos. Cumprimentei a menina e sentei-me ao seu lado, iniciando a gravação da nossa primeira, e última, entrevista semiestruturada, após a sua saída da ginástica. Então, ouvi a versão de Glória sobre como iniciou a sua vida de atleta, como foram os seus últimos momentos na ginástica e sua entrada no judô.

Glória iniciou na ginástica artística com quatro anos de idade, após pedir para sua mãe para fazer “aquilo que as ginastas faziam na televisão”. Assim como muitas outras ginastas da equipe, Glória afirmou: “a minha inspiração sempre foi a Daiane dos Santos”. A fim de realizar o seu desejo, a mãe da menina, Ângela, a levou para fazer um teste na equipe de ginástica artística da ESEFID/UFRGS, onde Ariel também era aluna. Após ter obtido êxito no teste, Glória treinou alguns meses no ginásio da Faculdade. Em seguida, algumas meninas que estavam “rendendo bem” na turma foram escolhidas para treinar dois dias da semana em um clube - local onde os percursos de Giovana, Elisa, Ariel, Mariana e Glória se cruzaram. Glória foi selecionada, e com cinco anos de idade passou a treinar todos os dias da semana - dois dias no clube e três na Faculdade. Porém, essa rotina não durou muito. Em pouco tempo Glória foi oficialmente convidada para ser atleta do clube, passando a treinar de segunda a sábado (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Segundo a menina, naquele período ela ia “superfeliz para os treinos”, estava “encantada com o esporte” e “treinava com gosto”, considerando-se “uma atleta boa”.

Porém, passados alguns anos, quando estava com, aproximadamente, 10 anos, “o encanto começou a acabar”. Quando perguntei sobre os motivos do seu ‘desencantar’ com a prática, Glória respondeu que havia perdido a avó naquele período e que este fato havia sido muito difícil para ela, pois era “muito ligada” afetivamente à avó. Segue abaixo o excerto da entrevista em que a menina fala sobre sua relação com a avó:

Glória: eu estava super-revoltada porque eu recém tinha perdido a minha avó e eu era superligada nela, sabe? Então eu não queria mais.

Pesquisadora: Vocês moravam juntas?

Glória: Não, ela morava do lado da minha casa, mas eu era, tipo, eu passava o dia inteiro lá, vivia lá, eu era o xodó dela, sabe? E quando ela faleceu foi um impacto muito grande e daí digamos que eu entrei numa leve depressão. Eu não queria nada com nada, eu não queria ir para a escola, eu não queria sair de dentro de casa e acho que este foi um dos motivos de eu ter largado a ginástica, sabe? (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Apesar do falecimento da avó ter sido um fato importante que contribuiu para que a menina se sentisse desanimada com os treinos, Glória afirmou que havia outras situações acontecendo que também contribuíram para aquela tomada de decisão. Uma das situações era a forma com que as treinadoras falavam com ela - através de “gritos” - e a maneira rígida com que conduziam os treinos. Além desse aspecto, Glória também percebeu que não estava tendo um bom desempenho nas competições, e que seu rendimento era melhor nos treinos do que nas competições, conforme expressa em seu relato:

Pesquisadora: por que tu acha que na competição teu rendimento não era bom?

Glória: eu sou muito ansiosa e muito nervosa. Eu fico tão nervosa com uma situação que eu vou passar, sabe. Eu ficava tão ansiosa e nervosa nas competições que eu não consegui ter um desempenho bom como nos treinos. Eu fazia perfeito todos os exercícios e os movimentos nos treinos e eu não conseguia reproduzir nas competições. Então, eu ficava muito frustrada, sabe, por não conseguir fazer as coisas que eu conseguia fazer nos treinos (Entrevista Glória, 17/11/2018).

Desse modo, com 11 anos de idade, Glória decidiu sair desse universo esportivo. A menina informou sua decisão para a mãe e a treinadora. Segundo a atleta, sua mãe ficou surpresa, não imaginava que ela não desejasse mais fazer parte da ginástica, e aconselhou a filha a pensar bem no que estava prestes a fazer. Nas palavras da menina, a mãe orientou: “pensa e vê se realmente é isso que tu quer para depois não se arrepender,

porque tu não vai poder voltar”. Lívia era sua treinadora, à época, e, diante da decisão da menina, pediu que a ginasta ficasse uma semana em casa pensando se era realmente aquilo que desejava. Passada aquela semana, Glória teve certeza que não desejava mais fazer parte da equipe de alto rendimento. A treinadora não ficou satisfeita com a decisão da atleta e pediu-lhe que permanecesse até o final de semana, pois realizariam uma competição, e Glória “não deixaria a equipe na mão”. Apesar dos pedidos da treinadora e sabendo que ela ficaria “furiosa”, Glória decidiu sair da ginástica antes da competição (Entrevista Glória, 17/11/2018).

Ao se desligar da equipe de ginástica, a menina mudou de forma expressiva sua rotina diária. No primeiro mês fora do ginásio, Glória afirmou que todos os dias no mesmo horário arrumava sua mochila para ir treinar. Nas palavras da menina: “nesse tempo que eu fiquei parada no primeiro mês foi bem difícil, sabe? Todos os dias, meio dia, eu arrumava minhas coisas para vir para a ginástica como se fosse útil ainda, sabe?” A menina atribuiu a sua dificuldade em se adaptar, no primeiro mês, ao fato de estar “acostumada” com uma rotina bem organizada de atleta. No entanto, passado aquele período, Glória afirmou: “depois do primeiro mês, não foi um sacrifício muito grande, sabe? Até estava gostando de estar em casa sem fazer nada porque era muito exaustivo, muito exaustivo!” (Entrevista Glória, 17/11/2018).

A ex-ginasta não se arrependeu da sua decisão e afirmou ter gostado da nova rotina, na qual podia dar mais atenção aos estudos. Glória percebeu que suas notas melhoraram na escola, pois tinha mais tempo para estudar e fazer os trabalhos que a professora solicitava. Além disso, enquanto era atleta, Glória se sentia cansada para fazer temas, trabalhos e estudar, pois treinava todos os dias das 14h às 18h. Segundo a menina: “eu não tinha aquela energia que uma criança de nove anos tem”. Portanto, estar afastada do ginásio proporcionava mais tempo e disposição para realizar as tarefas escolares (Entrevista Glória, 17/11/2018).

No entanto, decorridos três meses da sua saída da ginástica, Tainá ligou para a mãe da menina e fez o convite que mudaria novamente a sua rotina - a ex-ginasta havia sido convidada pelo *sensei* Rodrigo para ingressar na equipe de judô. No início, Glória apresentou resistência ao convite, pois considerava o judô muito “agressivo”. No entanto, diante de muita insistência da mãe, ela resolveu fazer uma aula experimental para ver

como se sentiria. Após aquela primeira aula, narrada por mim no início deste texto, Glória afirmou: “eu me encantei pelo judô, simplesmente eu me encantei! Acho que foi maior o encanto que tive pelo judô do que o encanto que tive pela ginástica. Foi bem maior, bem maior!” (Entrevista Glória, 17/11/2018).

Diante do exposto, é possível perceber que Glória iniciou na ginástica por vontade própria - apesar de muito jovem, pediu para a sua mãe para praticar o esporte que via na televisão. Nos seus primeiros anos na ginástica ela estava ‘encantada’ pelo esporte e se considerava uma boa ginasta. Porém, o falecimento da sua avó materna contribuiu para que se sentisse triste e desanimada com suas atividades diárias, incluindo a ginástica. Foi também naquele momento que a maneira com que era tratada pelas treinadoras passou a ser um elemento de ‘desencanto’, além do seu desempenho nas competições. Portanto, diferente dos boatos que corriam no ginásio, sua saída não parecia ter relação com apelidos que recebia dos colegas da escola.

Ao sair do esporte de alto rendimento, Glória experimentou momentos de “não fazer nada”, os quais foram narrados como algo que ela gostava, pois a rotina de atleta era “exaustiva”. Além disso, a ex-ginasta se deparou com mais tempo para se dedicar às atividades da escola, o que melhorou o seu desempenho escolar. Glória se sentiu “bem” fora do esporte e não pretendia retornar àquela rotina. No entanto, por insistência da mãe e do treinador Rodrigo, ela resolveu participar de uma aula experimental de judô. E a partir dessa aula sua vida mudou novamente, pois se ‘encantou’ mais uma vez por uma nova modalidade esportiva.

No próximo tópico discorro brevemente sobre o percurso de Glória no judô (Entrevista Glória, 17/11/2018).

### 3.5.1 DA GINÁSTICA PARA O JUDÔ: “É ISSO QUE EU QUERO PARA A MINHA VIDA”<sup>15</sup>

No início eu achei que ia ser só brincadeira, mas depois eu fui crescendo e fui vendo que o judô não era brincadeira, não era diversão. Eu fui amadurecendo e fui vendo que o judô era o que realmente eu queria para a minha vida, era um esporte que eu realmente queria me dedicar, que eu sabia que ia valer a pena. E o judô é totalmente diferente da ginástica, é outro patamar, é outra coisa, é realmente mais unido, sabe? Bem mais unido do que era na ginástica (Entrevista Glória, 17/11/2017).

São muitas as diferenças entre os treinos da ginástica artística e os treinos do judô, mesmo que ambos visem o alto rendimento. Enquanto na ginástica Glória treinava em torno de quatro horas por dia, no judô os treinos duravam duas horas. Sobre as diferenças de tempo e de intensidade dos treinos, a menina destacou que na ginástica se sentia entediada porque durante as quatro horas havia momentos que o treino “ficava fraco”. Já no judô “são duas horas de treino puxado”, o que fazia com que ela percebesse que estava aproveitando melhor o tempo que possuía para treinar. Além disso, quando Glória ingressou no judô, seu tempo não foi completamente preenchido pelos treinos, como era na ginástica, sobrando assim espaço na sua vida para outras atividades que não envolviam o esporte (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Sobre a dinâmica dos treinos, como mencionado anteriormente, no judô eram incorporadas muitas brincadeiras, as quais aconteciam no início das atividades - em meio a muitas risadas e interações entre atletas e treinadores. Após o momento inicial mais descontraído, eram desenvolvidos exercícios de força e de técnicas específicas dos movimentos que compõem esse esporte. Assim, os treinos oscilavam entre momentos de interação entre os atletas, conversas, brincadeiras e momentos de concentração. Além disso, na turma em que Glória treinava havia uma diversidade muito grande de atletas: meninos, meninas, pessoas com necessidades especiais, crianças e adolescentes. Todos esses sujeitos possuíam níveis técnicos diferentes, o que tornava os treinos dinâmicos, pois, ora os exercícios pareciam fáceis, ora exigiam mais dos atletas experientes (Diário de campo, 11/10/2017).

---

<sup>15</sup> Frase dita por Glória quando teve os seus primeiros contatos com o judô (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Sobre as brincadeiras que faziam parte dos treinos, Glória relatou que quando entrou no judô “queria coisa séria”. A menina gostava de treinar “forte” e “puxado” e havia aprendido na ginástica que treinos “sérios”, “fortes” e “puxados” não permitiam brincadeiras. Dessa forma, as brincadeiras causaram estranhamento e incômodo à menina que desejava treinar “sério”. Porém, com o passar do tempo foi percebendo que, mesmo com as brincadeiras, ela podia se dedicar aos treinos da forma como gostava, entendendo que as brincadeiras não descaracterizavam os treinos “sérios” que visavam ao alto rendimento (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Outro aspecto que Glória ressaltou quando comparou o judô com a ginástica, foi o fato de que a maioria dos(as) atletas da equipe possuía bolsa<sup>16</sup>. Nas suas palavras: “o pessoal do judô não é rico, não tem dinheiro e, tipo, todo mundo que está lá dentro batalha para conseguir o que quer”. Esse fato contribuía para que a menina se identificasse com o judô, pois, considerava-o sua “família pobre”. Diferente do que acontecia no judô, na concepção de Glória “as pessoas da ginástica vinham de uma família rica”. Sobre esse aspecto, vale ressaltar que, mesmo havendo ginastas que apresentavam dificuldades financeiras, como Elisa e Glória, a maioria das meninas que faziam parte da equipe de ginástica artística provinha de famílias que possuíam condições financeiras para auxiliar as atletas nas suas viagens, roupas, acessórios e refeições<sup>17</sup> no clube (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Além de se identificar com as pessoas do judô, Glória se destacou como atleta logo no início do seu percurso. Três meses após iniciar os treinos na nova modalidade, foi campeã na sua primeira competição - e este foi apenas o começo de uma sucessão de vitórias. Em 2017, Glória completou três anos como atleta de judô, em dois dos quais ela conseguiu conquistar bons lugares nas competições que disputou. Foi apenas em 2017 que a atleta se sentiu derrotada. Nesse ano, Glória disputou uma competição importante, na qual apenas o primeiro lugar seria classificado para outra competição internacional. Abaixo segue o fragmento da entrevista em que abordamos este assunto:

---

<sup>16</sup> A menina entendia por “bolsa” o fato dos atletas não precisarem pagar mensalidade para treinar no clube, porém não recebiam ajuda de custo do clube.

<sup>17</sup> Como os treinos iniciavam no início da tarde, muitas atletas não conseguiam almoçar em casa. Dessa forma, as ginastas costumavam sair da escola e ir direto para o clube, realizando suas refeições na lanchonete ou restaurante do local.

Glória: eu já estou há três anos no judô, nos dois primeiros anos eu só ganhava, só ficava em primeiro, sabe? E esse ano foi o ano que veio a derrota.

Pesquisadora: só esse ano?

Glória: só que a derrota para mim não veio tão fácil. Entendeu?

Pesquisadora: claro! Tu tava acostumada a ganhar?

Glória: digamos que eu não aceitei a derrota assim, sabe? Foi bem difícil para mim nos dois primeiros meses aceitar que eu tinha que treinar mais, me dedicar mais para conseguir o meu título de novo de só primeira, só primeira. Então foi bem difícil para mim.

Pesquisadora: qual competição tu perdeu? Foi uma competição importante?

Glória: foi uma competição importante.

Pesquisadora: qual o nome dela?

Glória: foi a seletiva do Brasileiro. Foi a primeira competição importante que dava vaga para uma competição mais importante ainda e daí eu perdi, eu fiquei em segundo e só o primeiro lugar vai. Foi um baque, eu nunca tinha perdido.

Pesquisadora: e ano passado tu ganhou?

Glória: ano passado eu ganhei. Fui para o Brasileiro, fiquei em segundo no Brasileiro. Eu era a segunda melhor do Brasil na minha categoria, sabe? Foi muito bom para mim e eu só tinha dois anos de judô. Eu era faixa cinza ainda, então para mim foi uma realização muito grande, apesar de eu não ter ficado em primeiro. Eu estava orgulhosa de mim mesma, sabe? Então eu não tinha me importado tanto com a minha derrota naquela época. Mas esse ano eu me importei demais, demais. Eu fiquei muito mal pelo fato de eu ter perdido, entendeu? Então foi meio estranho para mim no início, aceitar a derrota. Depois eu comecei a treinar mais, me dedicar mais e a Glória começou a vir de novo. Eu comecei a perceber que as coisas não vêm fácil assim, sabe? Eu tenho que me dedicar e tudo mais (Entrevista Glória, 17/11/2017).

A partir dessa narrativa, Glória afirma que em 2017 foi a primeira vez que não foi classificada para a competição mais importante do país, na qual, em 2016, além de ser classificada, ela conquistou o segundo lugar, tornando-se a “segunda melhor do Brasil” na sua categoria<sup>18</sup>. Embora tenha sido uma situação difícil para a menina, quando realizei esta entrevista ela parecia estar novamente animada para continuar treinando: “não penso em sair do judô de jeito nenhum, nunca abandonar o judô. Penso sim em ir para uma olimpíada” (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Saí desta entrevista com a impressão de que estava diante de uma atleta ainda ‘encantada’ pelo esporte a que se dedicava e com o projeto de se tornar atleta olímpica. No entanto, após as férias de verão, quando retomei as observações no clube, em fevereiro de 2018, tive dificuldades de aproximação com Glória, pois não a encontrei em

---

<sup>18</sup> As categorias são definidas conforme o peso das atletas.

diversos treinos que fui acompanhar e, depois de algum tempo, já não obtinha mais retorno das mensagens que enviava a ela.

Nesse período, quando retomei o campo no início do ano de 2018, ainda encontrava Glória em alguns dias no clube e foi em um desses raros encontros que consegui estabelecer um diálogo. A partir desta conversa informal, percebi que ela estava preocupada com a seletiva para o Campeonato Brasileiro que aconteceria em março - a mesma seletiva na qual ela não havia sido classificada no ano passado. A atleta enfrentaria uma grande adversária e, ao mesmo tempo, estava encontrando dificuldades para treinar, conforme consta no fragmento do diário de campo:

Entrei no clube animada e um pouco ansiosa, pois hoje retomaria a pesquisa de campo e conversaria com o treinador de Glória sobre a possibilidade de acompanhar os treinos. Subindo o primeiro lance de escadas que me levavam até o dojô, encontrei Glória sentada em um banco sozinha. Achei estranho, pois era tarde, aproximadamente 20h30, e seu treino já havia terminado. Acenamos uma para outra e me dirigi até ela, nos cumprimentamos e perguntei como estava se sentindo. Glória relatou que estava treinando bastante, pois tinha uma seletiva importante já na semana que vem. A seletiva é para um campeonato Brasileiro que dará vaga para uma competição internacional. Diante disso, a menina relatou o seu desconforto em ter que disputar a vaga com uma colega e amiga de treino, Tatiana. Glória, apesar de afirmar que ambas estão tecnicamente muito equilibradas, afirmou que teve alguns problemas familiares com o seu avô e por isso teve que ficar em casa com sua mãe, faltando alguns treinos. Além disso, a menina teve uma lesão no punho, onde fraturou o osso e teve alguns problemas na recuperação, sentindo bastante dor, o que também estava dificultando os seus treinos. Diante de tudo isso, a menina afirmou estar se sentindo insegura. Após oferecer uma escuta atenta, expliquei o que estava fazendo ali hoje e informei que retomaria as observações. Glória se mostrou muito receptiva. Perguntei como voltaria para casa, demonstrando preocupação, a menina respondeu que ficaria no clube até às 22h, pois os “*senseis*” queriam conversar com ela. Senti na forma como ela falou que seria uma conversa difícil, buscando afirmar minha impressão, perguntei: “aquelas conversas delicadas?”, ela afirmou com ênfase: “muito delicada!”. Não quis logo no início buscar saber o que estava acontecendo, pois percebi que, apesar de receptiva, Glória parecia uma menina reservada. Desta forma, me despedi e me dirigi ao treino para encontrar o *sensei* (Diário de campo, 27/02/2018).

Foi naquele dia que ouvi falar pela primeira vez em Tatiana, principal adversária de Glória naquele período. Após conversas informais com Ângela, mãe da Glória, e com o treinador Ricardo, descobri que Tatiana e Glória se tornaram grandes amigas logo que se conheceram e, assim, se desenvolveram juntas no esporte, tornando-se as principais atletas do clube na sua categoria. Tatiana foi assídua aos treinos durante o ano em que

desenvolvi a pesquisa de campo, juntamente com sua irmã mais nova - ambas treinavam na mesma turma. A mãe de Tatiana também marcava presença em todos os treinos de forma bastante ativa. Segundo Ângela, “Tatiana é a grande adversária dela (Glória). Já teve várias brigas, já teve vários atritos. Porque a mãe dela, diferentemente de mim, é uma mãe que está lá presente 24h, 36h, 48h no tatame” (Entrevista Ângela, 08/06/2018).

A seguir, transcrevo trechos de diários de campo em que expresso a presença marcante da mãe de Tatiana:

Durante o treino havia uma menina pequena, devia ter entre sete e oito anos. Percebi que a mãe da menina dava alguns comandos (de forma firme) da arquibancada: solicitava que a menina se concentrasse, mandou que ela treinasse “direito”, etc. Em um determinado momento a menina olhou para a mãe e disse que estava cansada e precisava da bombinha de asma. A mãe ficou brava e a repreendeu afirmando que quando a menina está “correndo na rua brincando” não sente desconforto. Chamou-me muita atenção a participação dessa mãe e o valor que estava dando para aquele momento (Diário de campo, 06/03/2018).

Num determinado momento, no treino, Glória e Tatiana fizeram duplas, pois elas tinham mais ou menos o mesmo tamanho. O exercício era fazer uma prancha e contar até 20, depois saltar cinco vezes e por fim derrubar o colega com um golpe dos dois lados. Tatiana parecia muito concentrada e durante a execução da prancha sua mãe dava orientações, de longe, para a filha baixar o quadril. Tatiana prestou atenção na orientação da mãe e tentou corrigir. Na segunda tentativa a mãe corrigiu novamente, Tatiana pareceu impaciente e disse para a mãe que já havia baixado tudo o que conseguia. Em uma conversa com Ângela ao telefone, ela afirmou estar preocupada com Tatiana, pois a mãe da menina a “obrigava” manter determinado peso para não subir de categoria e competir com adversárias mais fortes (Diário de campo, 22/10/2018).

No primeiro excerto acima destacado, eu ainda não conhecia Tatiana e sua família, no entanto já me chamava a atenção o envolvimento da mãe dela e a maneira como orientava as filhas durante o treino. Identificar Tatiana também não foi difícil, pois ela chamava a atenção pela concentração, seriedade e empenho durante todos os exercícios que o *sensei* passava no treino. Certo dia, na observação de campo, percebi que Tatiana estava recebendo uma atenção especial do treinador, o qual a desafiava a lutar com ele. Tatiana aceitou o desafio e tentou inúmeras vezes aplicar os golpes, e a cada tentativa frustrada o treinador dava dicas para que ela melhorasse; ela ouvia atentamente e tentava fazer da forma como era orientada. Chamou-me a atenção que depois das inúmeras

tentativas sem sucesso, Tatiana não desistia - quando era derrubada pelo treinador — que possuía o dobro do seu tamanho e peso — ela levantava e continuava a disputa de forma ofensiva (Diário de campo, 19/03/2018).

Sobre a dedicação de Tatiana e como isso atravessava a vida de Glória, transcrevo o relato da mãe dela:

Ângela: a Tatiana treina 24h.  
Pesquisadora: todas as vezes que eu fui lá eu vi Tatiana lá.  
Ângela: é que a Tatiana tem aquele tipo de mãe que não admite ela falhar. Tanto é que às vezes eu fico olhando para a Tânia (mãe de Tatiana) eu fico apavorada. A Tatiana tava lesionada, a Tatiana foi treinar. A Tatiana tava chorando, ela foi treinar. Então existe uma pressão muito grande da Tânia, tanto é que a Tânia ficou muito brava quando a Tatiana perdeu para a Glória, ela não admitiu a Tatiana ter perdido para Glória. Entendeu? E infelizmente eu não queria que isso acontecesse porque elas são amigas e a amizade ficou abalada (Entrevista Ângela, 08/06/2018).

Diferente do que observei com Tatiana, Glória faltava aos treinos com frequência. Nas poucas vezes em que a encontrei no clube, era comum ela sair do treino antes do fim porque se machucava de alguma forma, ou não ia ao treino para fazer sauna com as amigas do judô, afirmando que a sauna ajudava a manter o peso para a competição.

Em um dos dias em que Glória não foi ao treino, perguntei ao treinador Leonardo, que ministrava os treinos de terças e quintas-feiras, se tinha notícias dela, pois fazia alguns dias que eu não a via no clube e também não estava tendo retorno das mensagens enviadas. O treinador afirmou que também estava percebendo a atleta mais distante, e já havia conversado algumas vezes com ela. Nas conversas que estabeleceu com Glória, Leonardo expôs sua preocupação com as faltas, reforçando que ela tinha um potencial muito grande para se tornar uma atleta de sucesso, pois “Glória é uma menina que possui muita força”. Segundo ele, durante essas conversas a atleta havia chorado bastante, dizendo que estava com problemas em casa. Diante dessa informação, o treinador orientou-a a tentar não misturar seus problemas pessoais com o seu desenvolvimento no esporte (Diário de campo, 05/04/2018).

Leonardo afirmou que, em sua opinião, existiam três aspectos que estavam levando Glória a um “desengajamento”. O primeiro deles dizia respeito à relação de concorrência que se estabeleceu entre Glória e Tatiana, e da forma com que a mãe de Tatiana reagia

nas competições quando as duas meninas lutavam uma contra a outra. Leonardo afirmou que a mãe de Tatiana era ofensiva, o que parecia “afetar” Glória. Outro aspecto era sobre o momento da vida em que Glória se encontrava, a “adolescência”, afirmando que “é uma fase complicada”. E, por fim, o treinador mencionou a família de Glória, a qual parecia estar exigindo a atenção da menina, porém, segundo Leonardo, Glória não falava muito sobre o assunto (Diário de campo, 05/04/2018).

Em outro dia de observação, encontrei o *sensei* Rodrigo e conversamos um pouco sobre a atleta. Naquele dia, cheguei ao clube e na entrada encontrei Glória com alguns amigos. A menina havia me informado que não treinaria e que faria sauna com sua colega de treino, pois tinha uma competição no final de semana e precisava perder peso. Após conversar um pouco ela, resolvi observar o treino e lá encontrei Rodrigo, nos cumprimentamos e então informei que havia encontrado Glória e que ela não treinaria para fazer sauna. Rodrigo sentou-se ao meu lado e falou sobre o que pensava em relação ao caso da atleta, parecia desabafar. O treinador demonstrou certo pessimismo em relação ao “futuro da menina no judô”, dizendo que “ela não está se dedicando” e que “a sauna é uma desculpa” para não treinar. Além disso, o *sensei* considerava as companhias de Glória nos treinos um dos fatores que contribuía para a sua falta de engajamento. Segundo ele, a melhor amiga de Glória no judô treina “mais por obrigação e exigência da mãe”. Nesse caso, Rodrigo considerava que as companhias influenciavam negativamente a atleta e comparou as amizades de Glória na época em que ela “treinava para valer”, destacando que naquele período ela era muito amiga da Tatiana, mas que agora elas haviam se distanciado. Rodrigo ressaltou ainda a diferença de envolvimento de Tatiana e Glória com os treinos, afirmando que Tatiana continua se dedicando e Glória não (Diário de campo, 13/11/2018).

Como já afirmei anteriormente, quando retomei o campo, em fevereiro de 2018, percebi que Glória estava apreensiva com a competição que aconteceria em março, a seletiva para o Campeonato Sulbrasileiro de judô. Ela competiu e perdeu para a sua principal adversária, Tatiana. Com isso, sua presença nos treinos diminuiu expressivamente. A partir daquele momento eu não conseguia mais acessá-la, e sua mãe passou a ter um papel importante na pesquisa, pois era através dela que eu obtinha notícias de Glória. Diante da dificuldade em estabelecer algum contato com a atleta,

passsei a trocar mensagens e ligações telefônicas com a mãe dela, a qual relatava como a menina estava e também ‘desabafava’. Em diversos momentos, Ângela expressou estar “chateada” ou “preocupada” com a situação da filha, pois Glória demonstrava desânimo em relação ao judô. Até que um dia, no final do mês de março e início de abril, após a sua segunda derrota para Tatiana na seletiva para o Campeonato Sulbrasileiro, fiquei sabendo através de sua mãe que Glória havia saído do judô.

Diante do ocorrido, fiquei três meses, aproximadamente, afastada da menina e do clube onde ela treinava. Porém, em junho vi uma publicação da sua mãe em uma rede social parabenizando a filha por ter ganhado uma competição de judô. Surpresa com que vi, mandei uma mensagem para Ângela informando que havia visto a publicação dela e perguntando se Glória estava de volta aos treinos. A mãe respondeu imediatamente, afirmando que estava muito feliz, pois a filha havia retornado ao judô. Ângela disse que pensou em me avisar, mas acabou esquecendo. Diante da sua receptividade, perguntei se podíamos marcar um encontro para conversar sobre Glória, e ela concordou, parecendo disposta.

Após muitas tentativas de conciliar minha agenda com a de Ângela, finalmente conseguimos marcar uma entrevista. Combinamos de nos encontrar em um shopping próximo à casa de Ângela. No dia combinado, cheguei um pouco antes para procurar um local com menos ruídos para que pudéssemos conversar com tranquilidade e que permitisse uma gravação nítida. Sentei em uma mesa na praça de alimentação, pois naquele dia não havia muito movimento no local e poderíamos conversar de forma mais descontraída.

Eu não conhecia a mãe de Glória, mas não foi difícil identificar Ângela em meio às pessoas, Glória era fisicamente muito semelhante à mãe. Ao avistá-la de longe, acenei e ela rapidamente respondeu acenando de volta. Abraçamo-nos e Ângela já foi logo pedindo desculpas por tantos desencontros, tranquilizei-a afirmando que compreendia a sua rotina atarefada - uma mulher de 34 anos, mãe de 4 filhos: Lucas com cinco anos de idade, Laura com seis, Eduarda com 13 e Glória com 14.

Assim que Ângela chegou, já foi logo falando dos filhos, e principalmente de Glória. A mãe relatou que em março sua filha estava muito apreensiva para a seletiva que participaria, pois se sentia “insegura” por causa das lesões, por ter faltado muitos treinos e

pela adversária que enfrentaria, aspectos narrados pela própria menina. No período em que a seletiva aconteceu, não consegui acompanhá-la, pois havia perdido o contato com Glória e ainda não havia me aproximado de sua mãe. Segundo Ângela, a menina não gostava que as pessoas conhecidas fossem vê-la nas competições, por este motivo pediu para a mãe não acompanhá-la nesses momentos.

Segundo a mãe, com base nas narrativas das pessoas que estavam presentes na seletiva, a luta entre Glória e Tatiana foi muito equilibrada e durante a disputa a mãe de Tatiana torceu de forma calorosa e ofensiva. Algumas mães que estavam presentes acreditaram que a torcida de Tânia e a ausência de um familiar de Glória, influenciaram a derrota da menina. Após essa competição, Glória se mostrou ainda mais desanimada com os treinos. Observando o comportamento da menina, o treinador Rodrigo tentou animá-la lembrando-a das competições importantes que a atleta teria ainda naquele ano, e afirmou: “a gente tá te treinando para os jogos olímpicos de 2020” (Entrevista Ângela, 08/06/2018). Assim, após essa seletiva, muitos foram os esforços para manter a menina engajada com o judô. E quando a menina retornou aos treinos, Ângela e Rodrigo tentaram ser menos exigentes com ela:

Até agora ela tá cuidando do físico que é na academia. Mesmo assim eu acho, como ela tá com uma carga tão pesada, ela tá achando tudo tão difícil e ela tá assim na beira da desistência e não desistência. Eu não concordo com a decisão dela desistir, então por isso das nossas mãos dadas para não fazer ela desistir, que eu digo: “Rodrigo, dá uma segurada, não vai, deixa ela”. O Rodrigo é muito compreensivo nessa parte, ele tem tanto receio de perder ela, assim como os outros técnicos, porque ela me diz: “mãe, eu me sinto muito pressionada”. O Rodrigo diz: “mas eu não pressiono ela”. Mas eu pressiono, eu digo: “Glória tu não vai treinar?”, “Glória olha o teu peso, tu vai rodar na pesagem<sup>19</sup>”. Muitas vezes ela rodou na pesagem (Entrevista Ângela, 08/06/2018).

Os treinadores tentaram flexibilizar as exigências em relação ao envolvimento e rendimento de Glória nos treinos. Ângela, considerando-se exigente com a filha, também afirmou buscar cobrá-la menos. Além dos esforços em diminuir as exigências, Ângela

---

<sup>19</sup> A pesagem é o momento em que é determinado a categoria em que os atletas irão competir, por isso “rodar na pesagem” significava competir com adversárias mais pesadas e maiores, o que tornaria a disputa mais desafiadora.

estava tentando acompanhar mais a filha nos treinos e nas competições, como afirma no excerto a seguir:

Ângela: eu larguei o treino de mão, fazia seis meses que eu não aparecia no clube. Daí o Rodrigo disse: “Ângela, quem sabe de repente tu volta com ela dois dias na semana?”. Resumindo, eu estou indo toda semana.

Pesquisadora: tá indo toda semana?

Ângela: foi quando deu o resultado que ela foi campeã na SuperCopa em Canoas.

Pesquisadora: foi porque tu estava indo e voltando com ela?

Ângela: eu acredito que sim, por essa melhorada na autoestima: “a mãe tá indo comigo, tá indo nos treinos”. Por que antes a Glória não gostava que eu fosse nos treinos, ela dizia que se sentia pressionada. Tudo ela se sente pressionada: “a mãe tá assistindo o meu treino”, nem nas competições ela gosta que eu vá. Porque eu berro, né, eu grito, eu perco a voz, então eu acho que ela fica na expectativa: “eu tenho que dar o meu melhor porque a mãe tá assistindo”. O ano passado eu acho que fui em duas competições dela, e foi muito (Entrevista Ângela, 08/06/2018).

Ângela relatou que em uma das discussões com Glória, a filha cobrou que a mãe nunca mais a acompanhara nas competições. Ângela ficou surpresa com a fala da menina e explicou para a filha que não a acompanhava porque Glória havia pedido. Dessa forma, parecia que a menina estava sentindo falta da mãe em alguns momentos da sua rotina esportiva. Além desses aspectos, Ângela disse que Glória também estava enfrentando dificuldades na escola. Sobre esse aspecto, transcrevo a narrativa de Ângela:

Ângela: é como eu te disse, ela está extremamente desanimada com tudo, com judô, colégio, tudo.

Pesquisadora: foi de uma hora para outra?

Ângela: não foi, é que a Glória eu digo: “quem não conhece ela, compra”. Ela tem aquela carinha linda, aqueles olhos verdes, mas ela tem um temperamento onde ela não consegue lidar muito bem com o não. O ‘não’ para ela é complicado. E ela teve um atrito nesse colégio, aliás, vários atritos. Se tu soubesse o quanto eu lido com atrito com a Glória, Maitê, tu não tem noção. Ela é rebelde, ela é agressiva às vezes, mal educada e isso eu sei porque as professoras me relatam. E ela teve uma briga no colégio com uma menina, aliás, foram várias brigas, e ela foi convidada a se retirar do colégio. Eu tive que tirar ela do colégio, foi aí que começou o ‘bum’ da Glória.

Pesquisadora: foi aí então?

Ângela: foi aí que ela se separou dessas meninas que eram um trio no colégio, melhores amiga do mundo, ela foi separada. Entendeu? Daí o que aconteceu? A psicóloga disse assim: “tá Glória, então foi o teu primeiro ‘não’, tirando a tua mãe, foi o teu primeiro ‘não’ da vida. Daí então vamos fazer o seguinte, de repente vamos lá no colégio, vamos falar que tu errou, que tu reconhece o teu erro”. Fomos no colégio, eles não aceitaram

ela, foi o primeiro ‘não. Foi aí que ela desabou, foi aí que ela começou não querer curso, não querer judô, não querer colégio. Foi tipo a chave pra ela (Entrevista Ângela, 08/06/2018).

Segundo Ângela, a menina trocou de escola três vezes nesse mesmo ano, apresentando dificuldades de relacionamento. A menina acreditava que o ano “já estava perdido” na escola. A mãe afirmou que Glória não estava “animada” para ir à escola porque acreditava que não iria passar de ano, por esse motivo não via sentido em frequentar as aulas, aspecto que causou aflição na mãe. Ângela e a psicóloga atribuíam à “adolescência” muitas das dificuldades que Glória estava enfrentando, que, na opinião da mãe, “é uma fase muito complicada”. Transcrevo, a seguir, um excerto da entrevista em que Ângela relata a percepção da psicóloga sobre a fase de vida de Glória:

A psicóloga disse: “Ângela, ela tá numa fase que é muita dúvida, é muita mudança, os hormônios estão à flor da pele e ela não sabe o que ela quer, isso é muito da idade mesmo, isso é compreensivo dela não saber o que ela quer, dela estar perdida”. Entendeu? Daí pra mim lidar com tudo isso é muito complicado porque são duas adolescentes lá em casa porque a irmã dela vai fazer 13 anos mês que vem (Entrevista, 08/06/2018).

Portanto, para a mãe e a psicóloga, os conflitos interpessoais e as dúvidas sobre querer continuar ou não no judô são atribuídos à fase da vida que a menina se encontra e aos traços da sua personalidade “difícil”. O namoro também era um aspecto que preocupava Ângela, principalmente em relação ao risco de gravidez na juventude e às brigas que aconteciam e que também afetavam a menina.

Glória havia iniciado, pela primeira vez, um relacionamento com um menino que conheceu no clube, o qual jogava basquete em uma equipe de alto rendimento. Naquele dia em que conversamos, Ângela relatou que recentemente Glória e o namorado haviam brigado e que a menina estava chateada, fato que agravava seu recolhimento. Porém, os jovens já estavam reconciliados e iriam juntos no aniversário de 15 anos da sua melhor amiga do judô. Em função desse aniversário, Glória resolveu não participar da competição no outro dia, após o aniversário, pois chegaria tarde em casa e estaria muito cansada para competir. Portanto, o fato de Glória estar se relacionando com um menino,

saindo sozinha para festas e deixando de participar de competições para sair com as amigas e o namorado preocupava a mãe.

Além de relatar preocupação em relação ao namoro, Ângela se preocupava com o “jeito fechado” da filha. Sobre o fato de não falar o que sentia, Ângela também relatou que em um dia de treino, em que ela conseguiu estar presente, Glória saiu do dojô chorando. A mãe da menina não entendeu o que aconteceu, nem o treinador Rodrigo, o qual enviou, mais tarde, uma mensagem para a mãe perguntando se Glória estava bem e o que estava acontecendo com a menina. Ângela perguntou para a filha, mas não obteve resposta e ambos, mãe e treinador, permaneceram sem entender a atitude dela. Segundo a mãe, nas poucas vezes que Glória expressou o que sentia, a menina afirmou não sentir mais alegria nos treinos:

Antes, digamos que um mês atrás, ela chorou para mim, ela disse: “mãe, eu não tenho mais vontade de ir para o dojô, eu não tenho mais alegria de estar no dojô, minha alegria por tá no dojô acabou”. Entendeu? Mas eu ainda acho que existe uma esperança porque ela ainda vai nos treino, ela ainda tem vontade. Claro, nas competições em si ela não tem aquela vontade de tá como ela tinha antes (Entrevista Ângela, 08/06/2018).

Como é possível perceber, Ângela acreditava que Glória ainda desejava permanecer no judô, mesmo relatando não sentir mais ‘alegria’ para treinar e competir. A mãe comparou a saída da filha da ginástica com esse momento em que ela estava em dúvida sobre permanecer ou não no judô. Segundo Ângela, quando Glória saiu da ginástica ela estava decidida, porém, agora ela percebeu a filha em dúvida, pois ainda estava tentando treinar e participar de algumas competições.

Durante a pesquisa de campo consegui acompanhar Glória em uma competição, a qual não era tão importante quanto a seletiva para o Sulbrasileiro, mas também classificava para outras etapas competitivas mais importantes desse esporte. Naquele dia de observação de campo, entendi como uma competição de judô acontecia e como os pais e atletas se envolviam. Além disso, acompanhar a participação de Glória naquela competição me ajudou a compreender como a menina estava vivenciando aqueles momentos. A seguir transcrevo trechos de diários de campo em que narro essa experiência etnográfica:

Ângela enviou um áudio pelo whatsapp me convidando para acompanhar uma seletiva no dia 03 de novembro, a qual Glória participaria. A mãe havia cancelado o trabalho neste dia para acompanhar a filha. Ângela já havia dito em outros momentos que Glória não gosta que pessoas conhecidas assistam suas competições e por isso pediu que eu não falasse nada para a menina que ela havia me convidado, caso o contrário Glória “brigaria” com ela. Falei que guardaria segredo e que iria aparecer na competição de forma muito discreta. Agradei o convite e combinamos que mais perto da data iríamos conversar novamente para combinar de nos encontrarmos no local. Fiquei muito feliz, pois apesar de estar um pouco distante de Glória, estou bastante próxima da sua mãe (Diário de campo, 11/10/2018).

Neste sábado fui acompanhar, pela primeira vez, uma competição da Glória, estava muito animada para este momento no campo, com muita curiosidade para saber como a menina encarava uma competição, ainda mais neste momento em que ela parece estar em dúvida sobre seguir no judô. Queria ser discreta porque a mãe da menina já havia dito que ela fica muito nervosa com a presença de pessoas conhecidas assistindo uma competição. Cheguei na Universidade La Salle, localizada no município de Canoas/RS, e entrei no espaço onde seria a competição. Havia muitas pessoas na arquibancada, diversos clubes de muitas partes do Brasil, logo vi atletas e pais do clube que Glória fazia parte. Os amigos e parentes vestiam a camiseta #famíliajudo. Vi que os atletas estavam dentro do ginásio em filas se preparando para entrar no tatame, com seus respectivos treinadores. Avistei Glória e sentei perto de onde estava na tentativa de acompanhá-la melhor, mas não desejava ser vista. Logo o *sensei* Rodrigo me viu, abanou e apontou para a Glória, acenei de volta e fiz um gesto de afirmação que já havia visto a atleta. Glória também não demorou muito para me ver e apontou para um lado da arquibancada onde estava sua mãe. Acenei de volta e levantei indo em direção a Ângela. Já estava trocando mensagens com a mãe e ela me deu sua localização me convidando para sentar juntamente com a família.

Me aproximei do grupo, estava presente a mãe da menina, o padrasto e os dois irmãos mais novos. Estávamos sentados juntamente com a torcida do clube, vi ali presente muitos atletas que treinam nos dias que realizo as observações e os pais que também já vi acompanhando os treinos.

Cheguei exatamente no horário que iniciaram os combates, Glória seria uma das primeiras a lutar. Havia no espaço quatro tatames onde as lutas aconteciam simultaneamente, cada luta tinha um árbitro vestido de terno e gravata, havia uma televisão com o cronômetro e os pontos de cada atleta, assim como uma mesa de árbitros e uma espécie de púlpito onde os *senseis* ficavam durante a luta dando instruções. A torcida era bastante interativa, atletas e familiares gritavam incentivos: “segura”, “fecha” e “vai” eram as palavras mais ‘gritadas’. Alguns familiares davam instruções técnicas, diziam nomes de golpes que deveriam ser dados, táticas de lutas, etc. Muitos atletas prestavam atenção, olhavam para a torcida e sinalizavam com a cabeça que estavam concordando com as instruções.

Me senti muito envolvida com o clima da competição e logo pensei que parecia muito mais emocionante do que as competições de GA. No combate, por mais que haja treino, parece que nunca é possível saber com exatidão o que o adversário é capaz de fazer, o que contribui para um clima de tensão. As atletas (era uma competição feminina) se

preparavam para entrar no tatame se aquecendo com pulos, dando tapas no corpo e entravam no espaço da luta com energia. Durante alguns golpes e imobilizações, as atletas gritavam, talvez com o objetivo de demonstrar força e intimidar a adversária. Isso tudo tornava o ambiente muito envolvente, me senti nervosa, ansiosa e me percebi torcendo para diferentes atletas.

Glória entrou no tatame para enfrentar uma atleta da cidade de São Paulo. Iniciou a luta e a torcida do clube gritava o seu nome. Dentro de poucos minutos Glória conseguiu derrubar a adversária, mas não com as costas no chão, o que não reverteu em pontos. Depois desta tentativa de pontuação, Glória anunciou ao árbitro que iria desistir da luta. Ambas saíram do tatame, para a minha decepção e também do seu irmão mais novo, o qual lamentou muito que sua irmã havia terminado a luta tão rápido. Segundo a mãe, a atleta desistiu da luta por causa da dor no seu punho. Somente retornaria a lutar neste dia se a menina com quem ela havia enfrentado ganhasse as lutas seguintes, o que não aconteceu.

Tatiana estava presente nesta competição e em muitos momentos estava do lado da Glória, o que apontava uma afinidade entre as meninas. Logo quando a luta de Glória terminou, Tatiana se aproximou da torcida e pediu para Ângela um energético para a amiga, porém o padrasto de Glória havia tomado o energético da atleta. Com isso, o homem saiu rapidamente para comprar outro na lancheria local. A mãe de Tatiana tentou ajudar dando sugestões de energéticos que o padrasto poderia comprar. Outros pais também deram sugestões, senti um clima de solidariedade entre pais e atletas. Ângela disse que ela devia estar muito nervosa, por isso precisava tomar alguma coisa.

Logo depois foi a vez da Tatiana lutar, a torcida era grande, gritavam o nome da menina. A judoca levou pouco tempo para dar um golpe que acabaria com a luta, lhe dando a vitória. Tatiana venceu as três lutas que presenciei. Foi inevitável a comparação entre Glória e a amiga/colega de treino.

Enquanto as lutas aconteciam, muitos atletas ficaram num espaço do tatame, dividido por alguns tapumes baixos, permitindo que a torcida enxergasse os atletas aquecendo e se preparando para as lutas. Neste espaço reservado aos atletas havia muito movimento. Consegui acompanhar Glória de longe em alguns momentos, observei que a menina olhava as lutas ao lado dos treinadores, conversava com algumas colegas de treino e olhava uma televisão onde a ordem das lutas estavam sendo anunciadas.

Depois de um tempo de espera, Glória recebeu a notícia que não lutaria mais. A atleta saiu do tatame e foi até a arquibancada com sua mala. Antes de chegar até a sua família a menina conversou e cumprimentou alguns atletas. Alguém da arquibancada chamou a atenção da Ângela para o fato da filha estar ali na arquibancada, Ângela disse que não ia chamá-la, pois sabia que estava chateada. Olhei para Glória e ela não parecia muito chateada, ria e cumprimentava seus amigos. Glória se aproximou dos familiares já convidando para irem embora. Ângela pediu que a menina me cumprimentasse. Glória me cumprimentou educadamente com um beijo e um abraço. Rapidamente a família se levantou, me despedi de todos e Ângela agradeceu minha presença. Em um pouco menos de duas horas a observação de campo havia terminado (Diário de campo, 03/11/2018).

Duas semanas depois, encontrei Glória sentada em um banco no clube. Consegui conversar um pouco com ela, sentei-me ao seu lado e perguntei como estava se sentindo

no judô e o que havia achado da competição que participou. Ela respondeu educadamente as minhas perguntas, porém, de forma bastante sucinta. Inicialmente, Glória justificou sua ausência em todos os treinos da semana passada porque precisou ficar em casa cuidando dos irmãos. Sobre a competição, a menina explicou que desistiu da luta porque levou “uma chave de braço” da adversária, e que nesse caso o correto a fazer é desistir da luta, pois existia o risco de fraturar o braço - fato que foi reforçado pelo treinador Rodrigo na conversa que tivemos nesse mesmo dia. Enquanto Glória falava, percebi que parecia tranquila em relação a sua participação rápida nessa luta. Contou-me, animada, que naquele final de semana iria para uma competição no estado de Santa Catarina, que iria passear, além de competir, pois não era uma competição muito importante. Glória finalizou a conversa afirmando que antes estava mais desanimada com o judô, mas que agora se sentia melhor. Em seguida, sua melhor amiga do judô chegou, Glória levantou-se rapidamente para cumprimentá-la e ambas foram para a sauna. Como acontecia com frequência, nossa conversa foi muito rápida (Diário de campo, 13/11/2018).

Essa foi uma das últimas conversas que tive com a menina, pois, no final do ano as ausências eram cada vez mais frequentes. Naquele período ainda aconteceu a troca de faixa do judô, momento que parecia ser muito significativo para os atletas. Para a troca de faixas era necessário que o(a) atleta passasse por uma prova teórica e prática, na qual deveria executar uma sequência de golpes, saber os seus nomes e suas histórias. Para desenvolver esse teste os(as) atletas recebiam uma apostila. Após a aprovação no teste, os(as) judocas deveriam escolher uma pessoa importante nas suas vidas, a qual realizaria a troca de faixa no dia do evento<sup>20</sup>. Nesse período, eu estava tentando realizar mais uma entrevista com Glória, porém, nos dias que tentávamos marcar, frequentemente acontecia alguma situação e a menina desmarcava nosso encontro. Em um desses dias, Glória justificou que não poderia realizar a entrevista porque estava se preparando para a troca de faixa.

Como Glória não me deu muitas informações sobre o evento, conversei com a mãe dela e perguntei sobre a possibilidade de acompanhar a menina. Ângela gostou da ideia e afirmou que seria bom ter alguém acompanhando Glória naquele momento, pois a

---

<sup>20</sup> Informações obtidas através da mãe de um dos atletas (Diário de campo, 15/12/2018).

menina estaria acompanhada apenas da sogra e do namorado, porque, mais uma vez, Ângela não conseguiria estar presente. Fiquei feliz por poder acompanhar Glória em um momento que parecia ser importante. No dia marcado, um sábado pela manhã, fui até o clube e me deparei com a ausência de Glória, porém, dessa vez não era apenas um treino rotineiro, era um evento em que ela se tornaria uma atleta mais graduada. A seguir, transcrevo um trecho do diário de campo, no qual relato minhas impressões sobre aquele momento no percurso de Glória:

Durante a semana enviei mensagem para Glória sobre a possibilidade de marcarmos uma entrevista na sua casa. A menina respondeu a mensagem se colocando à disposição, porém nossos horários não estavam fechando, pois esta semana ela disse que estaria envolvida com a troca de faixa que aconteceria no sábado. Desta forma, combinamos que nos encontraríamos na semana seguinte (semana do dia 17/12). Fiquei interessada pelo evento da troca de faixa e perguntei para a menina qual horário aconteceria, mas Glória não respondeu, como de costume. Porém, sabendo que a menina poderia não responder as minhas mensagens no whatsapp, havia enviado mensagem também para a sua mãe perguntando sobre o evento e mostrando interesse em estar presente. Ângela não demorou para responder e concordou com minha presença na troca de faixa da menina, dando todas as informações. Ângela disse na mensagem que não poderia estar presente no dia e que gostaria que eu fosse para acompanhá-la. Glória estaria com a sogra e o namorado e, após a troca de faixa, iria para a casa do namorado. Diante do fato, assumi o compromisso de acompanhá-la. No sábado às 10 horas cheguei animada ao clube. O local estava agitado, pois também estava acontecendo um campeonato de natação naquele dia. Havia muitas pessoas, música e vozes no microfone.

Quando entrei no dojô, encontrei muitos familiares e amigos que acompanhariam a troca de faixa dos 'judocas'. Os(as) atletas estavam uniformizados aguardando o início do evento. Enquanto esperavam, as crianças corriam pelo espaço e os jovens conversavam em roda. Após algum tempo os(as) atletas saíram do tatame com um dos treinadores para organizarem sua entrada no dojô e o início da atividade. Glória não estava presente, o que pareceu significativo para compreender a situação da menina no judô. Aquele momento parecia ter muito significado para os atletas, muitos se emocionaram durante a atividade. Para cada cor de faixa que iria ser trocada, eram chamados todos os atletas que pertenciam aquela graduação, estes entravam em fila e se posicionavam um ao lado do outro. As pessoas que iriam realizar a troca das faixas de cada atleta eram chamadas e se posicionavam em frente ao 'seu atleta'. Neste momento os(as) atletas saudavam a pessoa que estava na sua frente e, ao som de uma música, as trocas eram feitas. Alguns atletas escolheram os *senseis* para a sua troca, outros escolhiam amigos de treino e parentes. Fiquei emocionada em diversos momentos durante a cerimônia. Após todos terem trocado suas faixas, um dos treinadores iria também trocar a sua, momento que emocionou muitas pessoas presentes. O *sensei* chorou bastante na sua troca de faixa, a qual foi feita por outros dois treinadores - um iniciou o nó da faixa e o outro finalizou. No final todos os professores se abraçaram

emocionados e os pais aplaudiram os “mestres” - um pai ainda puxou uma “hola para os senseis”. Nos discursos finais de agradecimento houve muita emoção, lágrimas e abraços. A fala do treinador Rodrigo deixou muito claro o sentido deste momento compartilhado pelo grupo, o sensei falou sobre o significado da troca de faixa e do quanto os atletas se “empenharam, sofreram e resistiram até chegar ali”, falou muito de persistência e determinação e o quanto não é fácil ser atleta de judô. Também parabenizou os atletas que chegaram até aquele momento, pois a troca de faixa representava todo empenho e dedicação dos atletas. Rodrigo se emocionou ao chamar um atleta, o qual não havia participado de uma competição importante porque teve uma lesão grave e que no dia da viagem para a competição ambos choravam muito. No entanto, o atleta se recuperou e obteve bons resultados em outras competições importantes. Rodrigo afirmou que aquele atleta “realmente vestia a camiseta do clube” e que representava o que era o judô naquele local. Falou também da vitória conquistada pelos atletas do clube e o quanto este ano havia sido importante para todos que estavam ali. Tatiana e sua irmã mais nova estavam presentes, sua mãe como sempre também estava. O treinador Rodrigo foi quem trocou a faixa de Tatiana. No final todos os atletas jogaram suas antigas faixas para cima, como acontece tradicionalmente nas colações de grau nas universidades. No final da manhã, enviei uma mensagem para Ângela dizendo que estive presente na troca de faixas e que não havia encontrado Glória, perguntei se a menina estava bem. A mãe da atleta visualizou a mensagem, mas não respondeu (Diário de campo, 15/12/2018).

Após aquele dia, não tive mais notícias de Glória e da sua mãe. Foi apenas em fevereiro de 2019 que Ângela entrou em contato para informar que Glória havia saído definitivamente do judô. Tentei encontrá-la inúmeras vezes depois desse dia, mas não conseguimos concretizar o encontro. Não fiquei surpresa com a notícia e parecia que todas as situações presenciadas no campo levaram a menina a essa decisão. Embora na sua entrevista, no final de 2017, Glória afirmasse que não desejava sair do judô e que tinha planos de se tornar atleta olímpica, no ano de 2018 aconteceram diversas situações que parecem ter alterado seus planos.

Foi em 2018 que Glória brigou e foi expulsa da escola em que suas melhores amigas estudavam, e também em 2018 a menina não passou, pela segunda vez, para a seletiva da competição mais importante do país. Durante esse ano Tatiana foi campeã do Campeonato Brasileiro e conquistou vaga para uma competição internacional, da qual Glória havia afirmado que desejava muito participar. Nesse mesmo ano, Glória iniciou o seu primeiro relacionamento, o que parece ter mudado a sua rotina e alguns de seus interesses, por exemplo, optar em ir a um aniversário de 15 anos com o namorado ao invés de competir.

No entanto, vale ressaltar também que a família de Glória possuía uma organização em que a menina precisava ajudar a cuidar dos irmãos mais novos, fato que a impedia de treinar em alguns momentos. Sua mãe também possuía uma rotina que não lhe permitia acompanhar a vida esportiva da filha ‘de perto’. Pais e mães de atletas, e também o treinador Rodrigo, acreditavam que a ausência de Ângela parecia não ajudar Glória em alguns momentos difíceis nos treinos e nas competições.

Além desses aspectos, na narrativa de Glória, as dores decorrentes de lesões impediam que participasse dos treinos de forma mais intensa. Diante disso, a menina relatou se sentir insegura para competir com sua maior adversária naquele momento: Tatiana. O fato de as meninas terem se desenvolvido juntas no esporte, competirem na mesma categoria e se tornarem as favoritas do clube, também contribuía para que houvesse comparações entre o desempenho de ambas. Em uma discussão entre Ângela e Glória, a mãe relatou ter comparado Glória com Tatiana. O objetivo da mãe com a comparação era mostrar para a filha o quanto ela não estava se dedicando o suficiente e como isso poderia prejudicar seus resultados, principalmente quando enfrentava alguém como Tatiana, que treinava todos os dias. Portanto, é possível perceber que o último ano de Glória no esporte de alto rendimento foi marcado por inúmeras situações que contribuíram para que ela perdesse a “alegria de estar no dojô”.

## 4 CRUZAMENTO DE PERCURSOS: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Olhando para as narrativas apresentadas no capítulo anterior, percebo o grande desafio que enfrento ao tentar relacionar cinco percursos que, apesar de se aproximarem em alguns aspectos, em outros parecem tão distantes. Nesse sentido, a partir de um movimento constante de aproximação e distanciamento, busco, neste tópico, relacionar os caminhos das ex-atletas com o objetivo de compreender ‘como’ e quais ‘elementos’ fizeram parte dos processos individuais de saída do esporte de alto rendimento.

Inicialmente, apresento duas categorias que surgiram nos percursos de mais de uma ex-atleta: o ‘envolvimento familiar’ e as ‘formas com que os treinos de ginástica artística eram conduzidos’. Sobre a primeira, a família surgiu como importante meio de viabilização da participação das meninas no esporte, e também como participante na (des)construção de um projeto de vida visando à carreira esportiva. Busco destacar nesse debate as diferentes participações familiares.

Sobre as formas com que os treinos foram conduzidos, dou destaque às narrativas das ex-ginastas que abordaram situações vivenciadas em seus cotidianos na condição de atletas. Nesse tópico, fica evidente a cultura de treinamento baseado no “grito”, aspecto que parecia inibir e amedrontar as meninas.

Na sequência, insiro alguns aspectos dos percursos de Giovana, Elisa e Glória. Diante das especificidades dos contextos e das experiências das ex-atletas, considere relevante abordar individualmente os casos, destacando os aspectos: desânimo de Giovana com a ginástica; envolvimento de Elisa com o futsal; e alguns dos elementos que participaram do complexo processo de ‘desengajamento’ de Glória no judô — as lesões, o baixo rendimento esportivo e as escolhas por momentos de sociabilidade.

### 4.1 FAMÍLIA: ENVOLVIMENTOS, DESGASTES, LIMITES E AUSÊNCIAS

Chamou-me a atenção na pesquisa de campo a forma de participação de algumas famílias na vida esportiva das ex-atletas, em especial as famílias de Giovana, Elisa e Glória. Giovana, filha de ex-atletas, foi acompanhada intensamente pela mãe durante todo o seu percurso como ginasta. No entanto, o envolvimento dessa mãe foi marcado por

conflitos e desgastes com treinadoras e coordenadores. Elisa também era acompanhada em todos os treinos pelo avô, porém, a participação deste familiar era mais periférica e apresentava alguns limites. E, por fim, Glória era ‘apoiada’ de modo mais distante pela família, a qual parecia não ter tornado central, em sua organização, o projeto olímpico da ‘judoca’.

No caso de Giovana, ficou evidente o investimento e as expectativas que os pais depositaram na sua formação como atleta. No entanto, a mãe foi a pessoa que despendeu maior parte do seu tempo para acompanhar a filha. Além disso, Irene participava de modo ativo, estabelecendo relações com as treinadoras e a coordenação esportiva do clube. Esse aspecto foi narrado pela mãe de Giovana como um elemento ‘desgastante’ da sua relação com o contexto esportivo.

Como mencionei anteriormente, a presença de Irene era constante quando desenvolvi a pesquisa de mestrado. A mãe estava frequentemente sentada nos bancos dentro do ginásio, acompanhando de longe a filha. Não era permitido pela coordenação esportiva ficar perto, pois, segundo as treinadoras, “os pais atrapalham” quando ficam nervosos ao ver seus filhos chorando e/ou caindo durante os treinos. No entanto, sendo impedida de estar perto, a mãe de Giovana ‘olhava de longe’ e acompanhava as competições, mesmo não podendo viajar no mesmo avião e ficar no mesmo hotel. Irene relatou que, com o passar do tempo, a sua relação com as treinadoras e com a coordenadora do clube se tornou ‘tensa’, como mostro no trecho de sua entrevista:

Eu sou tipo ‘mamãe pata’, assim, sabe? Eu abraço todas. Quando uma menina vinha me falar alguma coisa eu ia lá e batia de frente com os treinadores, sempre fiz isso. E é aí a minha reclamação - eu não sabia, mas depois fiquei sabendo - tinham retaliações para as crianças. Elas vinham reclamar para mim que tinha coisa ruim, eu ia tentar mudar aquilo ou dizer: “olha, não faz isso”. Aí tipo assim: “ah vocês falaram? Vão fazer tal coisa”, “vai acontecer isso agora”. Entendeu? Sempre teve retaliações. Aí a Giovana parou de falar, ela se fechou e tinha medo de falar as coisas para mim, mas as meninas não.

Teve um episódio que o ônibus olímpico da Record, em 2012, ia passando de capital em capital. E aí elas fizeram uma apresentação no ônibus aqui, que foi lá no Gasômetro. Aí na época quem fazia as malhas era a tia Nádia, aí abriu uma loja que trocou a dona, não lembro exatamente o que aconteceu, e só podia comprar lá, mas elas não sabiam fazer malha de ginástica. Fizeram uma malha que a linha da costura arranhava as crianças na abertura das pernas, apertava as crianças, a malha era um desastre! Aí os treinadores todos tinham ido para uma competição no Brasileiro, isso no

preparativo do ônibus da Record, aí foram com os maiores para o Brasileiro. Eu fiquei enfurecida porque só podia usar aquela malha e aquela malha tava machucando a minha filha, ficava uns vergões. Sabe quando fica raspando e fica quase carne viva? Tava assim! Aí eu tirei foto, tapando a pepeca dela assim, porque era do ladinho ali, tirei foto para mostrar para a coordenadora, para mostrar para a Lívia. Tinha uns filetinhos no meio assim de desenho que aquilo lá machucava, ficava tudo machucando elas, onde tinha costura machucava. Aí eu me indignei e fui lá na tia Nádia e disse assim: “tu faz dez malhas para amanhã bem simplezinhas, tu consegue?”, ela disse: “consigo”. Pegou e fez as dez malhas, eu peguei e dei de presente para as meninas e disse: “vocês podem usar porque são as cores do clube e vão usar no treino isso daí. Vocês não vão usar essas malhas que estão machucando”. Aí eu falei para a Lívia, a Lívia tava indo para o Brasileiro. Aí quando a coordenadora chegou ela me chamou, eu tava com os pais ali. Em vez dela me falar, porque eu não era a única mãe que tava reclamando, mas eu era a porta-voz, ela me tirou do meio dos pais, me levou lá nos fundos do ginásio e meteu a boca em mim, me ameaçou dizendo que se eu fosse reclamar mais uma vez da Giovana não participar de alguma coisa porque não tava bom, a Giovana ia sair e não ia participar de mais nada e que eu ficava mostrando foto da minha filha pelada. Olha, eu fiquei com uma raiva daquilo ali, mas engoli. Aí a partir dali eu comecei a acumular, a prestar mais atenção porque aquilo ali me deu nojo, me deu raiva. Eu comecei a acumular. O que as meninas me reclamavam, eu falava com eles, eu peitava eles e aí tinha retorno nas meninas. Aí eu comecei a prestar mais atenção ainda. Por isso quando a Giovana saiu eu fiquei muito aliviada, quando ela foi para o outro clube com a Lívia. Para mim aquilo lá foi um peso que tiraram das minhas costas (Entrevista Irene, 24/05/2019).

Embora Irene se sentisse “aliviada” com a troca de clube, as dificuldades de relacionamento continuaram. Algum tempo depois que Lívia foi fazer parte da equipe de treinadores do outro clube - que aqui nomeio de clube 2 - um novo coordenador da ginástica foi contratado e que era marido da coordenadora do clube 1 - clube do qual as meninas haviam se desligado. Para Lívia e Irene, essa nova contratação havia sido influenciada pela coordenadora do clube 1, e que o “plano” era fazer com que Lívia fosse demitida.

Quando finalizei a pesquisa de mestrado soube pelas treinadoras que Lívia havia saído do clube 1 de forma repentina e que junto com ela havia levado muitas meninas, aspecto que consideravam antiético. Esse fato deixou evidente que a troca de clube causou conflitos e divergências. Lembro que, durante a pesquisa de campo no mestrado, a forma de a treinadora Lívia treinar era muito apreciada pelas meninas, e não ia ao encontro da maneira com que as outras treinadoras conduziam os treinos. Em um dia de

observações, a treinadora Joana expressou que não concordava com “o jeito da Livia” em ministrar os treinos, pois as treinadoras não deveriam ser “mães” das ginastas.

Quando retomei o contato com as treinadoras para o desenvolvimento da pesquisa de doutorado, Livia foi uma importante intermediária entre mim e as mães das ex-atletas. Logo ao iniciar a atual pesquisa, a treinadora ainda fazia parte do clube 2, mas já relatava que a situação estava “delicada” com o novo coordenador, explicando suas impressões em relação ao fato. Certo dia entrei em contato com Livia a fim de fazer uma nova visita ao clube e ela me contou, muito chateada, que havia sido demitida. Sobre esse acontecimento, transcrevo o relato de Irene, narrando como foi a transição de um clube para outro e o momento em que Livia saiu do clube 2:

Em termos das meninas treinando foi tranquilo assim, sabe? A Livia muitas vezes estava com dezesseis meninas sozinha, sendo que o treinador não pode ficar sozinho com essa quantidade de menina, ela não teve o respaldo do clube, sabe. Foi um negócio muito suado, muito sofrido em termos disso. Mas em termos das meninas fazerem ginástica e a interação entre elas foi ótimo! Mas toda a parte de burocracia, de politicagem, fui eu que sofri junto, entendeu? Fui eu e a Livia sofrendo. Aí no meio de 2017 o marido atual da coordenadora do clube 1, ela conseguiu trazer ele de São Paulo pra coordenar o clube 2. Aí quando ele entrou lá, eu cheguei pra Livia e disse: “eu não te dou seis meses pra te mandarem embora”. Seis meses, foi no começo de dezembro, me lembro até hoje, eu tava em São Paulo com a Giovana e a Livia me ligou: “eu vim trabalhar e me demitiram”. Ela chorava no telefone! E eu em São Paulo sem ter o que fazer, ela chorava, as gurias todas chorando porque eles fizeram ela assinar e ir embora, sem ver as gurias. A gente fez carta, a gente fez... tu não tem noção os pais se mobilizando. Eu fiz uma carta para o diretor de esporte lá dizendo que tinha o braço de outro clube comandando lá dentro, que era a mulher do novo coordenador. Ela (esposa do coordenador) chegava lá no clube 2 como se fosse dona. Não tem a Livia mais lá, que era a pedra no caminho dela. Então foi bem sofrida a saída da Livia da ginástica (Entrevista Irene, 24/05/2019).

Após muitas tentativas de contato sem retorno, consegui, através da mãe de uma atleta, o celular do coordenador do clube 2, o Ricardo. Minha ideia era conseguir desenvolver a pesquisa dentro clube, pois gostaria de acompanhar Ariel na turma avançada de GA e Giovana no atletismo. Ricardo me recebeu em um dia de treino, a pedido da mãe da atleta. Nesse momento, Livia já havia sido desligada. Sentamos em um banco dentro do ginásio, pois ele estava ministrando um treino masculino. Após o aquecimento dos meninos, Ricardo sentou-se ao meu lado em silêncio e pediu que eu

iniciasse minha fala. Expliquei-lhe os objetivos da minha pesquisa e o meu interesse em acompanhar Ariel e Giovana em suas novas atividades. Ricardo, após ouvir-me atentamente, falou sobre a dificuldade de adaptação que ele estava enfrentando no clube, pois vinha de uma lógica muito diferente de treinos, onde a ‘exigência fazia parte’. Ricardo ainda afirmou que no clube existia muita interferência dos pais e uma ideia de que aquele era um espaço para “recuperação psicológica” dos atletas. Sobre esse aspecto, criticou a conduta de Livia nos treinos, afirmando que ela “passava a mão na cabeça dos atletas” e não exigia da maneira adequada (Diário de campo, 12/04/2018).

Assim, diante da sua dificuldade em se adaptar ao clube e àquela lógica de treinamento, Ricardo expressou a sua resistência no desenvolvimento da pesquisa no local. Segundo o coordenador, já existiam muitos conflitos dentro do clube com os pais e ele não desejava mais uma preocupação, se referindo à realização da minha pesquisa. Ricardo tinha receio, principalmente, do que os pais fariam do trabalho dele no local, e não gostaria que o nome do clube fosse citado. Entendi a complexidade da situação e logo percebi que as portas do clube 2 não seriam abertas para a pesquisa, o que de fato aconteceu, mesmo depois dos esforços meu e do meu orientador.

Desde o princípio, quando Giovana afirmou, aos três anos de idade, que gostaria de fazer ginástica, Irene já imaginava o que “vinha pela frente”, pois viu sua mãe se envolver intensamente com a ginástica quando Irene era atleta. Mesmo afirmando que entraria em um universo de “politicagem” e de “sujeira”, respeitou a vontade da filha e investiu seu tempo para acompanhar a formação de Giovana como atleta. A mãe estava presente nos treinos, nas competições, participava de decisões administrativas, fazia reclamações e ao mesmo tempo exigia também da filha, pois desejava que ela chegasse aonde queria — em uma olimpíada. No entanto, parece que todos os aspectos que envolviam as relações com treinadoras e coordenadores contribuíram para que Irene não persistisse, com os seus investimentos, para concretizar o projeto de tornar a filha atleta olímpica.

São evidentes, a partir do que foi relatado, as relações que foram estabelecidas entre Irene, Giovana e a ginástica. Com base nessas experiências e situações, mãe e filha desejavam ficar afastadas do esporte por um período e vivenciar outras práticas, e também aproveitar o tempo que agora possuíam para estarem juntas, como estavam

fazendo no dia em que desenvolvi a entrevista com Irene - em uma sexta-feira à tarde, Irene e Giovana estavam aguardando o horário do cinema.

Semelhante à Irene, que acompanhava Giovana em todos os seus momentos na ginástica, o avô de Elisa também ‘buscava’ fazê-lo. No entanto, diante das diferenças entre Irene e José no que diz respeito aos contextos sociais, relações construídas no meio esportivo e recursos financeiros que possuíam, o envolvimento de José acontecia de forma diferenciada. José, apesar de estar presente em todos os treinos de Elisa, não costumava entrar no ginásio, normalmente esperava sentado em um banco do lado de fora. Diferente de Irene, José não conseguia viajar para acompanhar as competições da neta, pois não possuía recursos financeiros.

Por esses motivos, o avô acompanhava Elisa conforme lhe era possível, investindo o seu tempo e despendendo esforços para manter a neta na ginástica. No dia em que visitei pela primeira vez a menina, após finalizar a pesquisa de mestrado, José relatou alguns episódios que exemplificam o investimento dele na ginástica. Quando Elisa quebrou o pé no treino, era um sábado e não havia atendimento médico no clube, e a coordenadora da GA conseguiu muletas para a menina voltar para casa. Com a ajuda de José, Elisa pegou ônibus e trem com o pé quebrado. Quando chegaram a sua cidade, foram caminhando até o posto de saúde, o qual fica longe da estação de trem, e Elisa foi atendida e enfaixou a perna. Mesmo com o pé quebrado, ela continuou indo aos treinos porque o treinador exigia. O avô também se lembrou de outra situação em que a neta cortou o pé no treino e que ele teve que levá-la, da estação de trem até o posto de saúde, no colo. Em ambos os momentos, o clube não deu assistência para o deslocamento da atleta.

Para exemplificar as dificuldades do avô e da neta para se deslocarem até o posto de saúde, cito, a seguir, trecho do diário de campo em que narro uma situação que experienciei com Elisa em um dia cotidiano de pesquisa:

Hoje eu teria a tarde livre, algo raro em uma segunda-feira, por este motivo resolvi aproveitar a oportunidade e acompanhar Elisa na aula de skate. Como a aula começaria bem no início da tarde, 13h30, combinei de encontrá-la direto na pista, pois eu chegaria em cima da hora. Acabei me atrasando e cheguei quase 14h. Logo que cheguei vi a menina sentada dentro da pista, no mesmo banco que sentamos no final de semana passado com os meninos. Ela estava conversando com o Marcos e mais alguns amigos, que pareciam ter a sua idade. Achei estranho ela estar ali sentada durante a aula, demorei

para perceber que Elisa estava com gelo no pé.

Achei melhor não entrar na pista, pois o professor estava dando aula para mais ou menos 10 crianças de diferentes idades, entre 8 e 13 anos. Resolvi me aproximar da Elisa pelo lado de fora da pista e perguntei se havia se machucado, ela confirmou e já mudou de assunto, perguntando até que horas eu ficaria ali. Respondi que ficaria até 15h30 mais ou menos, então, a menina perguntou se eu não poderia ficar até às 16h para que ela pudesse estar com os amigos por mais tempo, pois o seu avô (que estava sentado num banco afastado) queria ir para a casa após a aula. Percebendo que seria um momento importante no campo, concordei e fui avisá-lo. Seu José ficou animado com a ideia de poder ir para casa e me deixou com a menina com bastante tranquilidade. Aproximei-me novamente da pista, fiquei juntamente com duas mães aguardando o final da aula. Finalizada a aula, o professor recolheu o material, saiu da pista e pediu que os alunos formassem uma roda para o alongamento, perguntou como a menina estava e disse para ela ficar sentada, sendo dispensada deste momento final. Após a finalização do alongamento o professor me chamou, já que eu estava acompanhando a menina naquele momento. Cumprimentei o professor com um aperto de mãos e me apresentei como uma amiga que estava desenvolvendo uma pesquisa com ela. Ele disse que achava prudente levá-la no posto de saúde já que o pé estava muito inchado, mesmo com o gelo. Olhei o pé da menina e fiquei assustada, realmente estava muito inchado e roxo. No entanto, Elisa insistia em dizer que não precisava, ela queria ficar na pista interagindo com os amigos e não achava necessário ir até o posto. O professor a repreendeu dizendo que por ela continuaria inclusive andando de skate.

Quando expliquei que eu não conhecia a cidade e que não tinha o aplicativo de serviço de transporte utilizado em São Leopoldo (uber), um pai que nos ouvia se ofereceu em nos levar até o posto de saúde que tinha traumatologia, porém estava de moto e teria que fazer “duas viagens”, uma com Elisa e outra comigo. O professor agradeceu e aceitou sua ajuda. Elisa se despediu do professor e colegas dizendo que estaria na aula quarta-feira. Descemos a pista, ela bastante habilidosa, mesmo com o pé machucado, não aceitou ajuda para descer. Elisa subiu na moto do pai voluntário e foi levada ao posto. Após aproximadamente 30 minutos, o homem retornou para fazer a ‘segunda viagem’ comigo.

Subi na moto com medo e segurei firme no banco de trás do veículo. Neste momento estava pensando: “o que era para ser uma observação tranquila na pista de skate se transformou em uma tarde turbulenta”. Liguei para o avô informando o que havia acontecido. José não tinha como se deslocar até o posto, pois também não utilizava os aplicativos de transporte e possuía apenas uma bicicleta para se locomover. Desta forma, o avô mandou muitas mensagens ao longo da tarde querendo saber como estávamos, demonstrando preocupação.

Cheguei no posto ‘de moto’ e encontrei Elisa sentada na escada me aguardando para entrar. Agradei ao pai pela ajuda e me encaminhei para a recepção do posto juntamente com a menina, fizemos sua ficha e sentamos para aguardar que a chamassem. Enquanto esperávamos, Elisa expressou o quanto lamentava por ter saído da pista, pois estava tão “legal” e sabia que ali iria demorar muito tempo, pois ela já havia “decorado” o procedimento do posto. Quando entramos no estabelecimento, Elisa cumprimentou o guarda como se já o conhecesse de longa data. Ele perguntou o que havia acontecido “dessa vez”, ela explicou que havia machucado o pé andando de skate. Logo entendi que

a menina realmente sabia como funcionava o atendimento no posto e comecei a ficar preocupada com o tempo que levaríamos ali.

Em seguida a chamaram, colocaram a menina numa cadeira de rodas e eu acompanhei até o interior do posto. Ficamos em frente a uma porta onde estava escrito Raio X. Aguardamos ali um bom tempo. Elisa relatou que já esteve ali no posto inúmeras vezes para fazer raio x por causa da ginástica e que sabia o que iria acontecer, disse que fazia tempo que não se machucava e que não sentia a “mínima falta desta função toda”. Ela estava achando desnecessário todo o procedimento, falou já ter passado por “coisa muito pior” e ter se curado sem precisar ir no posto.

Finalmente entramos na sala do raio x, lá foi bem rápido e em seguida nos encaminharam novamente para uma sala de espera. Na sala de espera ficamos mais um bom tempo aguardando quando finalmente alguém nos chamou. O médico foi bastante objetivo e disse que não havia fratura, mas poderia ter lascado o osso e por isso ele imobilizaria seu pé utilizando uma tala de gesso. A menina se deitou na maca e a técnica de enfermagem iniciou o procedimento de construção da tala. O médico me passou as instruções de medicamento e de retorno da menina ao posto. A técnica queria cortar a calça da Elisa para colocar o gesso, porém insistimos para que ela não cortasse, uma vez que aquela era uma das poucas calça jeans que a menina possuía, e segundo Elisa era a sua “favorita”. A técnica pediu então que ela retirasse o jeans, pois iria conseguir uma calça do hospital para emprestar.

Depois de quase 3 horas no posto de saúde, após todos os procedimentos, tinha o caminho de volta. Saímos do posto com um táxi, pois eu não consegui baixar o aplicativo no celular. Para a minha sorte havia um ponto de táxi na esquina do posto de saúde e que aceitava cartão, pois eu não tinha dinheiro na carteira. Neste momento fiquei pensando como o avô resolveria essa situação se estivesse sozinho, pois José não parecia ter dinheiro para o deslocamento - gastei trinta reais até a sua casa.

Quando finalmente chegamos a casa de Elisa, Seu José estava também chegando com o pão da tarde. A menina saiu do carro mancando, José ajudou a neta a se deslocar para dentro de casa. Despedi-me da menina e do avô, depois de tranquilizá-lo e passar as informações que o médico havia nos dado. Ao sair no portão para ir até a estação de trem, encontrei a avó da menina de bicicleta chegando em casa, ela estava bastante preocupada. Passei as mesmas informações que havia dito ao avô, ela se tranquilizou e me agradeceu.

Nos dias que seguiram me comuniquei com Elisa por mensagem para saber como estava. Na sexta-feira ela já havia tirado a tala em casa, por conta própria, e como já imaginava, não retornou ao posto de saúde (Diário de campo, 18/06/2018).

Essa situação que vivenciei com a família de Elisa exemplifica as dificuldades que possuíam para se deslocar até os postos de saúde da cidade quando a ex-atleta se machucava na ginástica. Além dos relatos sobre os deslocamentos para tratar das lesões da Elisa quando era atleta, José também narrou os desafios que enfrentava nos deslocamentos diários para levar a neta até os treinos de ginástica. Contou-me que, à época em que levava Elisa para treinar em Porto Alegre, ainda não tinha o cartão de

isenção de passagens de ônibus para idosos, pois ainda não tinha completado 65 anos. No entanto, naquele período, conheceu uma senhora, avó de uma atleta, que emprestou o seu cartão para ele, pois ela não o utilizava. José mostrava o cartão “de longe” para o cobrador do ônibus, a fim de que não descobrissem que não era ele o dono do cartão. Elisa ia sentada no seu colo para não precisar pagar passagem.

Naquele período, José havia feito amizade com um motorista e um cobrador de um dos ônibus que utilizava, os quais sabiam dos seus esforços em levar a neta para os treinos, por isso não exigiam que Elisa passasse pela roleta e pagasse passagens. Porém, não era sempre que José conseguia pegar o ônibus com seus “amigos”. Dessa forma, quando o avô utilizava outro ônibus geralmente se “incomodava” com os cobradores, os quais exigiam que a menina pagasse a passagem. E um dia teve que descer do ônibus porque o cobrador não aceitou a sua condição (Diário de campo, 02/12/2017).

Outra situação narrada pelo avô foi sobre as passagens de trem. Em muitos momentos ele e Elisa passavam por baixo da roleta para não pagar. Às vezes, o fiscal “corria” atrás deles para que pagassem as passagens e eles tentavam “escapar”. O avô finalizou suas narrativas afirmando: “olha tudo o que eu tinha que passar”. José justificava seus esforços porque acreditava que a neta teria um “futuro bom” na ginástica, pois poderia se tornar uma atleta de destaque, e havia uma rede de relações que ofereciam algumas oportunidades, como o caso da mãe da Mariana que iria conseguir uma vaga para Elisa em uma escola particular perto do clube onde a menina treinava ginástica. Para o avô, essa oportunidade melhoraria suas vidas, pois enquanto a menina passasse o dia em Porto Alegre, em segurança, ele poderia fazer outras coisas: “seria perfeito” (Diário de campo, 02/12/2017).

Apesar das oportunidades que o avô mencionou, as quais justificavam os seus esforços, Elisa não desejava mais fazer parte daquele universo e José se conformou, afirmando: “mas o que eu ia fazer? Ela não queria mais”. Antes de decidir sair, Elisa já estava se envolvendo com o futebol, fato que fazia com que a ex-atleta faltasse às aulas de balé nas terças e quintas-feiras para treinar o futebol no ginásio da sua cidade. O avô de Elisa também tentava ajudá-la nesse processo, pois não desejava que ela perdesse a vaga na ginástica e, ao mesmo tempo, respeitava a vontade da neta em querer faltar às aulas de balé para jogar futebol. O avô afirmou que inventava desculpas para as

treinadoras, por exemplo, que ele tinha algum compromisso e não poderia levá-la, ou ainda, que a menina estava doente. Fica evidente que José era uma presença importante para que Elisa pudesse se envolver com os esportes que praticava. Ele levava e buscava a neta, com sua bicicleta ou de transporte público, em todas as práticas com as quais ela se envolvia.

Apesar de não ser possível afirmar que Elisa parou de treinar porque sua família não tinha condições de sustentar sua participação na equipe, é evidente que eram inúmeras as situações contextuais que não facilitavam o seu envolvimento com aquele esporte. Quando perguntei ao avô os motivos que haviam levado a menina a sair da ginástica, estavam presentes na fala dele todos esses episódios, o que evidenciava as dificuldades da família em manter a menina no alto rendimento. E ao mesmo tempo em que José lamentava a saída da neta e demonstrava disposição para continuar os esforços que viabilizavam sua ida aos treinos, afirmava: “olha tudo o que tive que passar”.

Diferente dos dois casos evidenciados acima, o envolvimento de Glória com o esporte de alto rendimento foi construído com a ausência da família, mais especificamente da mãe dela. Apesar dos esforços de Ângela para acompanhar a filha no judô, sua rotina de mãe de quatro filhos dificultou a sua presença em muitos momentos esportivos de Glória.

Após a entrevista semiestruturada que realizei com Ângela, na qual ela havia afirmado que estava tentando acompanhar Glória todos os dias no clube, fui inúmeras vezes ao treino realizar a pesquisa de campo, e lá encontrei Ângela apenas um dia. Em uma das vezes em que havíamos marcado de nos encontrar no clube, Ângela não conseguiu ir porque precisava fazer compras no mercado. Além de a rotina familiar exigir a atenção de Ângela, seu pai, avô de Glória, teve complicações de saúde e algumas vezes ficou internado no hospital, o que também dificultou a disponibilidade de Ângela para acompanhar a filha. Vale destacar que foi depois de muitas tentativas que consegui encontrar a mãe no shopping para uma entrevista. Depois disso, tentamos diversas vezes conversar novamente e não conseguimos.

Segundo o treinador Rodrigo e algumas mães, a ausência de Ângela estava fazendo falta em situações que ocorriam nos treinos e nas competições. Sobre esse aspecto, transcrevo abaixo o relato de Ângela sobre a seletiva que Glória disputou com Tatiana e

um diário de campo em que Glória e Tatiana se machucaram. Em ambas as situações, Tânia estava presente e Ângela, não.

Quando a Glória ganhou da Tatiana numa competição, a Tânia (mãe de Tatiana) foi pra cima e botou a boca no trombone. Foi uma coisa assim que fugiu totalmente do controle de todo mundo. Entendeu? E quando a Glória perdeu a vaga para o Brasileiro foi para a Tatiana e casualmente, eu não sei porquê, eu não fui, mas dizem todas as mães que estavam presentes que era para a Glória ter ganho, que foi um cartão amarelo que tirou a Glória da competição. Entendeu? Então isso deixou ela mais frustrada ainda e na cabeça dela ela ganhou a luta, mas um cartão amarelo tirou a vaga dela. Diz que a Tânia gritava, gritava, mas xingava Deus e o mundo. Daí numa reunião foi decidido: quando meninas do mesmo clube vão lutar, não é para torcer. Porque ela massacrou a Glória, todo mundo falou: “Ângela, tinha que ter alguém lá com a Glória, a gente fez o possível, mas a falta de um familiar foi grande lá” (Entrevista Ângela, 08/06/2018).

Glória e Tatiana haviam formado dupla, o exercício era derrubar a adversária para os dois lados. Percebi que Glória estava com dificuldade de derrubar a Tatiana para um dos lados e demonstrava irritação quando não conseguia. Num determinado momento Glória foi puxar Tatiana para derrubá-la e bateu o nariz da menina próximo do seu olho. Com a batida o nariz de Tatiana sangrou e a rosto de Glória ficou roxo. A mãe de Tatiana levantou-se imediatamente e esperou a filha com uma toalha na borda do tatame. Tatiana saiu do tatame chorando e foi para o departamento médico, acompanhada pela mãe. Glória saiu do tatame e foi também no departamento médico. Um pai que estava sentado na arquibancada perguntou se Glória estava bem e se precisava de ajuda, a menina agradeceu e disse que estava tudo bem. Esperei um pouco e decidi acompanhá-la. Quando cheguei no departamento médico, encontrei Tatiana chorando colocando gelo no nariz, sua mãe a incentivava segurar firme o gelo no local, mesmo a menina sentindo dor. Glória também estava colocando gelo onde estava roxo. A mãe de Tatiana parecia calma e conversava com Glória normalmente orientando que também colocasse o gelo.

Após alguns minutos, Glória disse que voltaria ao treino, pois o Rodrigo poderia “encher o saco”. A menina se dirigiu a mim e perguntou se estava muito roxo o seu rosto, disse que estava um pouco inchado apenas. A atleta agradeceu e entrou no tatame com um saco grande de gelo, sentando-se na borda do tatame.

Rodrigo havia feito uma simulação de lutas: dois atletas deveriam, em um determinado tempo, lutar no centro do tatame. O treinador desempenhava o papel de juiz e os demais atletas observavam os combates. Os atletas que estavam simulando o combate iriam participar de uma seletiva que aconteceria no início de novembro. Após algumas lutas, o *sensei* perguntou quem mais participaria dessa seletiva e Glória levantou a mão. Rodrigo chamou a menina e mais outra atleta, a qual estava se saindo muito bem nos combates. Durante a simulação, Glória caiu várias vezes, demonstrando menos preparo do que sua adversária. Rodrigo, percebendo a dificuldade da atleta, se aproximou e deu algumas orientações. Glória parecia irritada com a intervenção do treinador e respondeu com a voz elevada que estava tentando. A menina foi a única atleta que teve essa reação diante das correções do treinador. Os outros atletas também receberam inúmeras

orientações, porém ouviram silenciosamente. O combate simulado chegou ao fim com a derrota de Glória. Após as lutas simuladas, aconteceram ainda alguns exercícios em duplas.

Alguns tempo depois, Tatiana retornou ao treino acompanhada da mãe e já estava lutando com um companheiro de treino. Glória, por sua vez, após a luta em que foi corrigida pelo treinador, sentou em um canto do tatame com o semblante fechado. Rodrigo, percebendo a reação da menina, foi até ela e falou alguma coisa, o que fez a menina chorar. Glória chorou por algum tempo, depois se levantou e pegou seu calçado perto de onde eu estava. Uma mãe perguntou se ela estava bem e Glória respondeu: “o Rodrigo às vezes me irrita”, saindo do treino.

Fiquei ali observando Tatiana, a menina persistiu no treino até seu nariz começar a sangrar novamente, neste momento sua mãe se aproximou novamente para auxiliá-la. Glória retornou ao tatame apenas no final do treino para pegar suas coisas. Quando passou por mim na arquibancada, perguntei se ela iria pegar ônibus, a menina respondeu que sim, mas que demoraria porque espertaria uma amiga. Perguntei se ela estava bem, Glória respondeu a mesma coisa que havia dito para a mãe da arquibancada: “o Rodrigo às vezes me irrita”. Fiz alguns comentários com a esperança que ela falasse mais, mas a menina permaneceu em silêncio (Diário de campo, 22/10/2018).

A mãe de Tatiana teve uma presença/participação marcante nas duas situações narradas: na competição torceu pela filha calorosamente, e quando considerou que existia alguma injustiça reclamou para os envolvidos; já no treino, ofereceu apoio para a filha no momento em que se lesionou e a incentivou a retornar ao dojô. A participação de Tânia nos treinos, como já foi mencionado no capítulo anterior, era ativa - a mãe corrigia as filhas, exigia empenho, ajudava quando se machucavam e vibrava com as conquistas. Diante desse envolvimento de Tânia e do empenho que Tatiana demonstrava, questiono: se Ângela estivesse presente nessas duas situações, e também em várias outras, será que Glória teria reagido de forma diferente?

Na concepção da mãe, Glória havia apresentado uma melhora no seu rendimento no período em que Ângela tentou acompanhá-la com mais frequência. No entanto, apesar dos seus esforços, não conseguiu abrir mão dos compromissos com a família para estar mais presente na vida esportiva da filha. É importante ainda destacar que a família de Glória não exigia atenção apenas da mãe, pois algumas vezes a menina também precisou faltar aos treinos para cuidar dos irmãos enquanto a mãe trabalhava ou acompanhava o avô doente no hospital. Portanto, fica evidente que a dinâmica familiar de Glória não permitia que o esporte fosse priorizado em alguns momentos.

\*\*\*

A partir desses três casos percebemos maneiras diferentes de envolvimento familiar. Enquanto a mãe de Giovana se envolvia intensamente com a rotina da filha e intervia em situações com as quais não concordava, a mãe de Glória não conseguia estar presente em momentos importantes do percurso esportivo da filha, mesmo se esforçando para isso. Tanto para a mãe de Glória quanto para o treinador, a presença da família poderia ter ajudado a ‘judoca’ a permanecer no esporte. No entanto, no caso da mãe de Giovana, apesar de estar presente e investir na carreira atlética da filha, a relação de Irene com as treinadoras e coordenadores esportivos havia sido tensionada e desgastada. Portanto, nessa situação, é possível concluir que o envolvimento familiar não garantiu AA permanência da atleta na equipe.

Já no caso de Seu José, o avô não media esforços para acompanhar e viabilizar a participação da neta nas atividades que ela desejava. Porém, apesar da sua disponibilidade e disposição em propiciar que ela fizesse parte da equipe de ginástica, muitas eram as dificuldades enfrentadas pela família.

Diante do cruzamento desses três casos, podemos afirmar que o envolvimento familiar acontece em contextos específicos e é atravessado por diferentes relações, as quais são construídas a partir de tensões, limites e desgastes. É possível ainda afirmar que as três famílias aqui mencionadas almejavam que Giovana, Elisa e Glória se tornassem, um dia, ‘atletas olímpicas’, havendo uma organização familiar específica para que esse projeto pudesse atingir seu objetivo.

Ainda que a mãe de Glória não conseguisse acompanhá-la em sua rotina de treinos e competições, ‘cobrava’ da filha empenho e cuidados com seu corpo e com os treinos, incentivando-a no seu percurso no judô, mesmo a distância. Estamos, portanto, diante de projetos familiares, construídos e sustentados coletivamente, cada um da sua forma, para que fosse viável o envolvimento das meninas com o esporte de alto rendimento (VELHO, 1994).

No entanto, no caso de Giovana, existiam tensões e negociações constantes entre a mãe dela e as treinadoras, havendo divergências sobre o modo com que o processo de

formação de uma atleta criança ‘deveria ser’ conduzido. E sendo o pai da menina um treinador de ginástica, fortemente imerso nessa lógica de treinamento esportivo, houve conflitos familiares e divergências em relação ao que Giovana deveria ‘suportar’ nos treinos. Dessa forma, podemos interpretar esse aspecto como um ponto de ‘enfraquecimento’ de um projeto familiar, quando a mãe da menina - pessoa que viabilizava e acompanhava a rotina esportiva de Giovana - passou a questionar se aquele contexto era adequado para a sua filha.

Já no caso de Elisa, destacamos os esforços familiares para que a menina pudesse continuar participando daquele contexto esportivo, pois o avô acreditava que seria ‘bom para o futuro’ da neta permanecer na ginástica. Sobre esse aspecto, Spaggiari (2015), ao acompanhar dinâmicas familiares de jovens futebolistas, observou as estratégias e táticas cotidianas de famílias pobres que enfrentaram dificuldades para manter o projeto futebolístico dos jovens da família. O autor também identificou que a possibilidade de ascensão social e ganhos financeiros através do esporte dava sentido e força para que os projetos fossem sustentados pelas famílias dos jovens.

Em sua pesquisa, Spaggiari (2015) mostrou os inúmeros esforços que os familiares realizavam para ‘investir’ na carreira dos jovens rumo à almejada posição de jogador de futebol. No entanto, o autor ressalta que, ao mesmo tempo em que os familiares são os grandes responsáveis pelo investimento na carreira dos jovens nesse esporte,

[...] é por ela [família] que, muitas vezes, os jovens justificam desistências quando o projeto passa a revelar outras expectativas e a exigir novas formas de compreensão conforme o desenrolar das trajetórias escolares e de trabalho dos jovens. Portanto, para eles, a família constitui o início, o desenrolar e o fim da matriz relacional de sua constituição de jovem futebolista (SPAGGIARI, 2015, p. 321-322).

O projeto de ser um jogador profissional, afirma Spaggiari (2015), costumava enfraquecer à medida que uma série de eventos e desilusões fazia os atores ‘abandonarem’ essa ideia. Nesse contexto, surgiam vários problemas: dificuldades financeiras, pagamentos atrasados pelos times, falta de apoio e de oportunidades nas categorias de base, ausência de empresário, lesões, necessidade de ajudar no sustento da família, dentre outros. Muitas vezes, situações como essas exigiam a reformulação do projetos de vida dos sujeitos, buscando alternativas profissionais para além do esporte.

Diante desses apontamentos, é possível desenvolver algumas reflexões sobre o caso de Elisa. Em relação às dificuldades do avô para mantê-la na ginástica, e a falta de suporte por parte do clube para viabilizar a participação da atleta na equipe, levanto o seguinte questionamento: se Elisa desejasse continuar na ginástica, até que ponto a família dela conseguiria sustentar a sua participação no alto rendimento? Isto porque, para manter um projeto familiar no qual o objetivo é tornar um jovem pobre em um atleta de destaque exige uma série de condições e situações que ultrapassa a ‘disposição’, ‘boa vontade’ e ‘determinação’ familiar.

Já no caso de Glória, a ‘organização’ e as ‘demandas’ da sua família, muitas vezes não permitiam que o projeto para torná-la uma atleta olímpica fosse priorizado. Semelhante ao caso de Elisa, a mãe de Glória possuía limites de participação, pois tinha compromissos familiares dos quais não podia abdicar ou serem executados por outra pessoa. E, em alguns momentos, a menina não era poupada das tarefas domésticas e faltava aos treinos. Portanto, nesse caso, o ‘desejo’ e o ‘incentivo’ da mãe para que a filha se tornasse atleta olímpica não atribuía, necessariamente, centralidade a esse projeto.

No entanto, na entrevista com Ângela, parece que “os estudos” adquiriam maior centralidade nas projeções que a mãe fazia para a filha, conforme consta no trecho a seguir:

Ângela: então minha única preocupação com ela é que quero que ela termine os estudos, eu quero que ela, sabe, se forme em alguma coisa, independente se ela for campeã no judô, para as olimpíadas, se ela for pra longe... os estudos para mim é fundamental.

Pesquisadora: estudo em primeiro lugar?

Ângela: sempre! E é a nossa briga, porque eu acho que se ela chegar, apesar de ficar triste e chorar: “mãe não quero mais o judô”, não vai adiantar, ela não quer, mas os estudos não (Entrevista Ângela, 08/06/2018)

Diante da narrativa de Ângela, poderíamos afirmar que o projeto escolar/acadêmico parecia mais central do que o esportivo quando ela pensava sobre o futuro da filha. Porém, isso não quer dizer que investimentos e esforços não fossem feitos pela mãe para que Glória permanecesse no judô. Apenas destacamos que existiam diferenças de prioridades.

No entanto, apesar da participação familiar ter sido fundamental para que o envolvimento das atletas com o esporte fosse possível e incentivado, acreditamos que as

meninas eram sujeitos centrais na construção desses projetos. Como evidenciado na pesquisa de mestrado, inúmeros foram os ‘encantos’ da ginástica que faziam com que as ginastas desejassem estar envolvidas com esse esporte (FREITAS, 2015). Porém, no decorrer dos seus percursos, elas decidiram não dar mais continuidade aos investimentos em suas carreiras de futuras atletas olímpicas. Assim, ressaltamos que os projetos familiares foram alimentados pelos projetos individuais das meninas, os quais sofreram “metamorfoses” a partir de situações e experiências vivenciadas por elas (VELHO, 1994, p. 29). Portanto, no subitem a seguir, constam os aspectos destacados pelas ex-atletas, os quais contribuíram para a desconstrução dos seus projetos olímpicos.

#### 4.2 A FORMA COMO OS TREINOS ERAM CONDUZIDOS PELAS TREINADORAS: ‘GRITOS’, ‘XINGÕES’ E ‘APELIDOS’

Giovana: o treino era muito puxado e tu não podia se encostar na parede pra descansar um pouquinho que eles já começavam a gritar contigo, te xingavam bastante. Os professores não eram muito bons com crianças, principalmente a Sônia (professora de balé), chamava o grupo de aranha, dava o nome de curupira, fazia piada racista com a Miriam que é negra, me chamava de menininho, boneca de pano, robô, um monte de coisa.

Pesquisadora: tu ficava chateada?

Giovana: sim, daí o jeito que eles tratavam a gente dava muito influência para os treinos. Me lembro da Joana de vez em quando falando alto com a gente para chamar a nossa atenção, mas o que ela mais fazia era puxar nosso cabelo para lembrar a gente que tinha que olhar para cima por causa da nossa postura. O Caio gritava com a gente quando fazíamos algo que ele não gostava ou que ele não tinha dado permissão. Uma vez uma amiga minha da escola foi fazer um teste para entrar na Ginástica e eu estava um pouco empolgada. Daí a gente tava no solo e ela não sabia fazer o exercício que pediram pra fazer, então eu mostrei pra ela como se fazia. O Caio gritou dizendo pra mim que eu não estava num circo e era pra parar de fazer palhaçada, e depois me chamou de palhaça na frente de todo mundo (Entrevista Giovana, 30/05/2019).

Giovana: eu ficava com raiva quando a Sônia me chamava de “menininho”.

Milena: é, tipo, eu me lembro que a Sônia, quando a gente fazia balé as vezes eu caía e ela falava que a gente era “flor murcha”.

Giovana: era o grupo das aranhas.

Milena: é, de aranhas! Chamavam a Elisa de “Julinho” (Entrevista coletiva, 22/07/2018).

Pesquisadora: por que tu saiu da equipe?

Mariana: porque aquele lugar não estava tão legal porque tinha muito grito. Não sei, eu

não me sentia bem lá.

Pesquisadora: tu sabe me descrever o que tu sentia?

Mariana: eu ficava ansiosa e também eu não me divertia tanto mais como antes. E também ficou muito pesado o treino para a nossa idade.

Pesquisadora: tu ficava cansada fisicamente?

Mariana: sim.

Pesquisadora: e quando tu decidiste que não ia mais?

Mariana: quando eu não conseguia aguentar mais aquele lugar, me fazia mal, as treinadoras gritavam com a gente, nos tratavam mal (Entrevista Mariana, 16/04/2015).

Ariel: quando eu fui para o clube 1 foi quando eu comecei a querer desistir e tals, porque o treino era muito diferente, o tratamento, eram muito grosso, aí nos tratavam mal, principalmente na aula de balé. Eu me lembro que, quando eu tava treinando, quando eu tava errando muito, eles gritavam muito comigo. Eu lembro de uma vez que eu tava fazendo paralela e daí eu tava errando um exercício porque tinha muito medo de fazer, eu tinha entrado fazia pouco tempo. Eu tava do outro lado do ginásio e daí a minha técnica tava do outro, e ela não parava de gritar, nenhum segundo. Eu tava muito nervosa já e começava a errar mais, aí eu lembro que tinha uma guria que treinava, mas ela já era adulta, ela falou: “ela tá ouvindo, ela tá errando assim porque tu tá gritando e não vai adiantar, só vai piorar”. Mas era muito tenso as vezes que elas gritavam.

Pesquisadora: e depois que a ginasta adulta falou com a técnica, ela parou de gritar?

Ariel: eu não lembro direito porque faz muito tempo, mas eu lembro que ela ficou muito brava e continuou gritando.

Pesquisadora: elas costumavam gritar então quando vocês erravam?

Ariel: era quando a gente errava ou, tipo, por exemplo, quando a gente tava fazendo flex (exercícios de flexibilidade) e daí tinha um exercício que a gente ficava deitada de barriga para baixo, daí a técnica sentava nas nossas costas e puxava a nossa perna. Só que aquilo não tinha como a gente respirar, então todo mundo chorava, aí quando a gente chorava elas gritavam mais ainda (Entrevista Ariel, 08/06/2018).

Elisa: na real eu saí do clube 1 por causa do Caio.

Pesquisadora: por quê?

Elisa: porque ele só gritava comigo e qualquer errinho que eu fazia, ele: “vai subir na corda”, “meia hora em volta correndo”, “cinquenta canivetes”.

Pesquisadora: e como tu te sentia quando ele fazia isso?

Elisa: eu não gostava porque foi só um erro, todo mundo erra, ninguém faz perfeito. Daí eu achei meio exigente da parte dele e daí eu fui para o clube 2 (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Quando desenvolvi a pesquisa de campo no mestrado não foram poucos os momentos em que presenciei situações como as relatadas pelas ex-ginastas. E, na narrativa das meninas, um dos motivos muito citado, que fez com que elas pensassem em sair da ginástica, foi a forma como os treinos eram conduzidos pelas treinadoras.

Segundo Irene, Giovana chegava chorando em casa todas as terças e quintas-feiras, dias das aulas de balé. Estranhando o comportamento da filha, Irene perguntou às treinadoras o que estava acontecendo e a resposta foi de que Giovana estava “fazendo corpo mole”. Em função disso, Irene exigia ainda mais da filha, acreditando que ela não estava querendo treinar por falta de vontade. A mãe afirmou que levou um tempo para compreender que Giovana não estava fazendo “corpo mole” e sim se sentia ofendida nas aulas. Irene, e os demais pais, não podia acompanhar os treinos da filha de perto, pois as treinadoras acreditavam que poderia atrapalhar. Portanto, a mãe “confiava” no trabalho das treinadoras e acreditava que o treino estava sendo conduzido da forma como ‘deveria ser’. Nas palavras da mãe:

Irene: em 2014 ela chorava e eu não entendia por que, aí eu perguntava: “por que tu tá chorando? Tá fazendo corpo fraco, né?”. Eu falava assim (se dirigindo às treinadoras): “por que a Giovana chora tanto?”, “ah, ela tá fazendo corpo mole” (resposta das treinadoras). Eu achava que aquilo ali era verdade porque eu não podia ver o treino, não podia ver nada. Eu vou acreditar na palavra dos treinadores. Aí ela chorava, chorava e chorava e eu não entendia. Eu dizia: “o que tu tá fazendo corpo mole Giovana? Também tu não faz isso, tu não faz aquilo e aí tu quer ficar chorando agora?” Eu brigava ainda mais com ela dentro do carro porque os treinadores me passavam uma coisa e eu achava que aquilo era verdade absoluta. Aí depois eu ficava sabendo, depois que as meninas me comentaram o que aconteceu na aula de balé com a Sônia, eu juntei os pontos e percebi que todos os dias que ela chorava eram nos dias do balé. Eu vi a Sônia tratar a Míriam como se fosse sei lá, pior do que trata um cachorro sarnento, os gritos que ela dava e chamava de coisas com conotação racista (Entrevista Irene, 24/05/2019).

Do mesmo modo que Irene percebeu o tratamento das treinadoras ofensivo, o avô de Elisa também relatou um episódio em que o treinador Caio “gritou” com a neta no treino. Seu José, por ter ficado “muito bravo” com a forma com que o treinador se dirigiu à Elisa, gritou também, exigindo que Caio falasse “direito” com sua neta. Para mim foi um surpresa muito grande saber dessa situação, pois não imaginava Seu José, um senhor calado, que costumava ficar do lado de fora do ginásio, alterando o tom da voz e enfrentando o treinador (Diário de campo, 24/11/2017).

Outro aspecto que foi mencionado por mais de uma menina era a forma com que eram exigidas quando estavam lesionadas e sentindo dor. Sobre esse aspecto, Giovana afirmou que se sentia intimidada em falar para os treinadores quando estava machucada e

com dor. Na entrevista coletiva, a fim de contribuir com a declaração da amiga, Milena narrou uma situação em que deveria realizar um exercício mesmo com dor, descrevendo a reação do treinador.

Giovana: daí eu fui forçando o meu pé, forçando o meu pé e um dia no meio do treino eu comecei a chorar de dor, só que eles pensaram que era do meu dedo. Eu não tive coragem de dizer que era do meu pé.

Milena: eu lembro que eu fui no médico né, fui rever meu joelho, e aí eu disse que não tinha passado muito a minha dor e aí a médica mandou uma folhinha para eles e aí o treinador disse assim: “ah, mas tu pode fazer isométrico”. Era um tipo de um negócio que tu encostava na parede e ficava assim (flexionou os joelhos e permaneceu com a coluna ereta, como se estivesse encostada na parede, demonstrando como era a posição que deveria ficar). Mas doía muito o meu joelho, aí tava chorando e o treinador do meu lado nem aí, entendeu? (Entrevista coletiva, 22/07/2018)

E quando perguntei por que Ariel havia decidido sair da ginástica, dentre as situações narradas pela menina estavam aquelas em que deveria treinar mesmo com dor e lesionada. Nesses momentos, quando Ariel não conseguia executar os movimentos da forma adequada, as treinadoras “xingavam” e “gritavam”. Mesmo a treinadora Lívia, que as meninas afirmavam que sabia “dar treino para crianças”, também exigia que as atletas treinassem mesmo estando lesionadas, como evidencia em sua narrativa:

Ariel: é que às vezes eu sentia muita, muita dor mesmo, quando era uma coisa mais séria assim. Tipo, a primeira vez que eu quebrei o pé, eu quebrei o pé um dia antes do Brasileiro, aí eu falei, tipo: “não, não é nada, vou continuar”, só que eu tava com muita dor e a Lívia falou, tipo: “não posso fazer nada”. Aí eu tive que competir mesmo com muita dor e aí eu fui super mal. Eu me machucava só para não precisar treinar. Tipo, não que eu não precisava treinar, eu precisava, mas eu fazia menos. Tipo, lá no antigo clube a gente fazia, não era só eu, as gurias também, a gente sempre tinha uma dor de cabeça, aí tinha que ir no médico lá, aí eu ficava um tempo no médico e depois quando eu voltava para treinar eu perdia uma parte do treino. E tipo, eu ficava meio que feliz que eu tava me machucando só para não ter que treinar.

Pesquisadora: e tu não queria treinar por causa da dor, por causa do medo? O que fazia que tu não quisesses treinar?

Ariel: é que eu acho que o tratamento era muito ruim, aí eu ficava com medo de errar, não por me machucar, mas eu ficava com medo que fossem me xingar, por isso (Entrevista Ariel, 08/06/2018).

Ariel relatou que ela e as colegas costumavam ‘gastar o tempo’ de treino no médico em função das lesões para não precisar treinar. Isso porque as treinadoras costumavam

“xingar” quando as meninas não conseguiam fazer alguma coisa solicitada por causa de dores e machucados. Portanto, estar lesionada era um ‘problema’ para Ariel, mas, ao mesmo tempo, significava uma possibilidade de “matar treino” e evitar situações de conflito com as treinadoras, que pareciam ocorrer cotidianamente e fazer parte da forma como os treinos de ginástica ‘deveriam’ ser conduzidos. Destaco, aqui, a fala do pai de Giovana, quando afirmou que as atletas deveriam resistir à pressão das treinadoras nos treinos, e também persistir e serem “fortes” diante dos ‘gritos’.

Para Ariel, o seu baixo rendimento nas competições, em função das lesões, também era motivo para que as treinadoras exigissem mais dela de maneira ‘ofensiva’, como afirma em sua entrevista:

Ariel: eu comecei a ficar com muito medo de competir no Brasileiro em 2014, foi quando eu quebrei o pé um dia antes da competição. Eu tive que competir mesmo assim e aí eu fui muito mal. E aí depois dessa competição, nos meus treinos eles, tipo, brigavam comigo porque eu tinha ido mal na competição. Então eu entrava na competição já com medo. Tipo, antes eu entrava pensando: “ah, tudo bem, vou só fazer o que eu sei”. Aí depois disso foi: “não, eu não posso errar”, aí eu comecei a ir mal (Entrevista Ariel, 08/06/2018).

Em determinado dia, Ariel machucou o pescoço treinando e precisou se afastar por um mês. Após esse período de afastamento, logo ao retornar machucou o punho na escola, o que a fazia sentir bastante dor treinando. Porém, a treinadora não considerou significativo o machucado no punho porque havia sido feito fora do treino, exigindo que a menina treinasse normalmente. Segue abaixo o relato de Ariel sobre esse episódio:

Ariel: eu tava querendo sair, eu tava já conversando com a Lívia acho que já toda semana, eu tava tipo: “Lívia, não tô conseguindo mais”. Aí eu machuquei o pescoço, aí eu fiquei um mês sem vim porque aí eu não conseguia fazer nada mesmo, eu fazia só flexibilidade. Aí depois que eu tirei a coleira que estava usando no pescoço, eu voltei a treinar, aí eu machuquei o pulso. Só que eu machuquei fora do treino, eu machuquei no colégio. Eu fechei a mão na porta, aí a Lívia ficou muito braba comigo, daí ela falou: “não! Pode tirar isso da tua mão, tu não tá machucada! Se tu não te machucou aqui então tu vai treinar”. Aí o dia que ela falou isso para mim eu falei: “não, não dá, não é assim que funciona”. Aí ela saiu do ginásio e quando voltou eu falei: “Lívia, eu não consigo mais”. Aí a gente conversou, ela fez eu tentar ficar, aí eu disse que não dava mesmo. Aí ela sugeriu que eu fosse fazer essa turma de avançado pra pelo menos não perder o contato com a ginástica. Aí eu já não estava querendo mesmo: “aí não, não

aguento mais ginástica, não quero mais fazer isso na minha vida”.

Pesquisadora: não queria nem a turma avançada?

Ariel: é, eu falei: “não quero mais saber de ginástica”. Mas aí eu vim para fazer uma aula experimental e eu gostei, aí eu percebi que eu gosto de ginástica, eu gosto de tá no ginásio e tals, eu só não queria mais estar no alto rendimento (Entrevista Ariel, 08/06/2018).

Semelhante ao que aconteceu com Ariel, Elisa mencionou seus machucados e lesões decorrentes da GA como um aspecto que a fez querer parar de treinar. Na primeira visita que fiz à Elisa, a ex-atleta estava com o dedo da mão muito inchado, pois o havia machucado jogando futebol. No entanto, Elisa disse que não era “culpa” do futebol, pois aquele dedo ela já havia quebrado na GA e afirmou que, depois daquele episódio, constantemente o dedo estava “dando problemas”. Fiquei preocupada com o dedo da menina, pois estava muito inchado naquele dia, e a alertei e ao avô de que poderia estar fraturado, mas ela disse com convicção: “não é nada, logo vai ficar bom” (Diário de campo, 24/11/2017).

Elisa ainda contou que um dia quebrou o pé no treino ao fazer uma acrobacia, e que ao finalizar o movimento caiu no chão “sentindo muita dor”, mas o treinador Caio insistiu para que ela repetisse o movimento, mesmo a atleta dizendo que não conseguiria por causa da dor. Diante da insistência do treinador, ela repetiu o movimento, porém o pé “amoleceu” enquanto estava executando o elemento, provocando a sua queda novamente (Diário de campo, 24/11/2017). Nesses momentos em que se machucava, Elisa afirmou que os treinadores a ‘culpavam’, conforme consta no excerto a seguir:

Pesquisadora: tu tinhas me dito uma outra vez que a gente conversou sobre as lesões e que tu te machucava na ginástica.

Elisa: é que eu tava me machucando muito e a Lívia falava que eu estava fazendo de propósito. Jura que eu ia: “ah, vou quebrar o dedo de propósito”, “vou quebrar o pé de propósito”.

Pesquisadora: e tu sentia bastante dor?

Elisa: sim, mas o que não dava para fazer eu não fazia. Quando eu tava com o dedo quebrado eu fazia mortal de costas porque não usa as mãos, fazia as coisas que dava (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

É possível perceber, nas narrativas, que as ex-ginastas não gostavam da forma com que eram tratadas no cotidiano dos treinos. Da mesma forma, quando se machucavam e

desenvolviam alguma lesão, as treinadoras costumavam ‘culpabilizá-las’ e exigiam, muitas vezes através de ‘gritos’, que continuassem treinando mesmo com dor.

Como foi mencionado no primeiro capítulo desta Tese, estudos apontam as lesões como uma das ‘causas’ que levam atletas a saírem do esporte de alto rendimento. Algumas das pesquisas citadas destacam que as lesões estão relacionadas à iniciação esportiva precoce e à exigência excessiva nos treinos em momentos da vida em que as atletas estão biologicamente mais suscetíveis, como a infância e a adolescência (ROCHA; SANTO, 2010; STRINGHINI, 2010).

No entanto, nos casos aqui narrados, poderíamos abordar esse tema de uma forma diferente, dando outro destaque. Para as meninas, as lesões e os machucados pareciam ‘naturalizados’. Essa ‘naturalização’ fica evidente, por exemplo, quando Elisa mostrou o seu dedo inchado e afirmou que não era nada grave, ou ainda, quando Ariel mencionou o “medo” de treinar, não pela dor ou pelo risco de se machucar, mas pela forma com que as treinadoras iriam ‘xingá-la’ caso não conseguisse executar os movimentos solicitados. Mesmo que, em um primeiro momento, as meninas tivessem afirmado que saíram da ginástica por causa das lesões, quando olhamos para o ‘processo’ percebemos que “as lesões”, além de limitarem os movimentos e o rendimento, também estavam associadas ao modo com que as treinadoras lidavam com esse aspecto. Nesse sentido, muitas vezes as meninas não ficavam chateadas porque não conseguiam treinar ou porque estavam sentindo dor, mas porque as treinadoras exigiam um desempenho e uma resistência que elas não conseguiam oferecer.

\*\*\*

Desde o período do mestrado, em que eu observava os treinos das ginastas, entendi que a rispidez, os gritos e a forma autoritária de orientar os movimentos ‘fazia parte’ do processo de formação das ginastas naquele contexto. Oliveira (2014) observou a mesma lógica de treinamento ao desenvolver sua pesquisa de doutorado nas dependências de um ginásio de GA. Através da etnografia, o autor teve como objetivo compreender a cultura que se desenvolvia naquele espaço de alto rendimento voltado para ginastas do sexo feminino. E o autor identificou que as orientações dos treinadores também eram feitas

através de gritos, ironias e autoritarismo. As ginastas, por sua vez, ouviam em silêncio e, a partir dessa falta de diálogo, eram “moldadas segundo as expectativas e os critérios de seus técnicos” (OLIVEIRA, 2014, p. 112).

Semelhante ao que foi relatado pelas ex-ginastas, Oliveira (2014) identificou que os treinadores atribuíam as falhas dos movimentos à falta de disciplina e de empenho das meninas, havendo também um processo de ‘culpabilização’ das atletas quando apresentavam dificuldades. Uma das conclusões do autor é de que os gritos, castigos e comentários depreciativos eram estratégias para incitar a execução das tarefas solicitadas através do ‘medo’. Sobre a forma de conduzir os treinos de GA, visando ao alto rendimento, Oliveira (2014) ainda aponta que existe uma ‘tradição’, baseada na coerção e na disciplina, construída no período em que a prática era utilizada para o treinamento militar - durante o século XVIII e início do século XX.

Ao observar os treinos no alto rendimento, é possível perceber que era daquele jeito que ‘deveria ser’, pois, segundo as treinadoras, elas também foram ensinadas dessa forma. No entanto, diferente do que Oliveira (2014) observou no contexto em que desenvolveu sua pesquisa, percebi inúmeras ‘táticas’ e ‘manobras’ das meninas para ‘burlarem’ as normas dos treinos, por exemplo, “matar” exercícios considerados “chatos”, ou “brincar” quando as treinadoras não estavam olhando (FREITAS, 2015). No entanto, quando Mariana vira as costas para a treinadora que estava ‘gritando’ e vai embora, quando Ariel afirma: “não, não dá, não é assim que funciona” e decide comunicar a treinadora de que iria sair do alto rendimento, poderíamos concluir que não estamos mais diante de ‘táticas’, mas sim de ‘tensões’.

Norbert Elias é um autor que ajuda a pensar sobre as ‘tensões’ que constituem as relações entre indivíduos que compõem um contexto social. Em sua obra *A Sociedade dos Indivíduos*, o autor associa a sociedade a uma rede constituída por muitos fios. No entanto, essa rede não pode ser entendida pela unidade de um fio e nem pela totalidade deles, mas sim através das suas ligações. Dessa forma, para Elias (1994, p. 35), as ligações entre os fios dão origem a um sistema de tensões “para o qual cada fio isolado concorre, cada um de uma maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede”. Desse modo, a forma do fio se modifica conforme as ‘tensões’ que são produzidas nas ligações dentro de uma rede. É possível afirmar que para o autor os

indivíduos em uma sociedade estão interligados e estabelecem relações de interdependência.

Além disso, diz Elias (1994), essas relações/ligações são constituídas por forças de poder, pois,

desde que nasce, a criança tem poder sobre os pais, e não só os pais sobre a criança. Pelo menos a criança tem poder sobre eles, desde que estes lhe atribuam qualquer tipo de valor. No caso contrário, perde o seu poder. Os pais podem abandonar a criança se ela chorar demasiado. Podem deixá-la morrer de fome e, deliberadamente ou não, causar a sua morte, no caso de esta não desempenhar qualquer função para eles. Igualmente bipolar é o equilíbrio de poder entre um escravo e o seu senhor. O senhor tem poder sobre o escravo, mas o escravo também tem poder sobre o seu senhor, na proporção da função que desempenha para o senhor — é a dependência que o senhor tem relativamente a ele. Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas (ELIAS, 2014, p. 81).

Esses apontamentos sobre relações de interdependência e poder entre os indivíduos que compõem uma sociedade contribuem para pensarmos sobre as ‘tensões’ narradas pelas ex-ginastas que compõem esta pesquisa. Diferente de entender as meninas como sujeitos passivos diante da dominação que as treinadoras exerciam sobre elas, é possível compreender que as ex-ginastas possuíam funções e significados que contribuía para a manutenção daquele contexto esportivo. No entanto, a partir do momento em que as meninas decidiram trocar de equipe, as relações de interdependência entre treinadoras e ginastas foram rompidas.

Ao debater as relações de forças de poder existente entre os indivíduos, Elias (2014, p. 85) levanta questionamentos, os quais consideramos pertinentes para as reflexões desenvolvidas até o momento:

Quem tem maior potencial de reter aquilo de que o outro necessita? Quem, por consequência, está mais ou menos dependente do outro? Quem, portanto, tem que se submeter ou adaptar mais às exigências do outro? Em termos mais gerais, quem tem uma proporção de poder mais elevado e pode, por conseguinte, orientar mais as atividades do outro grupo do que propriamente as suas, pode exercer mais pressão sobre eles do que ser pressionado?

Com esses questionamentos o autor destaca que as relações de poder são dinâmicas e processuais, podendo haver mudanças nos laços de interdependência entre os sujeitos. Nos casos narrados, não podemos afirmar que a lógica do treino mudou porque as meninas não estavam satisfeitas, também não podemos afirmar que as treinadoras se adaptaram às exigências das atletas. No entanto, ainda que as forças de poder estivessem desequilibradas e tendessem para o lado das treinadoras - pois eram elas que, indiscutivelmente, ditavam as regras e determinavam 'como deveria ser' -, as ginastas decidiram não fazer mais parte daquela lógica, e suas ações já não eram mais orientadas pelas treinadoras. Portanto, é possível afirmar que as treinadoras não conseguiram 'reter' aquilo que as ginastas necessitavam para manter uma relação de dependência. Desse modo, as ligações entre as ginastas e as treinadoras foram tensionadas, enfraquecidas e desfeitas, havendo mudanças na configuração daquele grupo.

Em suma, compreender 'como' os treinos foram conduzidos e a maneira com que as ginastas se movimentaram nesse processo, mostra a complexidade das relações que são estabelecidas em um contexto esportivo de alto rendimento, como o da GA. A partir dessa complexidade podemos ver as ginastas não apenas como sujeitos passivos diante de uma relação de dominação. E também é possível levantar os seguintes questionamentos, os quais necessitariam do investimento de outra pesquisa: será que as meninas, ao decidirem sair do esporte de alto rendimento, alteraram apenas seus percursos como atletas ou também modificaram as relações estabelecidas naquele grupo do qual faziam parte? Se sim, como essas mudanças interferiram nas conduções dos treinos e nas relações de interdependência estabelecidas entre as treinadoras e as atletas que permaneceram?

Embora não seja o objetivo desta pesquisa buscar soluções para evitar a saída de atletas do esporte de alto rendimento, a partir do que foi exposto é possível produzir reflexões que consideramos pertinentes para aqueles que buscam o desenvolvimento esportivo. Pensar que uma equipe de alto rendimento é mantida através de relações de interdependência estimula o direcionamento do olhar também para as necessidades dos(as) atletas. No entanto, ressaltamos que essas necessidades são dinâmicas e construídas a partir das relações estabelecidas entre os indivíduos que constituem uma

configuração social, como uma equipe esportiva. Portanto, para serem mantidas, as relações entre os sujeitos são constantemente tensionadas, negociadas e ressignificadas.

Diante desses apontamentos, nos próximos tópicos serão ressaltadas situações vivenciadas por algumas das meninas que fizeram parte desta pesquisa, a fim de compreender de que forma as relações estabelecidas entre as ex-atletas e diferentes sujeitos contribuíram para mudanças de ‘interesses’ e ‘necessidades’ - as quais não foram ‘retidas’ pelos contextos esportivos dos quais as meninas faziam parte.

#### 4.3 ESPECIFICIDADES QUE NÃO CABEM EM GRANDES ‘CATEGORIAS’

Conforme anunciado no início deste capítulo, houve dificuldade em buscar compreender o processo de saída do esporte de alto rendimento dessas cinco meninas a partir de categorias que englobassem todas. Mesmo havendo aproximações, pois em muitos momentos as meninas narraram situações semelhantes e apontaram os mesmos ‘enfrentamentos’, ao acompanhar um pouco mais de perto suas histórias individuais, os processos apresentaram especificidades. Assim, entendemos que foi necessário criar um tópico que abordasse categorias destacadas dentro de casos particulares. Portanto, nos tópicos a seguir discorreremos sobre especificidades dos percursos de Giovana, Elisa e Glória.

##### 4.3.1 O DESÂNIMO DE GIOVANA: SOBRE O “TÉDIO”

Uma das palavras bastante mencionada por Giovana foi “tédio” com os treinos. Para a ex-ginasta, quando ainda treinava no clube 1, a repetição dos exercícios e a certeza de que iria conquistar o pódio nas competições era um dos elementos que ela considerava ‘entediante’ no alto rendimento. Dessa forma, quando ela foi para a nova equipe no clube 2, afirmou:

<p>Giovana: eu fiquei muito feliz e me senti mais à vontade do que no clube 1. Pesquisadora: por quê? Giovana: não sei, parecia que o ambiente era melhor, não sei o que fazia eu me sentir mais à vontade.</p>
---

Pesquisadora: tinha mais brincadeiras?

Giovana: não

Pesquisadora: os exercícios que tinha que fazer eram parecidos com os que tinha que fazer lá no clube 1?

Giovana: não, tinha bem mais dificuldade no clube 2 do que no clube 1.

Pesquisadora: ah, é? Era mais difícil?

Giovana: é, porque no clube 1 eu fazia as mesmas coisas, eu fazia dois três anos seguidos as mesmas coisas. Aqui (clube 2) quando eu entrei eu fiz coisas novas (Entrevista coletiva, 22/07/2018).

Conforme essa narrativa, mesmo não diminuindo a complexidade dos movimentos e não aumentando as brincadeiras Giovana relatou se sentir “mais à vontade” e ‘animada’ com a nova rotina de treinos. Fica evidente que, com a troca de clubes, ela experimentou exercícios ‘novos’, o que parece ter estimulado novamente o seu envolvimento com a ginástica. Vale lembrar que ao ingressar no novo clube, no seu primeiro dia de treino, Giovana conseguiu realizar um movimento que ainda não havia obtido sucesso no antigo clube. Ao narrar essa situação, ela destacou o quanto não estava percebendo o seu desenvolvimento com a forma com que os treinos estavam sendo conduzidos pelas antigas treinadoras.

No entanto, com o desligamento de Livia do clube 2 e a entrada de um novo treinador, Giovana ‘desanimou’ novamente, porém por outros motivos. Segundo ela e as colegas, o treinador novato não possuía experiência com atletas. A seguir constam os relatos das ex-ginastas sobre suas percepções:

Giovana: esse negócio da Livia ser demitida foi a causa de todo o grupo sair.

Verônica: a Livia era bem boa treinadora e aí entrou um treinador quase nada experiente.

Giovana: disseram que ia vim um treinador do mesmo nível da Livia ou mais que ela, mas, tipo, ele era menos, não sabia segurar, era magrela, sabe? Não sabia segurar. O problema é que ele não sabe ensinar muito bem e daí a gente ficou desmotivada.

Verônica: ele não consegue dar uma ordem e fazer elas obedecerem.

Milena: ele deu uma folha que a gente tinha que seguir, tipo, uma folha para cada uma para a gente não se juntar nos treinos.

Giovana: a gente ficava machucada. Eu machuquei o dedo, a Verônica o pulso e o joelho e a Milena o joelho e eles nos deram tipo uma folhinha com uma rotina. Tinha que seguir todo o treino e se a gente acabasse, podia ir embora.

Pesquisadora: e vocês não gostaram disso?

Milena: nem o treinador gostava disso.

Giovana: quando era a Livia, quando a gente estava machucada a gente fazia coisas

novas sem usar a parte que tava machucada, mas com ele a gente fazia só o que ele sabia.

Milena: a gente faz as mesmas coisas sempre. Ah, eu matava aquela força lá que ele fazia que era abdominal normal.

Pesquisadora: o que vocês gostavam na Lívia?

Giovana: ela era boa treinadora e ao mesmo tempo era uma mãe pra gente.

Verônica: ela não é aquela pessoa que xinga, mas também não é aquela pessoa que mimia.

Pesquisadora: e vocês não gostam de ser mimadas?

Todas: não!

Pesquisadora: e não gostam de treino frouxinho?

Milena: normal

Pesquisadora: o que é o normal?

Milena: normal é tipo, não é forte nem fraco, entendeu? Tipo, meio termo que tu consegue fazer uma coisa sem se cansar muito, fazer a coisa que tu tinha que fazer, mas não em excesso e não muito pouco. E tipo, não ficar muito cansada, conseguir chegar em casa e não, sei lá, passar um monte de gelol no corpo (risos). E aí, tipo, era um treino que a gente tava meio acostumada com a Lívia.

Giovana: mas não era uma rotina, era cada dia uma coisa diferente.

Verônica: ela programava na hora, tipo: “hoje a gente vai fazer salto”.

Pesquisadora: ah então era uma surpresa. Quando vocês receberam a folhinha de treino era sempre a mesma coisa?

Todas: sim!

Giovana: teve uma vez que eu já tava acostumada com essa folhinha que a gente tava falando, daí o professor resolveu mudar e eu fiquei um pouquinho irritada porque, tipo, eu tava fazendo o negócio há dois meses e ele quer mudar justo quando eu vou sair. Quando eu disse pra eles que eu queria sair, eles ficavam conversando comigo, me tratavam bem, mudando as coisas da folhinha, mas eu não queria treinar e eles me forçavam mais a treinar (Entrevista coletiva, 22/07/2018).

Portanto, é possível observar que os treinos que as meninas gostavam eram aqueles em que havia um equilíbrio entre a exigência por parte dos(as) treinadores(as) e a liberdade de ação das atletas. Em um de seus relatos, Giovana deu o exemplo de situação em que ela gostava nos treinos de Lívia, na qual ela ficava ‘livre, mas não muito’:

Quando a gente tá treinando para uma competição e a gente tem que apresentar a série na trave, uma de nós vai lá e faz a série e as outras ficam aqui sentadas, ou dando motivação, ou ajudando, como se realmente a gente tivesse numa competição ou a gente ficava conversando entre si, assim, normal, e ela deixava. Ela às vezes mandava: “Gi, treina isso enquanto ela apresenta a série”. Daí a gente ia, ela meio que deixava livre, mas não deixava (Entrevista Giovana, 30/05/2019)

Além desse equilíbrio entre a exigência e a liberdade nos treinos, parece que aprender ‘coisas novas’ e ser ‘desafiada’, dentro de um limite em que o desafio era possível de ser executado, também era algo que agradava as ex-ginastas. Quando perguntei para Giovana o que ela gostava de fazer nos treinos da Lívia, a menina respondeu: “eu gostava quando a gente fazia as mesmas coisas e dava tempo de fazer mais, aprender coisas novas e quando eu conseguia fazer as coisas novas” (Entrevista Giovana, 30/05/2019).

Acreditamos que identificar aquilo que as meninas apreciavam nos treinos do alto rendimento e o que elas estavam sentindo falta, ajuda a compreender os motivos pelos quais os treinos se tornaram ‘desinteressantes’. Conforme o relato das meninas na entrevista coletiva, a construção de uma “folhinha” para a orientação dos treinos representava uma ‘previsibilidade’. Além disso, parece que o roteiro de treino construído pelo novo treinador não as ‘desafiava’ em suas habilidades.

O fato de as meninas serem ‘liberadas’ do treino quando finalizassem a sequência de exercícios da “folhinha” parecia ultrapassar o ‘nível de liberdade’ que consideravam ideal para manter o equilíbrio com o ‘nível de exigência’ do treinador. E ainda sobre esse equilíbrio, quando as meninas se machucavam, desejavam receber um treino adaptado para a sua lesão, no qual percebessem que estavam sendo estimuladas dentro dos seus limites.

Quando Giovana saiu da ginástica experimentou, juntamente com Milena e Verônica, aulas de atletismo. Logo quando iniciou a nova prática, “no começo foi legal porque era uma coisa nova que eu ia experimentar”. No entanto, três meses após entrar no atletismo, Giovana ‘desanimou’ e decidiu sair. Segundo ela, com o passar do tempo os treinos se tornaram “fracos”, pois estava “acostumada com o alto rendimento e muito tempo de segunda a sábado”, e considerou pouca a frequência dos treinos (Entrevista Giovana, 30/05/2019).

Com o objetivo de compreender o que Giovana estavam buscando com a nova prática, fui observar uma aula de atletismo em uma sexta-feira, dia 27/07/2018. No dia marcado, quando cheguei ao clube encontrei Giovana e Verônica sentadas na arquibancada da pista de atletismo, esperando o término da aula do horário anterior. A pista estava bastante movimentada nesse dia: havia pessoas correndo, crianças com suas

professoras fazendo atividades e a turma de atletismo do clube, composta por crianças mais jovens, entre oito e nove anos. As ex-ginastas estavam em silêncio e mexiam em seus celulares, conversei apenas com Irene antes de iniciar o treino. A mãe falava, entre muitos assuntos, sobre o quanto estava preocupada com Giovana, pois a filha estava cada vez mais “sedentária”, mesmo praticando atletismo. Irene observava a diferença entre o tempo e a frequência dos treinos do atletismo e da ginástica.

Em seguida, a treinadora chegou e iniciou o treino. Era um dia frio de inverno e ventava gelado na pista. A turma, em torno de seis crianças entre 11 e 13 anos, iniciou uma corrida ao redor do campo. Quando iniciaram o aquecimento, imaginei que iriam dar várias voltas na pista, mas foi apenas uma - ainda assim, algumas crianças não correram o percurso inteiro. Após a corrida, foi realizado um alongamento rápido, muito menos intenso do que os exercícios de flexibilidade que as ex-ginastas desenvolviam no alto rendimento. Na sequência, as crianças exercitaram salto em distância, lançamento de dardo e finalizaram com mais ‘uma corrida’ na pista. Ficou evidente que o enfoque na aula de atletismo era a experimentação e não o alto rendimento, caracterizando-se como uma aula menos intensa. Ao finalizar a aula, Giovana não havia nem retirado o casaco que usava.

Mesmo que em um primeiro momento o atletismo pudesse parecer mais interessante que a ginástica porque era “novidade”, como afirmou Giovana, logo a falta de intensidade e desafios nas aulas tornou a prática também ‘desinteressante’ para a menina. Além disso, a ex-ginasta afirmou que, durante os dois anos em que foi a primeira colocada em todas as competições das quais participava, era algo “chato” e sem surpresas (Entrevista coletiva, 22/07/2018). Dessa forma, até o momento em que esta pesquisa foi finalizada, Giovana estava experimentando diversas práticas corporais para ver se se sentia ‘animada’. A última prática que fiquei sabendo que a menina iria experimentar era arco e flecha. Enquanto experimentava novas práticas, sua atenção também estava voltada para a escola, violão, livros e produções de desenhos, os quais eram cuidadosamente organizados em uma pasta.

\*\*\*

A experiência dessa ex-atleta não se encaixa na ideia apontada por muitos estudos que identificam os treinos do alto rendimento excessivamente exaustivos para os(as) atletas, ultrapassando os seus limites corporais. Do mesmo modo, Giovana não está entre as atletas que se sentem frustradas por não alcançarem bons resultados em competições, debate também fortemente presente em pesquisas desenvolvidas sobre o tema (CAREGNATO, *et al*, 2016; SOUZA, 2015; BERTOLDI, 2014; STRINGHINI, 2010; FILHO; GARCIA, 2008).

Dessa forma, o ‘cansaço’ de Giovana em relação ao alto rendimento estava relacionado ao ‘desânimo’ que sentia nos treinos, diante da monotonia de uma sequência de exercícios que ela já conhecia e também da previsibilidade de resultados em competições. Assim, ela afirmou que já não se ‘divertia’ mais com os treinos. Para compreender o que Giovana desejava na prática da ginástica, busquei em Elias e Dunning (1992), em *A Busca da Excitação*, elementos para reflexão.

Nesse sentido, os autores discorrem sobre a tensão/excitação agradável presentes em atividades de lazer do tipo ‘miméticas’, como o esporte. Para Elias e Dunning (1992), as sociedades sofreram grandes transformações que acarretaram um crescente controle das emoções dos indivíduos. Se, antigamente, os sujeitos viviam em condições extremas de sobrevivência, em que o medo e a ansiedade eram intensamente vivenciados, e que eram permitidas manifestações de forte excitação coletivas, atualmente estamos diante de uma organização social que proporciona maior estabilidade. Portanto, existe um maior cuidado para a satisfação das necessidades básicas dos sujeitos e para o equilíbrio das suas emoções.

Diante desse cenário, Elias e Dunning (1992) entendem as atividades miméticas como aquelas que, dentro de limites seguros, permitem que os indivíduos vivenciem um nível de tensão/excitação ideal, que no dia a dia não é experimentado. Segundo os autores, essa característica mimética está fortemente presente no esporte. Como um exemplo dessa situação, os autores mencionam uma partida de futebol:

Um jogo que oscila de um lado para outro, no qual as equipes estão tão bem equilibradas entre si que uma e, depois a outra, marcam, e a determinação de cada uma das equipes para marcar o gol decisivo cresce à medida que o tempo passa. A tensão do jogo comunica-se visivelmente aos espectadores. A sua tensão, a sua excitação crescente comunica-se, em contrapartida, aos jogadores, e assim por diante, até que a tensão atinge um ponto em que apenas se pode suportar e conter, no limite, sem ficar incontrolada. Se, desta maneira, a excitação se aproxima do clímax e se então aí, de repente, a sua equipe marca o gol decisivo, a excitação resolve-se deste modo a si mesma na felicidade do triunfo e do júbilo, este é um grande jogo que há de ser recordado e sobre o qual cada um falará por muito tempo - um jogo realmente agradável (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 134).

Assim, quando Giovana afirmou que “não tinha mais surpresa” ao ganhar durante dois anos consecutivos as competições poderíamos interpretar que já não havia um nível de ‘tensão’ e ‘excitação’ agradável na ginástica, porque não existia a ‘incerteza’ da vitória. Nesse caso, havia um nível de estabilidade emocional que desencadeava ‘desânimo’ e ‘tédio’. Da mesma forma, os treinos repetitivos e sem desafios não contribuíam para o estímulo das emoções de ‘felicidade’ por conseguir executar um movimento complexo, por exemplo, ou ainda, a satisfação de superar o ‘medo’ para executar algum movimento arriscado.

Portanto, mesmo no esporte de alto rendimento, no qual existe compromisso e rotina, o que muitas vezes o aproxima do trabalho, encontramos uma lógica interna mimética, capaz de despertar um envolvimento emocional sustentado pela ‘tensão’ e ‘excitação’ do incerto, da superação e do enfrentamento de situações vivenciadas no dia a dia de um atleta. Dessa forma, quando essas situações deixam de provocar determinados sentimentos, dentro de limites que os tornam agradáveis, o contexto esportivo se torna monótono.

#### 4.3.2 ELISA E O ENVOLVIMENTO COM O FUTEBOL: SOBRE RECONHECIMENTO E AMIZADES

Elisa: a Lívia falava que eu tava gorda, que eu não tava conseguindo acompanhar, que eu não fazia as coisas direito. Daí eu não tava gostando. Eu sei que eu não tava fazendo as coisas direito, mas não precisa também ficar falando toda hora.

Pesquisadora: era isso que tu não tava gostando mais?

Elisa: é, na real em um ano de ginástica eu já queria sair porque naquela época eu também não estava conseguindo acompanhar, mas aí a Joana e a coordenadora sentaram para conversar para eu continuar. Só que como a coordenadora e a Joana pediram para eu continuar, eu continuei. Daí eu fui aguentando os anos, daí no clube 2 eu não aguentei

mais. Foi o meu máximo! Eu não tava conseguindo acompanhar mesmo (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Embora Elisa fosse conhecida como a ginasta “corajosa” e “de competição”, porque costumava se sair melhor nas competições do que nos treinos, ela ainda assim percebia que o seu rendimento não era suficiente para alcançar boas colocações, o que era reforçado pela treinadora. Diante do baixo rendimento de Elisa, Seu José afirmou, contrariado, que a treinadora Livia “não tava querendo que ela participasse de algumas competições” (Diário de campo, 24/11/2018).

Concomitante ao momento em que Elisa estava chegando ao seu “máximo” de tolerância na ginástica, ela se envolveu com outro esporte em sua cidade, no qual estava se destacando entre os amigos da escola. O futsal despertou o interesse da menina na escola, pois seus colegas costumavam jogar na hora do recreio. Elisa afirmou que passou a “gostar porque começou a entender o futebol” e desejou se aprimorar. Assim que iniciou os treinos no ginásio da sua cidade, percebeu que se desenvolveu na prática, recebendo reconhecimento dos colegas da escola, como narra em sua entrevista:

Elisa: eu não fazia ideia do que era futebol. Eu jogava, mas a bola passava reto por mim, eu ficava numa lerdice, eu não sabia. Daí a Marcela (colega da escola) ficava falando: “eu sou boa, tu é ruim”, daí teve um dia, já fazia um mês que eu tava indo no futebol, e daí jogaram as gurias contra os guris, só eu fazia gol! As gurias, quando a bola vinha, elas colocavam a mão na bola, era falta toda hora. Daí a gente jogou guria contra guria, meu deus! É horrível jogar guria contra guria. Pelo menos o meu time ganhou né, só eu fazendo gol. É horrível jogar guria contra guria, ainda mais com guria que não sabe. Elas puxam cabelo, elas fazem de tudo. E como eu sei fazer o jogo de corpo, elas não sabem né, e eu fiz jogo de corpo com a Marcela, que é a boazona, fiz um teste para ver se ela sabia mesmo, ela falou assim: “agora é falta, Elisa! Tu me machucou!”, eu disse: “não é machucado, é jogo de corpo, tu não sabia? Tu sabe tanto de futebol, tinha que saber disso” (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Enquanto na ginástica Elisa percebia que “não estava conseguindo acompanhar”, no futebol se destacava entre as meninas da sua escola. Nesse processo, Elisa também foi reconhecida pelos meninos, sendo uma das únicas meninas convidadas a participar dos jogos masculinos no recreio da escola. Em um dia de pesquisa de campo, estava acompanhando Elisa e um amigo da vizinhança, Gabriel, em um passeio à tarde, no qual iriam jogar futebol com outros amigos. Nesse dia, Elisa e Gabriel estabeleceram um

diálogo em que ela falava sobre como os meninos da sua escola não sabiam jogar futebol. Ouvindo a amiga, Gabriel disse que muitos meninos dizem que meninas não sabem jogar, mas a Elisa era um exemplo de menina que “joga melhor que os meninos”, e finalizou: “só não precisa humilhar, né Elisa”, mostrando a sua admiração pelo desempenho da amiga (Diário de campo, 02/03/2018).

As comparações que Elisa fazia entre a ginástica e o futebol não se encerravam apenas no âmbito do seu desempenho e reconhecimento entre os amigos e colegas. Outro aspecto que me chamou a atenção foram as relações de amizade narradas pelas meninas e presenciadas por mim através do esporte de alto rendimento. A partir da pesquisa de mestrado percebi o quanto as ginastas mantinham uma relação próxima de amizade. Com frequência visitavam-se, passeavam e viajavam juntas. Giovana e Mariana, por exemplo, se conheciam desde os cinco anos de idade e até a finalização desta pesquisa estudavam na mesma escola. Portanto, os laços de amizade entre as atletas era aspecto presente no alto rendimento e um elemento citado pelas ginastas como algo ‘atrativo’ na ginástica (FREITAS, 2015).

Conforme já mencionei anteriormente, Elisa ingressou na ginástica com mais idade e vinha de um contexto social muito diferente do de suas colegas. A menina falava pouco e quando sussurrava algumas palavras cometia erros de português, o que provocava alguns ‘risos’ e era pouco compreendida pelas colegas de treino. Com o passar do tempo, mesmo conseguindo acompanhar de alguma forma suas colegas e desenvolver minimamente relações naquele contexto, Elisa percebia que as distâncias continuavam existindo. Quando trocou de clube, o sentimento de ‘não pertencer’ ao grupo das colegas da ginástica parece tê-la acompanhado, como afirma em sua entrevista:

Elisa: tinha umas gurias que não gostavam de mim. Elas falavam de mim e ficavam olhando para mim com cara de nojo, daí não me senti bem e eu quis sair. A minha colega que me ajudou a ter coragem de falar para ele (avô) que eu não queria mais ginástica, é porque eu não tinha coragem de falar. Eu não tinha coragem porque ele gostava muito de ginástica.

Pesquisadora: e como é que tua colega te ajudou?

Elisa: ela falou: “vai lá e fala porque se tu não tá te sentindo bem tu não pode fazer uma coisa que tu não te sente bem”. Daí eu fui falar e ela estava do meu lado na hora.

Pesquisadora: era tua amiga do clube?

Elisa: não, era da escola. Falei na saída da escola.

Pesquisadora: e como foi?

Elisa: ele ficou meio triste porque ele gosta muito de ginástica, daí ele falou: “tá bem, fazer o que se tu não gosta? Daí tu vai ter que frequentar o projeto”. Daí eu falei: “mas eu não gosto de ginástica e no projeto tem ginástica, eu não tô gostando mais” (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Elisa: quando eu quis sair da ginástica, parece que dá um arrependimento, mas depois tu fica melhor.

Pesquisadora: por que te sentiu arrependida quando saiu?

Elisa: eu me senti, tipo, eu podia continuar, mas eu não quis. Mas depois eu vi que eu podia fazer futebol e que eu ia super bem.

Pesquisadora: e tu vai treinar no ginásio agora?

Elisa: vou! Posso estar jogando no grêmio ou no inter que eu vou continuar indo no ginásio.

Pesquisadora: por quê?

Elisa: é porque eu acho muito legal os amigos lá. Eu gosto do professor, ele é bem engraçado (Entrevista Elisa, 07/02/2018).

Portanto, um dos motivos que levou Elisa a desejar sair da equipe de ginástica foi o fato de ‘não se sentir bem’ naquele contexto, pois suspeitava que as colegas não gostavam dela. Para “ter coragem” de contar para o avô que não queria mais ser atleta, obteve a ajuda de uma amiga da escola. Dessa forma, nos relatos de Elisa estavam fortemente presentes as relações de amizade que possuía na escola e no futebol. Em alguns momentos, Elisa estabelecia comparações entre as práticas esportivas, destacando as amizades que possuía em um esporte e não no outro. A seguir, insiro um trecho da entrevista em que a menina fala sobre o que gostava no futebol, e um excerto de diário de campo em que observei as relações de amizade que ela estava construindo nesse esporte:

Pesquisadora: daí a ginástica tu não queria mais e já estava no futebol. Me conta o que tu gostou no futebol?

Elisa: a parceria dos meus amigos. Eu achei eles muito legais! Não que todo mundo é chato né, mas tinha umas gurias que eram chatas, é que eles são mais simples né. Eu adorei eles. Teve uma vez que eu tive que esperar minha mãe e ela não veio, eles me trouxeram até em casa para eu não vim sozinha. Eles ficaram esperando mais ou menos uma hora minha mãe, ela não veio e daí eu fui.

Pesquisadora: ah que legal! E porque tua mãe não foi nesse dia?

Elisa: é porque ela teve que sair, não sei para onde, aí como a minha irmã é lerda, ela ia me buscar, ela foi 15h lá no ginásio me buscar.

Pesquisadora: e tu saia que horas?

Elisa: aquele dia eu tinha saído às 14h30. Eu já estava cansada e com fome e aquele dia

estava chovendo e a gente veio na chuva. Foi muito engraçado!

Pesquisadora: que aventura! Se divertiram?

Elisa: teve um caminhão que passou pela gente que molhou todos nós , nos encharcaram (risos) (Entrevista Elisa, 07/02/2018)

Hoje acompanhei Elisa em sua primeira competição no futsal. Cheguei em São Leopoldo 7h45min. e encontrei Elisa, a amiga de bairro Viviane, dois meninos da mesma idade e seu José em sua bicicleta. Todos estavam me esperando na esquina. Cheguei agradecendo a espera e me desculpendo pelo atraso. Perguntei para os meninos se iriam jogar também, um deles disse que sim e o outro afirmou que estava apenas acompanhando as amigas que iriam competir (Elisa e Viviane). Perguntei se estavam ansiosos, Viviane disse que já havia participado de torneios parecidos e afirmou que era “a primeira vez na vida” da Elisa em um torneio como esse. No entanto, Elisa não parecia nervosa para competir, estava animada conversando com os amigos. Fomos a pé até o ginásio, levamos cerca de 15 minutos de caminhando. Durante o percurso, como estou iniciando as observações, fiquei conversando com Seu José e os jovens ficaram mais para trás. Neste dia senti uma distância simbólica entre eu e os jovens em função da minha idade, mas busquei aproximação sempre que via oportunidade.

Chegamos ao ginásio e percebi que estava decorado, pois aconteceria a inauguração das quadras esportivas e da pista de caminhada municipal. No ginásio havia inúmeros professores e funcionários da prefeitura, identificados por um uniforme.

O torneio já estava quase iniciando, havia muitas crianças e jovens, mas poucas meninas. As idades variavam entre 8 e 15 anos aproximadamente. A atividade estava sendo organizada por quatro professores. Eu e Seu José fomos para a arquibancada e as meninas se juntaram ao grupo. Depois de algum tempo, chegou o momento de Elisa jogar, apenas ela de menina no time - tocou pouco na bola, mas ‘desarmou’ várias jogadas, como ela havia dito que era “boa” em fazer. O torneio foi muito simples, com times formados na hora pelos professores com as próprias crianças que fazem parte do projeto. Elisa jogou aproximadamente cinco vezes e ficou assistindo o restante dos jogos. Chamou-me a atenção que no futsal ela possuía vários amigos. No momento em que não estava jogando, sentou em uma rodinha com sua amiga Viviane e alguns meninos. As meninas também andavam abraçadas pelo ginásio, sempre acompanhadas de alguns meninos. Riam bastante e pareciam estar se divertindo.

Aproximadamente às 10 horas todos que estavam no ginásio se dirigiram às quadras poliesportivas, pois havia chegado o momento da inauguração oficial. Elisa foi com seus amigos, eu e o avô logo atrás.

Na festa de inauguração fiquei buscando a Elisa com os olhos, pois a menina se afastou com ‘a gurizada’. Após algumas tentativas de aproximação, Elisa veio até mim e falou que “todo mundo” ficava olhando para ela e para Viviane no evento, talvez pensando que elas jogassem mal por serem meninas. Elisa destacou o fato delas serem as únicas meninas participando do torneio. Aproveitei a abertura e tentei conversar mais um pouco perguntando se ela havia gostado do torneio e se ficou nervosa. Elisa respondeu que “não foi bem uma competição”, era apenas um torneio entre colegas e que ela não havia jogado tão bem porque estava com pé machucado. Comentei com ela que havia observado a quantidade de amigos que parecia ter no futsal. Ela concordou e esclareceu que conhecia a maioria das pessoas que estavam no evento porque eram do seu bairro.

Neste momento, Elisa comparou o futsal e a ginástica, afirmando que na GA havia muitas meninas que ela não gostava muito e que não estava mais conseguindo acompanhar.

Além da Viviane, observei que Elisa estava a maior parte do tempo com um menino, que possuía em torno de 12 e 13 anos. Os amigos foram lanchar juntos o cachorro quente que os professores ofereceram dentro do ginásio. Como estavam demorando bastante para retornar, eu e seu José resolvemos entrar no ginásio também. Elisa, Viviane e o menino estavam olhando o jogo de uns meninos mais velhos. Eu e o avô sentamos na arquibancada e ficamos conversando mais um pouco. Procurei sentar perto dos jovens, mas mantendo uma distância que não invadisse a conversa calorosa que estavam tendo. Em seguida Elisa foi mais para cima na arquibancada com os dois amigos. O trio ficou atrás de uma parede, impedindo que eu e o avô pudéssemos vê-los. Já eram quase 13h e eu precisava ir para casa, me despedi do seu José e disse que ligaria para combinar a próxima visita. Subi a arquibancada para me despedir de Elisa e vi que o menino estava deitado no seu colo, Viviane estava do seu lado. Sorri de longe e abanei, ela se levantou e veio na minha direção me dar um beijo e brincou: “amigo folgado é brincadeira”, concordei e me despedi dizendo que entraria em contato novamente (Diário de campo, 02/12/2017).

Naquele dia estava realizando a minha segunda visita à Elisa. Fazia apenas três meses que ela havia saído da ginástica e se dedicava somente ao futebol. Durante todo o evento chamou-me a atenção as relações de amizade que a menina estava construindo naquele contexto e a diferença do que havia observado na ginástica, quando acompanhei sua entrada na equipe. Muitos jovens que praticavam o futebol eram vizinhos de Elisa ou estudavam na sua escola, portanto possuíam afinidades. No entanto, mesmo os que a menina não conhecia, se aproximavam e rapidamente criavam vínculos, como foi o caso do menino que acompanhou Elisa e Viviane durante todo o evento. Depois fui entender que as meninas haviam feito amizade com o menino naquele dia, no entanto, pareciam conhecidos de longa data.

Durante o ano de 2018, quando desenvolvi a pesquisa etnográfica com Elisa, tive a oportunidade de presenciar muitos momentos em que ela realizava atividades com seus amigos, e iniciava suas primeiras relações afetivas com os meninos. Esse aspecto será melhor detalhado no próximo capítulo. Porém, cabe, neste tópico, destacar que Elisa se encontrava em um momento em que as relações de amizade assumiam certa centralidade em suas atividades.

Portanto, nos treinos de ginástica Elisa não acompanhava o desempenho de suas colegas e não havia construído vínculos de amizade, aspectos que contribuiriam para que

não se sentisse pertencente ao grupo. Diferente disso, foi no futebol que fez novos amigos e conquistou reconhecimento entre os pares, porque “jogava bem”. Desta forma, no caso de Elisa, o seu processo de saída do esporte de alto rendimento foi atravessado pela descoberta de uma nova prática esportiva.

\*\*\*

No dia em que acompanhei Elisa ao posto de saúde conversei um pouco com o professor de skate sobre a minha relação com ela. O professor se mostrou muito interessado pela pesquisa, sugerindo que eu apresentasse para a equipe de professores da prefeitura de São Leopoldo, incluindo os professores de futebol da menina. A contribuição que ele esperava que eu fizesse com o estudo era de “explicar” os motivos pelos quais Elisa “perdia” tantas “oportunidades”. O professor considerava a sua saída da GA e da escola particular como “oportunidades jogadas fora” e ainda previa: “se ela continuar assim, não vai ficar no futebol também e vai continuar largando tudo que começar”. Enquanto o professor falava eu apenas conseguia pensar sobre os ‘sentidos’ que aqueles espaços poderiam ter para Elisa. Quando ele finalizou a exposição de suas ideias, esperando que eu explicasse o porquê de a menina não “aproveitar” as “oportunidades”, apenas consegui dizer: “a pesquisa está em andamento ainda, não tenho essas respostas. Porém, suspeito que Elisa esteja experimentando práticas”. O professor ficou em silêncio e parecia insatisfeito com a minha resposta (Diário de campo, 18/06/2018).

Thomassim (2010), ao buscar compreender os sentidos que crianças e jovens pobres atribuíam aos programas esportivos que frequentavam, e o lugar simbólico que davam a essas práticas em seus cotidianos, faz reflexões que ajudam a pensar sobre as escolhas feitas por Elisa. A partir do acompanhamento de alguns sujeitos em projetos sociais esportivos, escolhinhas de futebol e jogos de futebol na escola e no bairro, o autor percebeu que, ainda que alguns desses espaços se voltassem ao ‘futuro’ dos participantes e/ou visassem a formação de atletas, não era necessariamente o que as crianças e os jovens buscavam com as práticas.

Esse autor cita, em sua pesquisa, o caso de Mônica, uma menina que rejeitou alguns espaços que visavam à formação de futebolistas, preferindo circular por outros, por exemplo, a escola. Nesses outros espaços, Mônica era reconhecida por ser uma das poucas meninas, senão a única, que jogava com desenvoltura, disputava a bola e arriscava dribles. E isso lhe proporcionava certo reconhecimento entre os colegas e amigos. Além do espaço conquistado, o autor observou que “ao invés de os projetos esportivos serem para Mônica oportunidades para o futuro, foram tratados como oportunidades para jogar no momento”, destacando a experiência da menina de ‘jogar bola com os amigos’ no tempo presente (THOMASSIM, 2010, p. 202).

Ao ler o caso de Mônica identificamos muitos aspectos na experiência de Elisa. Quando a ex-ginasta afirmou que mesmo “jogando no grêmio e no inter” ela continuaria frequentando o ginásio porque lá tinha amigos, é possível entender que os treinos de futebol significavam mais do que uma ‘oportunidade’ de se tornar atleta. No momento em que Elisa decidiu sair da ginástica e se dedicar ao futebol, ela parecia não estar ‘abandonando’ o projeto de se tornar uma ginasta olímpica e iniciando outro para se tornar jogadora profissional de futebol, substituindo um projeto por outro. Diferente disso, para a menina parecia fazer mais sentido desenvolver suas habilidades no futebol para mostrar aos colegas que sabia jogar - tornando-se melhor que a Marcela nos jogos do recreio. E Elisa parecia inclinada também a estabelecer novas relações de amizade.

#### 4.3.3 GLÓRIA: ENTRE GELO, FISIOTERAPIA E SAUNA

Logo que iniciou no judô, Glória se destacou nos treinos e nas competições, conquistando frequentemente o primeiro lugar nos pódios. No entanto, no seu terceiro ano como atleta dessa modalidade enfrentou a sua primeira derrota. Conforme já foi mencionado, ao ser derrotada pela amiga e adversária Tatiana, Glória perdeu a vaga em uma seletiva importante para o judô brasileiro, e afirmou que a derrota não “veio fácil”, pois estava acostumada em ser a “primeira”. Depois desse episódio, em março de 2018, foram perceptíveis as suas ausências nos treinos.

Na entrevista realizada com Glória - no início da pesquisa de campo -, embora ela tenha afirmado que não pensava em sair do judô, já havia sinalizado algumas dificuldades

que estava enfrentando naquele momento do seu percurso como atleta. No excerto da entrevista, a seguir, aparecem essas dificuldades:

Pesquisadora: e essa questão do corpo, como é que tu estas? Tem lesões?  
Glória: muita lesão, muita, muita. Esse ano eu tive duas lesões graves: uma foi no início do ano que foi na seletiva para o brasileiro, porque eu perdi a seletiva do brasileiro no final porque eu me machuquei. Eu rompi o ligamento do punho direito.  
Pesquisadora: foi durante a competição?  
Glória: isso, eu estava lutando com a menina e eu perdi por causa disso. Eu estava lutando, ela fez um golpe e o meu punho ficou e foi para trás, rompeu o ligamento.  
Pesquisadora: doeu muito?  
Glória: muito, muito. Daí eu fiquei dois meses afastada, depois eu voltei.  
Pesquisadora: tu teve que ficar fazendo fisioterapia dois meses?  
Glória: eu não aguentava mais ficar dentro de casa, não aguentava só vir para o clube e não poder treinar. E depois o outro foi quando eu quebrei a escápula, eu tive que colocar uma placa, uma placa bem pequenininha, porque eu fiquei dois meses afastada porque a minha escápula quebrou. Ela se afastou tanto que ela não ia voltar sozinha e daí eu tive que colocar uma placa. Foi num treino, eu estava lutando com um menino, ele me deu um golpe e eu caí em cima do ombro, da escápula e daí ele caiu em cima de mim. Doe muito, muito, muito. No primeiro mês eu já estava assim: “mãe, como assim? Eu recém voltei, por que eu me machuquei? Eu chorava demais porque eu não queria ficar afastada (Entrevista Glória, 17/11/2017).

Nos primeiros meses de pesquisa de campo, consegui estabelecer alguns diálogos com Glória e compreender algumas situações que ela estava enfrentando nos treinos. Em uma dessas conversas informais, ela relatou que estava “insegura” para participar da seletiva do Campeonato Sulbrasileiro de judô por diversos motivos, dentre os quais a lesão no punho. Glória afirmou que estava sentindo dor no local da lesão, o que dificultava o seu desempenho nos treinos (Diário de campo, 27/02/2018).

Naquele dia eu havia marcado uma conversa com o *sensei* Rodrigo para explicar os objetivos da pesquisa, portanto, não esperava encontrar Glória ainda no clube - já era 21h e seu treino havia terminado. Quando perguntei à menina o que fazia àquela hora no clube, ela respondeu que os treinadores queriam conversar. Suspeitando que era uma conversa sobre o seu desempenho nos treinos e nas competições, perguntei se seria uma “conversa delicada” e ela confirmou: “muito delicada” (Diário de campo, 27/02/2018).

No encontro que ocorreu depois desse diálogo perguntei-lhe como havia sido a “conversa delicada” e ela disse que os treinadores estavam preocupados com suas faltas e

também pediram que ela fosse mais resistente nos treinos e “não desistisse por qualquer dor”. Ela discordou dos treinadores, afirmando que se considerava bastante resistente à dor (Diário de campo, 06/03/2018).

No entanto, não foram poucas as vezes em que presenciei a menina chorando e/ou se machucando durante os treinamentos, e também faltando aos treinos, alegando que estava com dor. Nas descrições a seguir constam alguns desses momentos:

Hoje fui até o clube observar o treino. Cheguei cedo, pois tinha compromisso perto do clube, sabia que teria que esperar cerca de 1 hora até o início do treino. Quando subi o primeiro lance de escadas me surpreendi com Glória sentada no banco sozinha. Aproximei-me dela e iniciei uma conversa. Perguntei como ela estava e como estava o punho. A menina respondeu que estava doendo bastante e que talvez nem conseguisse treinar hoje. Perguntei se ainda estava muito nervosa para a seletiva que participaria, ela confirmou, pois continuava com dor. Neste dia ela aguardava o namorado sair do treino de basquete (Diário de campo, 06/03/2018).

Observei que Glória sentou, em meio ao treino, e ficou conversando com duas meninas que pareciam estar aguardando para treinar no próximo horário. Glória, ao mesmo tempo em que conversava com as meninas, colocava gelo no seu punho. O treinador se aproximou e perguntou, de forma descontraída, por que estava sentada. Glória apenas mostrou o punho, o que foi suficiente para o treinador se afastar sem falar nada. Passados 20 minutos de gelo e conversa, a menina retornou ao treino. Glória formou dupla com uma menina para a simulação de uma luta. A disputa entre as meninas parecia equilibrada até que a oponente conseguiu derrubá-la com força. Glória caiu em cima do ombro gritando, parecia sentir muita dor. A menina que estava treinando com ela chamou o treinador e outra colega a puxou pelos pés e colocou mais ao lado do tatame, neste momento ela gritou alto. Fiquei preocupada, achei que havia se machucado feio. Aproximei-me e perguntei se precisava de algo, ela apenas respondeu “não”. Sua colega foi chamar o médico do clube, mas em seguida retornou informando que Glória deveria descer até o departamento médico. Acompanhei a menina com mais duas amigas e no caminho uma das meninas direcionou a palavra a mim, como se estivesse explicando a situação para alguém de fora: “ela (menina que aplicou o golpe) fez na maldade!”. Glória chegou ao departamento médico e pediu que uma das amigas fosse junto, porém já estava rindo e descontraída, parecia não estar mais sentindo tanta dor. Quem a atendeu pediu que as amigas aguardassem do lado de fora, o atendimento foi rápido. A menina saiu da consulta dizendo que estava com muitas contraturas e que podia ter apenas dado um mau jeito muscular. Comentei que me senti aliviada, pois a queda parecia mais grave, Glória concordou. O treino estava quase no fim quando retornamos para o tatame, todos já estavam se organizando para tirar a foto que iria para o mural do clube (Diário de campo, 18/09/2018).

Subindo a escada em direção ao tatame do judô vejo que Glória está logo atrás de mim, olhando para baixo mexendo no celular. Chamei sua atenção, nos cumprimentamos e perguntei como estava seu ombro, a menina respondeu que estava melhor, pois havia feito massagem e colocado gelo. No entanto, afirmou que o que estava “incomodando mesmo” era o seu punho e que, em função da dor, ela não havia treinado no dia anterior para fazer fisioterapia. Quando entramos no dojô sentei logo na arquibancada, onde geralmente os pais e acompanhantes dos atletas aguardam. Glória cumprimentou algumas amigas da sua idade e me avisou que iria encontrar uma amiga no departamento médico, concordei e disse que ficaria por ali mesmo. Glória não voltou mais para o dojô neste dia.

No final do treino resolvi perguntar para o treinador Leonardo se ele sabia onde a menina estava, o treinador informou que ela havia dito que não treinaria hoje porque estava com dor no punho e precisava se preservar para a competição que haveria no sábado. Lembrou também que Glória avisou que faria sauna para perder um pouco de peso (Diário de campo, 27/09/2018).

Não foram poucos os dias em que Glória se ausentou alegando estar com dores, ou ainda, terminou o treino mais cedo para colocar gelo no seu punho. Portanto, além das lesões interferirem nas competições, como foi narrado por Glória, também a impediam de manter a frequência exigida para um atleta de alto rendimento. Esses aspectos foram relatos por ela como contribuintes para a sua ‘insegurança’ em enfrentar adversárias com maior preparo, como Tatiana. No entanto, diferente das ex-ginastas, a ‘judoca’ não era pressionada pelos treinadores para melhorar o seu rendimento nos treinos e nas competições. Muito pelo contrário, segundo Ângela, os treinadores haviam ‘flexibilizado’ suas exigências para que a menina não saísse do judô. Um exemplo disso foi quando o treinador Leonardo viu a menina sentando em meio ao treino para colocar gelo e não exigiu que ela retornasse. Esse aspecto do percurso de Glória vai ao encontro dos estudos que destacam as lesões como um dos fatores que contribuem para o fim da participação dos atletas no esporte. Porém, observando o modo com que ela ‘lidava’ com essa situação, compreendi que essa condição possibilitou/facilitou que ela vivenciasse outros momentos no clube.

Além das faltas em função das lesões e das dores, também observei que Glória se ausentou de alguns treinos para fazer sauna com as amigas. Sobre as amigas da menina naquele contexto, o treinador Rodrigo afirmou que, quando entrou no judô, Glória fez amizade com Tatiana e ambas se desenvolveram juntas no esporte, tornando-se as melhores atletas da equipe. Porém, com o passar do tempo, Glória e Tatiana disputaram

os mesmo títulos. Nessas disputas, a mãe de Tatiana estava sempre presente e torcia calorosamente pela filha, o que gerou tensão e desconforto na relação de amizade das meninas e entre as relações de suas mães, Ângela e Tânia.

E diante dessa tensão entre as meninas e suas famílias, segundo o treinador Rodrigo, Glória e Tatiana se afastaram. Nesse processo de distanciamento, Glória se aproximou de outras colegas da equipe. Como já mencionei anteriormente, na opinião do treinador as novas amizades não ‘ajudavam’ Glória em seu processo de engajamento com o esporte.

Inúmeras vezes observei Glória com uma amiga que, conforme afirmação do treinador Rodrigo, treinava “mais por obrigação da mãe” do que por vontade própria. Uma prática comum das amigas no clube, com a qual o treinador não concordava, era a sauna. Glória costumava trocar o treino pela sauna, afirmando que estava com dor no punho e que precisava perder peso para as competições. No trecho do diário de campo transcrito a seguir, aparece o momento em que presencio essa situação.

Cheguei ao treino e ainda faltavam alguns minutos para iniciar. Não avistei Glória e pensei que mais uma vez não a encontraria. Como de costume, algumas crianças estavam brincando no tatame, jogando bola, pendurando-se em cordas, brincando de luta, etc. Em seguida a treinadora chegou e ordenou que todos se alinhassem. Após alguns minutos do início do treino, Glória entrou no local com mais duas meninas. Observei que ela estava ofegante e suada, diante disso exclamei: “já está suada!”. A menina explicou rapidamente que estava na sauna e que achava que ia “voltar pra lá”. A amiga de Glória foi perguntar para a sua mãe se ambas poderiam fazer a sauna no horário do treino. A mãe negou o pedido de forma firme e disse que a filha precisava treinar. Glória insistiu tentando argumentar, porém a mãe disse enfática: “já disse que não, saiam da minha frente”. A mãe afirmou mais uma vez que a filha precisava treinar e que não queria saber de argumentos de convencimento. As meninas se calaram e foram colocar o uniforme para o treino. Observei que a mãe comentou com um pai: “agora elas só querem fazer sauna”, completando que precisavam se dedicar mais aos treinos (Diário de campo, 11/10/2018).

Segundo o treinador, a sauna era só uma “desculpa para não treinar”. Eu não poderia afirmar que as meninas faziam a sauna apenas para não participar dos treinos, pois nunca ouvi essa afirmação delas. No entanto, ficava evidente que, muitas vezes, elas desejavam fazer a sauna ‘juntas’, e, nesses diversos momentos, não priorizavam os treinos. Em um dia de observação de campo, eu estava sentada na arquibancada e Glória chegou para treinar. Fiquei feliz em vê-la, pois fazia tempo que ela não aparecia. A menina me

cumprimentou e avisou que iria ver uma amiga no departamento médico e que logo voltaria para o treino, porém não retornou. No final do treino fui perguntar ao treinador se ele sabia onde Glória estava, ele me informou que ela estava fazendo sauna (Diário de campo, 27/09/2018). Quando a menina informava que ia fazer a sauna, eu ficava ‘de fora’, pois aquele momento parecia ser reservado às amigas.

Além da colega de treino e parceira de sauna, Glória também havia iniciado um namoro recentemente com um atleta de basquete do clube. Ela o havia conhecido através dessa amiga do judô. Abaixo segue o excerto de diário de campo do dia em que conheci o menino:

Eu e Glória estávamos conversando sentadas em um banco, quando percebi que a menina estava olhando para os lados, parecia procurar alguém. Diante disso, perguntei se ela ficava com alguns amigos enquanto esperava o início do treino, pois tive a impressão que estava esperando alguém. Ela disse que às vezes sim, mas que naquele dia estava esperando o namorado. Fiquei surpresa com a notícia e exclamei: “que legal! Não sabia que estava namorando!”. A menina sorriu, parecia encabulada, e disse que fazia pouco tempo que havia iniciado o namoro, há aproximadamente três meses. Contou também que eles eram amigos e se conheceram ali no clube mesmo, pois ele é jogador de basquete, também do alto rendimento, e conhecia uma “amigona” dela do judô. Um dia foram na casa dessa amiga e Glória conheceu o menino, passaram a ser amigos e depois de um tempo descobriram que gostavam um do outro. Antes mesmo de falar com Glória, o menino pediu para os pais da menina para namorar com ela, foi então que iniciaram o namoro. Perguntei se ele costumava ir na sua casa, ela disse que sim, mas pouco, pois ela tem dois irmãos pequenos que “perturbam muito”. Glória frequenta mais a casa dele, pois ele tem apenas um irmão pequeno. A menina também contou que eles se encontram no clube nos horários livres. No meio da nossa conversa o menino se aproximou, ela ficou com vergonha e baixou o olhar me apresentando a ele. Ele se aproximou sério, me apresentei e expliquei quem eu era e o que estava fazendo ali. Ele continuou com a mesma expressão, não me olhava e parecia também envergonhado. Percebendo o constrangimento dos jovens, fui me despedindo e disse que encontrava Glória mais tarde no treino. A menina informou que hoje estava com muita dor no punho e que talvez não fosse treinar, o que de fato aconteceu, neste dia a atleta não treinou (Diário de campo, 06/03/2018).

Naquele dia Glória relatou estar sentindo o punho e achava que não conseguiria treinar. Porém, fiquei pensando que talvez o fato de ter encontrado o namorado no clube havia contribuído para que ela não fosse treinar naquele dia. O namoro havia iniciado fazia pouco tempo, ambos moravam longe um do outro e o clube era um lugar em que se encontravam, e o intervalo entre os treinos um tempo em que aproveitavam para namorar.

Quando realizei a entrevista com a mãe de Glória fiquei sabendo que o namorado da menina havia decidido sair do basquete do clube e agora estava praticando jiu jitsu perto da sua casa, em um bairro afastado do centro da cidade. Segundo a mãe de Glória, o menino não desejava mais praticar o basquete e também sua mãe considerava arriscado o deslocamento do jovem até o clube, devido à distância de sua casa. Assim, Glória não encontrava mais o namorado no clube nos intervalos dos treinos.

Diante do que observei nas suas atividades no clube, percebi que Glória possuía relações afetivas importantes no ambiente esportivo e parecia que, apesar de ter feito laços de amizade no judô, não fora apenas no dojô que construíra essas relações. Além de frequentarem a casa umas das outras, com o passar do tempo entendi que a sauna também era um lugar que Glória frequentava com as amigas e que se configurava um momento de sociabilidade. Portanto, era evidente que Glória tinha uma vida social intensa dentro do clube e que, em diversos dias em que fui desenvolver a pesquisa de campo, priorizava estar com as amigas.

\*\*\*

Amigas e namorados/ficantes foram pessoas fortemente presentes na vida de Elisa e de Glória no momento em que a pesquisa foi desenvolvida. Enquanto Elisa falava constantemente sobre os meninos dos quais ‘gostava’ e que estava ‘ficando’, Glória havia iniciado a sua primeira relação afetiva com um menino. E enquanto Elisa jogava bola, andava de skate e dançava funk com os amigos, Glória faltava aos treinos para fazer sauna com as amigas, ou escolhia não participar de uma competição para ir ao aniversário de 15 anos da sua melhor amiga com o namorado.

As meninas pareciam compartilhar os sentidos que davam para algumas de suas práticas, como a sociabilidade e as trocas afetivas. Se olharmos esse aspecto a partir de alguns estudos destacados no primeiro capítulo desta Tese, os quais apontam esses desejos como típicos da ‘adolescência’, poderíamos encerrar aqui o debate afirmando que Elisa e Glória haviam decidido sair do esporte de alto rendimento porque também se encontravam em uma fase da vida em que outros interesses surgiam — passeios e festas (STRINGHINI, 2010).

De fato, foi possível perceber que as meninas estavam vivenciando experiências semelhantes, como os primeiros relacionamentos e o envolvimento em práticas com os amigos. E ficou evidente que possuíam outros interesses que, associados a todos os outros aspectos destacados neste capítulo, contribuíram para suas saídas do esporte de alto rendimento. No entanto, podemos também olhar para Glória e Elisa como ‘jovens’ que circularam em contextos sociais diferenciados, os quais pautaram a construção dos seus interesses e as formas como foram vivenciados - como percebi no caso de Elisa, que decidiu experimentar aulas de skate após frequentar a pista com os amigos do futebol.

Ao acompanhar práticas de sociabilidade juvenis em três contextos sociais distintos, Pais (1990) identificou que os jovens constroem formas de sociabilidade que se distinguem entre si, evidenciando uma heterogeneidade cultural. Essas diferenças estão relacionadas às condições das classes sociais dos jovens, com os diálogos, apropriações e resistências frente às normas e aos valores dos adultos e com a diversidade de interesses e identidades construídas entre os próprios jovens. E o autor afirma:

para tanto, estudei algumas práticas culturais desenvolvidas no domínio do lazer. E o que descobri? Que os jovens não participam no mesmo tipo de práticas sociais e culturais; que as vivem de forma diferente; que diferentes práticas de lazer estão na base de diferentes culturas juvenis e vice-versa; que os fundamentos de constituição, instituição e legitimação sociais dessas práticas variam de contexto para contexto social; que essas práticas sociais e culturais — embora consagrando e legitimando diferenciações intergeracionais — também consagram e legitimam diferenciações intrageracionais; enfim, que a socialização dos jovens, no domínio do lazer, origina diferentes culturas juvenis (PAIS, 1990, p. 640).

A partir dessa compreensão das práticas de sociabilidades juvenis, podemos afirmar que, além de identificar que ambas manifestaram outros interesses, ‘típicos’ de uma fase da vida, essas manifestações se expressaram de maneiras distintas - uma aparentemente mais restrita ao espaço do clube; outra mais ampla, incluindo a rua e diferentes espaços esportivos. Sobre a manifestação de Glória, destacamos que, mesmo em um ambiente mais restrito, o clube onde treinava judô, ela conseguiu ‘criar’ espaços e momentos de encontros, expressando seu interesse em estar com as amigas e o namorado.

Destacamos ainda que foi a partir desses momentos com as amigas na sauna, no caso de Glória, ou ainda, com os amigos no futebol, no caso de Elisa, que as meninas estabeleceram trocas e construções simbólicas que podem ter contribuído para o

surgimento de outros interesses, gostos, ideias e valores. Portanto, entendemos que essas construções culturais entre elas e os amigos, namorados e ficantes são elementos importantes para compreender os distanciamentos que ocorreram entre as ex-atletas e o esporte de alto rendimento. Desse modo, o debate pode ainda ser ampliado a partir dos seguintes questionamentos: quais valores, práticas e sentidos foram compartilhados e construídos nos momentos de sociabilidade das jovens ex-atletas? Como essa construção se relaciona com suas saídas do esporte de alto rendimento?

Para dar conta desses questionamentos foi necessário olhar para as experiências de sociabilidade vivenciadas pelas meninas fora do contexto esportivo do alto rendimento. Diante dos limites que a pesquisa de campo nos impôs, conseguimos acompanhar sistematicamente apenas uma das meninas, a Elisa. No entanto, foi uma imersão profunda que proporcionou importantes reflexões sobre ser uma ‘ex-atleta jovem e pobre’.

## 5 FUTEBOL, SKATE E FUNK: PRÁTICAS CORPORAIS E DE SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS

Nas linhas anteriores busquei mostrar os processos de afastamento das ex-atletas dos universos esportivos dos quais faziam parte. A partir da descrição dos casos, meu objetivo foi mostrar as inúmeras situações, indivíduos e contextos que fizeram parte desses processos, evidenciando a ‘não linearidade’ com que aconteceram. Quando analisados em seu conjunto, foi possível perceber conexões e especificidades. Dentre as conexões, destaco o surgimento de interesses que pareciam não ser contemplados nos universos esportivos de alto rendimento que as meninas faziam parte, dentre os quais a ‘sociabilidade’.

Finalizei o capítulo quatro evidenciando especificamente dois casos, Elisa e Glória — meninas que foram acompanhadas ‘mais de perto’. A partir das observações de campo e das entrevistas, percebi que as meninas buscavam momentos e lugares — exemplo da sauna e do futebol — em que pudessem interagir com os amigos e trocar afetos. Com o objetivo de compreender o que era construído e compartilhado nesses momentos de interação — e diante do fato de ter construído uma relação mais próxima com uma das meninas — passei a acompanhar Elisa nas suas atividades com os amigos durante um ano.

Conforme aponta González (2007, p. 13), ‘sociabilidade’ é um dos termos mais utilizados no campo das ciências sociais e seus sentidos são diversos e abrangentes. Segundo o autor, em muitos estudos em que o termo aparece, não há preocupação em delimitar o seu conceito, o que o torna, muitas vezes, uma “categoria autoexplicativa”. Diante desse apontamento e da centralidade que o termo assume neste capítulo, entendo ser importante demarcar o sentido de ‘sociabilidade’ que estou operando.

Durante a pesquisa etnográfica que desenvolvi com Elisa, circulei com ela por diferentes grupos, e vivenciei momentos com alguns amigos e parentes dela. Nessas situações, minha atenção estava voltada para os compartilhamentos, as trocas afetivas que realizavam, e os interesses que os conectavam e faziam com que desejassem estar juntos. Meu objetivo era compreender quais os ‘interesses’ que moviam Elisa para as interações que estabelecia e para as práticas com as quais se envolvia.

Nesse sentido, a concepção de ‘sociabilidade’ de Gilberto Velho (2001) parece se aproximar dos aspectos que eu estava buscando compreender no campo de pesquisa. Para esse autor, a sociabilidade se expressa nas inúmeras interações estabelecidas entre os indivíduos de uma sociedade, em diversas situações cotidianas.

[...] sociabilidade é esse território em que você está lidando com as interações, com as redes de interações, com as situações interacionais dos mais diferentes tipos. E claro que, num outro plano, tudo é sociabilidade. Se você quiser ter um pouco de precisão, vale a pena fazer alguns esforços não muito dogmáticos e distinguir algumas áreas que são tipicamente classificáveis como áreas de reflexão sobre sociabilidade. Por exemplo, o folclore lida com a temática da sociabilidade, através dos jogos, das festas, das comemorações, o que está ligado diretamente à observação de indivíduos em interação. Acredito portanto que a tradição interacionista ajuda bastante a lidar com essa questão da sociabilidade, do cotidiano, da microsociologia, do dia-a-dia, do convívio, dos encontros e dos desencontros, da negociação da realidade e da definição de situações (VELHO, 2001, p. 205).

Entendo que a sociabilidade se expressa nas conexões e nas trocas entre os indivíduos em diversos contextos sociais em que circulam. No entanto, atentando para o que Gilberto Velho aponta, com o objetivo de buscar um pouco mais de precisão na utilização desse termo, demarco que, nesta pesquisa, abordo a sociabilidade em uma área específica — as ‘práticas corporais’.

Essa abordagem do termo já foi amplamente explorada em diversas pesquisas. Estudos que focalizaram as formas de apropriação e os sentidos que determinadas práticas corporais tinham para seus praticantes, já demonstraram que a sociabilidade é um dos elementos constitutivos dessas práticas (STIGGER, 2000; SILVEIRA, 2007; RECKZIEGEL, 2007; GHIGGI, 2008). Dessa forma, essas abordagens demonstram a centralidade que, muitas vezes, as relações sociais têm, por exemplo, nas dinâmicas dos esportes, dos jogos e das danças que são realizadas pelos sujeitos praticantes.

Nos primeiros contatos que tive com Elisa, ela expressou o desejo de se envolver em diversas atividades corporais: dança, lutas, nado sincronizado, futebol e skate. Nem todas as práticas que ela almejava foram realizadas, isto porque sua família não tinha condições de sustentar financeiramente aquelas que eram pagas — tema que será abordado mais adiante. Dessa forma, Elisa conseguiu se envolver com o futebol, o skate e a dança, atividades oferecidas gratuitamente pela prefeitura da sua cidade. O envolvimento da

menina com cada uma dessas atividades se expressava de maneira diferenciada, sendo o futebol e a dança as atividades a que se dedicou por mais tempo. No entanto, apesar das especificidades de cada atividade, percebi que as trocas afetivas e os vínculos de amizade faziam parte de todas elas.

Além de destacar esses dois aspectos de seu percurso, o envolvimento com as práticas corporais e a sociabilidade como um dos elementos constitutivos das mesmas, se faz necessário demarcar o momento da vida em que Elisa se encontrava quando a pesquisa foi desenvolvida — a ‘juventude’. Lembro que, neste estudo, mencionei juventudes, no plural, entendendo-a como uma fase da vida construída socialmente e vivenciada de diferentes formas, conforme os contextos sociais dos sujeitos jovens (PAIS, 1990).

Levando em consideração esse aspecto, o termo ‘sociabilidade’ ganha mais um contorno. Ao se analisar alguns estudos que se debruçam sobre as ‘sociabilidades juvenis’ é possível identificar abordagens que vão desde o estudo das (sub)culturas juvenis até as concepções de tribos, neotribalismo e microculturas. Guerra e Quintela (2016) afirmam que, inicialmente, os estudos das culturas juvenis compreendiam as produções culturais dos jovens como sinalizadoras de problemas sociais. Nesse contexto, surgiu o conceito de ‘contraculturas’, marcado pela característica desviante dos jovens que não conseguiam se inserir em lógicas culturais dominantes. E ainda, as culturas juvenis eram compreendidas como as ‘formas’ — roupas, músicas, acessórios, práticas, etc. — com que os jovens se relacionam, se apropriam, ressignificam e resistem às culturas hegemônicas.

Já os termos tribos e neotribalismos vieram em resposta a um conjunto de críticas endereçadas à concepção inicial de ‘culturas juvenis’ e ‘contraculturas’. Uma das críticas feitas é o fato de essas abordagens focalizarem as resistências dos jovens em relação às culturas dominantes. Sobre esse aspecto, argumenta-se que diante de uma sociedade complexa, na qual há uma grande diversidade de culturas e estímulos que chegam até os jovens, é necessário considerar que esses indivíduos podem ter outras motivações que ultrapassem as ‘resistências’. Além disso, considerando a mutabilidade, instabilidade e diversidades de culturas presentes nas sociedades, afirma-se que a ideia inicial de ‘culturas juvenis’ tornava-se limitadora, pois representava os grupos de jovens de uma

forma única “com códigos específicos de comportamento e de relação com o exterior (GUERRA; QUINTELA, 2016, p. 199).

Dessa forma, as ‘tribos’ são entendidas como grupos de jovens que estão inseridos em sociedades complexas, as quais são dinâmicas e transitórias. Portanto, apesar de possuírem códigos e regras que organizam as relações e ligam um conjunto de indivíduos, as ‘tribos’ assumem um caráter de transitoriedade, fluidez e fragmentação no contexto urbano. Semelhante a essa ideia, a concepção de ‘microcultura juvenil’ também dá evidência às transitoriedades, circulações e compromissos mais flexíveis que esses sujeitos assumem individualmente com os inúmeros grupos juvenis com os quais estabelecem trocas. Assim, as microculturas possuem uma lógica de sociabilidade juvenil em rede, havendo uma grande mutabilidade entre grupos (GUERRA; QUINTELA, 2016).

Em consonância com esses apontamentos, percebi, em diferentes pesquisas que focalizaram as sociabilidades juvenis, a compreensão dos jovens enquanto ‘grupos’ ou ‘tribos’ de sujeitos ligados e movidos pelo desejo de conquistarem espaço em um contexto de opressão, de resistirem às imposições e normas de uma sociedade dominada por adultos e/ou por uma lógica cultural dominante de classe, etnia, gênero, etc. Portanto, quando falo de indivíduos ‘jovens’, a ‘sociabilidade’ parece se configurar, em algumas pesquisas, como um campo de resistências, apropriações, resignificações, enfrentamentos e disputas ‘com’ e em ‘relação’ às culturas mais abrangentes e dominantes das sociedades (PAIS, 1990; FERREIRA, 2008; DAYRELL, 2002; RAPOSO, 2010).

Destaco a relevância dessas abordagens porque estabelecem relações entre as culturas hegemônicas e o que é produzido pelos jovens, evidenciando que, mesmo havendo relações de dominação, esses indivíduos são ativos no processo de aprendizado e apropriação de culturas. Porém, é necessário apontar que caminho em outra direção nesta pesquisa. Meu objetivo, ao acompanhar Elisa nos diferentes lugares e grupos que circulou, não foi compreender as dinâmicas de cada grupo, seus códigos, símbolos, vestimentas, músicas, etc. Diferente disso, direcionei o meu olhar para os interesses da menina, as relações e os compartilhamentos que estabeleceu com outros jovens, os quais não estavam necessariamente fazendo parte de um grupo específico. Dessa forma, dou

evidência à ‘sociabilidade’ desenvolvida por um ‘indivíduo jovem’ no contexto das ‘práticas corporais’.

Olhar para o ‘indivíduo’ significa também compreendê-lo parte de contextos culturais que localizam o sujeito na trama social (VELHO, 1997). Ao olhar para o contexto social de Elisa, são evidentes os ‘limites’ que a sua condição econômica impõe nas escolhas ‘possíveis’ de práticas corporais. O nado sincronizado e as lutas, por exemplo, não foram práticas viáveis para ela, pois exigiam mensalidade. Já o futebol, a dança e o skate eram práticas oferecidas gratuitamente pelo município de São Leopoldo/RS, o que permitia o seu envolvimento. E em diversas situações no campo, as restrições financeiras da família de Elisa pautavam os lugares que ela ia e a dinâmica dos seus passeios — por exemplo, após uma longa caminhada com amigos, Elisa e os companheiros tomaram água na torneira que se localizava atrás da pista de skate, na rua, ou ainda, uma bola de sorvete era dividida entre os três jovens.

Dessa forma, o fato de Elisa ser uma jovem com poucos recursos financeiros é um aspecto a ser considerado na compreensão das ‘escolhas’ dos lugares e práticas corporais feitas por ela, e também sua forma de apropriação. Sobre esse aspecto, Bourdieu (1983) entende o ‘campo esportivo’ como um importante meio de diferenciação social e de domínio de classes. O autor ressalta não apenas os recursos financeiros dos indivíduos para praticarem determinados esportes, mas também os aspectos simbólicos que estão no entorno das práticas. Em uma análise do surgimento do esporte moderno, o autor identificou que determinados esportes eram praticados e significados por indivíduos de camadas sociais elevadas e outros por sujeitos de estratos sociais mais baixos. Essas escolhas estavam atravessadas por valores morais e estéticos compartilhados pelas pessoas pertencentes aos referidos contextos sociais, conforme o excerto a seguir expressa:

Seria fácil mostrar, que as diferentes classes sociais não concordam a respeito dos efeitos esperados do exercício corporal, efeitos sobre o corpo externo como, por exemplo, a força aparente de uma musculatura visível, preferida por uns, ou a elegância, a destreza e a beleza, escolhidas por outros, ou efeitos sobre o corpo interno, como a saúde, o equilíbrio psíquico, etc. Colocando de outra maneira, as variações das práticas segundo as classes devem-se não apenas às variações dos fatores que tornam possível ou impossível assumir seus custos econômicos e culturais, mas também às variações da percepção e da apreciação dos lucros, imediatos ou futuros que se

considera que estas práticas proporcionam. Assim, as diferentes classes têm expectativas muito desiguais em relação aos lucros "intrínsecos" (reais ou imaginários, pouco importa, pois são reais enquanto realmente desejados) que são esperados para o próprio corpo (BOURDIEU, 1983, p. 14 -15)

O autor complementa essa ideia citando os esportes coletivos — basquetebol, handball, rugby, futebol — e alguns individuais, exemplo do boxe, como aqueles mais praticados por membros das classes trabalhadoras. Isso porque aspectos simbólicos, como a “exaltação da competição, da força, da resistência, da disposição à violência, espírito de sacrifício, de docilidade e de submissão à disciplina coletiva” seriam valorizados por esses indivíduos, e estabeleceriam uma oposição em relação aos aspectos simbólicos valorizados por sujeitos de classes elevadas (idem, p. 16).

Levando em consideração que a sociedade está em constante transformação, e que, atualmente, é possível perceber, através das práticas corporais, um atravessamento de fronteiras entre classes (VELHO, 2006), ainda assim a análise de Bourdieu (1983) ajuda a pensar sobre a participação e a saída da Elisa do contexto esportivo da ginástica, e a sua transição para um esporte considerado mais popular, como o futebol. Se, em um contexto, Elisa precisava apresentar movimentos graciosos e delicados, mantendo uma “postura de ginasta”, no outro ela podia executar jogadas duras e fazer “jogo de corpo”. Em um dia de campo, ao presenciar uma conversa dela com a manicure que lhe arrumava as unhas<sup>1</sup>, percebi o contraste da forma como Elisa se via e a maneira como era exigida na ginástica.

Após ficar pronta, a manicure pegou o celular para tirar fotos das unhas da menina e pediu que Elisa relaxasse os dedos. Percebendo a sua dificuldade em relaxar, a manicure riu, dizendo: “tu não é nada delicada né? Fica com os dedos duros e a mão aberta!”. Elisa riu também e respondeu: “tu quer o quê? Eu jogo futebol e ando de skate, delicadeza não é o meu forte!” (Diário de campo, 30/08/2018).

Quando ouvi esse diálogo lembrei-me das antigas treinadoras de ginástica e da professora de balé que pediam insistentemente para Elisa fechar os dedos das mãos e se posicionar de forma mais “elegante” e “delicada”. Nas novas práticas em que a menina estava se envolvendo, outras competências eram exigidas, as quais contrastavam em alguns aspectos com o que era exigido na ginástica. Além disso, com os amigos do

<sup>1</sup> Em troca de serviços estéticos, como alisamento de cabelo e cuidado com as unhas, Elisa ajudava a proprietária do salão com o atendimento ao público aos sábados, dias em que o movimento aumentava no estabelecimento.

futebol, skate e dança ela não precisava ‘sussurrar’ palavras, parecia que naquele contexto ela era mais bem compreendida e que os conteúdos de suas conversas faziam mais sentido para os jovens a quem dirigia suas falas.

Lareau (2007) acompanhou dinâmicas familiares de diferentes estratos sociais a fim de compreender como e quais recursos simbólicos eram transmitidos da família para crianças de 10 anos. A autora também visou compreender até que ponto as crianças adotavam e reproduziam as crenças dos pais.

O estudo etnográfico de Lareau apontou que pais de classe média desenvolvem uma forma de criação das crianças que a autora nomeou de “cultivo orquestrado”. Essa forma de criação se caracterizava pela circulação das crianças em diferentes atividades organizadas, destinadas a idades específicas, aspecto que gerava bastante envolvimento familiar, principalmente da mãe. Nessas famílias, também foi identificado, de forma enfática, o uso da linguagem, o desenvolvimento da razão e o diálogo como forma de educação. No que diz respeito às classes trabalhadoras e pobres, a criação das crianças ocorria pelo “crescimento natural”, pautado pelo suprimento de suas necessidades básicas, não havendo necessidade de desenvolvimento de habilidades especiais. Dessa forma, essas crianças possuíam mais tempo livre quando comparadas com as de classe média. Além disso, foi observado que o estímulo da linguagem nessas famílias era menor, havendo mais ordens objetivas e pouco desenvolvimento de diálogos educativos (LAREAU, 2007, p. 17).

Sobre esse último apontamento, Lareau identificou que crianças e familiares de classes trabalhadoras e pobres, nas situações em que deveriam interagir com profissionais de instituições dominantes — médicos e professores —, pareciam não se sentir tão confortáveis quanto às famílias e crianças de classe média, o que tornava os diálogos tímidos e objetivos.

Velho (1997) faz algumas considerações sobre o uso da linguagem por indivíduos de determinada classe social. Para esse autor, deve-se ter cuidado para não cair em um “fatalismo sociológico” ao definir como as pessoas se desenvolvem e se expressam conforme suas condições econômicas. Isso porque os indivíduos podem circular por diferentes contextos, o que contribuiria para inúmeras trocas e processos de socialização heterogêneos. O autor também considera que, nesse processo de comunicação, é

necessário considerar a quem as palavras são endereçadas e o conteúdo que está em pauta. Nas palavras do autor, “[...] há de se perceber quais são, dentro dos diferentes segmentos de uma sociedade complexa, os temas valorizados, as escalas de valores particulares, as vivências e preocupações cruciais” (p. 20).

As reflexões levantadas por Lareau (2007) e Velho (1997), sobre o uso da linguagem em camadas populares, se aproxima do que observei em relação a dificuldades com que Elisa se expressava na ginástica. No entanto, entre os amigos e os familiares, ela falava com maior clareza e costumava ser compreendida. Nos primeiros contatos que estabeleci com ela, no início dessa pesquisa, me surpreendi com sua desenvoltura, algo não observado quando a acompanhava nos treinos da GA.

Diante desses contornos dados ao estudo, meu objetivo foi localizar o leitor na narrativa que desenvolvo nas próximas linhas. Portanto, relato aspectos observados durante a etnografia desenvolvida com a Elisa, buscando compreender as sociabilidades construídas nas práticas corporais com as quais ela se envolveu, levando em consideração o momento da vida e o contexto social em que ela se encontrava. Ao longo da narrativa, desenvolvo relações com os outros casos que fizeram parte deste estudo, a fim de estabelecer aproximações e distanciamentos. Para finalizar, destaco a pergunta que orientou a construção deste texto: como as relações e práticas de sociabilidade construídas por Elisa se relacionam com a sua saída da ginástica de alto rendimento?

### 5.1 O FUTEBOL DE ELISA: “EU TÔ FICANDO MUITO BOA NO FUTEBOL”<sup>2</sup>

Durante o ano que acompanhei Elisa em suas práticas de lazer, o futebol estava constantemente presente, mesmo que fosse apenas em sua fala. Costumávamos caminhar bastante pela sua cidade, pois, conforme mencionei, a ‘bicicleta’ e os ‘pés’ eram os principais meios de locomoção da família. Não era sempre que íamos ao treino de futebol ou jogar alguma partida com seus amigos do bairro, em diversos momentos passeávamos pelo centro de São Leopoldo ou pelo complexo esportivo de lazer<sup>3</sup> onde ela treinava. No

---

<sup>2</sup> Frase dita pela menina em um dia de pesquisa de campo (Diário de campo, 08/07/2018)

<sup>3</sup> O local foi planejado e construído pela prefeitura de São Leopoldo/RS. O complexo esportivo se caracterizava como um ponto de encontro de jovens e crianças, composto por um ginásio esportivo, uma pracinha, duas quadras poliesportivas, uma pista de caminhadas em torno das quadras, um saguão aberto para eventos e uma pista de skate.

entanto, durante os nossos trajetos, ela costumava relatar suas jogadas: “outro dia, no ginásio, eu joguei tri bem”, “ontem no recreio da escola eu salvei o time”, “dei vários dribles nos guri do ginásio”. Seu José, frequentemente, também enviava mensagens narrando o sucesso de Elisa nas partidas de futebol: “Elisa tá aqui jogando com a gurizada, fazendo gol”, “tá batendo muita bola hoje no treino”, “tá jogando no campeonato do ginásio e já defendeu várias”.

Em um dos dias que acompanhei a menina em um treino, juntamente com Seu José, fui apresentada ao coordenador esportivo do ginásio onde a menina treinava. Um homem bastante simpático que parecia acompanhar o percurso da Elisa no esporte. No final do treino, quando estávamos saindo do ginásio, o encontramos na porta. O homem fez algumas brincadeiras provocativas com Elisa, envolvendo dois times de futebol rivais reconhecidos no Rio Grande do Sul, o Internacional e o Grêmio. Após as brincadeiras e chacotas, o coordenador perguntou, em tom mais sério: “por que tu saiu da ginástica, Elisa?”, a resposta da menina foi: “porque eu era ruim! Me saio muito melhor no futebol! Tu viu a jogada que fiz hoje?” (Diário de campo, 12/12/2017).

Era evidente que Elisa se sentia satisfeita com o seu desempenho no futebol, e, como no exemplo acima, fazia algumas comparações com a ginástica, afirmando que tinha mais êxito no futebol. Presenciei inúmeros jogos de futebol de Elisa e pude acompanhar o seu desenvolvimento nesse esporte. Logo que comecei a pesquisa de campo, no final de 2017, quando ela havia iniciado os treinos no ginásio, ela errava muitos passes, chutava com pouca precisão e arriscava dribles sem muito sucesso. No entanto, com o passar do tempo, foi perceptível o seu aprimoramento, os passes já estavam mais certos, e percebi melhora no domínio da bola. Mas Elisa estava longe de ser um destaque entre os meninos que participavam dos jogos.

No entanto, ela era uma das poucas meninas — quando não era a única — que arriscava jogar com os meninos. Mesmo não tendo uma boa técnica, demonstrava ‘coragem’, tentava tirar a bola do adversário com insistência, empurrava os meninos com o corpo, e mesmo perdendo a jogada preferia tentar dominar a bola do que chutá-la para frente livrando-se da marcação.

Em um dos nossos passeios fomos até o campo de areia do seu bairro. Em torno desse “campinho” havia diversas casas. No fim do dia, os moradores costumavam ficar

sentados em frente ao portão ouvindo música, tomando chimarrão ou cerveja. O som das músicas costumava ser alto e disputava os ouvidos da vizinhança. O clima era festivo. Na visita anterior que eu havia feito à Elisa, comprei uma bola de futebol barata, pois ela e seus amigos muitas vezes deixavam de jogar porque não tinham bola. A falta de bola foi um dos fatores ‘limitantes’ para o envolvimento dela em jogos no seu bairro.

Em diversos momentos Elisa colocava suas chuteiras e saíamos ‘caçando’ bolas de futebol com seus amigos. Em um desses dias, ela convidou o seu amigo Édson para jogar, pedindo-lhe que levasse sua bola. Quando chegamos ao “campinho”, o amigo estava sem bola, afirmando que a havia perdido. Elisa pediu que ele fosse até a casa de outro vizinho, o Paulo, para pedir a bola emprestada. Após alguns minutos, Édson retornou sem o amigo e sem a bola, pois Paulo também não tinha. Aguardamos mais algum tempo na esperança de que alguém aparecesse com uma bola, mas não tivemos sorte nesse dia. Ao nos despedirmos de Édson combinamos ‘tentar’ jogar outro dia. Para não perder a tarde livre, fomos passear no centro da cidade (Diário de campo, 30/04/2018).

Esse aspecto também foi observado por Lareau (2007) ao acompanhar a organização da vida diária das crianças pobres que compuseram o seu estudo. Um dos meninos acompanhados na pesquisa passava boa parte do seu tempo buscando bola de basquete para jogar, e não havendo bola encontrava outras atividades para se divertir. Portanto, suas atividades aconteciam conforme seus recursos no dia. Dessa forma, destaco que tanto no estudo de Lareau (2007) quanto no caso de Elisa, a falta de bola ‘limitava’ o desenvolvimento de um jogo, mas não o seu momento de lazer.

Após o exposto, retorno ao dia em que tínhamos uma bola e resolvemos ir ao “campinho”. Chegamos lá e havia alguns meninos disputando uma partida ‘calorosa’, sentamos na pequena arquibancada — construída com troncos de madeira — e aguardamos o momento de Elisa entrar no jogo. A seguir transcrevo a narrativa daquele dia, pois foi um momento importante para entender a desenvoltura de Elisa no jogo.

A tarde de domingo estava agradável, propícia para o nosso passeio. Cheguei na casa de Elisa um pouco antes das 15h00, encontrei seus avós no pátio, ambos sorriram ao me ver e abriram o portão, me convidando para sentar em um toco de madeira que havia no pátio. Elisa saiu de dentro de casa animada, me cumprimentou e avisou que colocaria um tênis para sairmos. Enquanto a menina se arrumava conversei um pouco com os avós, Seu José estava contando as dificuldades que enfrentava para levar a neta aos treinos quando

era atleta. Elisa não demorou muito para se aprontar, pois afirmou que o seu amigo Édson estava terminando os temas e logo estaria lá no campinho nos esperando - os amigos estavam se comunicando através do celular por mensagens. Percebendo a pressa da menina, encerrei o assunto com os avós e nos despedimos, combinei de estar de voltar por volta das 17h.

O campinho ficava muito perto da casa de Elisa, duas quadras no máximo. Quando chegamos lá encontramos oito meninos, quatro para cada lado, jogando animadamente. Havia outro menino sentado na arquibancada, parecia ser amigo de um dos rapazes que estava jogando. Sentamos do mesmo lado da arquibancada e aguardamos, por muito tempo.

Os meninos que estavam jogando pareciam moradores da redondeza. Havia rapazes mais velhos, entre 16 e 17 anos, assim como crianças entre sete e 12 anos. O jogo estava acontecendo em meio a risadas, deboches, chegadas mais duras, outras nem tanto. Chamou-me atenção dois meninos menores, de aproximadamente sete anos, que estavam jogando com bastante ‘garra’. Os meninos mais velhos ao mesmo tempo que davam espaço para os mais novos jogar e tentavam de alguma forma protegê-los, não entrando de forma tão dura nas jogadas, também provocavam e exigiam desempenho das duas crianças: “bah, o alemão não joga nada!”, “vai nele!”. Quando os mais novos chegavam ‘firme’ na bola os mais velhos utilizavam a superioridade física para não perder a jogada. Enquanto eu e Elisa esperávamos na arquibancada, percebi que chegou um menino de bicicleta, o qual observou por alguns minutos o jogo e em seguida largou o veículo e entrou no gol com bastante naturalidade. Depois de um tempo, chegaram mais dois rapazes e ficaram sentados na arquibancada, logo alguém do jogo os convidou para entrar - foi cada um para um time.

Elisa havia expressado que estava com “muita vontade de entrar no jogo”, até que em um determinado momento, com a voz abafada quase num suspiro, falou: “oh baixinho...”, se dirigindo para um dos meninos mais novos. O “baixinho” parece não ter ouvido e seguiu jogando sem olhar para nós. Durante o jogo alguns meninos saíram para descansar e outros meninos entravam para tapar o ‘buraco’ no time.

Elisa mais uma vez chamou um menino do jogo e pediu para entrar, o menino olhou para ela e não disse nada. Dessa vez foi ouvida e ignorada. Comentei com ela que quando chegava um menino na beira do campo, era convidado para jogar e nós ainda não tínhamos sido convidadas. Elisa estava com uma bola no pé, visivelmente demonstrando vontade de jogar. A menina argumentou que eles ainda não haviam convidado porque não conheciam ela. Porém, ela parecia conhecê-los, pois sabia o nome da maioria e onde moravam, eram todos vizinhos.

Depois de um bom tempo, o jogo esvaziou e não havia pessoas suficientes para montar dois times. Nesse momento Elisa fez a terceira tentativa de entrar no campinho perguntando novamente para um dos meninos mais novos se podia. O menino finalmente respondeu dando o consentimento para ela entrar.

Mesmo Elisa fazendo parte do jogo, ainda não havia gente suficiente para a formação de times, por isso ficaram ‘batendo bola’ em duplas, com um goleiro. Assim que a menina entrou no jogo, seu amigo Édson chegou no campinho. A primeira coisa que o amigo falou ao vê-la, foi: “vai ter gente que vai ficar com as canelas roxas hoje”, se referindo a presença da menina no jogo.

Os primeiros movimentos de Elisa com a bola não foram com êxito, pois algumas vezes

chutou para fora do campo e não conseguiu dominá-la, porém não houve crítica. Aos poucos a menina foi melhorando no jogo e conseguiu driblar alguns meninos mais novos, nesses momentos os comentários eram: “bah, perdeu para uma guria”, “a guria tá jogando melhor que tu”.

Em seguida surgiram seis meninos entre 14 e 15 anos, com uma bola nos pés. Os meninos que chegaram não hesitaram em ocupar um lado do campinho. Um deles, de aproximadamente 15 anos, convidou Elisa - chamando-a pelo nome, pois já a conhecia do bairro - e os outros meninos que estavam com ela para jogar. Todos aceitaram e rapidamente os times estavam formados.

O jogo iniciou e Elisa investiu em entradas duras nos meninos, tentava driblar, algumas vezes com êxito, outras não. Um menino que estava de fora chegou a comentar que seu amigo perdeu a bola para uma “guria”. Em outro momento um dos meninos ordenou que ela passasse a bola para frente, porém o jovem mais velho que havia convidado Elisa para jogar, respondeu dizendo: “deixa a guria fazer o jogo dela”.

Após alguns minutos de jogo, Elisa foi para o gol por vontade própria. Logo na sequência aconteceu uma falta que resultou em um pênalti contra o seu time. Rapidamente alguns meninos se ofereceram para ir no gol, outros se colocaram na frente para ajudar na defesa. No entanto, Elisa disse que continuaria no gol e que não precisava de ajuda, pedindo que os meninos saíssem da sua frente para conseguir olhar a bola. Os meninos saíram da frente e assistiram ao pênalti em silêncio. A falta foi cobrada e Elisa conseguiu defender, os meninos reagiram ‘debochando’ de quem havia cobrado a falta. Uma bola foi devolvida para o gol no ‘rebote’, mais uma vez ela defendeu, dessa vez os meninos demonstraram surpresa. Ela estava conquistando espaço no jogo.

Já estava anoitecendo, havia passado das 17h30min. Avisei Elisa que já estava no nosso horário de ir embora, pois havíamos combinado com seu avô o retorno às 17h. Ela lamentou e pediu que eu ficasse mais um pouco. A menina havia demorado tanto tempo para conseguir entrar no jogo que fiquei sensibilizada e resolvi aguardar mais 15 minutos. Porém, a noite estava caindo e eu ainda tinha uma viagem de 40 minutos de trem até Porto Alegre. Com isso, chamei a atenção da Elisa mais uma vez e ela pediu que eu chamasse seu avô para acompanhá-la no campinho. Sem saber como agir, fui chamá-lo. Quando estava chegando na sua casa, Seu José havia pego o celular para me ligar. Expliquei que tentei convencê-la de ir embora, mas fazia pouco tempo que a menina havia conseguido entrar no jogo, por esse motivo não queria ir embora. Seu José imediatamente pegou a bicicleta e foi encontrá-la. A avó, por sua vez, orientou o marido a dar um “susto” dizendo que a deixaria de castigo. Fui embora preocupada com a situação. Quando cheguei em casa resolvi mandar mensagem para saber se havia acabado tudo bem, sem castigos. O avô me tranquilizou respondendo que estava tudo bem e que a menina havia jogado mais um pouco, mas logo já estavam em casa. Elisa não ficou de castigo (Diário de campo, 06/05/2018).



Figura 1- Imagem capturada pela pesquisadora no dia 06/05/2018.

Após esse dia, Elisa já havia feito amizades e combinado outros jogos com os novos amigos. Porém, tentamos retornar mais algumas vezes ao “campinho”, mas não encontramos ninguém no local. E a bola que eu havia comprado, rapidamente estourou e Elisa não tinha outra. Além disso, os avós dela creditavam que o “campinho” não era “bem frequentado”, por isso preferiam que ela fosse jogar nas quadras do complexo esportivo, localizadas na região mais central da cidade. Geralmente, no complexo esportivo havia pessoas com bola de futebol, o que facilitava a ocorrência de jogos.

Nos treinos no ginásio, por alguns meses, ela foi a única menina do seu horário. Apenas em um treino vi outra menina presente, colega de aula de Elisa. Esses treinos faziam parte de um projeto da prefeitura, no qual qualquer criança poderia se matricular, mesmo aquelas que estudavam em escola particular. Todas as atividades oferecidas no complexo esportivo eram gratuitas. Porém, a maioria das crianças que frequentava o local era de estudantes de escola pública, por esse motivo Elisa encontrava muitos colegas e amigos de outras turmas no ginásio.

Nos treinos que presenciei no projeto, Elisa também demonstrou desenvoltura durante os jogos, chegando ‘duro’ na bola e solicitando que seus companheiros a incluíssem nas jogadas. Geralmente, os meninos atendiam seus pedidos e passavam a

bola quando ela ‘reclamava’. Já nos exercícios orientados pelos professores, Elisa apresentava algumas dificuldades, como passar a bola para um jogador no momento certo, conseguir uma distância apropriada para arriscar um gol, ou driblar algum colega para avançar na quadra em direção à goleira do adversário. Porém, quando tentava desarmar jogadas, ela geralmente o conseguia.

Os treinos duravam cerca de uma hora e o tempo era distribuído em mais momentos de jogos do que momentos de exercícios técnicos e táticos específicos do futebol de salão. Normalmente, os professores faziam um aquecimento e alongamento rápidos, dois ou três exercícios técnicos, e já organizavam os times para realizar os jogos. Transcrevo, a seguir, um trecho de diário de campo no qual aparece a participação da ex-ginasta no treino.

Chegamos ao ginásio e sentamos na arquibancada, Elisa deixou o casaco que vestia cair nos ombros e me mostrou sua blusa nova, um top com tiras nas costas, nas quais estava escrito a palavra *love*. Após mostrar a roupa nova, contou que uma menina da escola a provocou afirmando que Elisa estava gorda para usar aquela blusa. Elisa, por sua vez, retrucou, perguntando: “tu não tem espelho em casa?”. Não são poucos os momentos que ela narra esses conflitos com as meninas da escola.

Quando os meninos começaram a chegar, Elisa tirou o casaco, pegou a mochila e foi no banheiro trocar de roupa. No momento em que tirou o casaco e levantou, percebi o quanto ela ainda mantinha a musculatura definida da época em que treinava ginástica. Com a blusa curta, ficavam ainda mais evidentes os músculos das costas, abdômen e braços.

No caminho para o vestiário, Elisa passou por um colega e, como de costume, deu um empurrão - parecia uma forma de cumprimento. Outro menino chegou e a cumprimentou com aperto de mãos.

Elisa retornou do banheiro com o calção de treino, meias longas e chuteira, mas continuou com a blusa nova, pois alegou ter esquecido a camiseta do projeto. Deixou comigo seus pertences e se dirigiu a uma roda de colegas de treino. Os jovens riam e trocavam provocações com muito contato físico, como empurrões, chutes e tapas.

Logo os professores chamaram atenção dos jovens e iniciaram uma fala. Neste momento, Elisa estava conversando animada com dois colegas, ainda trocando provocações. Pareciam não estar prestando atenção no que os professores estavam falando e estes, por sua vez, também não chamaram suas atenções.

Hoje havia mais uma menina, mas parecia mais nova. Elisa comentou que era da sua turma na escola, “uma das mais inteligentes”. A menina estava uniformizada e com os cabelos presos, diferente de Elisa que treinava neste dia com os cabelos soltos e com a barriga à mostra.

Começou o alongamento e Elisa ficou conversando com os professores, até que em um determinado momento fez um mortal de costas e ficou um tempo na parada de mãos. Da última vez que havíamos nos visto, Elisa contou que um dos professores, ainda estudante do ensino superior em Educação Física, havia lhe convidado para participar de uma aula

de ginástica na sua Faculdade, pois ele precisava levar uma criança que sabia fazer alguns movimentos da GA.

Percebi que um dos professores pediu que ela fizesse alguns movimentos da GA. Quando Elisa executou as acrobacias, os colegas estavam olhando com atenção e expressaram admiração. Alguns chegaram a bater palmas. Após o alongamento rápido e as demonstrações da ex-ginasta, os jovens correram por alguns minutos em torno da quadra e já iniciaram a organização dos times para os jogos.

Durante a partida Elisa desarmava jogadas e fazia passes, tentava, driblava e arriscava, sem muito êxito, chutes ao gol. Além disso, pedia a bola, reclamava, vibrava com os gols e ria de erros de jogada de seus colegas.

No caminho de volta para casa, a menina comentou que no domingo passado havia saído com alguns amigos (citando uma longa lista de nomes) para jogar futebol na quadra ao lado do ginásio. Sobre o seu desempenho, Elisa exclamou: “como joguei bem!” (Diário de campo, 23/08/2018).

Desde a sua chegada ao ginásio, nesse dia, percebi que Elisa sabia circular entre os meninos com desenvoltura. Ao se aproximar do grupo de amigos no treino, cumprimentou todos com aperto de mãos, com alguns trocou chutes e empurrões em meio a risadas e brincadeiras. Um deles perguntou por que ela não havia ido à aula naquele dia e ela explicou que estava se sentindo enjoada. Ambos relembrou um episódio em que Elisa foi apresentar um trabalho na escola e passou mal, vomitando. Todos riram da história.

Percebi que, da mesma forma que Elisa se integrava bem com os meninos e sabia estar com eles, também apresentava a mesma desenvoltura durante o jogo de futebol. Embora não fosse o destaque do time, ela participou das jogadas, mostrando-se muito diferente daquela novata que havia iniciado o treino naquele dia, quando havia tocado pouco na bola, mantendo-se calada durante a maior parte do treino.

Sobre a presença de meninas em uma prática culturalmente considerada masculina, Wenez (2005) teceu algumas considerações ao buscar compreender como são atribuídos significados de gênero em práticas corporais e brincadeiras no recreio escolar de uma escola pública da cidade de Porto Alegre/RS. Em sua pesquisa, a autora também identificou a ausência das meninas em algumas atividades praticadas por meninos, entre as quais o futebol, observando que, mesmo tendo técnica e conseguisse obter sucesso em suas jogadas, a menina não era convidada pelos meninos para fazer parte do jogo. Dessa forma, para a pesquisadora o futebol no recreio era uma prática que demarcava fortemente funções de gênero naquele espaço.

Já Thomassim (2010) identificou que, no contexto da ‘vila’, as meninas experienciavam o futebol em suas infâncias desde muito cedo, o que contribuía, de alguma maneira, para o aprendizado de técnicas corporais utilizadas nessa prática. Diferente de Wenez (2005), o autor observou a presença das meninas nos jogos de futebol dos projetos sociais esportivos que acompanhou. Thomassim (2010, p. 170), ao observar a forma de jogar das meninas, compreendeu que a aceitação das crianças no futebol estava mais relacionada à “desenvoltura durante o jogo” — por exemplo, as disputas pela bola de “igual para igual” — do que com a eficiência como jogadoras. Assim, o autor afirmou que a relação de gênero se tornava “invisível” aos meninos em muitos desses momentos de jogo, pois a presença das meninas parecia estar ‘naturalizada’.

Em outro estudo, Damo (2005) acompanhou a inserção de uma menina nos jogos de futebol realizados na rua Leão XIII, local onde aconteciam partidas de futebol entre crianças e jovens moradores da região, a maioria meninos. Mesmo que os jogos de futebol naquela rua tenham se apresentado como uma forma de demonstração e aprendizado de masculinidade, demarcando diferenças de gênero, Laura insistia em participar dos jogos e se dedicava de forma incansável ao aprendizado das técnicas para melhor dominar a bola. No entanto, o que permitiu que ela fosse aceita nos jogos, antes mesmo de desenvolver suas habilidades futebolísticas, era a sua ‘coragem’ e postura durante os jogos, o que se aproximava daquilo que era esperado dos jogadores. O autor destaca que a inserção de Laura nos jogos não foi um processo fácil, pois os meninos resistiam a sua participação, às vezes destacavam suas habilidades a custa da menina, mas a partir da sua insistência e da forma ‘corajosa’ com que investia nas jogadas, foi conquistando espaço.

Retomando o caso de Elisa, é possível estabelecer diálogos com os três autores. Seria um exagero afirmar que Elisa não era percebida enquanto uma menina no jogo, pois como foi possível perceber no “campinho”, os meninos se surpreendiam quando perdiam a bola para ela e riam quando o mesmo acontecia com os amigos. Dessa forma, indo ao encontro de Wenez (2005) e Damo (2005), Elisa geralmente era a única menina participando do jogo e sua presença era constantemente lembrada e demarcada pelos próprios meninos como uma participação ‘tipicamente’ feminina - aspecto que ficou claro

na fala do amigo Édson quando, ao ver Elisa jogando, alertou os amigos que ficariam com as “canelas roxas”. Além disso, os meninos pareciam não esperar muito dela no jogo, pois quando Elisa chutava para fora ou errava o passe ninguém reclamava. Porém, quando um menino cometia os mesmos erros, seus companheiros de time costumavam ser menos tolerantes e gritavam xingamentos.

No entanto, na direção do que Thomassim (2010) e Damo (2005) também observaram, Elisa conquistava espaço no jogo não porque era uma jogadora habilidosa e se destacava em meio aos demais, mas sim porque sabia se ‘comportar’ no jogo. A menina não fugia dos enfrentamentos corporais durante as partidas de futebol, ia em direção à bola com insistência, arriscava jogadas, pedia a bola e se posicionava para recebê-la. Portanto, mesmo sendo uma menina, Elisa havia ‘incorporado’ algumas formas de jogar que permitiam a sua inserção nos jogos de futebol organizados pelos meninos.

Além disso, semelhante ao caso de Laura narrado por Damo (2005), Elisa buscou se desenvolver tecnicamente no futebol, o que era observado quando ficava um bom tempo com a bola no pé tentando fazer “embaixadinha” ou “chapeuzinho”. Até o final da pesquisa de campo percebi o seu desenvolvimento técnico, o que contribuía para que ela conquistasse ainda mais espaço nas partidas realizadas com os amigos e fosse reconhecida também por sua técnica. No entanto, antes disso ela já fazia parte dos jogos porque pedia para jogar e jogava com ‘garra’.

No curto período em que Elisa participou dos treinos de futebol na escola particular, foi perceptível o desenvolvimento das suas habilidades e posicionamento no jogo. Segundo ela, “depois de treinar aqui, ficou muito fácil jogar no ginásio. Tô até ensinando os guri na organização, eles jogam sem tática” (Diário de campo, 02/03/2018). Consegui acompanhar um dia de treino no time da escola, e transcrevo, a seguir, o excerto dessa observação:

Chegando perto do ginásio da escola, mandei uma mensagem para seu José, minutos depois vi de longe o avô vindo em minha direção com sua bicicleta. Para a minha surpresa o ginásio não tinha portaria e a entrada era completamente livre, o que facilitou minha entrada. Cumprimentei o avô de Elisa, que não havia recebido minha mensagem, mas que estava indo buscar alguns remédios. Ele me levou no interior do ginásio e em seguida saiu para o seu compromisso. O ginásio era bem estruturado, tinha uma arquibancada e banheiros. Havia algumas

pessoas nas arquibancadas e aproximadamente dez meninas, entre 12 e 14 anos, aguardando o início do treino. Elisa estava no gol enquanto um menino chutava tentando fazer gol - depois descobri que era o amigo Gabriel, o qual foi acompanhar Elisa no treino e visitar o local, uma vez que já havia treinado ali com o mesmo professor.

Elisa estava defendendo muitas bolas e quando viu o professor falou: “sor, olha como tô indo bem no gol!”, o professor concordou e logo chamou as meninas para iniciar o treino. Segurava em sua mão uma prancheta onde havia um desenho que explicava o exercício que elas deveriam executar. Após esta explicação longa, as meninas se distribuíram atrás de cones e trocaram passes. Além de trocarem os passes, deveriam correr para a direção oposta do passe. Percebi logo no início o quanto o treino era mais organizado do que aquele desenvolvido no projeto do ginásio municipal.

No treino da escola, havia claramente uma preocupação em ensinar as táticas e as técnicas do futsal. Após esse exercício de aquecimento, o professor montou dois times com todas as meninas presentes e realizou um jogo. Nesse jogo também percebi diferenças entre um treino e outro, pois o professor constantemente parava o jogo e mostrava para as meninas como deveriam estar posicionadas. Durante o jogo também chamava bastante as meninas pelos nomes orientando-as no espaço e solicitando marcação, ataque ou defesa. Algumas meninas pareciam organizar o jogo, pois diziam para as colegas onde deveriam ir e o que deveriam fazer, semelhante ao comando do professor.

Elisa se saiu muito bem nesse jogo, marcava bastante e na maioria das vezes conseguia desmanchar jogadas das adversárias. Realizou uma entrada dura em sua colega de treino, a menina ficou no chão reclamando de dor. Elisa ficou olhando, mas não falou nada, tampouco ofereceu ajuda. O professor falou para a menina que estava no chão que a entrada de Elisa fazia parte do jogo e que era assim mesmo que funcionava. Logo a menina estava correndo normalmente no jogo.

Finalizada uma hora de treino, o professor pediu que as meninas sentassem novamente na sua volta para uma longa conversa, dando *feedback* da participação de cada uma e apontando algumas correções (Diário de campo, 02/03/2018).

Os dois meses em que estive presente nos treinos de futebol na escola particular, Elisa demonstrou estar gostando e mostrava uma melhora significativa no seu jogo. No entanto, as dificuldades em se manter na escola contribuíram para que decidisse retornar a sua antiga escola. Seus primeiros relatos sobre a nova escola foram positivos, contou que não havia achado as meninas “chatas” e considerava as aulas muito melhores do que na antiga escola, pois as professoras deixavam “tempo livro para brincar”. Ela mencionou o nome de duas amigas e afirmou que estava “andando” com elas. Falou também da aula de Educação Física e o quanto estava indo bem. Relatou uma atividade de competição desenvolvida pela professora em que as meninas ganharam dos meninos por causa do seu

desempenho, isso porque ela foi “muito rápida” e as meninas que eram mais devagar “ganharam tempo” (Diário de campo, 02/03/2018).

Sobre o desempenho de Elisa na Educação Física da escola, mais de uma vez a ex-ginasta relatou suas conquistas nas aulas, afirmando que sempre ia bem e se destacava. Quando havia retornado para a escola pública, Elisa havia faltado aula todos os dias da semana, menos na sexta-feira, pois tinha Educação Física e, segundo ela, “Educação Física é vida” (Diário de campo, 14/08/2018). Nesse dia, ainda contou, orgulhosa, que a professora fez pique-bandeira e que ela conseguiu pegar a bandeira da equipe adversária quatro vezes.

Nas entrevistas com as outras ex-ginastas, o desempenho nas aulas de Educação Física também era uma pauta. Semelhante à Elisa, Mariana e Glória também percebiam maior facilidade para realizar aquilo que era exigido pelos professores de Educação Física e pareciam gostar desse aspecto. Abaixo seguem os seus relatos:

No handebol, que a gente tá jogando handebol agora nesse trimestre, tipo, eu tive um pouco mais de facilidade para aprender do que as outras pessoas, por causa do negócio de ser mais ágil e essas coisas (Entrevista Mariana, 17/05/2018).

Pesquisadora: e lá na tua escola tinha Educação Física?

Glória: sim, eu sempre fui a melhor aluna de Educação Física, sempre tirei a nota mais alta.

Pesquisadora: o pessoal sabia que tu era atleta?

Glória: Sim! Em todos os colégios que eu fui eu sempre fui conhecida porque eu era atleta.

Pesquisadora: e o que o pessoal falava?

Glória: quando eu fazia ginástica todo mundo queria ver os movimentos de ginástica e eu fazia na maior boa vontade. Era bem legal! (Entrevista Glória, 17/11/2017)

No entanto, esse aspecto não era consenso entre as meninas. Giovana e Ariel relataram se incomodar com o fato de serem mais “cobradas” pelos professores de Educação Física porque haviam sido atletas. A seguir, seguem os relatos:

Giovana: a Sol, a diretora da escola, e sempre quando tem professor de Educação Física, sempre fica mudando, daí ela fala, "ah, essa aqui era ginasta", eu fico, tipo, "ah, é", agora já sabe que eu sei fazer as coisas. Às vezes eu não gosto muito.

Pesquisadora: a Ariel também falou a mesma coisa. Por que tu não gosta?

Giovana: não sei, é porque quando fala, principalmente para a professora de Educação Física, eu sinto uma responsabilidade maior de me dar bem com o que o professor for ensinar. Quando começou o trimestre eu não sabia jogar vôlei e não gostava de vôlei, agora eu gosto. Mas no início o professor dizia: "ginasta sabe fazer quase tudo", "os melhores esportes para preparo para qualquer outro esporte é a ginástica". Daí eu já sentia uma pressão (Entrevista Giovana, 30/05/2019).

É, isso (ter sido um dia ginasta) não é simplesmente uma coisa que eu "ah vou esquecer o que passou", tipo só passou. Porque não dá para também, mesmo que eu quisesse, todo mundo, sempre que eu vou falar com alguém, sempre falam sobre a ginástica, sabe? Tipo, não tem como eu falar alguma coisa sobre mim se eu não falar sobre a ginástica. Então, tipo, o meu professor de Educação Física do colégio, ele entrou esse ano, tá? Aí ele perguntou: "alguém aqui já fez ginástica?", aí eu levantei a mão, daí ele veio me perguntar sobre ginástica, aí eu tive que contar para ele que eu fiz ginástica de alto rendimento e tals. Aí sempre que tem alguma atividade que eu não quero fazer aí ele fala: "ah, mas tu fazia aula de ginástica de alto rendimento, como assim tu não quer fazer isso?", aí é sempre assim, sabe? Às vezes me incomoda um pouco porque tudo que eu vou fazer: "ai Ariel, porque na ginástica...", ou quando tá uma coisa muito difícil no colégio, porque tem que fazer muitos trabalhos para entregar, tipo, tudo ao mesmo tempo, "ai não Ariel...", tudo eles comparam com a ginástica. Eu digo, tipo: "gente, para!" (Entrevista Ariel, 08/06/2018).

Enquanto Elisa, Mariana e Glória sentiam-se bem em mostrar suas habilidades e percebiam maior facilidade para desenvolver as atividades propostas na Educação Física, Ariel e Giovana se sentiam "cobradas" e "obrigadas" a se saírem bem nas práticas que eram propostas, mesmo não gostando. Além disso, essas duas meninas não percebiam que tinham facilidade em todos os esportes, principalmente aqueles que envolviam bola. Com isso, podemos relativizar o discurso recorrente de que ex-ginastas são habilidosas e apresentam um bom desempenho em todos os outros esportes.

No caso de Elisa, era evidente que a menina buscava reconhecimento entre os colegas da escola através das suas habilidades físicas, e esse parecia ser um aspecto valorizado por seus amigos. Nesse sentido, na linha do que Lahire (2001) afirma, Elisa acionava, por 'interesse', esquemas de ações incorporados no período em que era atleta, pois as situações presentes pareciam mobilizar, convocar e despertar os aprendizados experienciados em seu percurso como ginasta. Talvez Ariel e Giovana, além de não se considerarem habilidosas em todos os esportes, não tivessem o 'interesse' de acionar os aprendizados vivenciados no período em que eram atletas. Assim, é possível questionar

se, diferente de Elisa, Ariel e Gionava necessitavam buscar reconhecimento entre os colegas da escola através das suas habilidades físicas?

Feitas essas observações, retornamos à experiência de Elisa na escola particular. Embora, inicialmente, a menina gostasse da nova escola, em pouco tempo ela mudou a sua percepção. Durante fevereiro e março acompanhei o aumento das ausências da menina nas aulas. Certa vez, Elisa disse que não havia ido à aula porque estava sem material, precisava de uma flauta para as aulas de música, mas havia ido ao treino no ginásio. Seu José, constantemente, relatava a sua dificuldade em dar conta de comprar os materiais exigidos pela escola. O avô comentou que Elisa chegou a desejar um violão para as aulas de música, mas ele não tinha condições que comprar.

Na segunda vez em que acompanhei Elisa no treino da escola, conversei com seu José sobre as faltas dela, indagando se não tinha problema faltar toda a semana. O avô respondeu que “é e não é” um problema, porque Elisa não tinha condição de ter alguns materiais e por isso não estava indo em algumas aulas, e ressaltou que ela só havia faltado um dia naquela semana, o que, na concepção dele, não parecia algo preocupante. Sugeri que talvez fosse melhor ela ir à aula sem material, afinal ela não era obrigada a ter todos os materiais que a escola exigia. Seu José rebateu meu argumento dizendo que Elisa era teimosa e que não queria “de jeito nenhum” ir para a escola sem o material (Diário de campo, 23/03/2018).

Nesse mesmo dia, ao retornar para casa após o treino, perguntei para Elisa como estava a escola, e obtive apenas: “mais ou menos” em resposta. A fim de que ela falasse mais sobre o assunto, perguntei por que estava ‘mais ou menos’, e ela falou que havia tirado duas notas abaixo da média, em geografia e história. Explicou-me que teve prova e ela não sabia do que se tratava, pois havia faltado aula quando os professores passaram o conteúdo. Perguntei se na escola não havia um controle de faltas e se ela não se prejudicaria faltando com muita frequência, mas ela não soube me responder.

Tentei entender quais motivos contribuíram para que ela faltasse tanto, Elisa disse que às vezes não conseguia acordar - fato que já era recorrente na sua antiga escola também - e também falou sobre a falta de materiais. Assim como eu havia dito ao seu José, sugeri que talvez fosse melhor ela ir à aula mesmo sem material. Ela respondeu: “pode ser”, mas argumentou que o uso de materiais era individual e que ela ficaria sem,

caso fosse para a aula. E que as aulas não estavam mais “tão legais” e que estava “indo mal”. Eu queria continuar falando sobre a escola, mas ela mudou o assunto para o futebol, lembrando seus lances no treino daquele dia e ressaltando o quanto as meninas do time jogavam bem, muito melhor do que os meninos do ginásio. Ainda contou que estava conseguindo driblar seus colegas do projeto (Diário de campo, 23/03/2018).

No início do mês de abril recebi uma mensagem do avô de Elisa afirmando estar preocupado, pois a neta desejava sair da escola particular. Fui visitá-la, a pedido do avô, pois ele acreditava que eu poderia convencê-la a mudar de ideia, mas logo seu José entendeu que eu não tinha essa influência sobre a menina. Em vez de tentar convencê-la busquei compreender o que estava acontecendo. Nesse dia, fomos caminhando, eu, Elisa e a amiga Milena, calmamente até a casa de um amigo, o Biel, pois ela queria convidá-lo para jogar. Fomos conversando sobre vários assuntos, Elisa estava chutando uma bola murcha e fazendo malabarismos. Aproveitei o caminho para conversar sobre a escola e perguntei como estava se sentindo. Elisa informou que na próxima semana já iria se matricular na sua antiga escola e que estava se sentindo muito feliz. Indaguei por que estava feliz, ela afirmou que tinha muitos amigos lá e que haviam perguntado: “quando tu volta, pentelha?”, expressando carinho e afeto. Perguntei o que não estava mais legal na atual escola, ela resumiu em poucas palavras: não estava conseguindo acompanhar os conteúdos, principalmente por causa da história e do alemão. Segundo ela, os alunos da escola particular tinham contato com aqueles conteúdos há muito mais tempo do que ela. Também contou que suas colegas estavam “começando a ficar metidas” (Diário de campo, 07/04/2018).

Dificilmente, Elisa desenvolvia uma longa fala sobre como estava se sentindo e os motivos que a levavam sair da escola, mas em alguns momentos relatava acontecimentos na escola particular dos quais não havia gostado. Certo dia, após algum tempo da sua saída da escola particular, sem que eu esperasse, contou-me que uma menina falou das calças que ela estava usando, as quais, na concepção da colega, eram “muito velhas para usar na escola”. Elisa afirmou que nesses momentos pensava: “Deus, me dá força para aguentar isso aqui” (Diário de campo, 08/07/2018).

Em outro momento, quando passamos na frente da escola particular, Elisa disse que sentia saudades dos treinos e do professor de futebol. Comentou que as meninas

reclamavam do professor, afirmando que ele fazia umas “loucuras” no treino, mas ela entendia que ele queria formar estratégias diferentes para surpreender os times adversários (Diário de campo, 30/04/2018).

Embora Elisa tenha decidido sair da escola particular, parece que a experiência rápida que teve nos treinos de futebol foi significativa, pois ela expressava sentir falta dos aprendizados táticos e técnicos do esporte que havia incorporado. Nos dois momentos em que a acompanhei nos treinos da escola, percebi que ela se sentia à vontade com as colegas de treinos que, segundo seu José, eram todas bolsistas como a neta.

Retomo, aqui, a fala do professor de skate quando conversamos sobre a pesquisa. Poderíamos, a partir de um discurso dominante (THOMASSIM, 2010), afirmar que Elisa não havia aproveitado a ‘oportunidade’ de estudar em uma escola particular. Porém, ao se olhar a situação, a partir da perspectiva da menina e da sua família, é possível compreender que as distâncias entre o contexto social de Elisa e o contexto dos seus colegas da escola particular não sustentaram a sua permanência. E se refletirmos sobre os treinos de futebol lá desenvolvidos, não seria equivocado afirmar que alguns aprendizados foram incorporados e ‘aproveitados’ pela menina, mesmo que em um curto espaço de tempo.

### 5.1.2 A “JÓIA” DO FUTEBOL

Estávamos a caminho do ginásio quando Elisa contou que outro dia foi jogar futebol com os meninos nas quadras do complexo esportivo e se saiu “muito bem”, pois havia jogado no gol das 14h às 17h, sem parar, defendendo “várias bolas”. Também disse que fez gols, mesmo sendo a goleira. Elisa ainda contou que havia outras duas meninas jogando, mas não estavam ‘se saindo bem’, pois segundo a menina: “se não sabe driblar e nem fazer gol, não sabe jogar”. Contou orgulhosa que, enquanto fazia suas defesas, os amigos elogiavam seu desempenho no gol, foi então que ela resolveu perguntar por que eles não elogiavam também as outras duas meninas que estavam jogando. Os meninos responderam: “é porque elas não são uma joia como tu” (Diário de campo, 21/10/2018).

Certa vez, em um de nossos deslocamentos até o ginásio, Elisa afirmou que estava “jogando muito bem no gol” e que no recreio da escola os meninos mais velhos, do sétimo e nono ano, a convidaram para jogar. Contou ainda que sua participação no jogo foi decisiva, pois havia feito três gols. Elisa também mencionou um menino “repetente”,

assim como ela, da outra turma de quinto ano, o qual, no ano passado, jogava futebol melhor do que ela. Porém, contou que naquele ano deu um “chapeuzinho” nesse menino, fato que levou alguns colegas da escola a “debocharem” dele, dizendo que havia perdido para uma menina. Elisa contou essa história duas vezes nesse dia, finalizando com a fala: “sério, foi muito legal!” (Diário de campo, 30/04/2019).

A menina também destacou que ‘gostava’ desse menino de uma forma diferente, e que as amigas da escola brincavam com ela quando jogava futebol no time adversário do menino - as colegas costumavam correr ao seu lado, como se fossem repórteres entrevistando uma atleta, perguntando-lhe como ela se sentia jogando contra o seu “namorado”. Ainda sobre esse aspecto, Elisa afirmou que todos os meninos da escola “gostam” dela porque ela “sabe ser amiga” deles. ‘Saber ser amiga dos meninos’ para Elisa significava participar das atividades realizadas por eles, nas quais, geralmente, as meninas não eram incluídas, por exemplo “bater cartinhas” e andar de skate. Além disso, em suas palavras: “eu até resolvo brigas entre eles” (Diário de campo, 30/04/2019).

Quando Elisa mencionava a palavra “gostar” se referia ao desejo de “namorar” ou “ficar”. Segundo ela, havia diferença entre “achar bonito” e “gostar”, pois, “gostar é querer namorar, achar bonito é só admirar”. E havia muitos meninos na sua escola, no bairro e no futebol, dos quais ela ‘gostava’ ou ‘achava bonitos’ (Diário de campo, 30/04/2019).

Em sua pesquisa, Almeida (2006) teve como objetivo compreender alguns termos utilizados pelos jovens em seus momentos de sociabilidade, dentre os quais o ‘ficar’. A partir de uma pesquisa etnográfica, essa autora identificou que o ficar se definia pelo beijo trocado entre os jovens, o qual acontecia de forma rápida e dinâmica, sem a construção de laços afetivos mais duradouros. Ao observar jovens ‘ficando’ em boates, a autora identificou que o ato de beijar era uma brincadeira e envolvia performance, havendo disputas de quem conseguia ficar com mais pessoas.

A prática do ‘ficar’ esteve presente durante a pesquisa de campo com Elisa e atravessava as práticas de sociabilidade da menina, dentre as quais o futebol. No entanto, assim como aponta Almeida (2006), mesmo que a efemeridade estivesse presente no ato de ficar, Elisa e seus amigos também falavam em “gostar” e “namorar”, o que atribuía características de profundidade e estabilidade nas trocas afetivas presenciadas no campo.

Quando finalizei a pesquisa, Elisa estava namorando um menino que havia conhecido nos treinos de futebol do ginásio. Portanto, a afetividade, fosse ela dinâmica ou estável, era um dos interesses da menina no futebol.

Logo quando iniciei a pesquisa de campo e acompanhei Elisa nos treinos de futebol, estranhei o fato de ela resolver faltar aula em uma segunda-feira para ir ao treino às 8h, pois ela dizia ter dificuldade para acordar. Nesse dia, acordei bem cedo para chegar a tempo do treino em São Leopoldo. Ao chegar à casa de Elisa, por volta das 7h30min., ela estava no quarto alisando os cabelos e se arrumando, juntamente com sua prima Luisa, a qual também acordou cedo nesse dia apenas para acompanhar Elisa no treino, pois não jogava futebol (Diário de campo, 12/12/2017).

Enquanto Elisa treinava, sentei-me na arquibancada com sua prima e foi então que entendi o envolvimento das meninas com o treino naquele dia. Segundo Luisa, Elisa decidiu ir ao treino pela manhã porque estava ‘gostando’ de um dos meninos da equipe e Luisa achava que o menino também ‘gostava’ de Elisa. A prima ainda observou que Elisa gostava de outro menino do time, o qual estava treinando também nesse dia, mas já não estava mais interessada. Após essa informação, passei a observar Elisa e o menino que ela ‘gostava’. Durante o treino Elisa buscava o contato físico com o menino e chamava a atenção dele através de brincadeiras. Na hora da saída, o menino estava indo embora sem se despedir, então Elisa gritou: “tchau, né?”, ele retornou e se despediu dando um beijo no rosto dela.

Seu José havia chegado durante o treino nesse dia e nos acompanhou, com sua bicicleta, no caminho de volta. Durante o retorno, Elisa avisou o avô que iria treinar também à tarde. Seu José não gostou da ideia e disse que não se deslocaria até o ginásio novamente, mas a menina insistiu, observando que era logo no início da tarde e que não atrapalharia os compromissos dele. O avô concordou, mas parecia contrariado.

Elisa também costumava chamar a atenção dos meninos mostrando as suas habilidades de ginasta. Nesse mesmo dia, após o término do treino, quando saímos do ginásio, o menino que Elisa ‘gostava’ estava sentado em um banco da pracinha com seus amigos. Quando passamos por eles, Elisa fez dois movimentos acrobáticos, seguidos um do outro - pulou de costas e apoiou as mãos no chão, virando uma cambalhota no ar. Os

meninos ficaram surpresos e um deles expressou: “bah, sempre quis fazer isso!” Ela saiu rindo sem dizer nada (Diário de campo, 12/12/2017).

O complexo esportivo onde Elisa treinava futebol, nos finais de semana, costumava ser frequentado por muitos jovens. Em um final de semana, eu, Elisa e sua prima Luísa fomos passear e passamos pelo complexo. As meninas ficaram eufóricas com os meninos que estavam presentes, e nesse dia resolveram passar a tarde no local, como narro no diário de campo:

Passamos na frente do complexo esportivo, que nesse dia estava cheio de crianças e jovens. As meninas logo identificaram muitos conhecidos e um menino que Elisa gostava, o Iago. Diante dos frequentadores desse dia, as meninas ficaram muito empolgadas e eufóricas, apontavam para os meninos e riam alto.

Iago, de 13 anos, estava jogando bola com três amigos, um menino e duas meninas, no gramado ao lado de uma das quadras poliesportivas. O menino parecia estar muito concentrado no futebol com os amigos e não havia percebido Elisa.

Perguntei para as meninas se queriam ficar por ali, elas riram e demonstraram indecisão, pareciam envergonhadas porque havia muitos meninos jovens distribuídos entre as duas quadras poliesportivas e a pista de skate - os espaços eram distribuídos de uma forma que todos os frequentadores conseguiam se observar. Em uma das quadras havia um grupo numeroso de meninos, e uma menina, jogando basquetebol, na outra havia muitos meninos jogando futebol e também apenas uma menina. A pista de skate estava lotada de meninos, os quais pareciam mais velhos. No local também havia uma saguão coberto, onde jovens jogavam vôlei e futebol em roda. Havia uma pracinha onde as crianças estavam brincando, os familiares encontravam-se em torno da pracinha sentados em cadeiras de praia, tomavam chimarrão e conversavam. Havia também espaços com gramados, onde muitas pessoas estavam sentadas.

Finalmente, as meninas resolveram entrar no espaço, depois de muitas risadas e empurrões. Luísa disse que estava com vergonha de passar pelos meninos e gostaria de entrar pela lateral das quadras, onde tinha um número menor de meninos. Contornamos o espaço e paramos ao lado da quadra onde estava acontecendo o futebol, pois Elisa queria olhar o jogo.

Sentamos no gramado e as meninas começaram a apontar os meninos que conheciam e apontavam aqueles que elas haviam gostado. Luísa afirmou ter namorado um dos meninos que estava jogando futebol. Os meninos da pista de skate olharam em nossa direção e chamaram a nossa atenção acenando e mandando beijos. Elisa e Luísa riram muito diante das provocações dos jovens skatistas.

Elisa expressou que desejava ir conversar com Iago, mas nesse dia se restringiu a trocas de olhares. Depois de um tempo, a menina levantou e disse, decidida, que iria pedir para jogar futebol com os meninos na quadra, pois conhecia alguns deles. Elisa não demorou para entrar no jogo. Enquanto jogava olhava constantemente para Iago. No retorno para casa relatou que o menino olhou para ela o “tempo todo” também (Diário de campo, 22/07/2018).

Nesse dia ficou evidente que muitos jovens se apropriavam daquele espaço e que as práticas corporais eram uma das principais atividades desenvolvidas por eles. Também percebi o quanto os ‘flertes’ também faziam parte das práticas desenvolvidas no lugar. No encontro seguinte, depois do dia narrado acima, Elisa e Iago haviam combinado de se encontrar no complexo esportivo. Mais uma vez, eu, ela e a prima fomos até o local. Elisa estava ansiosa quando chegou, e quis sentar perto das quadras para assistir o jogo de futebol, mas estava inquieta, olhando em direção ao local por onde Iago chegaria. Finalmente, o menino chegou, sozinho, e sentou-se em um banco afastado. Luísa decidiu levar Elisa até o banco onde estava o menino, pois conhecia Iago, estudavam na mesma escola. Acompanhei tudo de longe (Diário de campo, 28/07/2018).

Luísa se aproximou do banco com a prima, trocou poucas palavras com Iago e já retornou ao local onde eu estava. Elisa, por sua vez, sentou ao lado do menino, porém, bastante afastada. Os dois jovens ficaram por algum tempo sentados lado a lado trocando algumas palavras, mas em determinado momento Elisa, sorrindo, deu um empurrão no menino, e foi a partir desse momento que o contato físico foi estabelecido. Em meio a empurrões, Elisa e Iago se aproximaram no banco. Sem que ele percebesse, a menina pegou o celular dele e saiu correndo para atrás da pista, Iago foi correndo atrás, parecia uma mistura de brincadeira de criança com ‘paquera’ entre jovens. Eu e Luísa desconfiávamos que no momento em que correram para atrás da pista, havia acontecido o beijo que concretizaria a ‘ficada’, porém, não vimos nada. Após alguns minutos os jovens saíram de trás da pista e sentaram em uma arquibancada na calçada, de frente para a rua, saindo do meu campo de visão e da prima. No entanto, consegui ver que o casal já estava formado, trocando abraços e beijos (Diário de campo, 28/07/2018).

Depois de Iago, presenciei Elisa ‘ficando’ com outro menino, um amigo do bairro, no mesmo local. Dessa forma, aquele espaço era palco de inúmeras práticas, dentre elas as ‘ficadas’, as partidas de futebol e as manobras de skate.

## 5.2 A RÁPIDA PRESENÇA DE ELISA NA PISTA DE SKATE: “TÁ MUITO CHATO AQUILO LÁ”<sup>4</sup>

Quando Elisa listou as atividades que ela desejava praticar, o skate estava entre elas. Sua aproximação com essa prática aconteceu através dos colegas de futebol, pois os meninos costumavam andar de skate na pista antes e depois dos treinos. Quando acompanhava os amigos, normalmente Elisa ficava sentada conversando, pois não tinha um skate. Para conseguir andar, pedia o equipamento de alguém emprestado e arriscava algumas manobras. Foi assim que despertou o seu interesse por essa prática.

Após algumas idas à pista com os colega de treino, decidiu matricular-se nas aulas regulares de skate, também oferecidas gratuitamente pela prefeitura da sua cidade. As aulas aconteciam segundas e quartas-feiras à tarde, o que não coincidia com os dias de treino no futebol. Dessa forma, sua agenda semanal estava preenchida: terças e quintas-feiras treinava futebol; segundas e quartas-feiras, skate. Para as aulas, o professor oferecia um skate e um conjunto de joelheiras para cada aluno, o que facilitava a sua participação.

Assim que iniciou, a ex-ginasta afirmou que estava “indo muito bem” e que no seu primeiro dia de aula já havia descido uma rampa média. A menina contou animada como foi a sua primeira aula de skate: o professor, brincando, desafiou-a a descer uma das rampas da pista, porém, não contava com o fato de que ela aceitaria o seu desafio. Quando Elisa decidiu descer, o professor a desencorajou a novata, afirmando que era seu primeiro dia e que ele estava apenas brincando. No entanto, Elisa insistiu e desceu a rampa sem cair. Segundo ela, o professor exclamou impressionado: “muito bem para uma primeira aula!” (Diário de campo, 26/05/2018).

Elisa contou esse episódio estabelecendo comparações entre a experiência de descer a rampa e algumas situações vivenciadas nos treinos da ginástica, por exemplo, as atletas começavam fazendo movimentos complexos na trave pequena e com o tempo passavam para a trave grande. Nessa transição entre traves, Elisa relatou que não sentia medo e concluiu: “por isso descer a rampa foi fácil” (Diário de campo, 26/05/2018).

Enquanto contava suas experiências nas aulas de skate, estávamos caminhando na rua e, por coincidência, passamos por um menino com skate. Elisa dirigiu a palavra a ele,

---

<sup>4</sup> Frase dita por Elisa em dia de pesquisa de campo (Diário de campo, 15/08/2018)

brincando: “vai aprender a andar de skate”, ele respondeu com a mesma provocação: “quero ver tu descer a rampa grande”. Elisa confessou que ainda não se sentia pronta para enfrentar a rampa grande, mas que precisava de apenas algumas aulas para se encorajar (Diário de campo, 26/05/2018).

Ainda nesse dia, Elisa pediu que eu a acompanhasse no centro da cidade, pois queria fazer uma pesquisa de preços dos skates. Entramos em apenas uma loja e, após testar o equipamento andando no piso do estabelecimento, Elisa disse para a vendedora que informaria o valor ao seu avô. O skate custava cento e setenta reais. Ao sairmos do local, ela sugeriu que fôssemos até os camelôs verificar os preços dos skates, pois achava que eram mais baratos. Elisa estava certa, os valores eram mais acessíveis, em torno de cinquenta reais, porém na opinião dela, as rodas não eram de boa qualidade (Diário de campo, 26/05/2018).

Seu José, como eu já suspeitava, não conseguiu comprar o equipamento para a neta e ela continuou utilizando os skates dos amigos quando ia à pista. A seguir transcrevo o relato de um dia em que acompanhei Elisa e os amigos no local:

Combinei de encontrar Elisa no início da tarde, mas não sabíamos ainda o que iríamos fazer. Em comunicação por áudio, ela sugeriu que fôssemos na pista de skate, pois seu amigo Marcos estaria lá - um novo amigo que conheceu em uma de suas idas à pista. Algumas horas depois, mandou outra mensagem perguntando se eu tinha bomba para encher bola. Como eu não tinha, seguimos o primeiro plano e resolvemos ir para a pista de skate.

Nesse dia, o local estava cheio, havia muitos meninos de diversas idades. Logo Elisa avistou Marcos e já foi subindo rapidamente uma das rampas para cumprimentá-lo. Em meio a ‘deboches’ e ‘jocosidades’, apertou a mão dos meninos que estavam presentes na pista. Resolvi fazer como Elisa, apertei a mão de todos os amigos que estavam ali perto, mas me senti desajeitada.

Não demorou muito para a menina pegar o skate do amigo emprestado. Tentou fazer algumas manobras, mas parecia tímida e não obteve sucesso em suas tentativas. Dessa forma, após tentar poucas manobras sem êxito, Elisa passou a maior parte do tempo ao lado de Marcos debochando do desempenho do amigo quando este tentava executar manobras. Quando Elisa pedia o skate emprestado, algumas vezes Marcos parecia não querer emprestar o equipamento, pois dizia que iria usar ou que estava ruim de andar por causa dos “rolamentos”.

Em seguida chegaram outros meninos, mais ou menos entre 13 e 16 anos. Todas as pessoas que entravam na pista cumprimentavam os demais com um aperto de mãos. Dessa forma, mesmo sendo uma pessoa estranha no local, fui cumprimentada pelos jovens que iam chegando.

Num certo momento, chegou um menino pequeno, de oito anos, juntamente com o seu pai. Marcos avistou o menino de longe atravessando a rua e já disse: “agora ele vai parar a pista”. O amigo de Elisa explicou que esse menino andava “muito bem” e que todos paravam para olhar quando ele começava a andar. De fato foi o que aconteceu, enquanto a criança deslizava de forma habilidosa com o seu skate, os demais observavam e faziam elogios.

A movimentação na pista era intensa, os skates voavam, caíam e perdiam peças, o que provocava muitos ruídos. Os meninos tentavam fazer manobras, algumas mais arriscadas. Quando um deles caía, era possível ouvir em coro: “Uuuuh”.

Além dos skates, os celulares também tinham presença marcante no local. Elisa trocou fotos com Marcos, mostrou fotos antigas suas e compartilhou conteúdos com o amigo através das redes sociais.

Em uma de suas conversas Marcos mostrou seus calos da mão decorrentes das inúmeras vezes que precisou consertar o skate. Elisa, por sua vez, mostrou os seus calos adquiridos quando fazia os movimentos da ginástica nas paralelas assimétricas. Percebendo o desinteresse do amigo, afirmou: “tu nem deve saber o que é paralela”. O menino bateu de ombros.

Enquanto os meninos tentavam manobras e deslizavam com seus skates, eu e Elisa ficamos sentadas. Perguntei se era assim que ela ficava quando vinha com os amigos do futebol na pista, a menina respondeu que sim, mas acrescentou que quando eles começavam a conversar ela “roubava” um skate para andar. Eu já estava entediada de ficar sentada o tempo todo observando os meninos.

Em um dos poucos momentos em que consegui andar, ela arriscou descer uma das rampas grandes. Na primeira vez que tentou, o pai de um dos meninos e o amigo Marcos incentivaram a sua descida. Elisa conseguiu descer sem cair. Animada, fez uma nova tentativa, mas dessa vez caiu na chegada. Marcos ajudou a amiga a se levantar e brincou dizendo: “fica sentada lá”. Ela ficou visivelmente envergonhada, com o rosto corado, riu bastante da situação e resolveu sentar novamente.

Já no final da tarde chegaram alguns meninos mais velhos, entre 15 e 18 anos, amigos de Marcos. Um deles competia nos campeonatos de skate, mas estava sem equipamento, pegando o skate de Marcos algumas vezes, fato que dificultou ainda mais as tentativas de Elisa em andar na pista.

Quando eu disse que precisava ir embora, ela pediu mais uma vez o skate de Marcos para tentar fazer as últimas manobras. Após tentar seus últimos movimentos no skate de Marcos, se despediu dos meninos com um aperto de mãos (Diário de campo, 15/06/2018).

O envolvimento da menina com as aulas de skate duraram, aproximadamente, dois meses. Em pouco tempo, Elisa relatou que as aulas estavam “ficando muito chatas” porque ela não conseguia fazer as manobras difíceis e o professor dava mais atenção aos meninos do que a ela (Diário de campo, 14/08/2018). Nesse sentido, embora as relações estabelecidas com os ‘meninos do skate’ fossem um dos motivos que levavam Elisa até a pista, parece que não foi o suficiente para mantê-la envolvida com a prática.

No futebol, Elisa experimentava momentos durante o jogo em que conseguia executar bem uma jogada, e ainda era reconhecida pelos amigos por isso — por exemplo, quando defendia um gol ou desmanchava uma jogada do time adversário. Nos dias em que observei os treinos de futebol, percebi que os professores também davam atenção à Elisa, incentivando-a durante o jogo. E no aquecimento ela era aplaudida quando mostrava suas habilidades como ginasta.

Já na prática do skate ela parecia estar encontrando dificuldades em realizar as manobras. Além disso, não possuía o seu próprio skate para praticar, fato que dificultava o seu aprendizado. Apesar da falta de bola também ser uma questão que, em alguns momentos, impedia Elisa de jogar futebol, ainda assim parecia mais provável que ela conseguisse encontrar um amigo com uma bola disponível para jogar, do que alguém disposto a emprestar o seu skate para ela treinar. Sendo assim, Elisa tinha mais oportunidades de aprimorar o seu desempenho no futebol do que nas manobras de skate.

González (2007), ao discorrer sobre as especificidades das sociabilidades em torno dos esportes, a partir da teoria de Simmel (1983), identificou que, embora tenham a mesma lógica interna, as práticas esportivas podem ter diferentes sentidos para os seus praticantes. Dessa forma, na análise do autor, se os praticantes são orientados pelos resultados do jogo, os quais saem do campo do pretexto e vão para o campo do objetivo, por exemplo, essa prática não está atravessada pela sociabilidade. Nas palavras de González (2007, p. 25),

[...] somente poderíamos falar do esporte como prática de sociabilidade quando o mesmo se constitui efetivamente numa forma lúdica de associação, ou seja, na medida em que se emancipa do resultado como meta e centra-se nele próprio apenas para produzir um tipo especial de convivência com o outro e para o outro.

Dessa forma, para esse autor, quando o resultado de uma prática esportiva tem valor de troca e de ganho — que muitas vezes pode ser simbólico, como o reconhecimento e prestígio — o envolvimento com essa atividade se distancia da sociabilidade.

No entanto, quando entendemos que a sociabilidade acontece em qualquer atividade humana, considerando-se que é constituída pelas trocas e pelas relações estabelecidas entre os indivíduos (VELHO, 2002), é possível olhar para a sociabilidade em torno das

práticas corporais de uma forma diferente da de González (2007). No caso da ex-ginasta, o compartilhamento e o aprendizado das lógicas internas do skate, incluindo o futebol, também constituem a sociabilidade em torno dessas práticas. Isso porque ‘saber fazer’, ter um bom rendimento e obter bons resultados nas jogadas e manobras permitia estreitamentos de laços, identificação e reconhecimento entre os praticantes. Com isso, arrisco dizer que outra especificidade possível em torno das sociabilidades das práticas corporais é o domínio das habilidades que as constituem.

É importante destacar que não estou afirmando que o ‘bom desempenho’ é indispensável para que haja sociabilidades nos esportes e demais práticas, mas sim que para Elisa foi um elemento importante para o estabelecimento de relações com os amigos do futebol e do skate — do mesmo modo que o grupo de dança com o qual ela também se envolveu, sobre o qual discorro a seguir.

### 5.3 O GRUPO DOS “MALOKA”

Em setembro de 2018, através dos amigos do bairro, Elisa tornou-se amiga de Maicon, conhecido como Maninho. Maicon tinha, aproximadamente, 14 anos e fazia parte de um grupo de dança independente, os “Maloka” — inspirado em um estilo de funk muito conhecido entre os jovens, caracterizado pela intensa movimentação dos pés e dos ombros. Em uma pesquisa rápida no youtube, é possível encontrar diversos vídeos de jovens, de diferentes partes do Brasil, dançando o ‘passinho dos Maloka’.

O novo grupo de amigos de Elisa era formado oficialmente por quatro jovens, mas normalmente estavam em maior número. Em uma conversa informal com Maninho, descobri que “Os Maloka” foi criado no início do ano e possuía um canal no youtube, onde as coreografias eram divulgadas. Os ensaios aconteciam normalmente nas ruas, nos parques e nas escadarias do shopping da cidade.

A primeira vez que conheci os meninos foi por acaso, em um dos passeios que eu e Elisa costumávamos fazer nos finais de semana. Naquele dia, um domingo (21/10/2018), íamos até o shopping, ponto de encontro entre os jovens e local de ‘paquera’. Porém, quando passamos pelo complexo esportivo onde Elisa treinava futebol, estava acontecendo uma festa religiosa, com frases da bíblia espalhadas pelo saguão. Havia

muitas pessoas distribuídas nas quadras esportivas, pista de skate e saguão onde estava acontecendo uma apresentação de teatro. Havia também homens e mulheres vestidos de palhaço, usando pernas de pau. Ao observar toda aquela movimentação, Elisa resolveu parar um pouco por ali e ver se encontrava alguém conhecido, foi quando avistamos Maninho e mais dois amigos.

Elisa cumprimentou os amigos com apertos de mãos, empurrões e socos, como de costume. Os meninos explicaram que iriam se apresentar no evento que estava acontecendo, e ela, rapidamente, mudou de ideia em relação ao passeio no shopping e resolveu ficar para ver a apresentação. Apresentou-me como uma amiga, os jovens me cumprimentaram e continuaram conversando. No início, fiquei mais calada, não sabia o que conversar com os jovens, apenas arriscava alguns comentários em relação aos passos de dança que eles estavam mostrando. No entanto, no final do dia eu já estava filmando os meninos, compartilhando os vídeos com eles e fazendo diversas perguntas sobre como haviam iniciado o grupo. Fiquei realmente impressionada com a habilidade que demonstraram na apresentação do evento.

Ao chegarmos, naquele dia, ficamos conversando com os meninos na calçada da rua, do lado de fora do complexo, onde os palhaços andavam com pernas de pau. Em determinado momento, Elisa deu um mortal de costas, sem motivo aparente. Ficamos surpresos com a atitude dela. Percebendo o interesse dos meninos no movimento que ela havia acabado de fazer, Elisa mostrou outras acrobacias. Naquele momento, os palhaços se aproximaram e pediram que ela fizesse mais alguns movimentos. Elisa fez diversas acrobacias que havia aprendido na ginástica, e, a cada movimento, os meninos demonstravam admiração e pediam que ela o repetisse. Quando falei que Elisa fora ginasta, os meninos ficaram surpresos, pois ela nunca havia dito.

Elisa também mostrou para os meninos os passinhos de funk que sabia fazer, exclamando que “era muito fácil”. Percebi também que a menina tinha facilidade para executar os passos da dança, os quais pareciam difíceis por exigirem, ao mesmo tempo, uma movimentação diferente dos pés e das mãos. Após muitas demonstrações de Elisa, os meninos decidiram ensaiar um pouco antes de subirem ao palco. Elisa pediu para acompanhá-los, dispondo-se a ajudá-los no ensaio segurando o celular com a música.

Maninho concordou e fomos para a parte de trás do saguão, onde havia menos fluxo de pessoas.

Enquanto os meninos ensaiavam a coreografia, Elisa segurava o celular bem perto deles para que ouvissem a música, pois havia muito barulho no local. Fiquei bastante impressionada com o desempenho dos garotos do grupo e a habilidade que tinham para fazer os movimentos daquela dança. Não foi por acaso que vários jovens pararam para observar os Malokas e tentaram reproduzir alguns passos.

Em seguida, os garotos foram anunciados no microfone e se encaminharam rapidamente para o palco. Havia muitas crianças e jovens em torno do palco para vê-los. Elisa se encarregou de filmar a apresentação. Os garotos subiram no palco e dançaram com energia, cada um deles fazia os passos que sabia enquanto os outros batiam palmas. A música era empolgante e os jovens da plateia pareciam estar gostando, pois dançaram durante a apresentação, tentando fazer a coreografia.

Finalizada a apresentação, os meninos foram recebidos pela plateia jovem com apertos de mãos e palavras de incentivo: “estavam demais”, “parabéns, pai”. A gravação de Elisa não havia dado certo, mas eu também havia gravado, por isso os meninos se aproximaram de mim e assistimos juntos ao vídeo. Nesse momento, conversamos um pouco sobre a origem do grupo e Maninho mencionou Elisa, afirmando que ela também faria parte do Maloka. Elisa, ouvindo a conversa, falou sobre os movimentos que sabia fazer e poderia incorporá-los ao repertório do grupo, mostrando, mais uma vez, uma acrobacia. Sua demonstração chamou a atenção dos demais jovens, e quando percebi estávamos entre 10, apenas eu e Elisa do sexo feminino.

Ficamos mais algum tempo no local, ao lado da pista de skate. Sem eu perceber, Elisa saiu abraçada com Maninho para trás da pista de skate, demoraram alguns minutos e retornaram, ainda abraçados. Desconfiei que se esconderam para “ficar”, o que mais tarde foi confirmado por Elisa. Nesse dia, havíamos combinado que seu José iria acompanhar a neta no final do dia, pois eu tinha compromisso. Lembrando-me da combinação, considerei importante avisá-la de que seu avô já estava chegando. Ela concordou, mas não parecia preocupada.

Elisa amarrou em uma das pernas, que estava bem à mostra, o lenço que um dos amigos usava na cabeça. Alguns minutos depois entendi que ela estava se preparando

para uma “batalha” de dança. A batalha geralmente acontecia entre dois jovens, os quais ficavam um de frente para o outro e iniciavam uma disputa para saber quem realizava melhor os passos do funk. Nessa disputa, os adversários trocavam provocações, como dar um leve tapa no rosto do outro, ou empurrar o adversário. Para iniciar a “batalha”, além de amarrar o lenço na perna, Elisa tirou sua camiseta larga e ficou apenas com uma blusa curta que mostrava a barriga. O corpo dela chamava a atenção, pois ainda mantinha a musculatura definida da época em que era atleta.

A disputa iniciou com Elisa fazendo um movimento com o quadril de forma bastante coordenada, conhecido entre os jovens como o “quadrado”. Nesse momento, um menino que filmava a batalha de dança com o celular, posicionou-se atrás dela para filmar o seu quadril em movimento. Os meninos olhavam o seu corpo e faziam comentários entre si. O adversário de Elisa também parecia habilidoso, e respondeu ao “quadrado” movimentando os pés rapidamente no ritmo da música. Os jovens, ao redor, batiam palmas e estimulavam a disputada dizendo frases do tipo: “bah, vai deixar assim?”, “humilhou”, “eu não deixava assim, não”, “já era, perdeu”.

A dança de Elisa, única menina presente entre muitos meninos, destacava o seu corpo, principalmente quadril e glúteos, caracterizando-se como uma dança sensual. Ao ver a menina com o corpo à mostra e movimentando o quadril daquela forma, senti-me constrangida. Maninho, menino que ela havia ‘ficado’ nesse dia, olhava o corpo da menina e expressava admiração, comentando com outros meninos. Em uma pesquisa etnográfica em espaços frequentados por jovens em uma região periférica de São Paulo, Moreno (2011) destaca as diferenças entre o funk dançado pelas meninas daquele dançado pelos meninos. O autor afirma que existe uma distinção bem definida entre papéis sexuais na dança, na qual os homens são mais contidos e as mulheres realçam seus corpos com destaque para quadris e glúteos.

A partir da performance das meninas na festa funk, o autor conclui:

A dança das meninas e suas performances materializam aspectos que podem ser compreendidos como a manifestação de uma sexualidade ativa na qual os comportamentos normativos embasados na definição dos papéis sexuais de homens e mulheres são questionados, deslocados e ressignificados. O exercício libidinoso de suas performances aponta a construção de territórios sobre os quais exercitam uma feminilidade

ativa que desloca as convenções de recato e pudor imputadas às mulheres (MORENO, 2011, p. 14).

Semelhante ao que Moreno identificou em seu estudo, em diversos momentos Elisa assumia uma postura ativa e sem pudores na dança que desempenhava. No entanto, não era apenas na dança que ela demonstrava essa postura, nas suas aproximações afetivas com os jovens também parecia desinibida e ativa. Em uma de suas ‘ficadas’, Elisa se aproximou do menino e o beijou, falando para as amigas que estavam por perto: “olha, é assim que se faz”. Em algumas ocasiões outras meninas, chamadas por Elisa de “invejosas”, diziam que ela era “puta” ou “rodada”, pois já havia ficado com vários meninos. Embora esse discurso estivesse presente em alguns momentos, percebi que no meio em que Elisa circulava, ser uma menina de atitude, expor o corpo e dançar de forma sensual era algo naturalizado e lhe garantia destaque entre os meninos.

Porém, como discorro ao longo deste texto, conforme o convívio da ex-ginasta se intensificava no grupo de dança, sua performance passou a se aproximar mais daquela desempenhada pelos meninos. Assim, do mesmo modo que no futebol, Elisa buscava se destacar a partir das suas habilidades físicas e, nesse processo, talvez sem ter uma intenção clara, atravessava algumas fronteiras de gênero.

Ao chegar ao complexo esportivo, seu José ficou observando, de longe, a neta dançar, e ela continuou com os meninos sem constrangimento. Tentei me despedir dela, mas Elisa estava distraída e não me ouviu. Dessa forma, apenas me afastei do grupo. Fui cumprimentar seu José e me despedir, avisando que retornaria outro dia.

Uma semana depois, no dia 27/10/2018, sábado, eu e Elisa combinamos sair novamente, e, dessa vez, nosso destino já estava certo, iríamos sair com os “Maloka”. Quando cheguei à casa dela, ela logo foi contando que no dia anterior tinha estado com o grupo de dança, e ao participar de uma “batalha” com outra menina ela disse, orgulhosa, que havia vencido a disputa.

O encontro estava marcado no complexo esportivo, porém, quando chegamos lá não encontramos os meninos. Elisa avistou alguns garotos no interior de uma das quadras esportivas, que, segundo ela, eram “do outro grupo de dança”. Ela se aproximou e perguntou se eles haviam visto os meninos do “Maloka”, eles disseram que não. Elisa permaneceu ali observando os meninos fazendo alguns passos de dança. Pouco tempo

depois, os rapazes resolveram ir para a “escadaria” do shopping e um dos garotos convidou Elisa, que rapidamente aceitou. Quando estávamos saindo do complexo, avistamos um grupo de aproximadamente dez meninos se aproximando, eram os “Maloka”. Fomos ao encontro deles e deixamos o outro grupo para trás. Elisa encontrou uma amiga junto aos meninos, pois a menina era irmã de um deles e estava namorando outro. As meninas se abraçaram e seguiram com os jovens para o saguão do complexo esportivo. O outro grupo que estava seguindo para as escadarias do shopping resolveu retornar e se juntar aos Maloka.

Havia, aproximadamente, 18 meninos, entre 12 e 14 anos, e duas meninas: Elisa e sua amiga. No saguão, os jovens colocaram uma música de funk em uma caixa de som portátil, ensaiaram passos e ensinaram uns aos outros alguns movimentos. Após algum tempo, um dos meninos chamou os demais e pediu que formassem uma roda para iniciar uma “batalha”. Os jovens foram se juntando lentamente, alguns bastante acanhados, outros também estavam tentando organizar a roda e pediam para que todos os presentes, mesmo aqueles que não fossem dançar, se reunissem para “fazer volume”.

Como de costume, Elisa era a única menina compondo a roda da batalha. Antes da formação da roda, a ex-ginasta estava ensaiando passos e dando mortais, movimento que incluiu no seu repertório de dança e parecia um diferencial no grupo, pois ninguém mais dava mortal.

A batalha iniciou com dois meninos no centro da roda, um de cada vez fez os seus passos de dança de forma provocativa ao adversário. Como Elisa era a única menina, ficou de fora da batalha e se restringiu a bater palmas e gritar palavras de provocação. Duas meninas que estavam passando pelo local se aproximaram do grupo e chamaram Elisa. As três se afastaram da roda, e a ex-ginasta mostrou algumas acrobacias e passos de dança que sabia fazer. Uma delas perguntou se Elisa havia feito ginástica. Aproximei-me e perguntei se iriam dançar, elas disseram que não sabiam dançar muito bem, mas uma delas havia vestido uma bermuda jeans<sup>5</sup> no banheiro do ginásio para arriscar alguns passos de dança na roda. Porém, ficou intimidada com a performance de

---

<sup>5</sup> Descobri através de algumas alunas da escola onde atuo como professora que a bermuda jeans “dá mais movimento” aos quadris, por isso é considerada pelas meninas a roupa adequada para dançar funk.

Elisa, afirmando: “não vou competir com ela, não sei dançar tão bem”. Dessa forma, achou melhor não participar.

As duas meninas não conheciam Elisa, mas se aproximaram porque desejavam participar. Comentaram ainda que não sabiam dançar como os meninos, e eu observei que os passos das meninas no funk pareciam um pouco diferentes daqueles realizados por eles. Elisa rapidamente rebateu minha fala, afirmando: “eu sou guria e danço como os guri”. As meninas conversaram mais um pouco, mas logo se despediram de Elisa e foram embora.

A batalha não durou muito tempo. Os meninos se espalharam em grupos e fizeram passos ensaiados uns com os outros e criaram passos novos. Elisa também estava tentando fazer passos novos com alguns meninos, o irmão da sua amiga era o menino que mais lhe dava atenção e ensinava alguns passos que sabia. A ex-ginasta chamava alguns meninos para ver os movimentos que ela estava criando, todos com acrobacias. Embora as acrobacias fossem um diferencial, eles não falavam nada, e, após a demonstração de Elisa, voltavam sua atenção para os outros meninos.

Após quase uma hora entre os meninos, Elisa e a amiga decidiram passear no shopping e me convidaram a acompanhá-las. Assim, deixamos o grupo de meninos e fomos em direção ao centro da cidade. Durante o caminho até o shopping fiquei um pouco afastada, pois as amigas caminharam todo o percurso abraçadas e de mãos dadas, rindo de tudo o que viam na rua. Quando chegamos ao shopping fomos ao banheiro e a amiga de Elisa trocou de roupa, vestiu uma bermuda jeans curta, uma miniblusa que mostrava bastante a barriga e uma camisa xadrez amarrada na cintura. Elisa se olhou no espelho e exclamou que havia se arrependido de ter colocado calça, pois estava sentindo calor.

Fomos em direção à praça de alimentação, sentamos um pouco e logo as meninas já quiseram voltar para o ginásio. Na volta para o ginásio eu já estava cansada de caminhar, pois a distância do ginásio até o shopping não era pequena, levávamos, aproximadamente, 30 minutos caminhando. Chegamos ao ginásio e não encontramos os meninos. Elisa perguntou a alguns jovens que estavam na pista de skate se sabiam para onde o grupo de meninos que estava dançando tinha ido, mas os jovens não sabiam. Como a amiga de Elisa tinha horário para chegar em casa e já estava quase na hora, as

amigas resolveram voltar para o shopping e verificar se eles estavam lá. Naquele momento pensei que não iria conseguir caminhar todo o trecho novamente, pois o dia estava quente, mas diante da responsabilidade que tinha em acompanhar Elisa, permaneci com elas. E assim eram os passeios de Elisa: longas distâncias a pé.

A amiga de Elisa estava nervosa, pois disse que o pai ficaria muito bravo com o atraso dela e a deixaria de castigo. Chegamos ao shopping e encontramos uma parte dos meninos, o irmão da menina e o namorado haviam saído para procurá-la no ginásio, o que provocou o desencontro. Enquanto esperava o retorno dos dois, os jovens resolveram tomar um sorvete, e como tinham pouco dinheiro dividiram duas casquinhas entre vários.

Fomos para as famosas “escadarias” do shopping, localizadas ao lado do estabelecimento. Havia muitos jovens no local, inclusive as duas meninas que se aproximaram do grupo quando estavam dançando no complexo esportivo. Os meninos colocaram música na caixa de som e Elisa dançou mais um pouco, mostrou passos que havia criado para os meninos. Dessa vez, a menina obteve mais atenção deles, alguns deram dicas para “melhorar o movimento”, outros valorizavam o que ela estava fazendo, afirmando: “bah, esse tá tri”.

Eu já estava ficando preocupada com o horário, já eram quase 18h e tínhamos todo o caminho de volta ainda, levaríamos 40 minutos caminhando até a casa de Elisa. A menina, como de costume, pediu que eu falasse com seu avô para ele vir ficar com ela. Liguei para o avô e falei o que Elisa estava sugerindo, porém, seu José não concordou. Em seguida, o irmão e o namorado da amiga apareceram, estavam preocupados e brigaram com a menina. Com a chegada dos meninos, a amiga de Elisa foi imediatamente embora, o que também facilitou o nosso retorno.

No caminho para casa, Elisa me contou que o irmão da sua amiga estava “começando a gostar” dela, além do “Dedé”, um dos meninos que também dançava no grupo. Maninho estava lá nesse dia, porém ele e Elisa não ‘ficaram’ novamente.



Figura 2 - Imagem capturada pela pesquisadora no dia 27/10/2018. Local: Complexo Esportivo de São Leopoldo/RS.

Nesse período, o convívio de Elisa com os meninos do funk se intensificou e ela estava se dedicando ao aprendizado dos “passinhos”. Percebi também que, além de se dedicar ao domínio dos movimentos da dança, ela passou a se vestir no estilo do grupo, o que ficou evidente em um encontro que participei quando os jovens foram até Porto Alegre, em um local próximo de onde eu morava, o Gasômetro.

Em um sábado, dia 03/11/2018, seu José enviou mensagem perguntando se eu estaria livre, pois Elisa iria para Porto Alegre com os amigos para fazer uma apresentação de dança. Nesse mesmo dia, eu tinha um compromisso com a Glória, iria assistir sua competição pela manhã. Portanto, avisei o avô que tentaria encontrá-los, mas que não sabia ao certo a que horas me liberaria. Como foi relatado em outro momento, a competição de Glória durou muito pouco, e em duas horas eu já estava retornando para casa.

No horário combinado, encontrei seu José e o grupo de jovens no Gasômetro. Avistei de longe o senhor José sentado em um banco e Elisa com os amigos em um local mais afastado. Aproximei-me do avô e nos cumprimentamos com um abraço. Ele já foi logo desabafando que estava muito cansado e não aguentava mais “caminhar com a gurizada”, pois haviam caminhado da rodoviária até o Gasômetro. Concordei com ele e contei que, no final de semana passado, eu havia caminhado bastante com eles também, até meus pés doerem. Rimos da situação.

Percebendo o seu cansaço, me coloquei à disposição para acompanhar o grupo caso eles fossem caminhar, mas por sorte eles ficaram por ali mesmo. O avô disse que a neta teria uma apresentação com os meninos em Porto Alegre naquele dia, mas estava suspeitando que não iria acontecer. Resolvi me aproximar do grupo de jovens e tentar entender o que faziam ali. Quando me aproximei, Maninho logo disse para a Elisa: “olha quem tá aí, Elisa!” Cumprimentei todos eles e Elisa chamou a atenção de um dos amigos, que não havia me visto, pedindo em tom de brincadeira que fosse “mais educado” e me cumprimentasse.

Estavam presentes três meninos que eu não conhecia, Maninho e Dedé. Logo entendi que estavam “gravando um clipe” para colocar no canal do youtube. Enquanto Maninho e Dedé dançavam, outro garoto filmava, e fizeram várias tentativas. Os meninos estavam chamando a atenção das pessoas que passavam, muitas paravam para olhar, tiravam fotos e filmavam. Quando isso acontecia, eles se ‘exibiam’ ainda mais e dançavam de frente para as câmeras que estavam focadas neles.

O ‘reconhecimento’ das outras pessoas parecia algo que estimulava a dedicação dos jovens para aquela prática. Retomo aqui o dia em que os meninos se apresentaram no evento da sua cidade e que foram recebidos pela plateia jovem com cumprimentos e palavras de admiração. Naquele dia, estavam em outra cidade e as pessoas, não apenas jovens, paravam para vê-los. Sobre esse aspecto, Dayrell (2002) também identificou em seu estudo que um dos atrativos de jovens envolvidos com o funk e com rap era o reconhecimento no meio em que viviam, e a construção de uma identidade e afirmação pessoal. Na mesma direção, os “Maloka” eram reconhecidos por suas habilidades com a dança.

As letras das músicas usadas pelo grupo, na maioria das vezes falavam sobre sexualidade de forma bastante explícita, e em alguns momentos me sentia constrangida com o que estava sendo dito nas músicas. Nesse dia, uma mulher que filmava comentou sobre a letra da música, falando de uma forma irônica: “que letra maravilhosa, hein!” Comentei com Elisa sobre as letras das músicas e ela respondeu: “pior que é assim mesmo. Tem que ser assim!” Entendi que, embora as letras causassem estranhamento das pessoas que passavam, faziam parte do estilo do grupo e marcavam também sua identidade.

Durante a gravação do clipe, Elisa tentava fazer alguns passos e se oferecia para ajudar na filmagem. Percebi que usava acessórios típicos do grupo, como um lenço amarrado na cintura, uma bermuda jeans curta e uma camiseta larga.

Próximo do grupo, outros jovens tentavam fazer os passos de funk que Maninho e Dedé executavam na coreografia. Não demorou muito para os dois grupos se juntarem e iniciarem uma “batalha”. Os jovens de Porto Alegre pareciam um pouco tímidos, logo percebi que não dançavam tanto quanto a gurizada dos Maloka. No grupo de Porto Alegre havia duas meninas que Elisa convidou para o enfrentamento, e uma delas aceitou.

A batalha demorou a iniciar. Os jovens riam muito, faziam chacota uns com os outros e mostravam os passos de dança que sabiam fazer. Após muita risada, Elisa e a adversária se posicionaram uma de frente para a outra para o enfrentamento. Os garotos estavam gritando ao redor delas, era uma forma de incentivo e provocação. Quando a menina de Porto alegre fazia os seus passos, Maninho puxava o coro na tentativa de constranger Elisa. E quando Elisa fazia os seus movimentos eles riam, diziam que ela estava repetindo: “outra vez, esse passo?”, “não vai dar mortal”. Quando Elisa se preparou para fazer um mortal, os garotos a repreenderam dizendo que ela sempre fazia aquilo, ela não fez e tentou outro movimento.

As meninas, enquanto se enfrentavam, faziam “deboches” - passos que provocam diretamente o adversário. A amiga da menina desafiada por Elisa dizia nomes de “deboches” que sua parceira poderia usar, percebi que as garotas estavam um pouco tímidas com os incentivos e provocações dos meninos. Porém, embora houvesse certa provocação por parte dos meninos em relação à Elisa, eles também a incentivavam. Em

um momento da batalha, combinaram um passo com ela em que ela cheirou a camiseta da adversária e caiu, como se estivesse desmaiando com o mau cheiro, e eles a seguraram. Após o desafio, alguns meninos deram dicas para Elisa sobre variações que ela poderia utilizar nos “deboches” que havia feito.

Os jovens ficaram mais algum tempo ouvindo música e mostrando passos, porém sem batalhas. Elisa faz algumas acrobacias e todos bateram palmas. Seu José se aproximou dizendo para a neta que precisavam ir embora. Ela insistiu para ficar e pediu que eu a levasse na estação de trem mais tarde. Eu pedi desculpas, mas disse que naquele dia eu não poderia ficar. Deixei o avô e a neta negociando o retorno e me despedi do grupo.

Naquele dia, percebi o quanto Elisa estava dominando mais os “passinhos” do grupo de dança, assim como desempenhando melhor os “deboches”, apesar dos constrangimentos provocados pelos amigos. Nesse sentido, diferente do que percebi nas manobras realizadas por ela no skate, Elisa se destacava pela habilidade com que movimentava o seu corpo e por ter incorporado acrobacias na sua dança. Além disso, ganhou todas as batalhas que disputou com outras meninas. Embora os meninos criticassem o mortal que ela executava nas batalhas, quando ela dançava sozinha e mostrava as acrobacias, era aplaudida. Portanto, essa visibilidade e o reconhecimento experimentados na dança não foram percebidos por mim e nem relatados por ela no período em que se envolveu com a prática do skate. Dessa forma, retomo o fato de que ‘saber fazer’ e dominar a lógica interna das práticas corporais foi central para que Elisa estabelecesse vínculos e relações com os outros jovens praticantes.

\*\*\*

A partir do exposto, compreendi que, através do futebol, Elisa conquistava espaço em uma prática dominada por meninos, isso porque ela ‘sabia como agir’ durante os jogos, o que parece ter facilitado a sua inserção nas partidas disputadas no bairro, no recreio da escola e nas quadras do ginásio. Porém, ela também se dedicava ao seu aprimoramento técnico, aspecto que contribuiu ainda mais para o seu reconhecimento entre meninos e meninas, e estas últimas costumavam acompanhá-la em seus treinos e jogos. Além do

desempenho nas partidas de futebol, Elisa também costumava mostrar para os amigos, e mais especificamente para os meninos, as suas habilidades de ginasta, as quais fazia questão de demonstrar durante os treinos de futebol.

Ficou evidente que essa aproximação com os meninos, através do futebol, facilitava e proporcionava momentos de trocas afetivas e ‘ficadas’. Após a finalização da pesquisa de campo, fiquei sabendo, através de seu José, que Elisa estava namorando um menino do futebol.

Da mesma forma, a sua participação e reconhecimento no grupo de dança estava atravessado pelo seu bom desempenho em suas coreografias. Suas habilidades como ginasta eram recrutadas e acionadas para compor o seu estilo de dança. Além disso, Elisa também estabelecia relações de trocas afetivas com os meninos do grupo, o que permitia com que ela ‘ficasse’ com alguns, ‘gostasse’ de outros e fosse também a menina da qual alguns deles ‘gostavam’.

As relações de gênero nesses contextos foram significativas. Ao mesmo tempo em que Elisa era colocada e se colocava na posição de uma menina dentro do jogo de futebol e na dança do estilo funk, ela também buscava atravessar algumas fronteiras. Esses atravessamentos ficavam evidentes, por exemplo, quando ela buscava se apropriar do estilo dos meninos na dança ou quando executava ‘chegadas duras’ e ‘ofensivas’ no futebol, além de se preocupar com o seu aprimoramento técnico.

Ao analisar o rápido envolvimento de Elisa com a prática do skate, tornavam-se mais evidentes os elementos que pareciam centrais para as trocas que ela buscava estabelecer nas atividades que praticava. Nas aulas de skate, ela não se sentia ‘reconhecida’ pelo professor, pois afirmou que ele “não dava bola” para ela. Além disso, a falta de equipamentos parece também ter sido um fator dificultante em seu aprimoramento técnico nas manobras, e um possível ‘reconhecimento’ dos seus amigos na pista. Dessa forma, no skate Elisa não conseguiu se destacar corporal e simbolicamente.

Desse modo, podemos concluir que as formas de sociabilidade construídas por Elisa através do futebol e da dança foram marcadas pelo ‘reconhecimento’ através do seu domínio corporal e da lógica interna das práticas. Ela também buscava aproximação com os meninos e o estabelecimento de laços afetivos. Portanto, podemos afirmar que era uma

sociabilidade constituída pela construção de identidade, pela busca de visibilidade, de reconhecimento e de trocas afetivas.

Finalmente, podemos relacionar o envolvimento de Elisa com as práticas corporais narradas acima e a sua saída da ginástica. Enquanto na ginástica ela não era considerada ‘uma boa ginasta’ pelas colegas de equipe e pela treinadora, pelo menos era isso que Elisa pensava, no futebol e na dança ela se considerava “muito boa”. E enquanto na ginástica ela não tinha contato com meninos que pudessem se interessar por ela, nas outras práticas havia muitos deles, os quais olhavam para ela e reconheciam suas habilidades. Enquanto na ginástica ela percebia que as meninas não gostavam dela, no futebol ela era acompanhada pelas amigas, as quais admiravam sua performance e sua aproximação com os meninos. Já na dança, as outras meninas tinham ‘medo’ de competir com ela nas batalhas, pois consideravam-na muito habilidosa. Assim, as meninas se interessavam por ela, perguntavam como ela havia aprendido os “passinhos” e como sabia fazer todas aquelas acrobacias.

Além desses aspectos, as distâncias simbólicas entre ela e as colegas de treino pareciam dificultar as formações de vínculos. No futebol e na dança Elisa não sussurrava palavras, pelo contrário, falava alto e era compreendida pelos amigos. Lembro que quando iniciei a busca por sujeitos para a realização dessa pesquisa, conversei com uma das treinadoras sobre Elisa e ela afirmou: “estou preocupada com ela, parece tão vulgar nas fotos do facebook”. A maneira como Elisa se vestia e se comportava não era bem-vista pelas colegas e treinadoras. Retomo os achados de Moreno (2011) sobre as formas de sociabilidade em torno do funk em comunidade pobres de São Paulo. Naquele contexto estudado pelo autor, a sexualidade era vivenciada pelas meninas de forma subversiva quando comparada com uma sexualidade pautada pela ‘discrição’, ‘recato’ e ‘respeito’ que as meninas de classe mais alta ‘deveriam’ demonstrar.

E, por fim, Elisa não costumava dizer aos amigos que havia sido atleta; essa informação não parecia relevante. Porém, utilizava as habilidades aprendidas naquele período de sua vida para chamar a atenção, ser admirada e reconhecida nos meios que circulava. Nesse sentido, podemos considerar que a socialização e os aprendizados que Elisa vivenciou nas equipes de alto rendimento das quais fez parte, também forjaram a maneira com que ela se apropriou e significou as outras práticas em que se envolveu.

‘Fazer bem’ um movimento, ter um ‘bom rendimento’ nas práticas — fazer e defender gols — eram valores compartilhados no contexto esportivo de alto rendimento e que pareciam ter sido transferidos e ressignificados para as/nas atuais práticas que ela escolheu se envolver.

## 6 OS PROCESSOS DE SAÍDA DAS EX-GINASTAS DO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO: DIÁLOGOS COM ESTUDOS QUE ABORDAM O TEMA

Diante do que foi mencionado nos capítulos anteriores, considero importante, neste momento, retomar o debate levantado no início desta pesquisa. Dentre os muitos apontamentos feitos sobre os estudos de autores que se dedicam ao tema desta tese - a saída de atletas do esporte de alto rendimento - destaquei três aspectos: 1) a adolescência, como a principal fase da vida em que ocorre a saída do alto rendimento esportivo, e a sua concepção pautada pelas ciências naturais; 2) a relação feita pelos autores de ‘causa’, ‘efeito’ e ‘linearidade’ nesse fenômeno; 3) a ideia ‘negativa’ e de ‘perda’ atrelada à decisão de não seguir o ‘projeto’ de ser atleta.

Neste capítulo, discorro sobre esses três eixos de análise, citando, novamente, os aspectos destacados pelos autores que compuseram o primeiro capítulo da tese. Para isso, relaciono os apontamentos dos autores com as narrativas construídas das ex-atletas que fizeram parte desta pesquisa.

Para desenvolver essa reflexão, no primeiro tópico evidencio o momento da vida em que as meninas se encontravam ao decidirem sair do alto rendimento — a juventude. Essa fase é aqui compreendida como uma construção social, a qual se expressa de diferentes formas, conforme as culturas e os contextos sociais em que os jovens estão inseridos (PAIS, 1990). A partir dessa concepção enfatizo a heterogeneidade de experiências vivenciadas pelas meninas e a pluralidade de interesses demonstrados por elas durante os seus processos de saída do esporte.

No segundo tópico identifico um conjunto de ‘elementos’ que, articulados, contribuíram para que as meninas decidissem sair do alto rendimento esportivo. Embora neste estudo também tenham aparecido muitos dos aspectos identificados no primeiro capítulo como ‘causadores’ da saída de atletas do alto rendimento, mostro a ‘não linearidade’ dos fatos e as diversas situações que atravessaram os processos.

E, por fim, reflito sobre o termo ‘abandono’ do esporte de alto rendimento a partir dos dados construídos com as ex-atletas, a fim de questionar os sentidos de ‘perda’ e ‘fracasso’ atrelados àquela expressão.

## 6.1 A JUVENTUDE COMO A PRINCIPAL FASE DA VIDA EM QUE ATLETAS DECIDEM SAIR DO ESPORTE

Sobre a afirmação de que é na ‘adolescência’ que há maior ocorrência da saída de atletas do esporte, os estudos mencionados no primeiro capítulo desta Tese evidenciam as características emocionais e físicas inerentes a essa fase da vida como agravantes desse processo. Dentre os fatores mencionados, estão: alterações hormonais que provocam mudanças corporais e emocionais, mudanças de interesses e a importância da construção de identidade e autoestima nessa fase (SENNA; DESSEN, 2012; OLIVEIRA, 2006; JERUSALINNSKY, 2004).

Bertoldi (2014), por exemplo, menciona a perda da identidade que um atleta jovem pode vivenciar ao sair do esporte de alto rendimento, ao passar boa parte da sua vida convivendo em um único contexto. Para esse autor, a experiência de autonomia e independência na ‘adolescência é fundamental para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, e Bertoldi problematiza o ambiente ‘rígido’ e ‘autoritário’ do esporte de alto rendimento. Stringhini (2010), na mesma direção, identificou que a indisponibilidade de tempo para a prática de outras atividades foi um dos fatores que contribuiu para que ginastas decidissem sair do alto rendimento, pois, afirma o autor, as meninas tinham outros interesses considerados ‘típicos’ da fase da vida em que se encontravam — festas e passeios com os amigos.

Sobre esses aspectos, ao analisar o processo de saída da Elisa do esporte de alto rendimento, é possível identificar que ela organizava sua rotina para se envolver com outras atividades, como o futebol. Com o auxílio do avô, ela se ausentava dos treinos da ginástica para ir aos treinos do futebol, apresentando ‘boas’ justificativas para as treinadoras. Com isso, fica evidente que Elisa encontrou formas de manobrar (CERTEAU, 2007) a lógica do alto rendimento, como treinar todos os dias, para conseguir participar de uma prática que lhe interessava.

Vale destacar que mesmo ‘criando’ um tempo para se envolver com outras atividades, Elisa decidiu sair da ginástica. A forma como Stringhini (2010) constrói seus argumentos sugere que: se uma ginasta consegue ter tempo para fazer outras práticas, as chances de ‘abandonar’ o esporte diminuem. No caso de Elisa, justamente por ter se envolvido com o futebol, ela percebeu que, na ginástica, não havia elementos que contemplassem os seus interesses: as trocas afetivas e o reconhecimento entre os pares.

Após sua saída do alto rendimento esportivo, Elisa também se envolveu com um grupo de dança, com o qual se ‘identificou’. Assim, incorporou o estilo dos “Maloka”, vestindo-se e dançando como os jovens que faziam parte daquele grupo. Vale ressaltar que durante o período em que desenvolvi a pesquisa, apesar de mostrar as acrobacias, em nenhum momento Elisa contou aos seus amigos que havia sido ginasta. Portanto, parece que naquele contexto, e momento da sua vida, não fazia sentido essa ‘identificação’. Poderíamos também incorporar nessa análise o seu reconhecimento no universo do futebol e do skate, no curto período em que fez aulas na pista.

Na concepção de Velho (1994), a ‘identidade’ de um indivíduo é construída com base naquilo que ele ‘vivencia’, ‘projeta’ e ‘planeja’ ao longo da sua vida e na interação/negociação constante com os valores e os significados que constituem a sociedade em que está inserido. De acordo com o autor,

o ‘projeto’ e a ‘memória’ associam-se e articulam-se ao dar ‘significado’ à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria ‘identidade’. Ou seja, na constituição da ‘identidade’ social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a ‘memória’ e o ‘projeto’ individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória (VELHO, 1994, p. 101, destaques do autor).

Portanto, diferente de pensar em uma ‘perda’ de identidade dessa jovem, penso que Elisa, a partir da sua saída da ginástica e da experiência com outras práticas, passou por um processo de “revisão” e “reinterpretação” de suas motivações, desejos e valores (VELHO, 1994, p. 104). Nesse processo de revisão e ressignificação de experiências, houve a possibilidade de desconstruções de ‘projetos’, fato que abordo no terceiro tópico deste capítulo.

Embora o contexto da ginástica artística tenha feito parte da vida de Elisa durante cinco anos, tomando boa parte da sua rotina diária, não podemos afirmar que sua vida se resumia ao esporte de alto rendimento. E, ainda concordando com Velho (1994), é possível dizer que a partir das outras experiências que ela vivenciou, seus interesses mudaram. Sobre esse aspecto, a partir do acompanhamento das atividades com as quais Elisa se envolveu, entendi que os interesses dela ainda giravam em torno do esporte e das práticas corporais, porém, com um foco diferente daquele dado no alto rendimento.

Ao lançar meu olhar sobre os outros casos também percebo que os novos interesses de algumas meninas não estavam necessariamente fora do contexto esportivo. Ariel, por

exemplo, após ter vivenciado uma aula na ‘turma avançada’ de ginástica, percebeu que ainda gostava da ginástica artística. Porém, o treino que ela desenvolvia na “turma avançada” era diferente daquele que realizava no alto rendimento. Na nova prática havia ‘liberdade’ de escolha em relação aos exercícios que seriam realizados e em relação à participação das meninas nas competições. Além disso, Ariel afirmou que desejava continuar sendo ‘desafiada’, o que parecia ser contemplado nas aulas da turma avançada, porém, de uma forma mais ‘divertida’ através das brincadeiras e da descontração presente nas aulas.

O desejo de continuar sendo ‘desafiada’ também foi expresso por Giovana. A falta de ‘desafios’ no atletismo foi um dos aspectos que contribuiu para que ela perdesse rapidamente o interesse pela prática. Sobre esse apontamento, vale destacar que, além do ‘desafio’, Elisa mostrou a importância da possibilidade real de vencê-lo para que a prática continuasse ‘interessante’.

Quando discorri sobre a forma com que as treinadoras conduziam os treinos, ficou evidente que algumas meninas não viam ‘problema’ na exigência por rendimento, mas sim na forma como eram exigidas, através de gritos e xingões. Elisa relatou diversas vezes que não se sentia cansada, não tinha medo e gostava de ‘desafios’, mas se incomodava com o fato de a treinadora lembrar “o tempo todo” que ela não estava conseguindo acompanhar a equipe. Portanto, no caso das ex-ginastas, é possível relativizar a ideia de que treinos extenuantes e exigências físicas ‘causam’ a saída de atletas do alto rendimento (SANTOS, 2015; THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

E ainda, a partir do que as meninas mostraram em suas narrativas e percursos, pergunto: se os treinos fossem conduzidos de outra forma e focalizassem a superação de desafios, será que as meninas teriam permanecido por mais tempo engajadas? Será que é necessário a ‘condução dura’ dos treinos, historicamente consolidada na ginástica artística (OLIVEIRA, 2014), para que ginastas apresentem um bom rendimento?

Retornando às reflexões acerca dos casos, apesar de Ariel, Giovana e Elisa compartilharem a busca e o desejo por ‘desafios’ nas práticas em que se envolviam, é possível apontar algumas diferenças. Ariel, quando falou sobre a sua inserção na turma avançada de ginástica, destacou que se ‘incomodava’ com a expectativa que as colegas de treino tinham em relação ao seu rendimento. As meninas pediam que Ariel executasse movimentos que consideravam complexos, mas que para ela eram simples. Porém, apesar de considerar fácil, Ariel percebia que seu rendimento já não era mais o mesmo. Diante dessa situação, mesmo as colegas de treino aplaudindo o seu

desempenho, a ex-atleta afirmou que se sentia ‘pressionada’ e ‘frustrada’ porque já não tinha mais a habilidade de uma atleta, conforme ela mesma gostaria.

Diferente de Ariel, Elisa não se incomodava com os aplausos e os elogios dos colegas do futebol e dos amigos da dança quando executava um movimento de ginástica, mesmo que também apresentasse uma queda no seu desempenho: os movimentos de Elisa, para o padrão do alto rendimento, estavam abaixo do que era esperado, aspecto que ficava evidente nos saltos baixos e nas quedas desequilibradas que executava em suas demonstrações. Entendo que essa diferença está relacionada aos contextos em que as meninas estavam inseridas. Enquanto Ariel continuava no clube onde foi atleta, ainda na mesma modalidade, Elisa estava inserida em um esporte diferente que exigia competências também diferentes daquelas necessárias na ginástica, não havendo possibilidades de comparação.

Além disso, como já foi mencionado, para Elisa o destaque e o reconhecimento entre os amigos, principalmente os meninos, era um aspecto importante para estabelecer relações e laços afetivos. Diferente disso, parece que, no meio em que Ariel estava vivenciando o esporte — uma equipe de meninas em que ela era uma das mais experientes — esses aspectos não eram centrais para a construção de vínculos de amizade.

A partir das experiências vivenciadas por Elisa e Ariel identifiquei que o esporte não saiu das suas vidas. Diferente disso, as ex-atletas ainda demonstravam interesse em se desenvolver em determinada modalidade e em continuar ‘desafiando’ seus corpos, porém, com maior ‘liberdade’, ‘diversão’ e ‘sociabilidade’ no contexto esportivo, elementos que pareciam estar ausentes no alto rendimento.

Considero importante destacar a relevância dos debates levantados por autores que apontam as ‘causas’ da saída de atletas do alto rendimento. Muitos desses apontamentos foram identificados também no presente estudo. Serrazin *et al* (2002), por exemplo, identificaram, em sua pesquisa, que o envolvimento dos atletas com o esporte estava baseado na diversão, no desenvolvimento das habilidades da própria modalidade e na superação de desafios sem visar necessariamente a competição. Ao olhar de perto os casos de Elisa e Ariel e as práticas nas quais se envolveram depois do alto rendimento, percebo esses elementos destacados pelos autores. Porém, olhar para os processos permitiu a compreensão das formas ‘como’ elas se divertiam com as práticas e se sentiam desafiadas. Além disso, foi possível perceber quais outros interesses moviam e engajavam as meninas em suas novas práticas.

Com isso, as meninas compartilhavam o desejo de continuar desafiando seus corpos e se dedicavam ao aprendizado das habilidades físicas pertencentes às modalidades com as quais estavam envolvidas. Da mesma forma, ambas não visavam competições. Porém, no caso de Elisa, a sociabilidade e as trocas afetivas com meninos através do esporte foi um aspecto bastante presente. Já Ariel destacou a ‘diversão’ de um treino descontraído com as colegas e o treinador, além da possibilidade de escolha dos movimentos e dos exercícios que compunham o treino.

Os processos de Elisa e Ariel também evidenciaram especificidades de jovens que, embora se encontrassem no mesmo momento de suas vidas, significavam suas experiências de formas diferentes e demonstravam interesses diversificados com as práticas com as quais se envolviam. Rampazzo (2012), por exemplo, identificou, na prática do skate, diferentes formas de apropriação por dois grupos de jovens que compartilhavam a mesma pista. Enquanto que para um grupo, os ‘calças coladas’, andar de skate significava principalmente estar com os amigos, extrapolando a prática em si, para o outro, os ‘calças largas’, era um momento de treino e aprimoramento visando à competição.

Nessa direção, as narrativas dos processos de saída das ex-ginastas do esporte de alto rendimento expressam as diferentes formas com que as jovens se manifestam, significam e se apropriam de práticas corporais. Além disso, mostraram que, para além das festas e dos passeios (STRINGHINI, 2010), as meninas ainda têm interesse pelo esporte, encontrando, através desse, um meio de ‘diversão’ e de ‘construção de afetos’. Dessa forma, sendo a ‘diversão’ e o ‘estar com os amigos’ interesses reconhecidos e também ‘típicos’ da juventude, neste estudo atento para as diferentes formas com que esses indivíduos se ‘divertem’ e constroem relações de amizade.

## 6.2 SOBRE AS ‘CAUSAS’ E SUAS COMPLEXIDADES

Em relação às ‘causas’, identificadas em diversas pesquisas, que levaram atletas a saírem do esporte é possível, é possível listar um conjunto bastante extenso. Algumas delas já foram mencionadas e ‘relativizadas’ no tópico anterior: exaustão física e emocional nos treinos, falta de tempo para os(as) atletas se envolverem com outras atividades e mudanças de interesse. Porém, além dessas ‘causas’, existem muitas outras, as quais insiro nesse debate.

Pesquisas apontam que o excesso de dedicação e o pouco retorno de reconhecimento por parte dos treinadores em relação aos atletas, além de bons resultados em competições, são aspectos que desestimulam atletas a permanecerem engajados no esporte. Semelhante a esse fato, estudos também apontam a ocorrência do declínio de rendimento de atletas que atingiram o ápice do seu rendimento muito jovens (SANTOS, 2015; STRINGHINI, 2010; THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Em consonância com esses aspectos, os casos de Mariana, Elisa e Ariel demonstram que elas percebiam que tinham um baixo rendimento, apesar da dedicação diária. Porém, na situação de Mariana, por exigência de sua mãe, Lívia, a treinadora, “pegava leve” com a ginasta, fato observado por mim durante a pesquisa de mestrado. A mãe de Mariana exigia que as treinadoras ajudassem a menina a superar o “trauma” que havia desenvolvido nos treinos, afirmando: “as treinadoras devem isso a ela”.

Quando Mariana começou a participar novamente de competições mais importantes, percebeu que não conquistava boas colocações. Como os treinos visavam às competições, Mariana não viu mais sentido em permanecer se dedicando para alcançar um objetivo que não estava conseguindo atingir. Porém, quando ela relatou a sua saída da ginástica, em nenhum momento mencionou as cobranças de Lívia para que ela tivesse um bom rendimento nas competições. Em função de seu histórico de “traumas” e da presença de sua mãe nos treinos, a treinadora não exigia de Mariana da mesma forma como exigia das outras atletas. Portanto, nesse caso não havia a cobrança da treinadora, apesar do baixo rendimento da atleta.

Ao analisar o exposto, poderíamos concordar com Serrazin *et al* (2002) quando afirmam que os atletas que compuseram o seu estudo sentiam-se desestimulados quando os treinos visavam apenas as competições. Porém, ao decidir sair da ginástica, Mariana havia experimentado aulas na “turma avançada”, onde Ariel estava engajada, mas não permaneceu mais do que um mês. Mariana afirmou que havia “virado essa página” da sua vida, e, diferente de Ariel, ela tinha certeza de que não queria mais praticar ginástica, mesmo que não houvesse foco nas competições.

Dessa forma, em um primeiro momento podemos perceber que Mariana se desestimulou principalmente porque não estava rendendo nas competições, mesmo não havendo cobrança da treinadora. Porém, mesmo quando ela experimentou aulas que focalizavam o próprio desenvolvimento da ginástica, sem haver a necessidade de competir, decidiu sair. Diante disso, poderíamos questionar: será que sua mudança de interesse estaria, necessariamente, relacionada ao baixo rendimento no esporte?

No caso de Elisa, a menina se considerava “ruim”, o que era reforçado pela treinadora quando constantemente lembrava a atleta que não estava conseguindo alcançar os resultados desejados, ou quando deixava Elisa fora de alguma competição. Já entendemos que para essa menina o ‘reconhecimento’ e o ‘destaque entre seus amigos e colegas de treino era um elemento central para o seu engajamento com alguma prática. Parece que esse foi o aspecto que a fez também mudar de interesse e buscar outro esporte no qual se sentia “boa” e reconhecida por seus companheiros de treino.

Ariel também percebia que seu rendimento não estava correspondendo ao esperado. No entanto, parece que as exigências para que ela continuasse treinando ‘com dor’, ultrapassaram o limite do que estava disposta a suportar. A ‘dor’ decorrente de lesões e de treinos extenuantes é outra ‘causa’ frequentemente apontada por autores que levam atletas a saírem do alto rendimento, em especial na ginástica artística (STRINGHINI, 2010).

Como destaquei na pesquisa de mestrado, a dor era ‘naturalizada’ no treino das ginastas, pois as lesões e as dores musculares faziam parte de suas rotinas diárias e era preciso suportá-las (FREITAS, 2015). Em uma concepção sociológica, mais do que pensar a dor enquanto sensação biológica, autores afirmam que os indivíduos constroem os significados de suas experiências, inclusive da dor, a partir de referências coletivas. Nesse sentido, a intensidade, o significado e a maneira como a dor é exteriorizada vão depender dos aspectos culturais que constituem e organizam um grupo (LE BRETON, 2007; SARTI, 2001). Em muitas situações e contextos culturais, a dor é ‘um valor’ e resistir a ela é considerado positivo.

Essa concepção ajuda a entender como as meninas suportavam continuar treinando mesmo lesionadas e com dor, ou secavam as lágrimas e tentavam mais uma vez realizar algum movimento que estava causando dor. Naquele contexto, ‘fazia sentido’ suportar as dores para conquistar o rendimento necessário. Porém, no caso de Ariel ficou claro que o desconforto corporal prejudicava o seu rendimento. Ela destacou que, nesse processo, a treinadora continuava exigindo dela o mesmo rendimento de uma atleta que não estava sentindo dor. Além disso, a treinadora não aceitava que a menina pudesse se machucar fora do treino e desconsiderava as vivências que faziam parte dos outros contextos em que a atleta circulava.

Seria possível, então, questionar: se a treinadora adaptasse o treino e flexibilizasse suas exigências por rendimento, a atleta apontaria a ‘dor’ como um ‘problema’? Será que foi a ‘dor’ ou o fato de a treinadora não levar em consideração os limites de

rendimento em função da ‘dor’ que contribuiu para o afastamento de Ariel do alto rendimento? Levando-se em conta que – apesar da dor - muitos atletas se mantêm no esporte – isso em diferentes modalidades -, quais seriam os ‘limites’ da dor a serem suportados? Como mediar essas situações?

No caso de Glória posso dialogar com dois dos três pontos destacados: a percepção de uma queda de rendimento depois de alcançar um ápice de desempenho e a ‘dor’ decorrente das lesões. Semelhante à Mariana, Glória não era exigida e pressionada pelos treinadores de judô para que apresentasse um bom rendimento nas competições, muito pelo contrário, o treinador Rodrigo buscava confortá-la nas suas derrotas e incentivá-la a não desistir. Porém, os esforços do treinador não foram suficientes para que a atleta se sentisse estimulada a continuar se dedicando para melhorar os resultados.

Glória experimentou o destaque no judô logo que se engajou com a nova modalidade esportiva. Segundo sua mãe, o desempenho da menina foi algo “inédito”, pois, conquistou, nos primeiros dois anos de treino, o primeiro lugar em todas os campeonatos dos quais participou. Porém, depois de uma lesão no punho, Glória apresentou queda no seu rendimento. A menina relatou que sentia dor durante os treinos e competições, o que dificultava o seu preparo físico e desenvolvimento técnico. Concomitante a essa situação, no momento em que Glória apresentou dificuldades no seu desempenho, disputou competições importantes com uma colega de treino, Tatiana, que estava no seu melhor momento dentro do esporte.

Conforme mencionado anteriormente, a mãe de Glória não conseguia estar presente em momentos importantes da vida esportiva da filha. Já a sua adversária estava constantemente acompanhada da mãe, recebendo atenção, apoio e também sendo cobrada durante treinos e competições. Como Tatiana e Glória foram por algum tempo as principais promessas olímpicas dentro da equipe, criou-se um clima forte de disputa entre as meninas e suas mães, principalmente por parte da mãe de Tatiana, que nas competições torcia de forma calorosa e, às vezes, segundo relatos de outros pais, era “cruel”.

Nesse caso, é possível questionar: se Glória não tivesse uma adversária como Tatiana, e ainda, fosse acompanhada com mais frequência por sua mãe nos treinos e nas competições, será que a queda de rendimento poderia ser superada? Como isso viria a repercutir no que se refere à saída (ou não) do esporte de alto rendimento?

A situação de Glória gera outro debate também muito presente sobre a saída de atletas do alto rendimento, que se refere à influência dos pais na vida dos atletas.

Estudos destacam a pressão que os pais podem causar nos filhos atletas quando exigem desempenho, dedicação e resultados. Outro aspecto destacado é a demanda excessiva dos pais na vida esportiva dos filhos, levando a uma desistência de investimento de tempo e dinheiro por parte das famílias (SANTOS, 2015; ROCHA; SANTOS, 2010; STRINGHINI, 2010; THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Giovana era uma atleta intensamente acompanhada pela mãe e pelo pai em sua vida esportiva. A mãe da menina investia o seu tempo na construção da carreira da filha dentro da ginástica e se envolvia diariamente na sua vida esportiva. No entanto, a decisão de sair da ginástica foi da menina, apesar dos investimentos, apoio e envolvimento dos pais. A menina precisou convencer a mãe de que aquele ambiente já não estava lhe fazendo bem e manter uma posição firme em relação ao pai, que não aceitou sua decisão. Após o movimento da menina, sua mãe entendeu que foi a melhor decisão a ser tomada, pois percebeu que não tinha mais disposição para continuar investindo na carreira da filha dentro daquele contexto. Em função do seu envolvimento ativo, a mãe de Giovana afirmou que sua relação com as treinadoras e os coordenadores esportivos dos dois clubes em que circulou com a filha havia se desgastado. Esse aspecto contribuiu para que ela não continuasse seus esforços para convencer a filha a permanecer na ginástica.

No caso de Giovana, o envolvimento dos pais não parece ter sido um fator determinante para a sua saída ou permanência no esporte. Embora os pais fossem presentes e participassem ativamente da sua vida esportiva, a menina não relatou sentir-se pressionada por eles. Da mesma forma, quando Giovana decidiu sair, o envolvimento dos pais e as expectativas que tinham em relação a sua carreira não impediram que ela se posicionasse.

Ao comparar os percursos de Glória e Giovana percebo dois exemplos de participações familiares diferentes: de um lado, uma mãe que não consegue estar presente; do outro, uma mãe muito participativa. A partir das narrativas que foram construídas, concluo que a participação ou não dos pais acontece em meio a muitas outras situações e circunstâncias. Glória não tinha uma mãe presente e ainda estava enfrentando dificuldades físicas em um momento de competições importantes com sua principal adversária. Giovana contava com o apoio e o investimento da mãe, mas estava insatisfeita com a forma com que era tratada pelas treinadoras, e após mudar de clube sentiu-se ‘entediada’ com os treinos.

A partir desse cruzamento de casos, e levando em consideração a atuação das meninas no processo, é possível questionar a ideia de que a presença dos pais é fator ‘determinante’ para a permanência ou não dos filhos no esporte de alto rendimento.

Já o caso de Elisa evidencia que não basta uma família que tenha disposição para investir na carreira atlética de um dos seus membros; é necessário também condições para que esse envolvimento seja possível. Apesar dos esforços do avô para que a neta pudesse estar presente em todos os treinos, ambos enfrentavam inúmeras dificuldades em função dos limites financeiros que apresentavam. O clube, por sua vez, parecia não dar o suporte necessário para essa família manter Elisa envolvida com os treinos, pois não oferecia apoio financeiro para passagens e alimentação e apoio médico para a recuperação da atleta quando se lesionava. Nessa direção, destaco a importância do incentivo das instituições que promovem o esporte. Mesmo que Elisa desejasse permanecer na ginástica, e seu José continuasse incentivando a sua participação, é possível questionar: dentro das condições evidenciadas, até quando a menina conseguiria se manter naquele contexto?

Porém, apesar de todas essas questões contextuais e limitadoras, no momento em que a pesquisa foi desenvolvida, Elisa resolveu sair do esporte, ao que parece, principalmente por mudanças de interesses e por distâncias simbólicas entre ela e suas colegas de treino. Mariana também parece ter perdido o interesse pela prática da ginástica experimentando aulas em outro esporte que não visavam o alto rendimento. Diferente disso, Ariel percebeu que ainda gostava de ginástica, mas com maior ‘liberdade’ e ‘diversão’. Em outra direção, talvez Giovana permanecesse por mais tempo no alto rendimento se os treinos não tivessem se tornado ‘entediantes’ quando passaram a ser conduzidos, na concepção da menina, por um treinador despreparado.

E, por fim, embora Glória estivesse com baixo rendimento, enfrentando uma adversária muito preparada, e sem a presença da mãe, a menina também iniciou um namoro que parecia mobilizá-la. Além do namorado, Glória também valorizava os momentos de sociabilidade com as amigas dentro do clube, preferindo muitas vezes estar com as amigas do que treinando.

Com isso, ressalto que além da falta de resultados em competições, da forma como as meninas eram tratadas pelas treinadoras, dos limites impostos por suas condições físicas e familiares e pela falta de apoio institucional, as meninas vivenciaram experiências que também parecem ter contribuído para as suas mudanças de direção e desconstrução de ‘projetos’.

### 6.3 O PROCESSO DE DESCONSTRUÇÃO DE PROJETOS

O conjunto de estudos analisados no primeiro capítulo dessa tese demonstra que a saída de um atleta do esporte de alto rendimento está atravessada pela ideia da ‘perda’. Na perspectiva dos autores, um(a) atleta que ‘abandona’ o esporte ‘perde’ a oportunidade de se tornar um atleta olímpico e ‘perde’ muitas relações com as pessoas que faziam parte do seu universo esportivo, ‘perdendo’ também sua identidade de atleta. Dessa forma, sair do esporte de alto rendimento é compreendido como um ‘problema’ a ser resolvido (BRANDÃO *et al*, 2000; ROCHA; SANTOS, 2010; STRINGHINI, 2010; DIAS, 2015). Um dos questionamentos que levantei quando desenvolvi essa análise foi: em que medida a saída do esporte de alto rendimento representa uma ‘perda’ quando a olhamos a partir da perspectiva das atletas?

Giovana, ao sair da ginástica, apesar de sentir-se ‘entediada’ em alguns momentos porque não tinha “nada para fazer”, afirmou: “foi bom ter saído da ginástica porque eu posso fazer coisas que antes eu não podia” (Entrevista Giovana, 30/05/2019). A ex-ginasta passou a ter mais tempo para se envolver com as atividades escolares, fato que lhe agradava, pois afirmou gostar muito de estudar. Além das atividades escolares, ela também gostava de ler, desenhar e tocar violão quando não tinha “nada para fazer”.

Giovana também destacou que quando era atleta, suas amigas costumavam sair para almoçar e/ou passear no shopping depois da escola, porém, ela não podia acompanhá-las porque tinha treino. Portanto, uma das vivências que incorporou em sua rotina depois que saiu do esporte foi almoçar com as amigas da escola e passar mais tempo com elas. Sobre esse aspecto, no período em que era atleta suas melhores amigas também eram ginastas, pois passavam a maior parte do tempo juntas e compartilhavam muitas experiências. No momento em que desenvolvi a entrevista com Giovana, ela afirmou que continuava sendo amiga de ginastas, mas agora também havia construído relações de amizade com outras colegas da escola. Assim, seu círculo de amizades não diminuiu, pelo contrário, parece ter aumentando, pois havia se aproximado de suas colegas de escola e ainda mantinha vínculos com as antigas colegas de treino.

Mariana relatou não se arrepender “nem um pouco” de sair da ginástica. Em sua entrevista, afirmou que depois de se afastar do esporte de alto rendimento havia experimentado aulas de tecido, circo, treinamento funcional com as amigas e dança. Apesar de não ter se engajado por muito tempo em nenhuma dessas práticas, no

momento em que a pesquisa de campo foi concluída ela demonstrou vontade de experimentar diversas atividades.

Já Ariel permaneceu engajada na ginástica artística visando à ‘prática pela prática’. Sem obrigatoriedade de apresentar resultados em competições, sem exigências por parte do treinador e com participação ativa nas escolhas dos exercícios que faziam parte das aulas, a menina relatou se ‘divertir’ na turma avançada e percebeu que ainda gostava daquele esporte.

Elisa, ao sair do alto rendimento, também continuou engajada com o esporte, porém, em uma modalidade diferente, o futebol. Logo que saiu da ginástica, ela afirmou que desejava ser uma jogadora de futebol, mas ressaltou que se um dia fosse jogar em um clube importante não deixaria de jogar no ginásio onde treinava, pois lá tinha muitos amigos. Dessa forma, não demorei a perceber que o interesse de Elisa pelo universo futebolístico estava em torno das relações de amizade e dos afetos que construía naquele contexto.

Do mesmo modo que Mariana, Elisa também expressou desejo em experimentar muitas práticas. Dentre as atividades que gostaria de experimentar, conseguiu matricular-se gratuitamente em aulas sistemáticas de skate através de um projeto da prefeitura da sua cidade. No entanto, seu envolvimento com essa prática não durou muito tempo, isso porque Elisa sentiu dificuldades em aprender as manobras de skate, e também considerou que o professor não lhe dava atenção suficiente para que desenvolvesse as habilidades necessárias para a prática. Vale também lembrar que Elisa não tinha um skate, fator que também dificultou o seu aprendizado.

Após a experiência com o skate, Elisa conheceu alguns meninos que faziam parte de um grupo de dança. A partir do contato com esses meninos, se interessou em aprender os passos de funk que eles ensaiavam. Porém, diferente do skate, Elisa conseguiu aprimorar seus passos e, rapidamente, já estava participando das batalhas de dança e se identificando como membro do grupo dos “Maloka”.

Quando essas meninas ainda estavam no alto rendimento, todas elas desejavam, em algum momento, se tornar atletas olímpicas e várias delas expressaram que queriam ser como a Daiane dos Santos (FREITAS, 2015). Porém, a partir de todas as experiências narradas ao longo desta Tese, percebi que as jovens foram mudando seus interesses e desconstruindo seus ‘projetos’ dentro do esporte de alto rendimento. Ao olhar para os processos, entendo que os ‘projetos’ não foram ‘abandonados’, mas parece que

deixaram de fazer sentido, perdendo centralidade e, em consequência, deixando de ser almejados.

Além disso, com exceção de Glória, menina que não consegui entrevistar após a sua saída do judô, nenhuma das meninas afirmou ter se arrependido de sair do alto rendimento. Giovana relatou sentir falta “às vezes” da ginástica, mas não do alto rendimento, pois gostava de ter tempo para fazer outras coisas. Mariana disse sentir-se “feliz” e “mais livre” após sua saída da ginástica. Ariel, por sua vez, sentiu-se “aliviada”. Elisa afirmou que, no início, teve dúvidas se havia tomado a decisão certa, mas percebeu que estava “indo bem no futebol”, e por isso não pensou mais em retornar para a ginástica de alto rendimento. A menina mencionou, em alguns momentos, que gostaria de fazer ginástica novamente para “continuar forte”, mas não para competir. Portanto, as meninas não parecem ter dado um sentido ‘negativo’ para suas saídas do esporte de alto rendimento e para a desconstrução dos seus projetos olímpicos.

A partir do que foi exposto, seria possível afirmar que novos projetos foram construídos pelas jovens ex-atletas? Arrisco em afirmar que as meninas pensavam menos em ‘projetos futuros’ e mais em ‘experiências presentes’. Elisa buscava trocas afetivas, vínculos de amizade e reconhecimento entre pares. Ariel almejava uma prática esportiva ‘desafiadora’ e ao mesmo tempo ‘divertida’. Mariana desejava ‘liberdade’ para vivenciar outras práticas. Giovana, no tempo que tinha disponível, se ocupava com atividades que lhe davam ‘prazer’ — leituras, desenhos e música. Nesse sentido, diferente de pensar a juventude como uma etapa de transição na qual os indivíduos estão sendo preparados para a vida adulta, posso retomar a concepção de que os jovens vivenciam, criam, compartilham e se apropriam de culturas no tempo presente (PAIS, 1990; 2009).

Leccardi (2005) reflete sobre a transformação da noção de ‘futuro’ decorrente de uma época em que se vive a incerteza de riscos globais. Nas palavras da autora,

a peculiar incerteza que esses riscos geram está ligada, sobretudo, ao seu caráter humanamente produzido, resultado do crescimento do conhecimento que caracteriza nossa época: riscos imponderáveis, mas humanamente produzidos são as mudanças climáticas – basta pensar no buraco da camada de ozônio – ou os riscos ligados à energia nuclear; o mesmo é válido para doenças como a BSE (“doença da vaca louca”) ou a SARS (“gripe asiática”). Em uma época de riscos globais como a nossa, portanto, interrompe-se o imponente processo de “colonização do futuro” posto em marcha pela primeira modernidade. O futuro foge de nosso controle, com repercussões profundas nos planos político e social. A nova realidade produzida pela difusão de riscos globais transforma o futuro da terra prometida num cenário pintado

com tintas foscas, se não abertamente ameaçadoras, para a existência coletiva (LECCARDI, 2005, p. 44).

A autora também afirma que em uma época em que a relação entre passado e futuro, experiências e expectativas não estão necessariamente conectadas e relacionadas, perde-se a capacidade de apreensão do tempo. Nesse processo, os jovens também presenciam um momento social em que a incerteza pauta suas vidas. A sequência de fases e etapas que davam aos jovens o *status* de adulto não ocorre mais, hoje, com a mesma linearidade de outra época. A saída da casa dos pais, a conquista de um emprego e o casamento, por exemplo, são condições que, atualmente, podem ser facilmente revertidas.

Leccardi (2005) acrescenta que esse contexto de ‘incertezas’ e ‘riscos’ aumenta a tendência para a experimentação de diferentes capacidades e recursos que se tem na busca pela ‘satisfação’ no presente. Com isso, a noção de projeto - enquanto forma de seleção construída a partir de “futuros virtuais” possíveis com objetivos claros e alcançáveis - parece se esgotar (*idem*, p. 46). Assim, a partir dessas barreiras para a construção de projetos futuros, os jovens possuem maior espaço de experimentação e liberdade, porém, acompanhados da imprevisibilidade.

Dando sequência às suas reflexões, a partir de entrevistas realizadas com jovens espanhóis e franceses, Leccardi (2005) identificou que esses indivíduos apresentam uma tendência a se abrirem de forma ‘positiva’ para a imprevisibilidade, pois levam em conta as possibilidades de mudanças conforme o surgimento de diferentes oportunidades. Portanto, essa forma de vivenciar a imprevisibilidade conduz a “uma experimentação que pode ter influências favoráveis no conjunto do tempo da vida” dos jovens (LECCARDI, 2005, p. 51).

Dessa forma, encerro o texto lembrando a fala do pai de Giovana quando expressou a sua preocupação em relação ao “futuro” da filha: “ela só pensa no hoje e no agora”, complementando que Giovana não tinha noção da oportunidade que poderia estar perdendo quando decidiu sair da ginástica. Porém, diante do que foi exposto nas linhas anteriores, pergunto: e todas as experimentações que só foram possíveis a partir da saída de Giovana do esporte de alto rendimento, poderiam ser encaradas como influências favoráveis para a continuidade do seu percurso?

Penso que, diferente de entender a saída do esporte de alto rendimento como uma ‘perda’, é possível olhar para esse fenômeno como uma possibilidade de

incorporação de outras experiências que, somadas à experiência do indivíduo como atleta, enriquecem ainda mais o seu ‘campo de possibilidades’ e o possível surgimento de novos ‘projetos’ futuros (VELHO, 1994).

Nesse sentido, em consonância com Lahire (2001), ressalto a importância de pensar sobre o presente como um tempo e um espaço de construção de repertórios individuais, os quais podem ser ‘recrutados’, ‘acionados’ e ‘ressignificados’ conforme as situações que irão futuramente se apresentar na vida dos indivíduos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o período em que realizei a pesquisa que deu origem à minha dissertação de Mestrado, as questões que motivaram esta Tese começaram a surgir. Giovana, Mariana, Ariel, Elisa e Glória foram algumas das ginastas que me ajudaram a compreender como acontece o processo de formação de crianças atletas e a forma com que elas significavam aquele contexto. Durante o mestrado presenciei a saída de Glória e Mariana da equipe, mas em função dos limites da pesquisa, naquele período, não busquei saber quais foram os motivos que levaram as meninas a tomar aquela decisão.

Diante disso, após a conclusão do mestrado, voltei o meu olhar para essas meninas e busquei compreender o que estava sendo produzido academicamente sobre o tema. Nesse mergulho nas pesquisas acadêmicas identifiquei que os autores compartilhavam três maneiras de olhar e abordar a saída de atletas do esporte de alto rendimento: 1) a ‘adolescência’, como a principal fase da vida em que ocorre a saída do alto rendimento esportivo; 2) um grande levantamento de ‘causas’ que levariam, de forma linear, os atletas a se afastarem do esporte; e, por fim, 3) a ideia ‘negativa’ e de ‘perda’ atrelada à noção de ‘abandono esportivo’.

Sobre a primeira, os estudos analisados destacam as características emocionais e físicas inerentes à adolescência como agravantes dos problemas enfrentados por atletas jovens nesse contexto. Com base nisso, os autores se debruçaram em identificar uma grande quantidade de causas que levaram atletas a saírem do esporte. Os principais objetivos desses estudos parece ser contribuir para a diminuição desse fenômeno (o “abandono”) e dos danos emocionais que os atletas desenvolviam nesse processo, e também contribuir para o desenvolvimento do esporte de alto rendimento e para o sucesso de futuros atletas. Dessa forma, identifiquei que, para esses autores, sair do esporte de alto rendimento era entendido como um ‘problema’ a ser resolvido.

A fim de contribuir para o debate, busquei olhar para o tema a partir de outra perspectiva. Nessa direção, demarquei, ao longo desta Tese, o entendimento que tenho sobre o momento da vida em que as meninas estavam: a juventude. A partir de autores do campo da sociologia, afirmo que a juventude é construída socialmente — assim como as concepções de criança, adulto e idoso — e se expressa de forma heterogênea conforme o contexto cultural em que os jovens estão inseridos. Dessa

forma, para além das características biológicas, existem inúmeros aspectos contextuais que constituem os jovens enquanto indivíduos em uma sociedade.

Além desse outro modo de olhar para os atletas jovens que decidem sair do esporte, a partir também de um referencial teórico no campo da sociologia, destaquei que existem inúmeras experiências, pessoas e situações que atravessam os percursos dos sujeitos e que contribuem, de uma forma relacional, para o afastamento dos jovens do esporte de alto rendimento. Nesse sentido, evidenciei que entre as ‘causas’ e a ‘saída’ do esporte existe um ‘processo’ que parece mais complexo do que olhar para o seu ‘produto’ a partir de um olhar que me parece linear e até normativo.

Portanto, o objetivo desta tese foi compreender ‘como’ acontece o processo de saída de ginastas jovens do esporte de alto rendimento e ‘como’ continuam suas vidas após esse afastamento. Para atingir tal objetivo, acompanhei, durante um ano, uma parte do percurso de cinco ex-atletas. Durante esse período desenvolvi, com as meninas e alguns dos seus familiares, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e acompanhei, sistematicamente, a rotina de uma delas, a Elisa.

Iniciei a exposição dos dados produzidos a partir de narrativas construídas juntamente com os sujeitos que colaboraram com a pesquisa. Nesse capítulo, o objetivo foi apresentar ao leitor os ‘casos’ estudados. A primeira ex-atleta mencionada foi Giovana, 13 anos, filha de ex-ginastas e destaque nas equipes das quais fez parte. Após aproximadamente oito anos envolvida com o esporte de alto rendimento, Giovana decidiu que não seria mais atleta. Dentre as situações que a levaram a tomar essa decisão estava o ‘tédio’ com os treinos ministrados por um treinador novato que, segundo ela, era “inexperiente”. Dessa forma, ela não se sentia mais ‘desafiada’ naquele esporte. Após a sua saída da ginástica, Giovana se dedicou a outras atividades que antes não tinha tempo para realizar — estudar, desenhar e tocar violão.

Do mesmo modo que Giovana, Ariel também foi atleta de ginástica durante oito anos da sua vida. Quando ela foi entrevista havia recentemente completado 15 anos; era a ginasta mais velha da sua equipe. Durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, recordo a constante preocupação de Ariel com o seu peso, pois era uma menina alta e robusta para o padrão exigido de uma atleta de ginástica. Sua saída do esporte de alto rendimento aconteceu em um momento da vida em que ela desenvolveu muitas lesões. Embora estivesse lesionada e com dores, a treinadora exigia que ela apresentasse um bom rendimento nos treinos e nas competições, o que parece ter contribuído para que Ariel decidisse se desligar do alto rendimento.

Diferente das outras meninas, Ariel continuou engajada com a ginástica artística, porém, sem o compromisso com o alto rendimento, pois ela desejava se “divertir”.

Mariana também iniciou muito jovem na ginástica artística, e com apenas cinco anos de idade já estava vinculada a esse esporte. Diferente das demais, com aproximadamente oito anos de idade, Mariana desenvolveu uma aversão pela prática devido à forma rígida com que as treinadoras conduziam os treinos. Nesse período precisou se afastar do esporte e se dedicar a um tratamento psicológico. Quando completou nove anos, aconselhada pela psicóloga, retornou à ginástica. Na primeira entrevista que desenvolvi com Mariana, durante o mestrado, ela havia afirmado que sentia “saudades” da ginástica e por isso havia tentado voltar aos treinos. Porém, seu retorno não durou muito tempo e logo se desvinculou da equipe novamente, alegando que o tratamento das treinadoras não havia melhorado.

Diferente da primeira vez que saiu da ginástica, nesse momento Mariana foi treinar em outro clube, do qual a treinadora Lívia fazia parte. A treinadora Lívia era a preferida das ginastas, pois, segundo elas, Lívia sabia equilibrar as exigências. A menina permaneceu por mais dois anos na nova equipe, mas decidiu sair quando o nível das competições aumentou e ela já não obtinha êxito. Mariana considerava “chato” dedicar-se aos treinos e não ganhar as competições. No entanto, diferente de Ariel, quando Mariana decidiu sair, experimentou aulas de ginástica que não visavam o alto rendimento e percebeu que não queria mais praticar aquele esporte. Dessa forma, parece que não eram apenas as competições que estavam ‘desinteressantes’.

No período em que desenvolvi a segunda entrevista com Mariana, quando havia se afastado pela segunda vez da ginástica, ela havia experimentado diversas práticas corporais, mas ainda não tinha se engajado novamente em nenhuma.

Elisa, 13 anos, foi a menina que entrou mais tarde na ginástica artística. Enquanto suas colegas de treino haviam iniciado o esporte entre três, quatro e cinco anos, ela havia iniciado com oito anos de idade. Sua inserção no alto rendimento foi bastante intensa, pois a ginasta precisou aprender muitos elementos técnicos e simbólicos daquele contexto esportivo. Mesmo diante de toda dificuldade, Elisa permaneceu engajada até completar 12 anos de idade. Assim como as outras meninas, ela mudou de clube para continuar treinando com Lívia, porém, as dificuldades que enfrentava continuaram fazendo parte da sua rotina. Elisa relatou sentir dificuldade de criar vínculos de amizade com as colegas de treinos, além de se considerar “ruim”

naquele esporte, aspecto constantemente reforçado por Lívia. Diante dessa situação, a menina decidiu não mais fazer parte daquele universo.

Juntamente com esse momento, Elisa havia entrado em contato com outra modalidade esportiva, o futebol. Nessa nova modalidade, ela percebeu que era “boa” e se destacava por ser a única menina que jogava entre os meninos. Além disso, segundo ela, os colegas de treino eram “mais simples” e “muito parceiros”, por isso ela parecia fazer vínculos de amizade com mais facilidade. Dessa maneira, sua experiência no futebol passou a fazer mais sentido do que suas vivências na ginástica.

E por fim, Glória, 14 anos, também foi uma ginasta experiente, pois iniciou o esporte aos quatro anos de idade. Logo que iniciei a pesquisa de mestrado e passei a acompanhar a equipe da qual ela fazia parte, Glória saiu da ginástica. Naquele período, ela tinha 11 anos e havia perdido recentemente a avó, pessoa por quem ela tinha muita estima. Para a menina, o falecimento da avó contribuiu para o seu ‘desinteresse’ em relação ao esporte. Além disso, Glória também não estava satisfeita com a forma com que os treinos eram conduzidos.

Diferente de todas as outras meninas, Glória se envolveu com o judô e se tornou novamente uma atleta. Durante os três primeiros anos na nova prática esportiva, ela ganhou todas as competições das quais participou e foi destaque da sua equipe. Após esse período, a judoca enfrentou a sua primeira derrota contra a principal adversária de treino. Glória atribuiu sua derrota às dores que sentia em função de uma grave lesão que havia desenvolvido no punho. Foi a partir daquele momento que ela diminuiu sua frequência nos treinos até decidir sair do judô.

No capítulo seguinte elaborei algumas categorias que ajudaram a pensar sobre os processos de saída das meninas do esporte de alto rendimento. Meu esforço nesse tópico foi estabelecer relações e também apontar distanciamentos entre os casos narrados. A primeira categoria construída foi relativa às relações da família com o processo de afastamento do esporte. Sobre esse tema destaquei as famílias de Giovana, Elisa e Glória.

A primeira delas, Giovana, era frequentemente acompanhada pela mãe, Irene, e também era incentivada pelo pai, Ronaldo, atualmente treinador de ginástica de alto rendimento. Embora a menina tivesse suporte familiar, incentivo e muitas expectativas depositadas pelos pais, ela decidiu sair da ginástica. Pelo envolvimento intenso e ativo de Irene com os clubes em que a filha foi atleta, as relações entre os treinadores, coordenadores esportivos e Irene se desgastaram ao ponto de a mãe não

desejar continuar os investimentos na vida esportiva da filha, pelo menos não dentro da ginástica. Porém, destaco que foi necessário um processo de convencimento por parte de Giovana para que a mãe percebesse que aquele ambiente não estava fazendo bem para a filha.

A família de Elisa, mais especificamente o avô, também investia na carreira da atleta. Seu José acompanhava a neta todos os dias nos treinos, mesmo vindo de outra cidade e precisando viajar cerca de 40 minutos de trem para chegar a Porto Alegre. A família de Elisa, embora tivesse disposição para manter a menina no esporte, enfrentava muitos limites pela falta de recursos para deslocamentos diários, alimentação, viagens para competir e tratamentos para as lesões. O clube, por sua vez, não oferecia o suporte necessário para essa família. Nesse sentido, questionei: até que ponto Elisa – mesmo que quisesse muito - conseguiria manter-se engajada com aquele esporte?

Diferente dos casos acima, a mãe de Glória, Ângela, não conseguia acompanhar a menina em sua rotina esportiva. O treinador Rodrigo e os outros pais que estavam constantemente presentes nos treinos e nas competições, afirmaram, inúmeras vezes, que a presença de Ângela era importante em algumas situações difíceis, como a derrota de Glória para a Tatiana em uma competição, e a reação ofensiva da mãe desta última menina durante a luta. Porém, embora Ângela não conseguisse acompanhar a filha, desejava que a menina se desenvolvesse dentro do esporte, pois acreditava que aquele contexto oferecia muitas ‘oportunidades’ que Glória não teria caso não estivesse engajada com o esporte — viajar e conhecer diferentes cidades e até países.

Destaco, no final desse tópico, que nos três casos dessas famílias havia a construção coletiva de ‘projetos olímpicos’, porém, a partir de diferentes situações, esses projetos foram desconstruídos. Portanto, ficou evidente que o envolvimento e a disposição familiar não garantiram que as meninas continuassem no esporte. É preciso levar em consideração os desgastes entre as famílias e o contexto esportivo, e também os limites familiares no que diz respeito às condições financeiras de manter seus filhos/atletas envolvidos com o esporte. E, por fim, o caso de Glória mostra que o seu contexto familiar exigia outras prioridades para além da sua carreira como atleta: por exemplo, o fato da sua mãe ter mais três filhos para educar e pais idosos para cuidar.

Embora as famílias tivessem sido fundamentais para que o envolvimento das meninas com o esporte fosse possível, ressalto a centralidade das próprias meninas na construção e na sustentação dos projetos de se tornarem atletas olímpicas. A partir dos

seus relatos, percebi diversas situações, ao longo dos seus percursos como atletas, que contribuíram para que elas mudassem os seus interesses e desconstruíssem os seus projetos dentro da ginástica e do judô.

A primeira delas se relacionava à forma com que as treinadoras conduziam os treinos. Sobre esse aspecto, todas as meninas afirmaram que pensaram em sair do esporte porque se sentiam amedrontadas, tristes e pressionadas com os gritos, xingões e apelidos pejorativos que algumas treinadoras utilizavam na condução dos treinos. Quando as meninas mencionaram as dores e as lesões ficou evidente que para elas o ‘problema’ não eram os limites que seus corpos apresentavam, aspecto a que já estavam acostumadas, mas sim a maneira com que as treinadoras lidavam com esse fato.

Nesse sentido, Mariana, Elisa, Giovana e Ariel decidiram trocar de clube e acompanhar a treinadora Livia na sua nova equipe. Por não suportarem a maneira como eram tratadas no antigo clube, as meninas romperam as relações de interdependência estabelecidas com as antigas treinadoras. Sobre esse aspecto, chamou-me a atenção que as ex-ginastas, ao invés de saírem do esporte naquele período, buscaram outros meios para continuar seus percursos, o que evidencia a atuação ativa e o não vitimismo das jovens naquele contexto.

Na sequência analisei mais profundamente três casos — Giovana, Elisa e Ariel — com o objetivo de descrever especificidades que não eram possíveis de serem abordadas com base em categorias que abrangessem mais de uma menina. Iniciei essa descrição com Giovana e o “tédio” que ela descrevia. Essa ginasta foi a única que relatou sentir-se ‘desanimada’ com o fato de ter sido a primeira colocada durante um ano inteiro do seu percurso como atleta. Além disso, Giovana não gostava de treinos repetitivos, nos quais precisava realizar os mesmos movimentos todos os dias, ou ainda apenas as sequências de movimentos realizados nas competições. Com isso, essa menina buscava, nos treinos, um equilíbrio ótimo entre a ‘tensão’ e o ‘desafio’ possível de ser realizado. Quando esse equilíbrio deixou de existir, ela decidiu definitivamente sair do esporte de alto rendimento.

Já o caso de Elisa evidenciou que as distâncias simbólicas e materiais entre o seu contexto social e o das suas colegas ginastas foram um aspecto central para a sua saída do alto rendimento esportivo. Além de todas as dificuldades que enfrentava com seu avô para permanecer engajada na ginástica, Elisa não conseguia estabelecer vínculos de amizade com as outras ginastas, pois – diante de uma distância

social/econômica evidente — não compartilhava os mesmo gostos, assuntos e interesses de suas colegas de equipe. Juntamente com isso, essa jovem se envolveu com o futebol e percebeu que não precisava ‘sussurrar’ com seus colegas, era reconhecida por suas habilidades corporais e conseguia construir relações de amizade. Diante de tantas concorrências com o universo da ginástica, Elisa optou pelo futebol.

Glória, diferente de Giovana, não se sentia ‘entediada’ por ser, durante três anos, a primeira colocada nas competições de judô. Ao perder uma disputa importante pela primeira vez para uma grande adversária de treino, ela afirmou se sentir “muito abalada”. Nesse momento de sua vida, Glória havia sofrido uma lesão no punho, seguida de outra nas costas, e por causa dessa sequência de traumas físicos precisou ficar afastada, durante algum tempo, para a sua recuperação. O afastamento momentâneo dos treinos contribuiu para uma queda de rendimento da atleta e uma nova frustração. Juntamente com esses fatos, sua adversária Tatiana estava se desenvolvendo no esporte, com o apoio da mãe, que não hesitava em torcer, gritar e mesmo xingar quem ela considerava um obstáculo para o sucesso da filha. Glória parecia um desses obstáculos e, por isso, se tornou alvo das palavras duras da mãe de Tatiana. Ângela, por sua vez, não conseguia acompanhar a filha e ajudá-la no enfrentamento e superação das provocações daquela mãe.

Juntamente com todo esse processo, Glória iniciou o seu primeiro namoro com um atleta de basquete do clube. Assim, algumas vezes, ela demonstrou preferência em estar com o menino no clube ao invés de participar dos treinos de judô. Isso também acontecia com as amigas de treino, para as quais a sauna era um dos espaços em que elas encontravam as amigas e usufruíam de suas companhias com privacidade, o que tornou a sauna um lugar e um tempo (um refúgio?) que também concorria com os treinos do judô. Foi assim que acompanhei o desengajamento dessa menina ao longo de um ano de estudo. Quando finalizei a pesquisa de campo, fiquei sabendo — através de sua mãe — que Glória havia decidido não ser mais atleta.

Os casos de Elisa e Glória chamaram-me a atenção por evidenciarem que as meninas, além de todas as dificuldades e limites que enfrentavam no contexto esportivo do alto rendimento, demonstraram ter outros interesses que pareciam não ser contemplados nos treinos, como a construção de laços afetivos com os meninos e momentos de sociabilidade com as amigas. Essa constatação vai ao encontro de alguns autores que afirmam que é nessa fase da vida que outros interesses ‘típicos’ da ‘adolescência’ surgem, os quais contribuem para o afastamento dos jovens do esporte.

Buscando um diálogo com esses autores, no capítulo seguinte objetivei descrever quais eram esses ‘outros’ interesses, como foram construídos e de que forma ‘concorriam’ com o esporte de alto rendimento.

Para desenvolver tal reflexão, acompanhei sistematicamente durante um ano a rotina de lazer da Elisa. Durante essa imersão etnográfica compreendi que a menina buscava, através das práticas corporais nas quais se envolvia, a construção de vínculos de amizade e trocas afetivas com os meninos. Para Elisa encontrar o que buscava entendi que era necessário um bom desempenho corporal e o domínio das habilidades necessárias em determinada prática. Com isso, através do seu bom desempenho, era reconhecida pelos pares.

Também compreendi o quanto o universo social em que Elisa vivia foi fundamental para orientar os seus interesses e as suas escolhas. Os limites financeiros, em diversos momentos, foram elementos impeditivos para que a menina se desenvolvesse em alguma atividade, como no skate e nas aulas da educação básica na escola particular. Além dessa limitação material, existe um conjunto de valores que Elisa compartilhava com os amigos do bairro, da escola pública, do futebol e da dança e que não eram compartilhados com os colegas da escola particular e as antigas colegas de treino da ginástica.

Com base nessas reflexões compreendi que existiam inúmeras situações vivenciadas por Elisa fora do contexto esportivo de alto rendimento que ‘concorriam’ com aquilo que era oferecido nos treinos de ginástica. Enquanto na ginástica ela ‘sussurrava’ palavras, com os seus amigos ela compartilhava assuntos com desenvoltura, provocava risadas e falava alto. Enquanto na ginástica ela ficava de fora das competições, no futebol ela era destaque por ser a única menina que sabia jogar. Enquanto na ginástica ela era “ruim”, no futebol e na dança era aplaudida quando realizava alguma acrobacia, e era reconhecida porque estava aprendendo rapidamente a jogar e a dançar.

A situação de Elisa no esporte de alto rendimento permite algumas reflexões importantes. A primeira delas é sobre a ideia presente no senso comum, e que muitas vezes sustenta a defesa de projetos esportivos direcionados para crianças pobres, no sentido de que esses indivíduos precisam apenas de uma ‘oportunidade’ para se desenvolver na vida e transformar suas realidades. Porém, a partir das situações aqui narradas, essa ideia é facilmente questionada e problematizada.

Considero importante retomar, nesse momento, alguns episódios narrados por Elisa e presenciados por mim durante a pesquisa de mestrado e doutorado, os quais demarcam diferenças significativas entre ela e os universos nos quais teve ‘oportunidades’: um colega da escola particular apontou que a calça que ela usava era muito velha para ir à escola; seus colegas de aula tinham os instrumentos musicais necessários para as aulas de música, ela não; as treinadoras de ginástica julgaram a postura da menina “vulgar” para uma menina da sua idade; a professora de balé deu alguns sabonetes para que Elisa tomasse banho antes do treino, pois não cheirava bem quando suava; as treinadoras de ginástica se preocupavam em corrigir as palavras que a menina falava errado para que aprendesse o português corretamente, e ainda aconselharam a menina a não cortar franja, pois seu cabelo era rebelde e não ficava bem nesse corte.

A partir de todos esses episódios, e inúmeros outros, entendo que para ‘aproveitar’ as oportunidades Elisa deveria pagar um preço muito alto, o de não ser aceita no contexto da ginástica. Após a realização dessa pesquisa, se eu tivesse uma segunda oportunidade de responder ao questionamento do professor de skate — “por que tu achas que ela não aproveita as oportunidades?” —, eu afirmaria: acredito que não foram dados à Elisa os recursos necessários para que ela conseguisse aproveitar as oportunidades que surgiram. E ainda cabe questionar: além de possibilitar o ingresso gratuito de crianças e jovens pobres em seus projetos, quais outros aspectos devem ser levados em consideração pelas instituições para que esses indivíduos permaneçam engajados?

E, por fim, no capítulo seis busquei dialogar com o conjunto de estudos analisados na problematização desta pesquisa. A partir das narrativas cruzadas das cinco ex-atletas que colaboraram com esse estudo, entendo que as ‘causas’ apontadas pelos autores são atravessadas por muitas especificidades. Diante dessas particularidades, eu diria que estamos lidando menos com ‘causas’ e mais com um complexo conjunto de ‘experiências’, as quais só podem ser compreendidas em seus contextos e de forma relacional.

Ao abordar, por exemplo, a fase da vida em que as meninas se encontravam, identifico que existem inúmeras formas de se vivenciar a juventude. Embora as meninas compartilhassem alguns interesses, como a sociabilidade e as trocas afetivas, os contextos em que viviam pautavam as formas como esses interesses se expressavam e eram significados. Portanto, afirmar que os jovens possuem

características psicológicas e físicas que os distanciam do contexto esportivo de alto rendimento parece não ser o suficiente. Nesse sentido, apontei que o interesse de Ariel e Elisa ainda estava em torno do esporte, porém, cada uma delas significava e buscava experiências diversificadas dentro das modalidades esportivas com as quais escolheram se envolver.

Nesse capítulo, também mostrei que, embora o contexto esportivo de alto rendimento exigisse tempo e dedicação das meninas, Elisa, por exemplo, conseguiu ‘manobrar’ a rigidez dos treinos e faltava às aulas de balé para treinar futebol. A partir dessa manobra, se interessou por outra prática e preferiu sair da ginástica. Nesse caso, é possível questionar as afirmações presentes em algumas pesquisas de que atletas jovens não possuem tempo para se dedicar a outras atividades e, por isso, decidem sair do alto rendimento. Como pude observar, Elisa percorreu o sentido contrário – não lhe faltava tempo.

Também apontei que Mariana, Elisa e Ariel percebiam que seus rendimentos não estavam correspondendo ao que era esperado na ginástica, porém cada uma das meninas evidenciou que outros fatores atravessaram essa questão. Mariana, por exemplo, embora em um primeiro momento tenha dito que se sentiu desestimulada com o seu baixo rendimento em competições, quando experimentou a prática da ginástica sem o compromisso com o rendimento, ainda assim não quis mais se manter naquela atividade. Essa situação evidencia que existem outros aspectos da prática que parecem ter perdido o ‘encanto’ para Mariana.

Para Elisa, o reconhecimento através da prática na qual estava envolvida era central para o seu engajamento, pois assim estabelecia vínculos com os seus pares. Talvez para ela ter um bom desempenho poderia ser a única forma de ser aceita pelas colegas de treino. Já para Ariel, esse aspecto parecia não ter tanta centralidade, mas sim o fato de ser exigida pela treinadora para manter o rendimento mesmo estando lesionada e com dor. Nesses casos, a percepção de baixo rendimento ganha alguns contornos e perde a relação de ‘causa’ e ‘efeito’. O ‘problema’ para Elisa não era apenas o seu baixo rendimento, mas a falta de reconhecimento das colegas; já para Ariel o baixo rendimento só era considerado um ‘problema’ porque a treinadora não respeitava as suas dores e os limites do seu corpo.

Diante dessa reflexão, é possível ainda questionar: se Elisa fosse reconhecida pelas colegas de treino por outros motivos e não apenas pelo seu desempenho, será que o seu baixo rendimento seria um ‘problema’ naquele momento? Se Ariel fosse

respeitada nos seus limites corporais, será que permaneceria treinando conforme suas possibilidades?

O caso de Glória também mostra que não foi apenas a queda de rendimento, após atingir o seu auge, que a fez sair do esporte de alto rendimento, ou ainda, as dores decorrentes das lesões que havia sofrido. O processo dessa menina evidencia que o baixo rendimento e as lesões vieram acompanhados de uma forte adversária e sua mãe, o que se somava à ausência do suporte da sua família. Além disso, Glória havia iniciado o seu primeiro relacionamento e demonstrava interesse em estar com o namorado, além de preferir estar com as amigas ao invés de treinar.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa tive a oportunidade de acompanhar todo o processo de desengajamento de Glória no judô — esporte que ela havia dito, na primeira conversa que estabelecemos, que era a sua “vida”. No período de um ano, todas as situações narradas nesta tese aconteceram de forma entrelaçada e contribuíram para que o judô passasse a não ser mais a “vida” de Glória. Seu projeto de ser atleta olímpica foi desconstruído a partir de um processo complexo.

Assim como aconteceu com Glória, é possível afirmar que as outras quatro ex-atletas, cada uma ao seu modo, também passaram pelo processo de desconstrução de seus projetos olímpicos. Conforme o que as meninas apontaram em suas entrevistas e o que foi possível de ser observado, entendi que esse processo não significou uma ‘perda’ de oportunidade, de identidade, de prestígio, ou ainda algo para ser lamentado. Chego a essa conclusão a partir das inúmeras atividades e experiências que as meninas vivenciaram após suas saídas do esporte de alto rendimento.

Elisa experimentou treinos de futebol, aulas de skate e ensaios de dança, além dos passeios no meio da tarde com os amigos. Giovana praticou atletismo durante dois meses e desejava fazer aulas experimentais de outros esportes também — além dos esportes, quando não tinha “nada para fazer” lia um livro, desenhava, estudava e tocava violão. Ariel continuava praticando ginástica na turma avançada, mas apenas três vezes na semana, o que lhe possibilitava os passeios com as amigas. Mariana também havia experimentado muitas práticas corporais — circo, tecido, dança e treinamento funcional, e expressou vontade de retornar para a dança. Glória foi a única menina sobre a qual não tive mais notícias após a sua saída do judô.

Eu poderia citar inúmeras outras experiências e atividades, como os passeios de Giovana com a mãe, ou ainda com as amigas da escola. Após a saída do esporte de alto rendimento, as ex-ginastas tinham mais tempo livre e não necessariamente

preenchiam esse tempo com práticas corporais sistematizadas, às vezes o ‘não fazer nada’ também era uma experiência vivenciada por elas.

Diferente de dizer que o alto rendimento limitava as experiências das meninas, penso que foi um momento de inúmeros aprendizados e vivências que talvez não ocorressem se elas não fossem atletas. Quando Ariel afirmou que era impossível falar dela sem falar da ginástica, percebi o quanto aqueles anos no esporte de alto rendimento haviam atravessado a constituição daquelas meninas enquanto indivíduos. No entanto, também reconheço que fora do alto rendimento esportivo, as meninas aumentaram as possibilidades de ‘outros’ aprendizados. Essa forma de compreender os percursos das cinco ex-atletas ressalta o enriquecimento das experiências ao longo de suas vidas, as quais foram construídas desde o momento em que ingressaram no esporte até a saída desse contexto.

Ao longo da escrita dessa pesquisa surgiram muitos debates que considero importantes para aqueles que se dedicam ao esporte de alto rendimento, principalmente à ginástica artística. No início dos seus percursos nesse esporte, as meninas eram dedicadas aos treinos e afirmavam gostar muito da lógica interna da prática. Saltos, mortais, coreografias no solo, giros, paradas de mão, dentre muitos outros movimentos, eram os preferidos entre as crianças que depois se tornaram jovens. Além dos movimentos do próprio esporte, a pesquisa de mestrado desenvolvida anteriormente por mim evidenciou outros ‘encantos’ da ginástica artística, como as viagens, os hotéis, as competições em que participavam atletas do país inteiro e as inúmeras amizades construídas.

Quando as meninas relataram que haviam saído da ginástica, essas situações e relações não pareciam ter sido apagadas de suas memórias (ou: não foram apagadas?), muito pelo contrário, pois como afirmou Ariel, faziam parte dela. Porém, apesar das meninas perceberem essas vivências como constitutivas do que elas eram no momento em que esta pesquisa foi construída, treinadores, coordenadores esportivos e pais ‘lamentaram’ tudo o que poderia ser ainda vivido dentro daquele contexto e que foi ‘negado’ pelas meninas quando decidiram sair do esporte. As lágrimas da mãe de Giovana, ao relatar como se sentia em relação à saída da filha da ginástica, evidenciam esse ‘lamento’. Porém, pergunto: será que só vale a pena quando o atleta chega ao topo? E ainda: o que seria o topo se considerarmos as vivências das meninas? Parece-me que as experiências foram intensamente vividas pelas jovens. Isso poderia ser considerado o topo?

Obviamente, existem competições reconhecidas mundialmente no universo esportivo, como os Jogos Olímpicos. Os profissionais que se dedicam à preparação de atletas desejam que esses indivíduos participem e se destaquem nessas competições. Dessa forma, quando um atleta decide parar no meio do percurso, essa expectativa é desconstruída. Reconheço que é um percurso bastante longo e exige muita dedicação, por isso as possibilidades de os sujeitos mudarem de direção ao longo dele são grandes. Porém, pergunto: se esse longo caminho se tornasse uma experiência mais ‘suave’, na qual os indivíduos pudessem ser compreendidos conforme o momento da vida em que se encontram, poderia, de alguma forma, aumentar as possibilidades dos atletas chegarem até aonde os profissionais almejam?

Se Elisa recebesse maior suporte dos clubes onde treinou, será que as distâncias entre o seu contexto e o universo da ginástica diminuiriam um pouco? Se as treinadoras conduzissem os treinos respeitando os limites de cada atleta, será que as meninas trocariam de clube? É necessário fazer uso de xingões e gritos para que ginastas se desenvolvam nos treinos? E, diante de tudo o que foi exposto, parece que o ‘processo’ tem um grande significado para as atletas, por isso pergunto: será que focalizar apenas um objetivo faz com que os profissionais da área não deem a devida atenção aos outros aspectos do processo?

Complemento essas reflexões afirmando que, mesmo havendo a atenção necessária a todos esses aspectos mencionados, as meninas, em algum momento, poderiam decidir parar no ‘meio do caminho’ — que só é considerado o ‘meio’ por pais, treinadores e coordenadores que possuem um objetivo específico e não mudaram de foco. Isso porque, como pude perceber, a vida dos indivíduos não se resume ao esporte de alto rendimento, mas inúmeras outras possibilidades de experiências atravessam seus caminhos. Isso me leva a considerar que as mudanças de direção são possibilidades concretas.

No entanto, mudar de direção não invalida tudo o que foi vivido pelo indivíduo atleta dentro do esporte. Essa simples mudança de olhar faz com que deixemos de pensar que a saída do esporte de alto rendimento é um ‘problema’ a ser resolvido, mas uma situação a ser compreendida. Penso que se a experiência dentro do esporte aumenta o campo de possibilidades de um jovem atleta e significa um enriquecimento no seu *stock* de ações, não há motivos para lamentar a saída do atleta desse esporte. Diferente disso, considero central questionar: o que significou para essas meninas ‘ser ginasta’? Para responder a essa pergunta outra pesquisa poderia ser desenvolvida,

porém, considero também um questionamento relevante para orientar o olhar dos treinadores no exercício do seu ofício. Mesmo que as atletas não tenham chegado ao topo, considero importante que o caminho percorrido tenha sentido e valor para essas meninas que dedicaram parte de suas vidas ao esporte.

Finalizo esta Tese destacando o caso que acompanhei mais de perto, e que me proporcionou, na condição de indivíduo e professora de Educação Física, muitos aprendizados. Diante de tantas distâncias simbólicas entre o contexto social dessas meninas e o da ginástica artística, pergunto: o que fez sentido para Elisa dentro do esporte de alto rendimento? Se um olhar mais atento, e menos etnocêntrico, do clube e das treinadoras fosse lançado sobre essa menina, que experiências poderiam ser focalizadas naquele contexto para que Elisa atribuísse mais significados à sua vivência como atleta?

É ingênuo afirmar que o esporte mudaria a condição social dessa menina, levando em consideração as desigualdades sociais presentes na sociedade atual. Porém, se os clubes e escolas particulares abrem suas portas para jovens pobres como Elisa, conforme constatei nesta pesquisa, considero de grande valor refletir sobre a ‘qualidade’ dessa experiência para esses indivíduos. Portanto, parto do princípio de que é central que as instituições pensem em formas de fazer com que essas crianças e jovens sintam-se pertencentes a esses locais.

Mas isso é motivo para outras pesquisas ...

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, 1997. p. 25-36.

ALMEIDA, M. I. M. “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, M. I. M., EUGENIO, F. **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ANDRADE, A de; CASAGRANDE, P. O, BRANDT, R. e VIANA, M. da S. Burnout no Esporte: Revisão Sistemática na Base. **Revista Kinesis**, v.30, n.1, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5716/3400>>. Acesso em: 11 jan 2019.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BERTOLDI, V. S. **Fatores Preditores do Burnout em Atletas: um estudo com atletas brasileiros profissionais de futsal**. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?**. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.136-153.

BRANDÃO, M. R. F; AKEL, M. C.; S. A. ANDRADE; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A.; NASTÁS, M. A. Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Rev. Bras. Ciên. e Mov. Brasília**. v. 08, n. 01, 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v14n6/a06v14n6.pdf>>. Acesso em: 14 fev 2019.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

DAYRELL, J. *O rap e o funk* na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, 2002. p. 117-136. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660>>. Acesso em: 17 jul 2019.

CAREGNATO, A F; GONÇALVES, C E; SOUZA, D L; CAPRARO, A M; SILVA, C. L; CAVICHIOELLI, F. R. Motivos que levam os jovens atletas a abandonar o futsal competitivo em um clube brasileiro. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. v. 2, p.63-73, 2016.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

- DEBERT, G. G. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizonte Antropológico**. v. 16, n.34, 2010. p. 49-70.
- DIAS, R. M. A. **Questão do Abandono da Carreira Esportiva por Sujeitos Considerados Talentosos: um estudo retrospectivo em pedagogia do esporte**. 2015. 221 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2015.
- ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FERREIRA, V. S. Ondas, cenas e microculturas juvenis. **Plural - Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.15, p. 99- 128, 2008.
- FILHO, M. G. B.; GARCIA, F. G. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 293-300, out/dez de 2008.
- FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. In: **Anais do Seminário do NACi (Núcleo de Antropologia e Cidadania da UFRGS)**, novembro de 2007.
- FREITAS, M. V de. **A participação das crianças no esporte de alto rendimento: para além do ‘como deve ser’**. 2014. 142f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GHIGGI, M. V. **Lazer e sociabilidade na área rural de nova pádua: um estudo etnográfico**. 2008. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- GONZÁLES, F. J. Sociabilidades e práticas corporais: leitura de uma relação. In: STIGGER, M. P., GONZÁLES, F. J. e SILVEIRA, R. (Orgs) **O esporte na cidade: Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 13-30.
- GUERRA, P; QUINTELA, P. Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza. v. 47, n. 1, 2016. p. 193-217.
- JERUSALINSKY, A. N.. Adolescência e Contemporaneidade. In: Conselho regional de Psicologia 7ª Região. **Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade**. Porto Alegre: Libretos, 2004.

- LAHIRE, B. **O Homem Plural: as molas da ação**. Lisboa: Instituto Piaget. 2001.
- LAHIRE, B. **A Cultura dos Indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LAREAU, A. L. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. n. 46, 2007. p. 13-82. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/n46/a02n46.pdf>>. Acesso em: 05 ago 2019.
- LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, 2005.
- LE BRETON, D. **A Sociologia do Corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, 2002.
- MARCUS, G. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridade**, Distrito Federal, México, v.11, n. 22, p. 111-127, jul./dez., 2001.
- MORENO, G. G. Novinhas, malandras e cachorras: jovens, funk e sexualidade. **Ponto Urbe (USP)**, v. 9. 2011.
- OLIVEIRA, M. C. S. L. de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estud**. V.1 , n. 2, 2006. p. 427-436. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21.pdf>> 13 mar 2019.
- OLIVEIRA, M. S. **A microcultura de um ginásio de treinamento de ginástica artística feminina de alto rendimento**. 2014, 183f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.
- PACHECO, A. **Talento Esportivo: uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física**. 2017, 177f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Su. Porto Alegre. 2017.
- PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, 1990. p. 591-644.
- PAIS, J. M. Lazeres e Sociabilidades Juvenis - em ensaio de análise etnográfica. **Análise Social**, XXV, 1990.

PAIS, J. M. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde Soc.* São Paulo, v.18, n.3, 2009. p.371-381. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18n3/03.pdf>>. Acesso em: 10 mar 2019.

PIRES, D. A.; SANTIAGO, M. L. de M. A Síndrome de Burnout no Esporte Brasileiro. *Rev. Educ. Fis/UEM*, v. 23, n. 1, 2012. p. 131-139. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v23n1/a14v22n1.pdf>> Acesso em: 10 jan 2019.

RAMPAZZO, M. **Skate, uma prática no lazer da juventude: um estudo etnográfico.** 2012, 128f. Dissertação (Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, 2012.

RAPOSO, O. “Tu és rapper, representa arrentela, és red eyes gang”: Sociabilidades e estilos de vida de jovens do subúrbio de Lisboa. *Sociologia, problemas e práticas*, n. 64, p. 127-147, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n64/n64a07.pdf>>. Acesso em: 17 jul 2019.

RECKZIEGEL, A. C. C. Restinga Crew: dança de rua, sociabilidade e lazer. In: STIGGER, M. P., GONZÁLES, F. J. e SILVEIRA, R. (Orgs) **O esporte na cidade: Estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 71-83.

ROCHA, P. G. M; SANTOS, E. S. O Abandono da Modalidade Esportiva na Transição da Categoria Juvenil para Adulto: estudo com talentos ao atletismo. *Revista da Educação Física/UEM.* v. 21, n. 1, 2010. p. 69-77. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cristiane/Downloads/6912-Texto%20do%20artigo-37544-1-10-20100604.pdf>>. Acesso em: 14 fev 2019.

SANTOS, A. C. A. Síndrome de Burnout em Atletas Infante Juvenis. 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós graduação em Educação Física, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SARTI, C. A. A dor, o indivíduo e a cultura. *DOR, O INDIVÍDUO E A CULTURA. Saúde e Sociedade* 10(1):3-13, 2001.

SENNA; S. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa.* v. 28, n. 1. 2012; p. 101- 108. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf>>. Acesso em: 13 mar 2019.

SERRAZIN, P.; VALLERAND, R.; GUILLET, E.; PELLETIER, L.; CURY, F. Motivation and dropout in female handballers: a 21-month prospective study. *European Journal of Social Psychology*, 32, 2002. p. 395-418.

SILVEIRA, R. Jogo da bocha: a “cachaça” de seu Inácio. In: STIGGER, M. P., GONZÁLES, F. J. e SILVEIRA, R. (Orgs) **O esporte na cidade: Estudos etnográficos**

**sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 85-96.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES, e. (Org.). **Sociologia: Simmel.** São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

STIGGER, M. P. **Desporto, lazer e estilos de vida: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto.** 2000. 321 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto. Porto, 2000.

SOUZA, R. O. **Burnout em Atletas Jovens.** 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Exercício Físico) – Promoção de Saúde Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2015.

SPAGGIARI, E. **Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea palistana.** 2015. 470f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, São Paulo.

STRINGHINI, S. **Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul.** 2010. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

THOMAS, J. F; CÔTÉ, J.; DEAKIN J. Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport, **Psychology of Sport and Exercise**, 2008. p. 645-662.

THOMASSIM. L. E. C. **O “público-alvo” nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos.** 2010. 288 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

VELHO, G. Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1994.

VELHO, Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 4 ed. 1997.

VELHO, G. Entrevista com Gilberto Velho: entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira Marieta de Moraes Moreira. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n 28. 2001.

VELHO, G. Epílogo. In: ALMEIDA, M. I. M., EUGENIO, F. Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WENETZ, I. **Gênero e Sexualidade nas Brincadeiras do Recreio**. 2005. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

WINKIN, Y. **A Nova Comunicação: da Teoria ao Trabalho de Campo**. Campinas, Papyrus, 1988.